Copyrighted Material

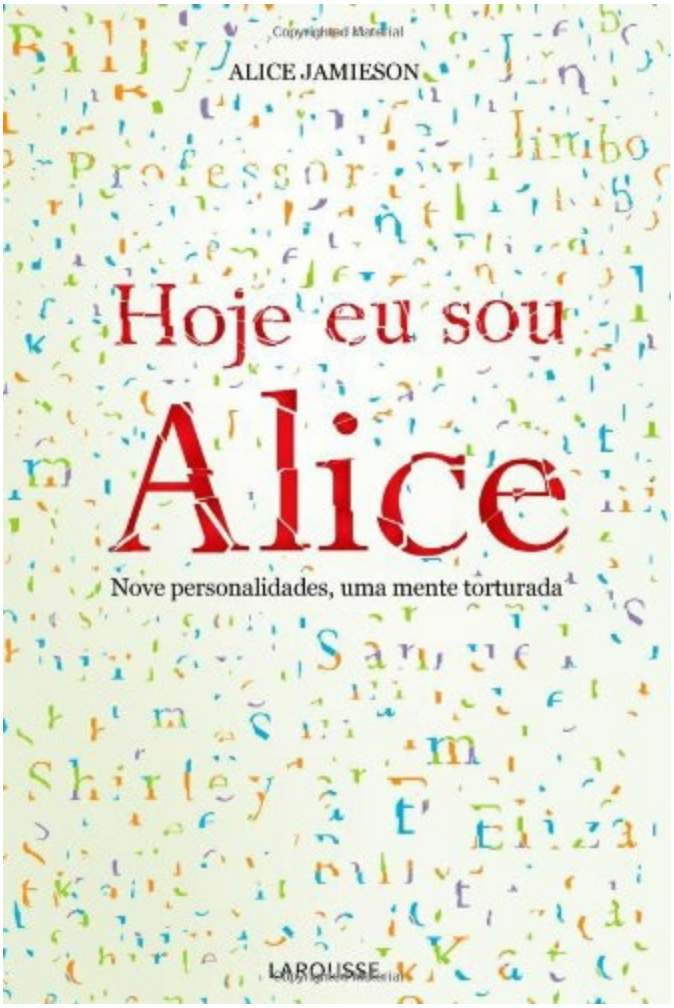
ALICE JAMIESON

Hoje eu sou Alice

Nove personalidades, uma mente torturada

LAROUSSE

Copyrighted Material



ALICE JAMIESON

COM CLIFFORD THURLOW

Hoje Sou Alice

Memórias do Transtorno de Personalidade Múltipla

TRADUÇÃO

Andréa Gottlieb de Castro Neves

Título original: *Today I'm Alice* Copyright © Alice Jamieson e Cliff ord Thurlow, 2009

Copyright © Larousse do Brasil, 2010

O texto deste livro foi editado conforme as normas do novo acordo ortográfi co da língua portuguesa, em vigor no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Imagem da capa

Edição brasileira

Publisher

Janice Florido

Gerente comercial

Marcos Borges

Editora

Fernanda Cardoso

Coordenadora de produto

Daniella Tucci

Assistente editorial

Soraya Leme

Preparador de texto

Antônio Melo

Revisores

José Eriberto* e *Eloá Santos

Coordenadora de arte

Thaís Ometto

Editor de arte

Renné Ramos

Diagramação

Linea Editora Ltda.

Produtor gráfi co

Fernando Cardille

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jamieson, Alice

Hoje sou Alice : memórias do transtorno de personalidade múltipla / Alice Jamieson com Cliff ord Thurlow ; tradução Andrea Gottlieb de Castro Neves. -- São Paulo : Larousse do Brasil, 2010.

Título original: Today, I’m Alice

ISBN 978-85-7635-696-7

1. Crianças maltratadas - Biografi a 2. Jamieson, Alice - Infância e juventude 3. Jamieson, Alice - Saúde mental 4. Múltipla personalidade - Pacientes - Biografi a 5. Múltipla personalidade - Tratamento - Obras de divulgação I. Thurlow, Cliff ord. II. Título.

10-02458 CDD-616.852360092

Índice para catálogo sistemático:

1. Pacientes com transtorno de personalidade múltipla : Biografi a 616.852360092

1a edição brasileira: 2010

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por Larousse do Brasil Participações Ltda.

Av. Profa. Ida Kolb, 551 - 3o andar - São Paulo - SP - CEP 02518-000

Tel.: 55 11 3855-2290 / Fax: 55 11 3855-2280

atendimento@larousse.com.br • www.larousse.com.br

Sumário

Prólogo .....

13

1 Fragmentos de Memória.....

15

2 Correndo e Passando Fome.....

28

3 Quatro Faces

.....

41

4 As Vozes .....

58

5 Peças Pregadas pelo Tempo .....

75

6 Primeiro Amor .....

89

7 Liverpool

..... 102

8 Estupro 123

9 Aonde Poderei Ir? .....

142

10 Divisão 152

11 As Crianças

..... 169

12 Abrindo o Armário

..... 188

13 Toque Humano 203

14 Shirley

..... 221

15 Hospício 235

16 Regressão 249

17 Memórias Físicas 262

18 Casos Complexos

..... 281

19 Charlie 304

20 O Outro Lado .....

316

Epílogo .....

334

5

Para toda a equipe do meu pronto-socorro local, que sempre me tratou com respeito, agindo com o maior profi ssionalismo, e não me julgou nenhuma das vezes em que fi quei sob seus cuidados depois de episódios de overdose e automutilação. Em especial para os enfermeiros Dave e Chris, que, juntamente com outros membros da equipe, literalmente salvaram a minha vida em janeiro de 2008. Obrigada por terem lutado por mim e pela minha sobrevivência.

Desde então, a uma hora incerta,

Aquela agonia retorna,

E até que minha história medonha seja contada

Este meu coração queimará

A Balada do Velho Marinheiro

Samuel Taylor Coleridge

Agradecimentos

Minha história foi escrita com a ajuda de Clifford Thurlow, que pacientemente colheu minhas memórias a fi m de que pudesse colaborar com este livro. Colaborar para mim é fácil: tenho colaborado com as outras personalidades a maior parte da minha vida.

Muitas pessoas ajudaram no desenvolvimento do livro. Elas sabem quem são, e agradeço-lhes do fundo do meu coração.

Há, entretanto, algumas que gostaria de citar. Em primeiro lugar e acima de qualquer um, Alec, minha alma gêmea, por seu apoio incondicional.

Também Iris Gioia e meus leais amigos Marie, Lynette, Vicky, Alison, Graham e Jeremy, por acreditarem em mim; a terapeuta *gestalt* Marsha Chase, por seus comentários relevantes e profi ssionais sobre o manuscrito; a psiquiatra Joan Coleman, da Rains (*Ritual Abuse Information Network & Support**), que está sempre ao meu lado quando preciso de apoio; o psicoterapeuta analista Remy Aquarone, secretário da ESTD (*European Society for Trauma & Dissociation***) e ex-diretor internacional da ISST-D (*International Society for the Study of Trauma and Dissociation****); a equipe da Sidgwick & Jackson, lide-rada pela minha imperturbável editora Ingrid Connell, e nosso agente Andew Lownie, que montou o quebra-cabeça.

Alice Jamieson

Março de 2009

* Rede de Informações e Apoio a Vítimas de Abuso Ritualístico. (N. da T.)

** Sociedade Europeia do Trauma e da Dissociação. (N. da T.)

*** Sociedade Internacional para o Estudo do Trauma e da Dissociação. (N. da T.) 11

Prólogo

E m abril de 1993, aos 24 anos, fui diagnosticada com transtorno de personalidade múltipla, também conhecido como transtorno dissociativo de identidade. Tenho personalidades alternativas que se manifestam inesperada e aleatoriamente, mudando meu comportamento, minha voz e minha idade. Tenho brancos, perco tempo e me perco.

Ao longo de toda a minha infância, sofri abuso sexual, físico e emocional, e

não contei a ninguém. Este livro descreve como na infância desenvolvi "mecanismos" para lidar com o abuso e como agora, adulta, tenho lutado para levar uma vida normal em meio a períodos de psicose, crises nervosas, vício em drogas e automutila-

ção. Não me desculparei pela linguagem chocante em alguns trechos e pelas verdades indigestas que precisam ser contadas.

O abuso infantil é algo inimaginável para os que não foram vítimas dele, ao passo que é o inferno para os que sofrem diariamente com o sentimento da vergonha e à noite são tomados pelo medo de que a porta seja aberta e que o homem — quase sempre é um homem — entre em seu quarto. Na maioria das vezes, o abuso se dá em casa e geralmente envolve parentes próximos — pais, ir-mãos etc.

Desde seu lançamento em 1986, a ChildLine* tem ajudado milhares de crianças que telefonam por estarem sofrendo abuso sexual. As crianças que fazem esses telefonemas, porém, são apenas a

* Serviço de aconselhamento 24 horas para crianças e jovens de até 18 anos que lida com questões como o *bullying*, o abuso sexual e o sexo. (N. da T.)

ponta do *iceberg*. A grande maioria está muito perturbada, isolada e amedrontada para telefonar. Estima-se que nove entre dez1 crianças fi cam caladas e mantêm o silêncio mesmo quando adultas.

Espero que meu livro encoraje outras pessoas que tenham sofrido abuso a falar. Procurarei também ajudar a identifi car os sinais para os casos do abuso infantil, que muitas vezes passam desperce-bidos diante de assistentes sociais, professores, profi ssionais da saúde e familiares. Não há nada pior no mundo que o abuso infantil, e se este livro ajudar ao menos uma pessoa, terá valido a pena trazer à tona as minhas memórias mais dolorosas para escrevê-lo.

Nomes de lugares e pessoas foram mudados para preservar a privacidade dos envolvidos. Este é, no entanto, um relato verdadeiro e extremamente pessoal dos eventos que se deram ao longo da minha infância e de como continuam assombrando minha vida adulta.

1. Kevin Browne, professor de psicologia infantil, Universidade de Liverpool, *The Guardian* 27/9/2008.

CAPÍTULO 1

Fragmentos de Memória

Minha memória é como um grande vaso que foi derrubado de uma janela. Todos os pedaços estão lá — alguns grandes, outros pequenos, e outros reduzidos a poeira. Enquanto tento colá-los, reunindo uma memória à outra, partes da história tornam-se claras e nítidas, mas sempre restam muitas lacunas e passagens perdidas.

Meu primeiro dia na escola? Perdido. Férias em família? Nada. Meu livro favorito? Quando aprendi a andar de bicicleta? — Todas elas memórias que é impossível encontrar em meio às sombras negras que envolveram minha infância.

De uma coisa, entretanto, me lembro bem:

Nós éramos uma família-modelo: papai, mamãe, eu e meu irmão Clive — um menino inteligente, quatro anos mais velho que eu. Éramos a típica família dos programas de rádio: conservadores, observadores das boas maneiras, educados, prósperos, um pouco antiquados, sempre conservando a aparência de simpáticos e gentis.

Morávamos em uma casa de quatro quartos com entrada circular, no centro da qual havia um imenso carvalho, numa área abastada das Midlands, onde os vizinhos davam bom-dia, as crian-

ças eram bem educadas e todos mantinham seus cães sob controle.

Meu pai trabalhava como procurador em Birmingham. Ele trocava de carro todo ano: sempre o último modelo do Rover, e jogava golfe nas manhãs de domingo. Minha mãe trabalhava como secretária em uma imobiliária e dirigia um Triumph de dois lugares.

15

Hoje eu sou Alice

A casa era feita de tijolos de uma cor de areia pálida, com telhado vermelho e portas francesas que se abriam para um pátio de pedra. A cozinha levava à copa, a qual dava para o amplo quintal com arbustos que ocultavam a cabana onde meu pai mantinha aranhas em vidros de geleia. No andar de cima, havia quatro quartos, um banheiro espaçoso e um toalete. Cada um tinha seu quarto.

O patamar da escada era como uma linha divisória: papai e Clive de um lado, na frente, e mamãe e eu nos fundos, com janelas com vista para o quintal.

No fi nal do patamar fi cava o quarto que usávamos como de-pósito e chamávamos de gaiola por causa de seu teto ornado em forma de cúpula. Era nesse quarto que eu guardava meus brinquedos e me escondia quando meus pais tinham uma de suas brigas barulhentas. Quando era garotinha, o quarto parecia uma casa de bonecas gigante, um lugar mágico onde eu brincava só. Outras vezes, a gaiola era realmente uma gaiola, e, quando tentava abrir a porta, eu não conseguia sair. As discussões dos meus pais geralmente terminavam com mamãe saindo de casa zangada, enquanto eu permanecia trancada na gaiola até ela chegar. A gaiola tinha um respiradouro por onde saía o cheiro de comida da cozinha.

Depois de discutir com minha mãe, meu pai geralmente cozinhava alguma coisa.

Essa é uma memória muito clara que tenho dessa época: estou trancada na gaiola, o cheiro de comida que vem do respiradouro me deixando com fome.

Bato continuamente na porta trancada:

— Papai, estou com fome! Papai, estou com fome!

Meu pai abre a porta e me dá uma lata de espaguete antes de voltar a me trancar. Examino a lata — que, é claro, não consigo abrir.

Aquela era a minha punição. A culpa por meus pais terem discutido devia ser minha, e eu estava sendo disciplinada por tê-los deixado zangados. Em uma atitude de rebeldia, bato com a lata repetidamente contra a parede.

Em outras ocasiões, eu era realmente malcriada e desenhava na parede. Antes de saber escrever, eu rabiscava no reboco sem 16

pintura mensagens que signifi cavam algo para mim, mas que ninguém nunca leria.

Mamãe chegava em casa. Papai me deixava sair da gaiola, e tudo voltava ao normal. “Normal” era o nosso lema. Éramos, afi nal de contas, a família perfeita — cada um engaiolado em seu quarto.

Mamãe era uma mulher pequenina, bela, com luzes nos cabelos castanhos e lábios generosos que sorriam com facilidade. À sua própria maneira, era bastante glamourosa, e tinha consciência disso. Ela tinha uma personalidade forte, um tom de voz agudo, e costumava conseguir o que queria. Impulsiva, era mais atitude do que razão, sempre elegante em seu carro azul-cinzento. Delicada e meticulosa, ela andava com passos largos, e estava sempre ocupada. Isso às vezes dava-lhe um ar distante que contrastava completamente com suas blusas em tons alegres e saias de grife que esvoaçavam num ritmo cadenciado enquanto ela andava apressadamente com seus saltos altos.

De manhã, ela passava cerca de uma hora ocupada com os cabelos e a maquiagem, enquanto o restante de nós corria de um lado para outro fazendo o café da manhã e tentando fi car fora um do caminho do outro. Papai saía

para o trabalho primeiro. Clive partia para a escola em sua bicicleta, e, quando aos cinco anos comecei a estudar, mamãe me deixava na escola a caminho do escritório.

Certa manhã, eu estava sentada na copa enquanto mamãe se organizava para sair, quando ela parou e me perguntou:

— Você acha que eu deveria deixá-lo?

Ela estava falando de seu marido, meu pai. Eu sabia disso, embora não soubesse o que responder. Aos cinco anos de idade, vivemos em nosso próprio mundo. O mundo das mamães e dos papais está além da nossa compreensão.

— Ah, deixe pra lá — mamãe acrescentou com um suspiro impaciente, e então continuamos, apressando-nos para o carro, eu com meus sapatos polidos e ela com o cabelo laqueado para manter os cachos fi xos.

17

Hoje eu sou Alice

Mamãe e eu costumávamos brigar. Ela dizia que eu era uma criança impossível, pois era tagarela, sempre fazendo perguntas sem parar. Eu era hiperativa, cheia de energia, sempre ávida por atenção.

Quando mamãe fazia bolo, o que era comum quando eu era criança, eu subia num banco, ansiosa por ajudá-la.

— Mamãe, posso mexer? Mamãe, posso quebrar os ovos? Ma-mãe, posso lamber a tigela?

Lá estava eu sendo impossível. Ela resolvia isso me deixando ajudar, mas uma parte de mim sentia que estava sendo um estorvo.

Mamãe escondia seus sentimentos, e eu, sempre em seus calcanha-res, aprendi a também esconder os meus. Quando era criança, faltava entre nós

uma comunicação básica, e quando cheguei à adolescência, construíra o meu próprio muro — uma fachada que encobria minha baixa autoestima e que mamãe não podia penetrar.

Meu irmão herdara a personalidade, a energia e a agilidade de mamãe, e a aparência do pai dela, nosso avô. Clive vivia em seu próprio mundo. Ele raramente trazia amigos para casa. Não me lembro de nenhuma ocasião em que ele tenha levantado a voz, fi ca-do zangado, colocado o som muito alto. Ele era distante, comedido, reservado. No verão, porém, quando o céu estava azul e os dias eram mais longos, ele tornava-se mais amigável, e quando irmãos mais velhos são amigáveis, isso implica provocações, e eu fi cava desesperada para ser provocada.

Clive sabia que eu adorava minha coleção de bichinhos de pelúcia — os ursinhos, o grande e fofo Senhor Feliz e meu cachorro Snoopy, com seu sorriso torto. Às vezes eu estava sentada na sala de estar brincando e Snoopy aparecia na janela, pendurado por uma corda que pendia do quarto da minha mãe. Eu subia as escadas correndo e, ao chegar, Clive já havia soltado Snoopy e se escondido no corredor. Quando eu entrava no quarto de mamãe, ele aparecia do outro lado da porta francesa, ameaçando dar uma palmada em Snoopy.

Eu gritava de prazer. Era preciso muito pouco para tornar minha vida completa. Queria que Clive fosse amigável e brincasse comigo 18

Fragmentos de Memória

o tempo todo, mas tinha de me contentar com as ocasionais provocações. Ele nunca me balançou em seus braços ou me levou para um passeio na garupa de sua bicicleta. Clive não tinha o costume típico de irmãos mais velhos de me colocar no colo em frente à televisão; tampouco mamãe. Aquele era o papel de papai.

Meu pai era um homem alto, com traços fortes, sobrancelhas escuras cheias e cabelos pretos que brilhavam como carvão sob uma camada de Brylcreem. Ele os dividia meticulosamente, a linha tão reta que parecia ter sido traçada com uma régua, e tinha um círculo careca na nuca que costumava coçar,

fragmentos da pele acumula-vam-se sob suas unhas. Quando fi cava em seu colo, assistindo tevê ou enquanto ele lia jornal, meu pai coçava a cabeça e depois colocava o dedo na minha boca para que o chupasse.

Papai tivera poucas decepções na vida, e considerava-se superior aos vizinhos. Ele gostava que as pessoas soubessem que era membro do clube de golfe, mesmo que jogasse somente uma vez por semana. Às vezes parecia invejar a vida mais cosmopolita de seu irmão, um corretor da bolsa em Londres. Papai raramente viajava, com exceção dos lugares distantes que alcançava em seu rádio de ondas curtas; o som dos chiados e ruídos do rádio por trás da porta do seu quarto foi a trilha sonora da minha infância.

É fácil, agora que sou adulta, ver como eu tentava chamar a atenção do meu pai quando era criança. Eu tinha medo de papai, mas me sentia atraída por ele como objetos de metal são atraídos por um ímã, ou como crianças sentem-se atraídas a atirar-se em queda livre e atravessar a rua sem olhar para os dois lados.

Quando meu pai trabalhava no jardim durante o verão, eu corria à sua volta de pés descalços e só de calcinha. Ele me pegava no colo e me carregava para a cabana, que cheirava a serragem e grama cortada, com sua atmosfera de ordem tranquila, a luz reduzida entrando pelas janelas empoeiradas. Ferramentas com cabos de madeira pendiam de suportes, e bem organizados nas prateleiras fi cavam vidros de pregos, parafusos, argolas e aranhas, com as tampas furadas para que elas pudessem respirar.

19

Hoje eu sou Alice

Ele me colocava sentada num banco e, em tom de brincadeira, levantava um dedo e alertava:

— Não se atreva a sair daí. — E eu obedecia.

Eu fi cava sentada ali, com os ombros rígidos, os dentes serrados e os punhos fechados.

Meu pai adorava esse jogo, e nós o jogávamos bastante. Quente e suada depois ter corrido de um lado para outro, um calafrio de medo percorria minha espinha quando ele tirava as assustadoras aranhas de seus vidros e as colocava na minha barriga. Eu observava, congelada de horror, enquanto suas perninhas tocavam minha pele. Tentava não me mexer, mas as aranhas faziam cócegas e eu não conseguia me controlar. Eu me contorcia e me balançava, e à noite sonhava que alguém estava no meu quarto. Ele fechava a porta, tirava os ursinhos da minha cama, afastava os cobertores e percorria meu corpo com seus dedos como se fossem perninhas de aranha.

Aranhas com frequência faziam parte dos meus sonhos quando era pequena, e, até ter cerca de vinte anos, em um sonho que tinha constantemente eu via chamas rodopiando aos meus pés, aquecen-do meus dedos sem chegar a queimá-los. Estou nua da cintura para baixo, deitada e batendo as pernas como um bebê.

Acordo suando frio, num estado de desorientação, e quase segura de que posso ver a imagem de um homem movimentando um isqueiro em círculos em volta dos dedos do meu pé. A imagem é embaçada e rapidamente desaparece. O que permanece é um gosto parecido com o de leite azedo na minha boca. Visto meu robe, me tranco no banheiro e escovo os dentes. Tenho os dentes mais brancos que os de qualquer moça de vinte anos de idade de toda a Inglaterra.

Quando esses sonhos voltavam em forma de *fl ashes* à minha mente, meu estômago se contorcia como se uma mão apertasse minhas entranhas, e aquele mesmo gosto amargo subia como bile pela minha garganta. Eu frequentemente sentia uma ardência quando ia ao banheiro, embora estivesse acostumada — aquilo acontecia 20

Fragmentos de Memória

desde que era muito pequena. O pior era a confusão na minha ca-beça, um sentimento de que alguma pequena parte de mim fora tirada do lugar ou mudada durante a noite — como se aquela sentada no banheiro de manhã fosse eu, mas em meus sonhos eu fosse alguém parecida comigo, mas não

exatamente eu mesma.

Aquilo era algo extremamente perturbador, e eu sempre pensava em contar a minha mãe sobre o sonho com o isqueiro. Eu queria perguntar o que ela achava, mas o momento propício nunca chegava, pois estávamos sempre apressadas. Não conversávamos sobre coisas pessoais, e eu fazia o melhor que podia para afastar os pensamentos e as imagens da cabeça que me ocupavam com uma rotina frenética.

Eu adotara o costume de correr para casa ao sair da escola e passar uma hora fazendo tarefas escolares com meus ursinhos me observando da cama, onde fi cavam empilhados, e da prateleira que havia no meu quarto. Cozinhava para Clive e para meus pais, deixava a comida pronta para quando chegassem. Contudo, eles não chegavam na mesma hora, tampouco comiam juntos, então eu preparava três refeições separadas, cozinhando e lavando cada vez para depois fazer tudo de novo.

Eu não era obrigada a cozinhar, mas cozinhava porque gostava; para me manter ocupada: tarefas domésticas, cortar tomates, lavar a alface, bater ovos. Às vezes, quando estava preparando uma omelete para meu pai, me surpreendia colocando mais e mais manteiga, sem saber ao certo por que fazia aquilo. Na verdade, às vezes parecia que não eram minhas mãos enchendo as colheres de manteiga, mas as mãos de uma estranha.

Eu preenchia cada segundo fazendo alguma coisa. O fl uxo de atividade afastava meus pesadelos, empurrando-os cada vez mais para a escuridão, até que, como sombras, absorvessem um ao outro.

As terríveis visões que me perseguiam eram combatidas pela luz intensa das tardes de domingo, quando mamãe levava Clive e 21

eu para visitar seus pais em Erdington. Meu pai raramente nos acompanhava, e nós quase não víamos sua família.

Visitar meus avós era como sair de férias. Erdington parecia outro país, mais

modesto, e, de certa forma, mais honesto também.

Assim como meu pai não pensava muito nos vizinhos, estou certa de que ele considerava os pais de sua esposa, em sua modesta casa semigeminada, pessoas um pouco abaixo de seu grande *status* de membro do melhor clube de golfe, procurador, homem importante.

O pai do meu pai morreu antes de eu nascer. Sua mãe, ao me observar quando recém-nascida em meu berço, disse com desprezo para minha mãe:

— Ela deve ter puxado ao seu lado da família.

Essa mulher, que eu raramente via, era chamada de vovó.

Minha avó era a mãe da minha mãe — uma mulher inteligente e viva, que só estava feliz quando ocupada. Ela tinha cachos agitados de cabelo branco, quadris de matrona e mãos vermelhas por estarem constantemente em contato com a água. Ela era como a avó de Cha-peuzinho Vermelho, com seu nariz em forma de botão e olhos brilhantes que davam a impressão de haver mais por trás do que mostravam. Minha avó trabalhara meio expediente numa loja de departamentos de Birmingham até se aposentar. Ela tricotava casacos de lã e havia sido uma boa costureira até que a artrite fez seus dedos fi carem tortos e desajeitados.

Ela nos ensinou a fazer balas de caramelo e bolinhos em forma de pasteizinhos que chamava de envelopes de maçã. Sempre alvo-roçada, vovó fazia dez coisas de uma vez só: aquecia o bule para o chá, desligava a boca do fogão sob a bandeja de balas de caramelo, arrumava os envelopes de maçã nos pratos de porcelana Doulton com bordas douradas. A repulsa causada por meus pesadelos era afastada da minha mente e eu me sentia feliz por estar viva naquela cozinha, com as grandes janelas que davam para o jardim cheio de roseiras e canteiros de fl ores. O jardim devia fi car do lado oposto ao nosso, pois estava sempre iluminado por uma luz cor de cobre.

Vovô entrava depois de passar algum tempo arrancando ervas daninhas, sorrindo enquanto trocava seus sapatos de trabalho por um par de sapatos sociais bem polidos, e então se abaixava para me dar um beijo em cada bochecha. Eu adorava vovó, mas vovô era minha alma gêmea. De acordo com a lenda da família, quando nasci, ele me segurou nos braços, olhou em meus olhos e disse:

— Essa pequenina já esteve aqui.

Contaram-me essa história tantas vezes que ela deixou de ser folclore para tornar-se uma memória.

Meu avô tinha olhos de uma cor azul-clara que olhavam para mim cheios de um amor puro e incondicional. Eu não tinha de fazer ou ser nada para ser amada por vovô; só tinha de ser eu mesma, o que era diferente da vida em casa, onde me sentia como se o fardo de manter a família unida estivesse sobre meus ombros. Nossa casa

— com suas linhas divisórias e portas fechadas, a mesa da copa sempre com apenas um de seus quatro assentos ocupado — era como o cubo mágico que ocupava tanto meu irmão: um quebra-

-cabeça insuportável cujas peças, não importava o quanto tentássemos, nunca estariam no lugar certo.

Vovô estava fi cando surdo, mas isso só tornava seus outros sentidos mais aguçados. Havia uma sabedoria e, eu suspeito, um quê de tristeza naqueles atentos olhos azuis. Quando nos despedíamos para voltar para casa, ele me abraçava com tanta força que era como se não quisesse me deixar partir.

Nós éramos uma família que evitava assuntos pessoais — ingleses típicos com nossos segredos e o hábito de seguir em frente com eles. Contudo, quando olho para trás através do complexo emaranhado das minhas memórias, não posso evitar me perguntar se vovô, com sua sagacidade, sentia que as coisas não estavam certas por trás da cerca de madeira da nossa casa, no lado chique das Midlands.

Vovô havia trabalhado como desenhista. Quando se aposentou, aos 65 anos, passou a dedicar-se a um emprego de meio expediente catalogando os planos e os desenhos de uma companhia de enge-23

nharia civil. Ele era um entalhador de cobre, um artista competente com um toque leve e mão confi ante.

Eu dizia:

— Vovô, faz um desenho para mim? — Ele então pegava seu caderno de rascunhos e desenhava como uma criança costuma desenhar, naturalmente, sem preparação, uma paisagem impressionis-ta que ganhava vida à medida que seu lápis dançava pela folha.

Ao longo de anos perdidos para as drogas, hospitais psiquiá-

tricos, sofás em *fl ats* de que não me lembro mais, em casas de amigos também apagados da memória, consegui me ater à lembrança das *Palmeiras Ondulantes das Ilhas Tropicais* — um desenho a tinta de duas palmeiras em um horizonte distante. Sempre pensei naquelas duas árvores como se fôssemos eu e vovô em algum lugar distante e seguro.

Vovô pertencia à época em que os homens faziam questão de ter vincos perfeitos nas pernas das calças, uma camisa branca limpa e uma gravata com um nó à Windsor. Ele guardava moedas de trocos que recebia empilhadas em colunas na penteadeira de seu quarto a fi m de sempre ter a quantia certa para a passagem do ônibus.

Não tinha carro, tampouco queria ter; no ônibus ele podia conversar com outros passageiros ou sentar-se no andar de cima e observar o mundo girando. Vovô usava terno quando saía, mas quando estava em casa preferia os suéteres folgados que vovó fazia, os bolsos cheios de grama, balas, um lenço enrolado e seu maço de cigarros Senior Service. Ele tirava um cigarro do maço e dava umas batidinhas na ponta para fi rmar o tabaco antes de acendê-lo, e então o aroma forte e adocicado da fumaça confundia-se com o

cheiro de vovô.

Não me lembro de ter ouvido sequer uma vez meu avô dizer uma palavra negativa sobre qualquer pessoa. Ele sempre tinha um sorriso no rosto e quase me matava de tanto rir quando contava suas histórias, não importava quantas vezes já as tivesse ouvido.

Quando tinha doze anos de idade, tive a oportunidade de fazer um cruzeiro pelo Mediterrâneo com a escola até Israel. Vovô pagou 24

as duzentas libras. Ao me entregar o cheque, ele ajoelhou-se de frente para a parede da sala de estar, balançando-se para a frente e para trás e murmurando como os fi éis no famoso Muro das Lamentações de Jerusalém. Ri até as lágrimas escorrerem pelas bochechas.

Voamos até Split, na antiga Iugoslávia, onde subimos a bordo do SS *Bolivia* e partimos em meio a uma tempestade de nível II através do Mar Egeu para Haifa, em Israel. O mar estava tão agitado que o navio balançava de um lado para outro e observávamos dos beliches nossa bagagem se deslocar no chão do dormitório. A maioria das garotas vomitou, mas eu parecia estar preparada para o mar e gostava da sensação de aventura, do sentimento de que o navio lutava contra o perigo e de que sairíamos juntas da tempestade. Era a primeira vez que viajava só, e, em meio àquelas ondas revoltas, enquanto as garotas à minha volta fi cavam enjoadas e histéricas, eu nunca havia me sentido tão relaxada.

A bordo do *Bolivia*, o passado não existia, havia somente o momento. Minha mente estava clara. Os pesadelos haviam sido levados pelo vento e afundado no mar. Era como se as malas e mochilas do dormitório fossem os pensamentos que costumavam se digladiar dentro da minha cabeça e haviam sido libertos para deslizar pelo chão. Eu gritava porque todas as garotas estavam gritando — é isso que garotas fazem —, mas na verdade estava realmente feliz.

O mar parecia refl etir meus pensamentos, e quando o navio ancorou no dia

de Natal no porto de Haifa, havia calmaria. Fomos conduzidas ao ônibus reservado que nos esperava e vi a Terra Santa revelar-se diante de meus olhos à medida que avançávamos pela antiga paisagem de Jerusalém. O Muro das Lamentações entrou no meu ângulo de visão e ri sozinha ao me lembrar de vovô de joelhos.

Lembrar-me-ia inúmeras vezes daquele dia e cheguei à conclusão de que minha mãe também tinha senso de humor. Ela ria tão alto quanto eu quando seu pai fazia papel de tolo, como dizia, e o admi-rava por ter confi ança o bastante para ser ele mesmo.

Fomos até Belém para visitar a Basílica da Natividade, o local do nascimento de Cristo, retornamos a Jerusalém para ver a câmara 25

Hoje eu sou Alice

da Última Ceia e depois nos dirigimos à igreja construída no Monte do Calvário, onde se acredita que Jesus tenha sido crucifi cado. Depois de um passeio de burro, eu estava morrendo de fome, e paramos para um almoço tardio no Monte das Oliveiras, onde se conta que Jesus alimentou uma multidão de 5 mil pessoas com dois pães e cinco peixes.

Nós estávamos no berço da civilização, um lugar que tinha conexões históricas com as três grandes religiões do mundo ociden-tal: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. Parecia-me chocante, aos doze anos de idade, o fato de esses lugares sagrados serem guardados por patrulhas de soldados israelenses armados. As questões mundiais nunca me haviam despertado interesse antes, mas viajar amplia nossos horizontes, e naquela viagem com a escola ocorreu-me que, quanto mais amplos eles forem, melhor: quanto mais informações acumulamos, menos espaço sobra para pesadelos e memórias distorcidas.

Telefonei para os meus pais usando o rádio do navio para desejar-lhes feliz Natal quando viajávamos para Rodes, a ilha dos cruzados, famosa pela Acrópole de Lindos, no topo de uma escadaria de pedra de 115 metros na encosta da montanha sobre a Cidade Velha. Uma visão “para nunca esquecer” — li no meu guia. Atravessamos o Mediterrâneo para a Turquia,

onde saboreei um legítimo manjar turco, feito com água de rosas, salpicado com copra e com sabor de menta, pistache e canela. As palavras e sabores eram novos para mim, bem como a visão das mulheres de véu e longas túnicas, o muezim sobre as mesquitas e sons como o choro dos muçulmanos chamando os fi éis para rezar — um som tão parecido com o dos versos entoados no Muro das Lamentações que parecia seu eco.

A grande sirene soou no *Bolivia*, e nós navegamos através de um mar tranquilo para a Ilha de Santorini. Numa linha serpeante, escalamos a trilha irregular para contemplar a fascinante abertura em forma de lua crescente da maior cratera vulcânica da Europa

— supostamente a localização da cidade perdida de Atlântida. Na véspera do Ano-Novo, chegamos a Heráklion, em Creta, onde pas-26

samos o dia explorando as ruínas de Cnossos e eu comprei presentes para a minha família: uma bolsa bordada para mamãe, um cinto para Clive, um cinzeiro de cerâmica para vovô, algo para papai e algo para vovó.

Nossa última parada no dia de Ano-Novo foi em Valletta, uma cidade portuária e capital de Malta. Depois disso, voltei para casa com a mochila cheia de rolos de fi lme e a cabeça vibrando com todas as datas e maravilhas arqueológicas que não podia esperar a hora para compartilhar com vovô.

Entrei correndo em casa, sorrindo, mas mamãe parecia estar com o mau humor que tinha de vez em quando e me levou para sentarmos na cozinha. “O que está acontecendo?” — eu pensava.

Ela me contou que vovô sofrera um ataque cardíaco na véspera do Natal e estava lutando pela vida.

— Por que você não me contou?

— De forma alguma. Eu não iria arruinar a sua viagem.

Comecei a chorar.

Vovô estava lutando pela vida — a frase era aterrorizante, e eu mal pude aguentar a espera antes de o visitarmos no hospital mais tarde, no mesmo dia. Desfi z as malas, e quando encontrei o cinzeiro de vovô ele estava quebrado, como se fosse um sinal de mau agouro.

Assim que as portas foram abertas no horário de visita, entrei apressadamente na enfermaria usando um fez turco. Vovô estava pálido e parecia mais velho deitado com seu pijama listrado. No momento em que me viu, contudo, ele sentou-se na cama, pegou o fez e colocou-o em sua própria cabeça. Depois vovô pegou minha mão e perguntou:

— O que seria de mim sem minha bonequinha? — E daquele dia em diante ele começou a se recuperar.

27

CAPÍTULO 2

Correndo e Passando Fome

C om frequência, sentia-me como se estivesse interpretando um papel — como se nós todos interpretássemos um personagem numa série de televisão: o pai que trabalha duro para sustentar a família, a mãe que ama o marido, crianças emocionalmente estáveis sem nada com que se preocupar. Os pequenos altos e baixos serviam de confl itos secundários, que eram rapidamente resolvidos e levavam o drama a uma conclusão inevitável mas pouco clara. Exceto quando estava com meus avós, meu sorriso era sempre falso. Eu estava constantemente me policiando, sempre tentando me ver como todos os outros me viam. Nunca era natural, sempre dissimulando, e os outros atores pareciam interpretar seus papéis tão bem quanto eu interpretava o meu.

A família que fi ngíamos ser era perfeitamente normal, com nossas festas de aniversário, assistindo televisão juntos, fazendo churrasco no jardim. No verão, na época de Wimbledon, Clive im-provisava uma rede com o varal e

jogávamos tênis. Meu pai me mostrava como sacar, segurando-me na posição certa.

— Faça assim... Não, não, não, você tem de seguir o movimento... Assim não. Estenda o braço. Curve as costas... Não, não, não.

Faça outra vez.

Eu percebia a mais sutil mudança de tom, a sensação das mãos do meu pai nos meus braços, seu corpo pressionando-se contra minhas costas. Os saltos de mamãe ressoavam ao longo do caminho do jardim quando ela trazia uma bandeja de limonada com pedras 28

Correndo e Passando Fome

de gelo chocando-se contra o vidro dos copos. Fazíamos um intervalo, tomávamos a limonada em pé e depois corríamos para procurar as bolas perdidas.

Mas algo parecia estar errado; alguma coisa parecia faltar. Eu sabia disso, e sentia que o resto da minha família também.

Minha mãe parecia feliz quando ia para o trabalho, e essa aparência durava até o momento em que ela percorria a entrada, trancava o carro na garagem e entrava em casa. Sua felicidade estava fora daquelas quatro paredes. Papai tinha sempre a aparência de estar prestes a dizer alguma coisa: havia um som na sua garganta que parecia algo preso, que teria um desfecho capaz de mudar nossa vida, mas o momento da revelação permanecia no vácuo de sua mente, até que se desvanecia e morria.

Agora que Clive estava prestes a completar dezessete anos, ele fazia a viagem para visitar nossos avós com menos frequência. Clive tinha interesses mais urgentes, incluindo uma namorada. Eu ia todo domingo, e não teria perdido um sequer ainda que tivesse dez namorados — embora não tivesse nenhum. Vovô estava melhorando.

Ele parecia passar por um alívio pessoal, e eu não podia deixar de me

perguntar se fora a viagem à Terra Santa que colocara um anjo em ação.

Depois do ataque cardíaco, vovô foi diagnosticado com diabe-tes e teve de mudar sua dieta. Vovó deixou de fazer envelopes de maçã. Ela preparava peixe, enchia a dispensa com frutas e vegetais frescos e checava o teor de calorias e açúcar nos recipientes com uma lupa. Quando eu chegava à casa deles, vovô me levava correndo ao jardim para mostrar o que havia plantado na estufa. Ele fechava a porta e parecia um espião ao cortar uma grossa fatia de bala de caramelo. Ele a quebrava e colocava um pedaço na boca.

— Não conte à vovó — ele dizia.

— Mas você não deveria comer isso, vovô, é contra as regras.

— A vida é curta demais para tantas regras — ele resmungava, e nós dois chupávamos nossas balas.

29

Hoje eu sou Alice

Em momentos como esse, os sonhos que me assustavam pareciam particularmente distorcidos e obscenos. Eu estava sempre vi-sualizando a imagem de um homem entrando no meu quarto e tirando as minhas roupas no meio da noite, percorrendo meu corpo com suas mãos, afastando meus braços, me tocando em lugares que não deveria. De manhã, enquanto minha visão ainda se adaptava à luz, eu tinha visões fragmentadas, malformadas, que eram tão repugnantes que me faziam correr para o chuveiro a fi m de queimá-las debaixo da água quente e eliminá-las do meu cérebro. Eu era uma pessoa má por deixar aqueles pensamentos sujos entrarem em minha mente. De pé na estufa, tentava contar a vovô sobre as coisas terríveis que imaginava. Contudo, ao menos nesse aspecto, eu era como meu pai, deixava que as palavras virassem poeira na garganta.

Se parecia deprimida por um momento, vovô imediatamente me abraçava. Eu não gostava de contato físico de nenhum tipo —

fosse do hábito que as garotas têm de andar de braços dados pelos corredores da escola, fosse quando um estranho se sentava perto demais no ônibus. Eu me esquivava e me afastava de todos, exceto de vovô. Sentia-me segura em seus braços, sempre enfi ados nas mangas de um suéter de lã.

— Você é feliz, bonequinha? — ele perguntava.

— Sim, sim. Muito feliz, vovô.

— Coma outro pedaço de bala de caramelo. Não quero que você emagreça mais, você está quase tão leve quanto a brisa.

Eu sorria e comia mais bala de caramelo.

— Estou sempre feliz quando estou aqui — eu dizia.

— Sim, eu sei, mas você não é feliz no resto do tempo?

— Sim, é claro que sou — respondia.

— É esse o espírito. Você sabe o que sempre digo: não deixe que as coisas da vida a tornem amarga; use-as para se aperfeiçoar.

Lembro-me claramente dessas palavras.

Durante nossas visitas diárias a vovô antes de ele sair do hospital, mamãe e eu nos tornamos mais próximas, e, apesar de os 30

Correndo e Passando Fome

pesadelos estarem se tornando mais frequentes e vívidos, eu não queria destruir aquela proximidade ao tentar descrevê-los. Aos doze anos, não tinha palavras para explicar o que via, pois as imagens eram fugazes e desfocadas. Era como folhear uma revista em qua-drinhos numa banca de jornal, os quadros fundindo-se uns nos outros. Se alguém houvesse me perguntado o que via, eu não teria sido capaz de descrever nada de forma conclusiva, mas apenas pedaços aleatórios, como se tirados de uma colagem: uma língua, um olho, um par de mãos grandes, um cigarro aceso circulando em volta dos

meus pés para que meus dedos ganhassem uma cor de rosa-claro na escuridão.

Era melhor não dizer nada. Talvez assim aquilo desaparecesse.

Talvez fi zesse parte do processo de crescimento, da preparação para a vida adulta. Mamãe parecera deprimida antes de vovô ter o ataque cardíaco, e, se esse era o motivo, ela havia superado a depressão e parecia mais alegre. Vestia-se cada vez com mais estilo, com cores mais claras, mais elegantes, menos provincianas, e tentava me encorajar a fazer o mesmo. Íamos às compras, procurávamos vestidos bonitos — embora usar vestidos bonitos fosse a última coisa que passava pela minha cabeça.

Quando completei treze anos, parecia estar perdendo algo, ou que alguma coisa que já havia perdido não pudesse mais ser recuperada. Eu estava perdendo o senso de quem era dentro do meu corpo.

A única forma pela qual conseguia manter algum controle era por meio do que colocava na boca, comendo cada vez menos, até que passei a não comer quase nada.

Ao longo do dia, várias vezes me surpreendia no quarto do meu pai — um lugar escuro e masculino aonde normalmente nem sequer sonharia ir. Contudo, por alguma razão, havia algumas balanças no canto do quarto, e eu observava com apreensão o ponteiro em movimento a fi m de me certifi car de que não ganhara peso nas horas que haviam se passado desde a última pesagem. Eu pulava o café da manhã e o almoço, exceto talvez por uma mordida em alguma fruta, e jantava um sanduíche de salada sem manteiga.

31

Hoje eu sou Alice

Mamãe estava preocupada por eu estar tão magra. Sua preocupação transformou-se em terror quando uma de suas amigas sugeriu, após ter visto alertas sobre drogas na televisão, que talvez eu estivesse viciada em heroína.

— Heroína? — perguntei. — O que é isso?

Minha reação acalmou mamãe, e então eu fui para o banheiro, onde podia me despir na minha privacidade e me examinar diante do grande espelho a fi m de me certifi car de que não havia ganhado nenhum peso desnecessário. Aos treze anos, meus seios estavam crescendo. Para mim, uma das vantagens da anorexia era o retarda-mento do processo da puberdade. Em consequência disso, passei um ano sem menstruar. Eu já via imagens sexuais em meus sonhos, de forma que não desejava vê-las no espelho. Escondia-me em camisetas e jeans folgados. Eu era um prodígio do hóquei, correndo com a bola pela extremidade da quadra como um raio. Querendo me tornar cada vez mais rápida, dei início a uma rígida rotina de caminhadas.

Toda manhã acordava às sete horas, não importando como estava o clima, e corria na rua durante uma hora. Depois, tomava banho e comia uma banana e metade de uma maçã, bebia bastante água e saía apressada para a escola, onde ninguém tinha de dizer para me esforçar. Cursando o ensino médio da Dane Hall, eu era uma garota inteligente e estudiosa, que ganhava prêmios por isso mas sempre invejou as meninas que não davam a mínima para os estudos, que passavam o tempo absortas em conversas sobre namorados e astros pop.

Isso não signifi cava que eu não acompanhava o que estava em voga na minha juventude. Camisetas folgadas estavam na moda, e me convinham. As garotas que seguiam as tendências pavonea-vam-se em *tops* de cor neon e polainas, enquanto os garotos prefe-riam os jeans lavados no ácido, com os punhos dos *blazers* escolares azuis dobrados à moda de Don Johnson, de *Miami Vice*. No início dos anos 80, todos ouviam Depeche Mode, Human League e Spandau Ballet — bandas *new wave* que usavam sintetizadores e bateria eletrônica.

32

Correndo e Passando Fome

Eu já era considerada excêntrica e estranha por minha atração por The Who e Pink Floyd. Ouvia suas músicas uma atrás da outra em meu *walkman*: parecia

que elas haviam sido compostas apenas para mim.

Havia em cada membro da minha família uma necessidade desesperada de agarrar-se a algo: meu pai, àquele seu ar fútil de superioridade; minha mãe, ao seu casamento vazio; eu, à minha infância perdida; vovô, à vida. Eu detestava ter de dormir à noite, ter pesadelos, sonhos eróticos, sonhos horríveis, acordar mais velha no dia seguinte, correr de madrugada, fi cando cada vez mais magra.

Às vezes, sentia a presença de uma sombra que se erguia para ir colocar-se no teto.

Dias e meses escorriam pelas minhas mãos em espirais de atividades esquecidas: a nota dez por um trabalho meticulosamente redigido, instantaneamente esquecido; o gol marcado no hóquei; o prêmio ganho por Clive ao vencer três oponentes no torneio de boliche da escola. O jardim que mudou de cor no fi nal do verão.

Presentes de Natal que foram cuidadosamente escolhidos e comprados para ser trocados com emoção artifi cial. A exibição do episódio especial de Natal da novela.

Outro aniversário. Catorze anos. Em algumas culturas, eu seria uma mulher. Sinto-me uma mulher. Não obstante, também me sinto uma criança. Sinto-me um bebê. Tenho sentimentos diferentes em momentos diferentes, e não faço ideia de como deveria me sentir, ou que sentimentos pertencem ao *eu* que *sou* eu.

Meu pai tornara-se um total estranho, falando comigo em raras ocasiões e de uma forma que me deixava pouco à vontade. Ele adotara o hábito de me perguntar, quando eu tinha alguma coisa para fazer depois da aula ou ia a uma festa no fi nal de semana, se eu havia ido com alguém.

— O que você faz nessas festas? Você tem namorado? Ele beija bem?

Constrangida, eu murmurava algo em resposta. Eu estava no início da adolescência, e sexo era a coisa que menos ocupava 33

minha mente. Pelo contrário, enquanto as garotas começavam a mostrar interesse por maquiagem e por garotos, eu queria me isolar de tais pensamentos, preenchendo meu tempo com um ritmo intenso de atividades. Na maioria das vezes, ainda era eu quem cozinhava à noite; esforçava-me tanto na escola que acabava por ser a melhor aluna em todas as matérias; lia até meus olhos começarem a doer. Corria e jogava hóquei até cair exausta na cama à noite, esperando que os sonhos se mantivessem a distância e me deixassem em paz.

Eles não me deixavam. Os pesadelos sucediam-se em círculos, uns desaparecendo para dar lugar a outros. Eu ainda acordava com um gosto ruim na boca e observava o vidro de loção pós-barba na prateleira do banheiro enquanto escovava os dentes. O cheiro da loção pós-barba do meu pai parecia tomar conta da casa. Ele invadia meu quarto, entranhando-se no enchimento de meus ursinhos de pelúcia. Eu olhava para o vidro e tinha visões em que o quebrava na banheira — mas, é claro, nunca fi z isso.

Papai esgueirava-se pela casa como um fantasma, chegava tarde, comia só, trancava-se por trás da porta de seu quarto com o rádio de ondas curtas, os ruídos e chiados conjurando cenas em minha mente que eram tão sórdidas e surreais que poderiam ter sido murais pintados por Salvador Dalí. Eu tinha emoções confl itantes, sentia pena do meu pai, que parecia tão solitário e recluso, ao passo em que também era acometida por um ódio dele inexplicável quando acordava na escuridão da noite de um pesadelo e me surpreendia fazendo a prece:

— Quero que você morra. Quero que você morra. Quero que você morra.

Em um dia ensolarado no fi nal de maio, minha aula de *rounders* foi cancelada e fui para casa decidida a fazer a tarefa da escola mais cedo para tirar da frente esse compromisso. Percebi, ao cruzar o portão da frente, que havia esquecido as chaves. Havia um carro na entrada, de forma que soube que alguém estava em casa. Toquei a 34

campainha, mas não houve resposta. Toquei novamente, dessa vez pressionando-a por mais tempo. Depois do que pareceu uma eternidade, mamãe abriu a porta. Seus cabelos, em geral meticulosamente arrumados, estavam despenteados, os olhos brilhando, e quando ela caminhou em direção à copa, vi que o zíper de sua saia estava aberto.

— Tive uma crise de enxaqueca. Stephen me trouxe para casa

— ela disse casualmente.

Stephen era seu chefe.

— Ele ia ditar algumas cartas.

“Atividade estranha para alguém que está com enxaqueca”, pensei. Naquele momento, ouvi Stephen assobiando enquanto descia as escadas. Ele entrou sorrindo na cozinha, com o cabelo molhado penteado para trás, sem paletó.

— Ah, você está em casa — ele disse.

Não respondi.

Saí da cozinha, subi as escadas e fui até o quarto da minha mãe.

Os lençóis estavam desarrumados. Percorri o lençol de cima com a mão; ainda estava quente. Não sei por que fi z isso, e também não sei por que tive uma sensação de enjoo. Senti-me traída. Eu sabia, desde os cinco anos de idade, que minha mãe tinha um caso, mas parecia errado confi rmar daquela forma, vendo-a com a saia aberta, a sensação de calor na palma da minha mão quando toquei o lençol.

Parecia que mamãe traíra a mim, e não meu pai.

Em meu quarto, espalhei os livros pela cama e escrevi um ensaio sobre as conquistas romanas. Correndo. Passando fome. Mergulhando em atividades. Eu tinha um arsenal de distrações para evitar pensar no presente ou olhar para o passado. Eu vivia em minha cabeça, punindo meu corpo, correndo, ao que

parecia, em círculos, sem chegar a lugar algum.

Quando Stephen saiu, mamãe subiu as escadas na ponta dos pés e bateu na porta do meu quarto antes de entrar.

— Está tudo bem?

— Por que não estaria?

35

Hoje eu sou Alice

— Você não parece você mesma hoje.

— Nunca sou eu mesma — respondi.

Ela me dirigiu aquele olhar impaciente que as mães costumam reservar às fi lhas adolescentes, e, quando saiu do quarto, pensei na conversa que acabáramos de ter:

“Você não parece você mesma hoje.”

“Nunca sou eu mesma.”

Aquelas duas frases provavelmente haviam sido as mais honestas que já trocáramos. Era a mim mesma que eu estava procurando. Às vezes fechava os olhos e fi ngia que era outra pessoa com a missão de explorar os corredores do meu cérebro à procura de respostas em charadas obscuras, a fonte e o signifi cado dos meus sonhos, que estavam se tornando mais lúcidos, menos fragmentados, os segmentos de fi lme reunindo-se em uma narrativa. Senti-me magoada com mamãe — não porque ela estava fazendo sexo com Stephen, mas porque aquilo permitira que o espectro do sexo abris-se a porta da frente, subisse as escadas e entrasse em seu quarto.

Sexo era feio, repugnante, aterrorizante; era o fantasma que ninguém via, mas do qual todos sentiam a presença.

No fi nal de semana seguinte, o sexo veio me assustar outra vez.

Meu pai tinha um amigo que aparecia sempre que comprava um carro novo. Eu ouvira mamãe dizer que ele era “um grande canalha”.

Ela não gostava dele. Entretanto, papai tinha admiração por esse homem. Ele era o diretor administrativo de uma companhia local e membro do clube de golfe do qual papai fazia parte.

Eles estavam do lado de fora examinando o Jaguar, que era preto e reluzente. Eu estava na sala de estar quando eles entraram. Papai me deixou só com seu amigo enquanto foi pegar alguma coisa. Esse homem falava alto, cheio de autoconfi ança e sorrisos. Ele caminhou em minha direção como se para me cumprimentar, mas imediatamente colocou o braço em volta do meu corpo e apertou meu peito.

Foi nesse momento que mamãe entrou e atravessou a sala como se fosse um raio.

36

Correndo e Passando Fome

— Ei, você! Afaste-se dela! — ela gritou.

Ele simplesmente riu e se afastou. Subi as escadas correndo e fi z algo que não fazia havia muito tempo: escondi-me na gaiola.

Naquela noite não comi nada. Na manhã seguinte, depois de correr, enquanto mamãe estava no andar de cima se arrumando para ir ao trabalho, peguei um béquer com tampa de rosca na cozinha e o enchi com um coquetel de uísque, gim, vodca, conhaque — eu pegava pequenas doses de cada garrafa no bar a fi m de que ninguém desse falta do que eu beberia. Meu coração palpitava; fui tomada por um tique involuntário no pescoço. Eu vira em programas de tevê que, depois de um acidente, a vítima precisava de uma dose de uísque ou de conhaque para se acalmar, e era exatamente daquilo que eu precisava para sobreviver ao dia.

Na escola, dava pequenos goles em minha poção, e a sensação era inebriante. Meu cérebro fi cava entorpecido; sentia-me feliz. Em casa, era como se eu fosse cercada por coisas obscenas e sugestivas.

Mulheres passavam balançando os quadris pela tela da televisão com partes do corpo expostas. Havia comerciais para o novo fi lme *Uma Sereia em Minha Vida* que mostravam Daryl Hannah quase nua.

Um dia a namorada de Clive fez uma rara visita, bateu na porta do meu quarto e entrou usando um *top* apertado e jeans que exibiam o formato de seus glúteos.

— O que há de errado com você? — ela perguntou.

— Não há nada de errado comigo. O que há de errado com você?

— Por que você não come direito?

— Por que você não vai tomar conta da sua própria vida?

Era uma conversa cheia de perguntas e sem resposta alguma.

Ela deu meia-volta e tirou seu belo corpo do meu quarto, em seguida sentei-me no canto com o Senhor Feliz, sem me sentir nem um pouco feliz.

O sexo estava por toda parte, nas imagens cruas que invadiam meus sonhos, na memória da minha mãe andando pela casa com a saia aberta, de Stephen com os cabelos molhados e o assobio feliz.

37

Hoje eu sou Alice

A combinação dessas cenas com a tensão da puberdade e com a anorexia criava um sentimento constante de dor e confusão.

O álcool aliviava a dor. No dia seguinte, eu reabastecia o béquer.

O mesmo acontecia no outro dia, e no outro, e no outro. O tempo para mim é e sempre foi algo vago, capcioso, imprevisível; não um fl uxo contínuo, mas algo como uma maré baixando e subindo, impossível de se observar ou medir. Eu tomava pequenos goles, observava o nível do líquido diminuir e, abracadabra!, as garrafas vazias desapareciam, novas garrafas ocupavam o lugar, e ninguém nunca descobriu que era eu que esvaziava as bebidas do bar com meu béquer de plástico.

Tudo que é bom tem seu lado negativo. No hábito de beber, esse lado são as ressacas. Amigos e professores começaram a sentir o cheiro de álcool no meu hálito e a perceber que eu estava frequentemente isolada e deprimida. Outro problema com a bebida é que ela nos deixa sonolentos, e certa ocasião a aluna-modelo foi surpre-endida roncando em uma aula dupla de matemática.

Como petroleiros no mar, a escola age com lentidão, mas depois de várias semanas o senhor Keating, diretor naquele ano, me chamou à sua sala e me deu um recorte do jornal local sobre crianças que tinham pais com problemas com alcoolismo. Ele presumira que eu estava imitando meus pais — a primeira entre várias suposições erradas, diagnósticos equivocados e incompreensões.

O senhor Keating marcou uma consulta para mim com uma psicóloga clínica e me acompanhou até a Unidade da Criança e da Família da Clínica Naydon, um anexo do hospital para adultos à época. Não contei aos meus pais sobre a consulta, e não me sentia inclinada a explicar meu recém-adquirido hábito de beber à psicó-

loga — uma mulher alta e pálida sentada em seu consultório pequeno e de teto baixo que mais lembrava uma aparição com a luz bru-mosa proveniente da lâmpada que havia atrás dela. O senhor Keating fi cou comigo a princípio, mas depois a mulher alta pediu-lhe que nos deixasse a sós a fi m de que ela pudesse me fazer algumas perguntas em particular.

Ela moveu os dedos em espiral enquanto eu me sentava em uma cadeira baixa, com minha saia azul-marinho batendo nos joelhos e os dedos tocando as listras azuis e vermelhas do meu laço da Dane Hall. A mulher queria desenhar uma árvore genealógica, e observei-a desenhar uma complexa sequência de círculos e setas que tocavam alguma memória obscura oculta e que me deixaram pouco à vontade. Ela usava os dedos para especifi car as coisas sobre as quais queria que eu falasse:

Meu relacionamento com minha mãe e com meu pai.

Como me sentia em relação a eles.

O que eu achava que eles sentiam em relação a mim.

E, o *mais importante*: o que *eu* pensava de mim mesma.

Aquilo era ridículo. Eu vinha tentando responder àquelas perguntas desde que nascera e não podia subitamente dar forma à bagunça que havia dentro da minha cabeça. Ela me perguntou sobre meus sonhos, e a mera menção deles era tão agonizante que eu respondi que era uma daquelas pessoas que nunca sonham.

— Ah, mas todos sonham.

— Mas nem todos se lembram dos sonhos.

— Ou será que não querem lembrar?

— É, pode ser.

Marquei outra consulta, à qual não compareci, pois achava todo aquele exercício um desperdício de energia, além do que não tinha intenção de voltar.

O que a psicóloga não sabia — e nunca saberia, porque nunca lhe contei — era que suas perguntas haviam inesperadamente acen-dido uma lâmpada na minha cabeça. Naquela noite, quando deitei na cama abraçada ao Senhor

Feliz, o sonho com o isqueiro aceso iluminou-se em minha memória.

Tenho dois anos de idade. A porta do quarto se abre e, na penumbra da noite, vejo um homem entrar. Ele puxa os cobertores, coloca o dedo nos meus lábios e, com a outra mão, acende o isqueiro da minha mãe. O homem movimenta a chama perto dos meus 39

Hoje eu sou Alice

dedos dos pés. Eu chuto, me contorcendo, enquanto ele faz isso.

Quero fugir, mas não consigo. Ele é muito grande, muito forte, seu dedo pressiona meus lábios. Ele se inclina e, à luz da chama azul, pela primeira vez, reconheço o rosto do meu pai. O que é estranho é que não me sinto surpresa nem assustada, mas reconfortada pela sensação de familiaridade.

Quando afasta o isqueiro, ele sorri. Retribuo o sorriso. Ele tira meu pijama e brinca comigo, fazendo cócegas. Molha o dedo e com ele percorre os lábios da minha vulva. Depois desabotoa as calças e tira seu pinguelo. Ele segura minha cabeça. Abro a boca sem que ele precise me dizer para fazê-lo, e então ele coloca o pinguelo na minha boca. Ele empurra e puxa, e depois enche minha boca com um líquido que tem gosto de leite azedo.

Vejo essa cena com clareza. Sinto-me como se ela fosse de alguma forma familiar, como se tivesse acontecido várias vezes, os detalhes sofrendo pequenas variações. Às vezes ele coloca seu pinguelo na minha boca para molhá-lo. Depois sobe na minha cama e o empurra na entrada da minha vagina. Outras, ele me coloca deitada de barriga para baixo e coloca seu pinguelo no meu bumbum. Dói muito. Meu rosto é pressionado contra o travesseiro. Tento não gritar, pois não quero deixar papai triste.

Nas semanas seguintes, desconstruí várias vezes os sonhos em que papai vinha ao meu quarto, e era como se alternasse as formas de um caleidoscópio, mudando os padrões, analisando as partes e voltando a reuni-las, esperando que a imagem mudasse. Pela primeira vez começava a me perguntar se aquilo era realmente um sonho ou se de fato havia acontecido.

Eu tentava me agarrar a algo mais tangível, algo que fosse mais que uma sensação, e quanto mais tentava, mais aquilo parecia um faz de contas. Se essas coisas haviam realmente acontecido, como eu as poderia ter esquecido? Coisas assim não são esquecidas. Não é possível esquecê-las. Eu dizia repetidamente a mim mesma que aquilo não era verdade.

40

CAPÍTULO 3

Quatro Faces

No dia 3 de março de 1985, o telefone me acordou nas primeiras horas da manhã.

Portas abriram e fecharam. Por baixo da porta do meu quarto, pude ver a luz ser acesa no corredor. Levantei e olhei para fora quando mamãe deixava o banheiro escovando o cabelo.

— É vovô — ela disse, e desceu as escadas correndo. — Estou indo para o hospital.

— Espere por mim — gritei.

— Não há tempo, Alice.

A porta da frente bateu. Ouvi seu carro sair da entrada e ainda estava acordada, com os ouvidos atentos, quando ela voltou. Ouvi a chave girando na fechadura. Senti meu coração apertar enquanto ela subia as escadas. Ela fi cara no hospital pouco tempo, o que signifi cava que tinha boas ou más notícias, e permaneci na cama, tentando concluir o que seria.

Quando fi nalmente fui até seu quarto, mamãe já estava na cama.

Parecia exausta. Estava sem maquiagem e com os olhos inchados.

Ela puxou os cobertores. Permaneci imóvel, de pé na porta do quarto, avaliando aquela súbita demonstração de carinho, imaginando o que aquilo

devia signifi car.

— Venha — ela disse.

Não me mexi.

De repente, senti uma forte dor no estômago. Minha cabeça girava.

41

Hoje eu sou Alice

Mamãe sorriu fracamente. Ela deu um tapinha na cama e eu deitei no calor de seus lençóis. Ela me envolveu em seus braços e me apertou. Eu não sabia se ela me abraçava pensando em mim ou se nela mesma. Podia sentir a forma e o calor de seu corpo. Meu peso havia chegado a 38 quilos, de forma que me senti como um bebê que retorna ao ventre da mãe, um fi lhote de canguru confortável em sua bolsa. Era difícil naquele momento pensar em vovô.

— Ele teve outro ataque cardíaco — ela sussurrou. — Foi rápido.

— Rápido?

— Vovô se foi.

— Vovô se foi. Vovô se foi. Vovô se foi.

Eu repetia as palavras para mim mesma, como se conjugasse verbos em francês, deixando que elas entrassem em minha mente.

Lágrimas escorreram pelas minhas bochechas e molharam o travesseiro. Teria eu negligenciado vovô naquelas últimas semanas?

Não houvera tempo para que pudéssemos nos despedir; não houvera um último abraço.

“Não deixe que as coisas da vida a tornem amarga; use-as para se aperfeiçoar.”

Esse era vovô. Acredito que todos são feitos de um emaranhado de coisas boas e ruins. Há entre nós psicopatas e pedófi los, mas poucas pessoas são totalmente más, bem como poucas são totalmente boas, e acho que meu avô era um dos poucos totalmente bons. Ele era a minha rede de segurança, meu porto seguro. Eu me tornara dependente da sua existência, e agora ele se fora.

Eu chorei e chorei. Chorei até meus olhos fi carem vermelhos e inchados. Quando fui ao funeral, não havia mais lágrimas. Eu cho-rara até esgotá-las, e as lágrimas que tentei forçar a saírem naquela amarga manhã de março, poucos meses depois do meu 16º aniversário, eram falsas, pois a ocasião as exigia. Não fi quei de luto; não podia fi car.

Retornamos a Erdington com vovó. Mamãe usava um chapéu preto com um véu, ambos cuidadosamente escolhidos. Papai 42

Quatro Faces

permaneceu de pé do outro lado da sala em seu terno preto, comendo um sanduíche de ovos e agrião. Ele parecia um coveiro. Clive tinha a mesma aparência, com um terno preto e uma gravata da universidade, subitamente muito adulto, muito sério. Ele estava estudando direito na universidade em Bristol, e havia escolhido ir para o sudeste a fi m de “fi car o mais longe possível da minha família”.

Vovó havia assado alguns envelopes de maçã, nos quais nem sequer toquei. Até mesmo o cheiro me deixava enjoada. Havia um nó de dor em meu estômago, e eu sentia a artéria palpitar em meu pescoço. Olhei em volta da casa e parecia que vovô nunca estivera lá, que ele nunca existira, que o homem nas fotografi as da prateleira com vovó era um estranho.

Eu rememorava aqueles dias de outono, nós dois de pé na estufa chupando bala de caramelo, e aquilo parecia uma falsa memó-

ria, algo que eu lera em um livro ou simplesmente inventara. E se houvesse inventado as memórias de vovô, então o que às vezes pareciam memórias de meu pai vindo até meu quarto e abusando de mim poderiam ser igualmente lembranças fi ctícias. Eu precisava desesperadamente saber no que devia

acreditar, descobrir algo só-

lido em que pudesse me agarrar. Um dia, não muito depois que vovô morreu, saí à procura de pistas.

Como estava tendo muita difi culdade de distinguir sonhos de memórias, eu começara a duvidar da memória do meu pai me dando uma lata de espaguete depois de discutir com minha mãe. Ele havia feito aquilo? Por que ele faria uma coisa daquelas?

Fui até a gaiola e encontrei riscos e outras marcas na parede que podiam ter sido feitos por uma criança que batesse com uma lata no reboco. Desci as escadas, fui até a cozinha e voltei com uma lata de espaguete. A abertura da lata era perfeitamente compatível com as marcas curvas. Tranquei a porta, sentei-me a um canto e observei o vidro côncavo da cúpula como se pudesse ter um vislumbre do passado. Alguns dos meus antigos brinquedos haviam sido guardados numa caixa: quebra-cabeças, jogos, livros, coisas com as quais 43

havia perdido a familiaridade e que podiam perfeitamente ter per-tencido a outra pessoa.

Eu passava muito tempo explorando o passado. Invejava as pessoas que viviam com a crença de que existia apenas o momento presente, de que o passado talvez nunca tivesse existido e que o futuro seria um aglomerado do que se está pensando hoje, agora —

enquanto estava sentada com aqueles objetos abandonados espalhados pelo chão. Fechei os olhos. Tinha uma vaga sensação de esperar, sem saber pelo quê, talvez pelo dia em que tivesse crescido, quando supunha que tudo se tornaria claro. Coloquei os brinquedos de volta na caixa, fechei a porta atrás de mim e nunca mais voltei à gaiola.

A etapa seguinte da minha pesquisa me levou à cabana do lado de fora da casa. O jardim estava sombrio e lamacento. A neblina aderira aos arbustos,

onde um par de pintarroxos havia feito um ninho. Todo ano eu os observava voando em volta das folhas e ramos, construindo uma casa segura para os ovos de cor azul-claro que apareciam como que por mágica no início da primavera. Quando me lembrava, deixava para eles crostas de pão e água, que virava um disco de gelo no pires quando o clima estava congelante.

Minha respiração deixava um rastro de vapor enquanto percorria o caminho. A porta da cabana estava emperrada, e as dobradiças rangeram quando a empurrei e abri. Fazia um dia cinzento, e dentro da cabana parecia mais frio ainda — o tipo de frio que nos faz encolher dentro de nós mesmos como tartarugas dentro do cas-co. O ar estava estático como o de uma caixa fechada. Tive a sensa-

ção de que ninguém entrava na cabana havia anos. As janelas estavam cobertas por teias de aranha. O aroma de serragem do qual me lembrava de verões distantes havia sido substituído pelo cheiro ácido da ferrugem que consumia as chaves de fenda e cinzéis pendurados na parede. Porcas e parafusos que esperavam ser convoca-dos para algum trabalho de emergência viravam poeira. Soprei o pó de um vidro vazio com pequenos buracos na tampa.

Que outro propósito aqueles buracos poderiam ter tido senão permitir que insetos respirassem? Não tive dúvida no momento em 44

que uma sensação de tremor percorreu meus ossos de que meu pai sentara-me no banco de madeira alto e colocara aranhas na minha barriga. Lembrei-me de que fechava meus pequenos punhos; lembrei-me da sensação daquelas perninhas percorrendo minha pele nua; lembrei-me de que tentava não chorar, pois aquilo arruinaria o jogo e deixaria papai zangado. Aquilo havia acontecido uma vez?

Ou teria ocorrido várias? Se acontecera uma única vez, teria sido apenas um momento bobo, nada sinistro?

Desenrosquei a tampa com buracos e olhei dentro do vidro vazio. Nada.

Nenhum sinal. Não havia pontos para ligar. Nenhum corpo murcho de um inseto morto havia muito. Minha memória daqueles dias de verão passados havia talvez dez ou doze anos era formada por fragmentos, enterrados dentro de mim como os pequenos cacos de cerâmica que vira laboriosamente reunidos no museu de Cnossos, em uma urna ou jarro reconstruído que exibia remendos e rachaduras.

Ouvi um som de pancada vindo da porta, como se ela houvesse sido fechada atrás de mim. Era como fechar a tampa de uma caixa desprovida de ar, como a porta da gaiola, como alguma parte do meu passado submersa em águas profundas. Eu não obtivera prova alguma, e mesmo assim meu coração estava apertado e minha sobrancelha estava úmida de suor frio quando voltei para o meu quarto. Tranquei a porta — todas as portas ao longo do meu caminho estavam sempre trancadas, e eu tinha a sensação peculiar de que retornava à cena de um crime, mas não sabia se era a vítima ou a criminosa.

Os ursinhos estavam arrumados como se posassem para uma fotografi a no travesseiro. Eu não conseguia lembrar de tê-los colocado ali, e me perguntei se eles haviam feito um pacto secreto para serem trazidos do exílio na prateleira de volta para seu lugar confortável na cama. Se eles haviam feito um pacto com alguém, quem poderia ser essa pessoa além de mim? A casa estava vazia.

Aqueles brinquedos tão meigos tinham sorrisos desafi adores, e seus olhos de vidro brilhavam na luz do inverno, como se sou-45

bessem algo que eu não sabia. Os ursinhos, o Senhor Feliz, Snoopy e o resto da gangue eram um conforto, mas às vezes também um fardo — uma lembrança da minha vida naquele quarto enquanto crescia, uma insinuação de que tinha dezesseis anos e precisava deixar os prazeres da infância para trás. É possível entrarmos num padrão de pensamento que gira em nossa cabeça como pratos que rodam no topo de varas. Eu tinha certeza de que, se pudesse quebrar o padrão, uma pessoa poderia deixar aquele alguém com pensamentos para trás e entrar em outra pele, outra versão de si mesma com

pensamentos diferentes.

Coloquei a gangue de volta na prateleira, que tinha dois níveis.

O mais alto fi cava no centro.

— Não se atrevam a sair daí — disse.

Dei uma olhada no espelho. Meus olhos eram buracos negros que haviam parado de refl etir a luz. Eu tinha dor no estômago e me sentia suja depois de ter investigado a cabana do jardim.

Após uma longa sessão no banheiro, me senti melhor e prepa-rei uma refeição para mamãe quando ela chegou do trabalho. À

minha própria maneira contraditória, senti-me excepcionalmente confi ante enquanto me movimentava pela cozinha, cortando, fritan-do, batendo pratos e panelas, o coração apertado, um formigamento percorrendo meu peito.

— Vou guardar os ursinhos numa caixa e colocá-la na gaiola

— disse quando ela sentou-se para comer.

— Já não era sem tempo — ela respondeu. — Não demorará muito até que você tenha um homem dividindo sua cama.

Derrubei um prato, que se quebrou.

— Mamãe!

— Espere e verá — ela disse. — Você tem dezesseis anos, Alice, e se ganhasse um pouco de peso seria muito bonita.

— Essa é a última coisa que quero — respondi.

— Já fui uma garota também, não se esqueça. Sei dessas coisas.

— Você não me conhece — eu disse.

— Claro que conheço.

46

Quatro Faces

— Mamãe, pensa que me conhece, mas nem *eu* me conheço.

Ela suspirou, e eu a deixei para fazer sua refeição sozinha.

Anos depois eu leria que a coisa mais importante que uma família deve fazer é comer reunida; em nossa família, aquilo quase nunca ocorria.

Fui para o quarto tremendo. Na nossa casa, discussões sobre sexo sempre haviam sido um tabu. Era por isso que, quando sur-preendera mamãe e Stephen, quase no ato, me sentira tão perturbada. Eu não queria saber o que acontecia entre homens e mulheres por trás da porta de um quarto. O assunto era completamente repugnante, e quando o abordavam na escola — "ela está fazendo aquilo com ele", "ela está grávida", "ele é *gay*" —, as coisas que os garotos diziam me faziam sentir tão enjoada que eu colocava os fones de ouvido, tomava um gole do béquer e aumentava o volume do *walkman*.

Meu corpo era uma caixa de Pandora cheio de dores. Quando vovô morreu, todo o sofrimento veio à tona. Eu estava sempre me contorcendo e tremendo, minha garganta estava constantemente infl amada e eu tinha difi culdade para engolir, exceto quando tomava goles do meu coquetel ilícito. Ficava com frequência constipada, segurando tudo dentro de mim — distúrbio que se iniciara quando eu estava com dois anos de idade. Tinha uma sensação de queima-

ção sempre que urinava, e minhas enxaquecas eram tão fortes que em certas ocasiões parecia que eu estava fi cando cega.

Quando corria, minha rota me levava a uma longa avenida reta de árvores secas. A estrada se transformava num túnel que se tornava cada vez mais estreito até dar em nada, e eu corria cada vez mais, me perguntando se um dia poderia alcançar um ponto em que desapareceria.

Nessas ocasiões, sentia-me como se fosse uma das folhas que haviam caído das árvores naquele inverno. Meus pensamentos ro-davam como se levados pelo vento. Assim como havia vezes em que me perguntava se vovô algum dia existira, outras eu avaliava a 47

Hoje eu sou Alice

possibilidade de eu mesma não existir; e eu estava correndo, podia ver a mim mesma fora de mim: uma garota magra com *short* folgado e uma camiseta grande demais, sempre observando as outras garotas na escola; uma garota num quarto cor de rosa sentada com um livro nos joelhos, as palavras que lia entrando em sua mente

— algumas grudando como cola, para nunca serem esquecidas, outras desaparecendo instantaneamente. Eu podia me lembrar de tudo e ao mesmo tempo não me lembrava de nada. Assistia a um fi lme e era capaz de me lembrar de cada cena, como se eu mesma houvesse escrito o roteiro, e depois assistia a outro do qual não era capaz de lembrar absolutamente nada.

Meus tênis de corrida tinham sola dentada e eram de couro branco. Eu os limpava todos os dias, usando um creme especial para poli-los até fi carem tão reluzentes quanto a porta da geladeira. Primeiro os limpava com uma escova; depois, com um pano amarelo, esfregava-os e dava laço nos cadarços. Quando saía, eu passava minha calça jeans com um vinco perfeito, que me lembrava o vinco das calças do meu esquecido avô. Eu arrumava os ursinhos na prateleira de acordo com seu tamanho. Quando voltava da escola, me trancava no banheiro, me esfregava na banheira até fi car limpa, tomava uma ducha e depois me esfregava outra vez. Minha mãe fi cava do lado de fora suspirando. Papai chegava do trabalho. Mamãe lhe pedia para me fazer sair do banheiro, e ele batia hesitantemente na porta sem saber o que dizer, e sabendo — parecia-me — que era melhor não dizer nada.

Quando eu corria, essas obsessões eram absorvidas pela repetição do movimento. Eu saía da casa silenciosa de madrugada e ouvia o som dos meus tênis no caminho ao longo da estrada, sentia o cheiro das mudanças do inverno no ar, o som dos meus passos acompanhando meus batimentos

cardíacos. Minhas pegadas no pavimento sujo desapareciam à medida que o sol ia se erguendo como um olho cego sobre os prédios, derramando luz através das janelas das casas com seus segredos e sua infelicidade. O som dos pneus dos carros nas ruas escorregadias por causa da água da chu-48

Quatro Faces

va compunha uma percussão para o “ploc, ploc, ploc” dos meus tênis de corrida.

Durante aquela hora que passava correndo pelas ruas que acordavam, sentia-me tranquila, em paz; meu corpo, que eu desprezava, operava como uma máquina. Eu “viajava” — a expressão que meus amigos da escola usavam para descrever sua primeira experiência com a maconha ou o álcool. O jargão descrevia perfeitamente uma imagem que havia em minha mente de mim mesma, Alice fl utuando logo abaixo do teto como um balão, olhando para baixo, onde um homem grande deitava-se sobre uma garotinha que eu não podia ver nem reconhecer. Não era eu. Eu estava viajando no teto.

Tinha a mesma sensação de entorpecimento quando cozinhava para o meu pai — o que ainda fazia, embora com menos frequência.

Eu preparava omeletes, evidentemente. Quebrava alguns ovos numa tigela e, quando pegava a manteiga, sempre havia uma sensação estranha em minhas mãos e em meus braços. Meus dedos pinicavam: não parecia ser eu, mas outra pessoa tirando uma grande porção de manteiga e colocando-a na panela.

Colocava uma grande quantidade de sal — eu sabia que aquilo era ruim para a pressão sanguínea, e murmurava maldições enquanto mexia. Quando despejava o conteúdo da tigela na manteiga quente e o misturava sobre o fogo, não parecia ser minha mão que segurava o cabo da panela, e tenho certeza de que eram os olhos de outra pessoa que observavam os ovos borbulhando e tostando.

Quando colocava duas fatias de pão integral na torradeira, eu observava a mim mesma como se estivesse do outro lado da sala, com as mãos

formigando enquanto segurava a espátula e fechava a omelete para que parecesse um envelope de maçã. As mãos daquela outra pessoa colocavam a omelete no prato, e eu espalhava o restante da manteiga na torrada quando os dois pedaços de pão pulavam da torradeira.

— Delicioso — meu pai dizia, fazendo um comentário sobre a comida antes mesmo de provar.

49

Hoje eu sou Alice

Enquanto comia, ele se isolava em sua aura de Brylcreem e loção pós-barba por trás do *Daily Mail*, e eu saía para o anexo, onde tirava a poeira da sola dos meus tênis e do couro, as mãos pinican-do como se picadas por agulhas. Tinha aquela mesma sensação de formigamento quando tínhamos aula de economia doméstica na escola, e eu me sentia uma fraude sempre que a professora elogiava o que eu cozinhava.

Minha obsessão por engordurar as omeletes do meu pai, passar minhas calças jeans, comer dois doces, mas nunca um ou três, minha limpeza maníaca e todos aqueles longos banhos começaram a preocupar mamãe, e ela fi nalmente me levou para consultar o nosso médico geral. O doutor Bradshaw explicou que eu estava sofrendo de transtorno obsessivo compulsivo, ou TOC: mais um sofrimento para acrescentar à lista.

Era útil ter esse rótulo para usar, como se a sigla TOC explicas-se tudo. Na visita seguinte de Clive para as festas, ele trouxe uma nova namorada, que deixou bem claro que queria distância quando, ao passar por mim em sua minissaia, sibilou: “Fique longe de mim, sua louca”. Meu irmão apenas sorriu.

A namorada tinha um nome como Lucy, ou Emma, ou Gemma

— não consigo lembrar, mas me lembro dos olhos azuis bem afastados, do narizinho bem formado, dos volumosos cabelos loiros que caíam nos ombros, dos lábios perfeitos retorcidos, como se olhar para mim fosse uma

experiência semelhante a chupar um limão.

“Fique longe de mim, sua louca.”

Garotas bonitas e confi antes não fazem ideia do efeito que produzem nas meras mortais, da dor que suas tiradas inteligentes in-fl igem. Era fácil menosprezar Lucy — ou Emma, ou Gemma — como alguém sem importância, mas quando se torna um hábito as pessoas chamarem-na de louca, isso passa a ser quase como uma profecia se concretizando, pois você começa a pensar tanto nisso que começa a parecer verdade. Eu costumava me olhar no espelho e dizer:

— O que há de errado com você, Alice? O que há de errado?

50

Quatro Faces

Fechava os olhos e balançava a cabeça, tentando afastar as me-mórias, mudar as imagens do caleidoscópio para obter um padrão diferente. Eu era louca? Estava tendo alucinações? Não achava que estava. Então por que continuava vendo essa imagem turva e tremida de uma garotinha que se parecia comigo — mas que na minha cabeça não era eu — deitada no quarto cor-de-rosa com o pênis do meu pai dentro de sua boca? Era como assistir a clipes curtos e a *fl ashbacks* de um fi lme real mas implausível. Meu pai não poderia ter feito aquelas coisas comigo. Era impossível. Aquilo fazia parte da minha própria terrível imaginação. Eu corria, passava fome, lavava, estudava, eternamente tentando sufocar as coisas horrendas que não podia colocar em palavras.

Mamãe e eu havíamos nos aproximado depois que vovô morrera. A morte nos faz pensar na vida. Ela estava de luto por seu pai, mas considerando seu próprio futuro. E dera a entender, à sua maneira, que estava apaixonada por Stephen, e, no momento apropriado, planejava deixar meu pai. Ela também estava me dando mais atenção.

Se eu queria dinheiro para um aparelho de som ou tênis novos, ela abria a bolsa imediatamente. Contudo, ainda não achava que ela me entendia. Se fi

cava perturbada por causa de um pesadelo ou se meu time de hóquei perdia um jogo, o que tem grande importância quando se é adolescente, ela tentava me animar.

— Apenas vá em frente — ela dizia. — Vá fazer sua tarefa de casa. Não deixe que isso a deprima.

Ela tentava ser como vovô, mas vovô tinha uma alegria, uma tranquilidade interior que não havia transmitido a ela por seus genes, e seguramente também não a mim.

Ela apalpou meus pulsos fi nos com o polegar e o indicador das duas mãos, colocou meu rosto magro sob a luz e marcou uma consulta para mim com o doutor Bradshaw a fi m de tentar tratar o que agora era chamado “meu distúrbio da alimentação” — expressão que entrou no vocabulário da casa depois que vizinhos fuxiqueiros 51

Hoje eu sou Alice

tomaram conhecimento do quão magra eu me tornara. O doutor Bradshaw recomendou que mamãe se certifi casse de que eu comesse regularmente, mesmo que não comesse muito a cada refeição. Eu não gostei da ideia de ser controlada dessa forma e reagi me tornando uma vegetariana maníaca por alimentos saudáveis.

Na segunda consulta, conheci o doutor Robinson, que se juntara ao doutor Bradshaw em seu trabalho. Eu passaria a chamar o doutor Robinson de doutor Bobby ou simplesmente de Bobby, embora nosso primeiro encontro tenha sido bastante formal, eu sentada com mamãe detalhando meus hábitos alimentares, meus exercícios de corrida obsessivos e a compulsão por limpeza. O doutor Bobby era jovem e bonito, e fi quei impressionada ao saber que ele correra na Maratona de Londres a fi m de levantar fundos para a caridade. Ele me observou durante um longo tempo sem dizer nenhuma palavra, e tenho certeza de que corei antes de ele fi nalmente dizer.

— Diga-me, há alguma coisa incomodando-a, Alice? — ele perguntou.

Abanei a cabeça negativamente.

— Há alguma coisa que você não disse ao doutor Bradshaw?

Olhou para mim com seus grandes olhos castanhos. Abanei a cabeça outra vez e olhei o couro gasto na ponta dos meus tênis.

— Tem certeza, Alice?

Essas palavras ganharam forma no meu cérebro: “Acho que quando era uma garotinha meu pai costumava ir ao meu quarto e colocar seu pinguelo na minha boca”.

Mas eu não podia proferi-las. Não tinha certeza de que acreditava nelas. Ficamos sentados em silêncio, meus pensamentos como bandeiras tremulando ao sabor do vento: “Papai costumava colocar seu pinguelo em todos os meus orifícios. Papai colocava aranhas na minha barriga na cabana do jardim”.

Aquilo soava como uma mentira deslavada, algo que uma garota diria somente para chamar atenção. Aquela coisa negra, imunda, que havia em minhas entranhas era uma vergonha terrível.

52

Quatro Faces

Era como se o que havia acontecido fosse minha culpa. E se *não* houvesse acontecido, era minha culpa ter pensamentos tão repulsivos. Aos dezesseis anos, tudo é embaraçoso. Não se fala sobre as coisas — ao menos não sobre esse tipo de coisa. O que se faz é olhar para o outro lado com um sorriso falso e dar de ombros. Não havia como contar nada a ninguém. Sentada no consultório, eu desejava estar do lado de fora, na sala de espera, montando coisas com peças de Lego.

Doutor Robinson continuava me observando, enquanto eu desejava estar em outro lugar. O silêncio se prolongava. Mamãe pegou minha mão, o que

produziu uma sensação agradável. O mé-

dico marcou uma consulta para mim com uma psicóloga na semana seguinte. Eu já havia rejeitado esse caminho em particular da investigação anteriormente, mas não queria desapontar o jovem e inteligente médico, de forma que decidi fazer outra tentativa.

A consulta seria na Clínica Naydon, onde já havia estado para uma consulta com a alta e pálida psicóloga que involuntariamente acendera a luz do quarto infantil do meu passado horrendo.

Tirei uma tarde de folga da escola e me sentei no segundo andar do ônibus, comendo uma maçã de almoço e fazendo exercícios de relaxamento. Eu queria apresentar uma Alice calma, relaxada, a fi m de mostrar que não havia nada de errado comigo. Era impossível defi nir o que era normal, mas, fosse o que fosse, era isso que eu queria ser, essa era a imagem que tentava mostrar ao mundo.

Chovera durante a maior parte da manhã. Agora, contudo, o sol saíra. A primavera estava no ar. Os pintarroxos estavam ocupados no jardim das casas. Narcisos cobriam as extremidades da grama. Quando caminhava em direção à entrada da clínica, vi um homem rasgando um tíquete do estacionamento.

— Malditos — ele resmungou, e lembrei de vovô uma vez ter dito que era um desperdício de energia fi carmos chateados com o passado ou com o inevitável.

53

Hoje eu sou Alice

Sempre achei que aquela não era uma coisa fácil de ser posta em prática.

Entrei na clínica pelo portão azul lateral. Eu sabia aonde ir e ouvia o som dos meus passos à medida que avançava pelo corredor de pedra. Aquilo parecia um *replay* da visita anterior. No entanto, eu não tinha uma lembrança normal

dela — era mais como uma sensação de *déjà vu*. Hospitais e lugares relacionados a eles produzem esse efeito em mim: o cheiro de limão e de enxofre que eu passaria a associar ao inferno na Terra; o pensamento de que há pessoas morrendo e sofrendo; a sensação de que todos estão apressados, não se sabe indo para onde ou por quê. Eu podia ouvir o farfalhar da saia da escola, o eco dos meus sapatos, e repentinamente não conseguia avaliar se essa cena pertencia à memória da minha última visita ou se provinha de um sonho com ela. Também me ocorreu que eu podia estar sonhando naquele momento, e que poderia acordar subitamente e descobrir que estava em outro lugar.

Isso acontecera algumas vezes. Eu me lembrava de em um momento estar sentada em meu quarto, estudando, e logo em seguida me via andando pelo *shopping center* com a música no último volume nos ouvidos. Às vezes parecia que as duas partes do meu cérebro, a da esquerda e a da direita, estavam conectadas por uma porta que se abria por vontade própria.

Pesquisei sobre a atividade das duas metades do cérebro e descobri que cada hemisfério é responsável por formas diferentes de pensar. O hemisfério da esquerda é lógico, sequencial, analítico, objetivo, concentra-se nas partes individuais das coisas; o da direita é aleatório, intuitivo, sintetizador, subjetivo e tem a visão do todo.

A maioria das pessoas apresenta inclinação para um lado ou para outro; algumas possuem o mesmo domínio sobre ambos os hemisférios. A escola tende a favorecer o pensamento lógico, a análise e a precisão do hemisfério esquerdo em detrimento do enfoque na es-tética, nos sentimentos e na criatividade do hemisfério direito.

Era difícil, para mim, discernir que hemisfério usava mais. Eu habitava completamente o hemisfério esquerdo quando estudava, 54

mas trancava a porta atrás de mim quando entrava no hemisfério direito, onde perdia o senso de tempo e lógica. Meus pensamentos tornavam-se irracionais, tensos e assombrados por aquela sensação maligna de *déjà vu* — a mesma

sensação que se abateu sobre mim como uma onda às três da tarde, quando entrei no consultório mé-

dico e a psicóloga alta que consultara antes se ergueu como uma sombra esguia e me conduziu a uma cadeira.

— Ah, Alice, aí está você — ela disse.

“Estou?”, me perguntei.

Ela me apresentou à doutora Jane Purvis, uma psiquiatra infantil conselheira, de cinquenta anos de idade mas com ar jovem, que vestia uma saia e uma blusa de cores alegres. Ela estava sentada em um canto como uma enfermeira durante um exame ginecoló-

gico — essa era a sensação que eu tinha enquanto respondia a perguntas que eram como sondas tentando entrar em mim. Conversá-

vamos como meus pais quando nos sentávamos no Natal na tentativa de conversar, mas sem termos nada a dizer. Cenas profundamente aterrorizantes passavam como *fl ashes* pela minha cabeça todos os dias, mas eu não era capaz de descrevê-las, ou nem sequer queria tentar.

A psicóloga podia ter o nome de doutora Flores, mas para mim podia ser apenas uma memória das imagens de fl ores na parede, as fl ores no vaso dando um pouco de cor ao pequeno e melancólico consultório. Ela deu uma olhada em suas anotações e concentrou-se na minha anorexia.

— Você tem medo de ganhar peso, Alice?

— Não exatamente.

— Você se considera gorda?

— Não, me considero magra.

— Você pesa a comida antes de comer?

— Não.

— Conta as calorias?

— Não.

— Há ocasiões em que come em excesso e depois quer vomitar?

55

Hoje eu sou Alice

Hesitei. Isso obviamente foi um grande erro. Hesitar dá aos charlatões algo para considerar, algo para anotar nas linhas fi nas de seus blocos. A verdade é que havia, sim, ocasiões em que comia excessivamente, mas sempre com a sensação de não ser eu quem estava comendo, mas outra pessoa — aquela coisa negra em minhas entranhas, algo que estava ligado a mim mas que não era eu: era aquilo que me mantinha viva.

As perguntas continuavam como em um jogo de tênis de mesa

— pingue, pongue, pingue, pongue — até que as duas mulheres, a psicóloga e a psiquiatra, concluíram que, não importava o que estava acontecendo comigo — além da anorexia óbvia —, eu deveria passar a visitar a doutora Purvis regularmente dali em diante. Fiz isso ao longo do resto do ano escolar enquanto estudava para as provas do nível elementar, e também do ano seguinte, quando tinha dezessete anos e estava mais no seu escopo.

Implorei a mamãe que não dissesse a ninguém que eu estava me tratando com uma psiquiatra. Todos me achavam estranha, e eu não queria que pensassem que era louca também. Na verdade, agora que estava fazendo tratamento, o assunto, seguindo a tradição, foi varrido para baixo do tapete. Mamãe certifi cava-se de que eu continuava visitando a doutora Purvis, mas não fazia perguntas sobre o que acontecia no consultório.

Papai nem sequer tinha conhecimento das sessões. Mamãe não falava com ele, e eu muito menos lhe contaria. Eu cozinhava cada vez menos para ele, e

o evitava cada vez mais. Ele envelhecera, tornara-se mais sombrio, mais magro, um bicho-pau rastejando pela casa com a mesma lentidão com que as aranhas rastejavam na minha barriga na cabana nos fundos do jardim. Havia uma pergunta que me vinha à boca todas as vezes que nossos caminhos se cruzavam:

“Você fazia coisas ruins comigo quando eu era criança?”

Ela estava ali, presa na minha garganta. Eu não podia cuspi-la, então a mastigava, passando-a de um lado para outro na boca, e ela morria antes de deixar meus lábios. Criamos padrões e os repetimos.

É o que faço. Eu visitava a doutora Purvis uma vez por semana, e 56

Quatro Faces

todas as semanas colocava a mesma fi ta no *walkman*: *Quadrophenia*, do The Who. Colocava o volume no máximo, como que para dizer:

“Eu não queria estar aqui”.

Mas estava. Afi nal de contas eu fazia a viagem até a clínica.

Percorria o caminho até lá como se as músicas escritas por Townshend contivessem as próprias palavras e mensagens que eu queria trans-mitir à doutora Purvis. Será que ela via o meu verdadeiro eu?* Quem era eu? Quero dizer, quem exatamente? Dentro da minha cabeça, várias pessoas pareciam deslocar-se. Contudo, eu me perdera e estava sozinha na multidão, tentando me encontrar.

Somente quando entrava no consultório eu desligava o *walkman*.

Primeiro, passávamos pelo ritual da pesagem — obsessivamente, de modo compulsivo, eu sempre pesava exatos 38 kg. Prosseguíamos com o ritual de conversar sobre as coisas que haviam sido abordadas na semana anterior e que abordaríamos de novo na semana seguinte.

Eu tinha dezesseis anos. Sabia que estava completamente fer-rada. Tentava explicar que me sentia só, mas não no sentido comum, da forma como muitos adolescentes se sentem sós; eu me sentia só no sentido de estar isolada do resto do mundo, não só dentro da minha cabeça. Como na música “Four Faces”**, havia outras personalidades lá dentro arranhando a tênue linha da minha sanidade a fi m de saírem. Eu lutava para descobrir quem era, e não podia ter certeza de que era realmente aquela pessoa sentada em frente à doutora Purvis, ou se era uma das outras personalidades, prestes a fazer sua primeira aparição.

* Referência a trecho da canção “The Real Me”, do álbum *Can you see the real me, doctor?*

[Você consegue enxergar o verdadeiro eu, doutor?]. (N. da T.)

** “Quatro Faces”, outra música do álbum citado. (N. da T.) 57

CAPÍTULO 4

As Vozes

Na primeira vez em que ouvi vozes, eu estava no meu quarto. Dire Straits tocava baixinho ao fundo enquanto eu revisava alguma matéria. Foi quando ouvi:

— *Pelo seu avô, para deixá-lo orgulhoso.*

A voz irrompeu no quarto. Era como se alguém houvesse gritado a pouca distância. Quase dei um pulo. Olhei ao redor — a porta estava fechada. Não havia ninguém ali.

— *Sem isso, você não é nada, garota*.

Ali estava a voz de novo. Desliguei o som e fi quei de pé perto da cama, tremendo. Eu sabia exatamente ao que a voz estava se referindo: ela estava falando sobre as provas para o nível elementar.

Eu queria me sair bem por várias razões.

O que veio em seguida me deixou petrifi cada.

— *Você não vale nada. Você devia morrer*.

Liguei Dire Straits novamente. A música era “Money for Nothing”*, e coloquei o volume no máximo. Não fez diferença: havia vozes bombardeando meu cérebro — não uma, mas duas, ou três, ou mais, uma pequena multidão que se reunira para caçoar de mim.

— *É melhor você deixar seu avô orgulhoso, ou ele deixará de amá-la.*

— *Vovô foi pro céu, então sem chance de você voltar a vê-lo.*

— *Você irá para o inferno.*

* “Dinheiro pra nada”. (N. da T.)

58

As Vozes

Dei um tapa no lado esquerdo da minha cabeça e visualizei uma estranha imagem de mim mesma quando fi z isso. Eu parecia ter enlouquecido.

— Pare, pare, pare. Me deixe em paz.

As vozes continuavam falando comigo e sobre mim. E o mais aterrorizante é que eram vozes normais — não vozes exageradas, mas sombrias e intimidadoras. A maioria das vozes pertencia a homens, mas havia mulheres também; algumas eram altas, como se estivessem bem próximas, enquanto outras eram distantes, aparta-das. Elas se uniam como uma gangue, ou se afastavam como se estivessem falando umas com as outras.

Peguei quantos ursos pude agarrar e me enterrei debaixo do travesseiro. As vozes continuavam matraqueando. Eu não estava ouvindo. Cantava as letras das músicas de Mark Knopfl er para mim mesma, competindo com as vozes

até silenciarem. Eu estava coberta de suor e totalmente exausta. Sentia pressão na cabeça. Caí num sono agitado, vendo sombras tremeluzentes e crianças em meus sonhos. Ainda estava escuro quando acordei. Nunca dormi bem sem medicamentos em toda a minha vida. Vesti meus trajes de corrida e amarrei os tênis com laços precisos. Os números verdes no relógio digital marcavam cinco horas da manhã quando desci silenciosa-mente as escadas e parti correndo pelas ruas vazias. Eu cantava enquanto corria ao longo do trajeto de dezesseis quilômetros, procurando pelas vozes e me sentindo grata por elas terem sumido.

Aquele era o início de uma vida de ajustes e negociações com as vozes. Ao longo dos meses seguintes, enquanto fazia os exames, eram intermitentes, às vezes murmurando incoerentemente, outras vezes gritando.

Seria meu cérebro que estava me enganando e me levando a acreditar que estava ouvindo vozes, quando na verdade não havia voz nenhuma?

Não, as vozes eram reais. Elas estavam lá. Eu podia distinguir uma da outra. As vozes vinham de fora, e não de dentro da minha 59

cabeça. Quando elas apareceram pela primeira vez, tive certeza de que outras pessoas podiam ouvi-las também, e fi quei paranoica quando descobri que não ouviam.

Entre as vozes havia o tom rígido e dominador de alguém que se tornou conhecido como “o Professor”. Não fui eu quem lhe dei esse nome, mas era assim que ele se materializava, talvez porque *ele* pensasse que possuía conhecimento e intelecto superiores. O Professor me censurava e encorajava a trabalhar duro por vovô. Não que eu precisasse de alguém para me dizer isso. Ninguém tinha mais consciência que eu de que tinha sérios problemas. Alcançar realiza-

ções era uma forma de provar que mesmo sendo esquisita eu não era uma idiota.

A doutora Purvis me estudava em nossos encontros semanais com seus grandes olhos juvenis e dizia:

— Há algo mais, Alice, algo que você não está me contando.

Eu evitava responder, pensando: “Aí está uma pergunta bem formulada. Você quase me pegou”.

Eu examinava suas blusas e *tops* de cores vivas, olhava em seus olhos. Eles brilhavam por trás dos óculos grandes que ela tirava e colocava o tempo todo, como se com o objetivo de recarregar uma bateria que subitamente extrairia de mim uma torrente de memórias e confi ssões.

Os óculos subiam e desciam, subiam e desciam, e seu refl exo produzia estrelas de luz que dançavam pelas paredes de cor escura.

Ela usava *tops* verdes e saias com estampa de girassóis, *tops* vermelhos com saias cor de laranja, um *top* de cor azul-pálido — a cor de seus olhos — com uma saia azul-marinho. Eu conhecia o guarda-

-roupa de Jane Purvis tão bem quanto ela, mas nunca a deixava entrar no meu. Não havia espaço para ela — não com todos aqueles esqueletos.

Eu fi cava tão ocupada evitando contar à doutora Purvis que ouvia vozes que certo dia, quando ela me perguntou sobre meu pai, a sessão tomou um rumo completamente novo que não consegui controlar.

60

As Vozes

— Fale-me sobre seu pai, Alice.

— Meu pai?

— Sim, você nunca fala sobre ele.

— Oh, é um homem extremamente importante, ou ao menos é isso que

pensa.

— Ele é procurador? — ela perguntou.

— E jogador de golfe — respondi.

— Vocês se dão bem?

— Eu raramente o vejo. Ele é um homem muito ocupado.

— Vocês se davam bem quando era criança? — ela continuou.

— Suponho que sim.

— Ele a amava?

— O quê? Sim, claro...

Ela inclinou-se para a frente e baixou os óculos.

— Ele alguma vez abusou de você de alguma forma, Alice?

Essa pergunta me atingiu com toda força, e quase caí da cadeira. Não respondi. Não sabia o que dizer. A doutora Purvis insistiu.

— Ele abusou de você?

— Não, não, ele não abusou. Não sei por que você está dizendo essas coisas.

Eu sentia que havia sido pega, enganada, caído numa armadilha. Queria lhe contar sobre meus sonhos, sobre o homem que vinha noite após noite ao meu quarto, mas as palavras estavam presas na minha garganta. Se fosse verdade, se aquele homem, que só podia ser meu pai, viera ao meu quarto, por que eu não conseguia me lembrar? E se não fosse verdade, por que tinha essas coisas na minha cabeça? Eu era uma pessoa má? Uma criança promíscua? Era tudo culpa minha?

Mantive dentro de mim todas as coisas que deveria ter discutido com a

doutora Purvis. Sentia-me envergonhada demais para falar sobre o que podia ou não podia ter acontecido à noite no meu quarto. Eu também pensava que, se contasse a ela sobre as vozes, se lhes desse muita atenção, elas ganhariam poder e confi ança. Tornar-

-se-iam a trilha sonora das visões que vinham sendo exibidas dentro 61

Hoje eu sou Alice

da minha cabeça desde o tempo que minha memória era capaz de lembrar. Eu lidara com aquele fi lme à minha própria maneira. Agora lutaria contra as vozes.

Deixei o consultório ouvindo o som dos meus sapatos ao longo do corredor e fi quei de pé na parada de ônibus, sentindo-me só e deprimida. Aos dezesseis anos queremos ser iguais a todos os outros.

Sentia-me, porém, diferente, isolada, uma aberração. Eu estava sempre fi ngindo — fi ngindo que tudo estava bem embora o senhor Keating, a doutora Purvis, meus amigos e minha mãe soubessem que não estava. Com exceção dos fi lmes americanos, não são muitas as pessoas que aos dezesseis anos têm uma psiquiatra. Isso não me fazia sentir privilegiada, mas alienada e deprimida.

Concentrava-me em correr, em misturar meus coquetéis, ler até o ponto em que minhas retinas pareciam pegar fogo, preenchendo minha cabeça com as palavras e os pensamentos dos autores. Nunca sabia quando as vozes viriam, o que diriam ou por quanto tempo continuariam tagarelando na minha cabeça. Sentia-me como o por-teiro de um clube noturno que havia perdido o controle e não era mais capaz de decidir quem entrava e quem fi cava no meu cérebro.

Se abaixasse a guarda, elas vinham correndo e recomeçavam toda a sua ladainha.

— *Você não vale nada.*

— *Você acha que boas notas farão tudo melhorar.*

— *Não farão, sua cadela estúpida.*

— *Você podia muito bem morrer.*

— *Vá em frente. Vá em frente. Eu a desafi o. Faça. Faça. Quer morrer.*

Lembro-me que quando fazia um exame — de história, provavelmente — parei por um momento para tentar lembrar de uma data e o Professor surgiu imediatamente.

— *Você acha que vai acertar. Você nunca acertará.*

Bati do lado da minha cabeça.

— Agora não. Vá embora — murmurei.

— Psiu — disse o professor que nos supervisionava.

62

As Vozes

Os garotos à minha volta ergueram as sobrancelhas e balançaram a cabeça. “É só Alice!” Meus colegas de classe provavelmente achavam que eu estava querendo chamar a atenção. Eles não faziam ideia de que aquela era a última coisa que eu queria. É uma luta constante agir como se tudo corresse tranquilamente quando não está. Eu vivia uma mentira, para o mundo e para mim mesma. À primeira impressão, eu devia parecer uma menina de sorte, com uma boa família, morando em uma casa bonita, com pintarroxos no jardim.

Aquela era a imagem, não a verdade. Nunca fora a verdade. Nós observamos outras pessoas e imaginamos que as conhecemos. Não as conhecemos. Não podemos conhecê-las. Todos são um mistério.

Eu era um mistério para mim mesma.

Todos os dias tinha vontade de desistir dos exames para o nível elementar, embora não fosse realmente eu que me sentisse daquela forma — não o verdadeiro “eu”, não Alice. Era outra parte de mim, algum demônio que pulava travesso de um lado para o outro do meu cérebro.

— *Desista. Desista. Faça um favor a todos: desista, Alice.*

O Professor e seus amigos davam continuidade ao tumulto, e eu tentava ignorá-los.

— Cale-se. Cale-se. Cale-se. Vá embora. Deixe-me em paz.

Recusava-me a ouvir. Eu corria, me entupia de comida, voltava a parar de comer e continuava estudando com uma paixão desvairada até que mamãe, em um estado de pânico, me convenceu a passarmos uma semana de férias em Veneza em julho. Terminei minhas nove provas para o nível elementar e saí pelo portão da Dane Hall no último dia do semestre caminhando animadamente.

Eu os vencera.

Mamãe ainda estava triste pela morte de vovô, e o plano era passarmos algum tempo de qualidade juntas enquanto ela recupe-rava — como colocou — sua *joie de vivre*. O que ela realmente estava fazendo eram os preparativos fi nais para deixar meu pai. Ela hesitantemente abordou o assunto certa manhã quando nos sentamos 63

Hoje eu sou Alice

para tomar o café da manhã, tendo como paisagem as gôndolas que fl utuavam no Grande Canal.

— Não sei se consigo fi car mais tempo naquela casa — ela disse.

— Você quer dizer com papai?

Ela acenou a cabeça afi rmativamente.

— Tampouco eu — respondi, e a vi torcer os lábios nos cantos da boca.

— Nós podemos ir para um *fl at* ou algo assim — ela continuou.

— As coisas vão melhorar, você não acha?

— Mamãe, abandoná-lo será a melhor coisa que já terá feito.

Ela parecia aliviada, e seu rosto iluminou-se sob a luz da manhã.

A ansiedade lançara uma máscara sobre seus traços, mas agora seu verdadeiro rosto reaparecera. Minhas mãos formigavam e tremiam.

Sentia-me estranha por estar sendo tão honesta. Era um sentimento bom. Mamãe segurou meus dedos sobre a toalha branca de linho e o garçom italiano sorriu quando nos serviu café de uma chaleira de prata.

Veneza era o cenário perfeito para aquela rápida cena e fora a escolha ideal para as nossas férias. Era a primeira vez que viajávamos, só as duas, e gostei de exibir meu conhecimento enquanto visitávamos museus e galerias.

Quando viajamos, me senti como se fosse outra pessoa. *Realmente* uma pessoa diferente. A Alice de casa estava sempre afl ita. A Alice que viajava pelo exterior podia abrir os pulmões e respirar. As vozes se afastavam. Alice podia ler um livro sem ter de parar exatamente ao fi nal de cada capítulo. A Alice aventureira esquecia o signifi cado de palavras como “insônia” e “pesadelo”. Ela caminhava através do aglomerado de pombos cinza da Piazza San Marco em direção à Basílica, onde os sinos tocavam na *campanile*. Com seus palácios e galerias de arte, suas pontes e luzes prateadas, para essa Alice autoconfi ante e para mim Veneza tinha o tamanho ideal para uma cidade — pequena o bastante para ser explorada a pé e grande o bastante para termos uma surpresa ao virar uma esquina.

Pouco depois de termos retornado da Itália, fui visitar os Tim-mins — parentes do meu lado materno que moravam na Suíça. Ao longo das duas semanas em que fui sua hóspede, fi z uma ousada tentativa de aprender alemão e absorvi todas as peculiaridades arquitetônicas históricas de Zurique. Também comi chocolate até en-joar e comprei um relógio cuco.

Concordamos que eu havia sido realmente "mimada" por aquelas férias tão longas, e assim que voltei da Suíça comecei a trabalhar nas corridas de galgos retirando copos e limpando mesas. Eu parava para assistir às corridas, os cachorros alinhando-se em suas capas de várias cores atrás da lebre elétrica sem nunca apanhá-la, o que me lembrava de que perseguia minha sombra quando corria.

Em consequência da minha obsessão por correr, eu estava ob-tendo boas cronometragens e estava treinando para a *Brum Fun Run*

— a meia maratona organizada pelo Conselho da Cidade de Birmingham. Correr longas distâncias a toda velocidade produz sensação de bem-estar. A liberação de endorfi nas funciona como um analgé-

sico natural, e o excitamento me deu coragem para prolongar meu trajeto até a alameda, geralmente deserta, que atravessava uma fl oresta próxima à nossa casa.

Eu tinha medo dessa alameda e a evitara por anos. Agora avan-

çava a toda velocidade abaixo das árvores que se erguiam sobre mim, testando minha coragem.

Imagens começaram a piscar no meu cérebro, claras e distintas.

O que vi foi um dia de verão em que o amigo do meu pai, o homem que gostava de mostrar seus carros novos e que tocara meus seios quando eu tinha catorze anos, viera à nossa casa com um Rolls-Royce Cabriolet novo. Ele era branco, e a capota estava levantada.

Mamãe estava no andar de cima em seu quarto, nos fundos da casa. Uma

garotinha que parecia ter sete anos e vestia uma saia e um *top* brincava na entrada. Quando o homem lhe perguntou se queria dar uma volta em seu carro, ela naturalmente disse que sim e pulou dentro dele. O outro homem, meu pai, fechou a porta, e seu 65

Hoje eu sou Alice

amigo saiu da entrada, virou à esquerda, depois à direita e parou na alameda isolada perto da fl oresta.

Ele colocou os braços em volta da garotinha.

— Venha, vamos nos beijar.

Colocou a mão dentro de sua calcinha e penetrou-a com um dedo.

— Você gosta disso, não gosta? — acrescentou, e colocou a língua dentro da sua boca.

Ela não o impediu. Não lutou. Não protestou. Isso era normal.

Aquele homem fi zera a mesma coisa com ela antes. Ela não se lembrava onde ou quando, mas tinha uma memória embaçada de um grande prédio que parecia um castelo e um lance de escadas que levava a uma masmorra onde crianças despidas e adultos vestidos se moviam em meio às sombras bruxuleantes.

— Levante o bumbum — ele disse, e, enquanto corria ao longo da alameda, podia ver em minha mente aquela garotinha levantando o bumbum para que ele pudesse abaixar sua calcinha.

— Não está melhor assim?

Ele afastou suas pernas, apertou sua nádega e colocou a língua novamente em sua boca.

O carro estava estacionado à sombra de uma árvore alta, com a luz através das folhas dando a aparência de que choviam cacos de vidro. O homem era

forte. Ele tinha braços peludos e cabelo também na parte anterior dos dedos. A menininha não sabia por que o homem havia tirado sua calcinha, mas eles sempre faziam aquilo. Ela imaginava que era aquilo que mamães e papais faziam. Ela não gostava, mas isso a fazia se sentir um ser especial, com aquele homem importante em seu carro.

— Não é gostoso?

Ela concordou com um aceno da cabeça e sorriu. Não era bom.

Doía. Mas ela queria que fosse bom. Ela queria que fosse bom para o amigo de papai. Ela observava os galhos no alto da árvore, e quando apertava os olhos podia ver fadas com asas transparentes movendo-se rapidamente através dos raios de sol.

66

As Vozes

Os beijos e toques pararam. Ela fi cou em pé no assento, e o homem segurou sua calcinha para que ela a vestisse. Ele a puxou para cima e ela voltou a sentar-se. Ele beijou a ponta do dedo e tocou os lábios dela.

— Você sabia que é um estouro, Alice? — o homem disse.

Ele abaixou a voz.

— É o nosso segredinho.

O motor fez um barulho estronteante quando ele deu partida no carro, e era como se a garotinha fl utuasse no ar enquanto eles voltavam para casa.

Mamãe estava parada na entrada de carro, com as mãos nos quadris. Papai estava de pé sob uma sombra na varanda.

— Que diabos está acontecendo? — ela gritou.

— Nós apenas saímos para dar um passeio, Jenny. Venha dar uma olhada no

meu carro novo — o homem respondeu.

Mamãe arrancou a garotinha do banco da frente e desapareceu com ela dentro da casa.

— Nunca mais chegue perto daquele homem — ela disse. —

Não gosto dele.

Seu rosto estava vermelho, os dentes serrados. Mamãe colocou a garotinha abruptamente no chão, e ela subiu as escadas correndo para esconder-se na gaiola.

A garotinha não sabia o que havia feito para deixar a mãe chateada, mas não importava o que fosse, ela tinha certeza de que era sua culpa. Ela não queria piorar as coisas deixando o homem zangado também. Aquilo deixaria papai furioso.

“É nosso segredo”, o homem dissera.

Ela precisava guardar os segredos. Mamãe fi caria zangada se soubesse que papai e outros homens queriam tocar e beijar a garotinha. Ela não sabia exatamente por quê, mas tinha certeza de que mamãe nunca deveria saber.

Enquanto corria embaixo das árvores, lembrei-me claramente da cena passada no Rolls-Royce branco, as imagens atravessando 67

Hoje eu sou Alice

minha mente como se passassem do hemisfério direito do cérebro para o esquerdo. Os detalhes estavam claros, mas o incidente parecia algo irreal, como a memória de um pesadelo ou de um programa de televisão.

Eu achava difícil me identifi car com a garotinha sentada no banco de couro do carro. Podia visualizá-la. Podia ver o que estava acontecendo através de seus olhos: o homem lhe dizendo para levantar o bumbum a fi m de que pudesse tirar sua calcinha; os galhos balançando acima do carro com a capota

aberta, a luz tremeluzente emitida pelas fadas. Eu observava a garotinha como se estivesse assistindo à cena escondida por trás de uma tela. A garotinha não era uma ilusão, uma aparição; ela não era uma amiga imaginária.

Eu gostaria de ter tido uma amiga imaginária, mas nunca tive. A garota no carro não era imaginária. Ela era bastante real. Eu podia vê-la, ela parecia comigo, mas ainda assim eu tinha certeza de que a garotinha *não era* eu.

Mas, se não era eu, quem era?

E por que eu tinha essa memória revoltante? Eu detestava e desprezava qualquer pensamento relacionado ao sexo, mas ele estava por todos os lugares. Na época em que deixei a escola, a maioria das meninas tinha um namorado, e falavam continuamente sobre como eles beijavam e o quão longe pretendiam ir. O assunto me deixava vermelha de tanto embaraço.

— Você gosta de Mark, de Gary ou de Greg?

Não, eu não gostava de Mark, nem de Gary, nem de Greg. Mas tinha de participar do jogo a fi m de me encaixar no grupo. Meu trabalho nas corridas de cães me deu algum dinheiro extra, mas foi mais importante para que eu pudesse sair e fazer coisas normais: andar pelos *shoping centers*, falar de *boy bands*, ir ao *pub* nas noites de sexta-feira, quando encontrava meus amigos menores de idade e bebia uma *lager*, que tinha tanto efeito sobre mim quanto um copo de leite.

Eu lutava constantemente para ser normal. Não que tivesse a menor ideia do que isso signifi cava. Uma garota de dezesseis anos 68

As Vozes

da minha classe foi a uma festa com um vestido extremamente *sexy*.

Ela bebeu metade de uma garrafa de vodca e foi para a cama com dois garotos ao mesmo tempo, pois sempre quisera fazer um *ménage à trois*. Aquilo era normal? Outra garota deixou a escola depois dos exames para o

nível elementar e foi morar com um professor 25 anos mais velho que ela. Aquilo era normal? Outra que morava perto de nós, chamada Hasna, foi visitar a família no Paquistão naquele verão e acabou se casando com o irmão de seu pai. Aquilo era normal?

Se na sexta-feira um professor nos pedisse uma redação, eu passava três horas da manhã de sábado na biblioteca. Aquilo era normal? Eu não sabia.

O que eu sabia era que me sentia menos propensa à depressão e mais normal enquanto andava pelas ruas de Veneza ou observava um lago em Zurique. Em casa, lutava continuamente com meus humores. A coisa negra dentro de mim roía minha autoestima e minha autoconfi ança como um rato. Eu sentia que também havia uma pessoa feliz dentro de mim, que queria aproveitar a vida, ser normal, mas meus sentimentos de desprezo por mim mesma e de profunda desconfi ança em relação ao meu pai não permitiriam que aquela pessoa cheia de luz saísse.

Quando a coisa negra se apoderava de mim como se tivesse garras de aço, eu não conseguia olhar para o meu pai. “Você fez coisas ruins comigo quando eu era criança?”

Como o verso de uma música que fi ca na cabeça, as palavras percorriam minha mente e nunca me saíam da boca. Não que eu precisasse dizer o que tinha em mente. Tinha certeza de que papai podia ler meus pensamentos no meu humor, no meu olhar morto e vazio.

Não era de surpreender que houvesse sempre uma atmosfera de tensão e mal-estar na casa, e a culpa era sempre minha: Alice e seus maus humores, Alice e sua anorexia, Alice e sua baixa autoestima, Alice e seus sentimentos inevitáveis de perda e vazio.

Concluí a meia maratona *Fun Run* daquele ano em uma hora e quarenta minutos, superando meu melhor tempo em doze minutos, 69

Hoje eu sou Alice

depois continuei treinando, embora não soubesse exatamente por quê. Eu

ouvia música num volume elevado o bastante para afastar as vozes que tagarelavam em minha cabeça. Estudava tudo: francês, inglês, literatura, história, datas, fatos, estatística — tudo que era relacionado ao hemisfério esquerdo do cérebro; ocupada, ocupada, ocupada, preenchendo meu tempo com ação e atividade.

No entanto, a coisa negra estava sempre ali: uma sensação imperturbável de condenação e mau presságio, um sentimento de sofrimento que me consumia completamente, como se fosse um redemoinho me engolfando para um turbilhão onde tudo estava perdido, onde tudo era inútil, onde não havia esperança. Era como se estivesse no meio de uma neblina, que me envolvia como uma mortalha, levando meus ombros a se curvarem, exaurindo completamente minhas forças.

No fi nal do verão, mamãe havia superado o pior do seu sofrimento pela morte de vovô e redescobrira sua *joie de vivre*. Eu ainda não conseguia chorar sua morte. Vovô me dera uma sensação de equilíbrio. Enquanto ele vivera, eu ainda era uma criança — segura, protegida, envolvida por seus braços. Aceitar que ele havia partido era aceitar que eu crescera, que teria de atirar Snoopy e o Senhor Feliz no saco para o brechó e ir a festas seminua. Em vez de chorar por vovô, eu depositava minhas memórias numa pilha e a colocava numa prateleira alta num canto escuro do meu cérebro.

Eu temia que, ao tirar aquela pilha da prateleira e observá-la com muita atenção, pudesse cair no fundo daquele turbilhão para nunca mais escapar.

Quando a coisa negra se apoderava de mim, quando os coquetéis ilícitos e as corridas de dezesseis quilômetros deixavam de funcionar, eu era acometida por um entorpecimento que me fazia sentir como se estivesse morta para o mundo. Movimentava-me inconscientemente, com os membros pesados, como um zumbi de fi lme de terror. Sentia uma dor tão forte e persistente dentro de mim que era tentada a pegar a faca na cozinha e extirpar a coisa negra do meu interior. Ficava deitada na minha cama olhando para o teto, 70

pensando na faca e usando meus poderes limitados de autocontrole para me

impedir de descer as escadas e pegá-la.

Quando o sono chegava, eu tinha pesadelos. Não os pesadelos com o bebê e o homem com o isqueiro, mas outro pesadelo. O pesadelo com o castelo.

Uma menininha com cerca de seis anos que se parece comigo, mas que não sou eu, sente-se feliz ao sair do carro com seu papai.

Eles entram no castelo e descem as escadas para a masmorra, onde pessoas se movem como sombras à luz de velas. Há tapetes e retratos engraçados nas paredes. Algumas das pessoas usam túnicas e capuzes. Às vezes, elas entoam cantos com vozes monótonas que assustam a menininha. Há outras crianças, algumas completamente despidas. Há um altar como o da Igreja de Saint Mildred da vizinhança. As crianças se revezam no altar a fi m de que as pessoas

— a maioria homens, mas também algumas mulheres — possam beijar e lamber suas partes íntimas. O papai da garotinha segura sua mão com força. Ela olha para ele, que lhe sorri. A menininha gosta de passear com seu papai.

Eu queria contar à doutora Purvis sobre esses sonhos, mas não queria que ela pensasse que eu era louca, então os guardava para mim mesma. A psiquiatra era mais sagaz do que eu pensava na época; adolescentes de dezesseis anos imaginam que são mais espertos do que realmente são. A doutora Purvis sabia que eu sofrera danos psicológicos na infância, e era por isso que marcava consultas para mim semana após semana. Contudo, eu era incapaz de lhe dar as ferramentas e dicas necessárias para que ela pudesse descobrir exatamente o que havia acontecido.

Ela havia tentado abordar o que chamava “elemento freudiano”

— em outras palavras, o sexo.

— Você já viu ou imaginou seus pais fazendo sexo?

— Não.

— Você já se imaginou substituindo sua mãe nesse ato?

Meu queixo caiu e simplesmente fi quei olhando para ela.

71

Hoje eu sou Alice

— Quando olha para trás, o que você lembra sobre seus pais?

— Lembro de fi car sentada no topo das escadas, olhando através dos corrimãos enquanto eles gritavam um com o outro.

— Sobre o que eles gritavam?

— Não tenho certeza, mas sempre pensava que era sobre mim, ou que era minha culpa.

— Nunca era culpa do seu irmão?

— Não. Sempre minha culpa.

— Você havia feito algo errado?

— Eu não acho que jamais tenha feito algo errado.

— Você queria ser uma boa menina, Alice?

Sem resposta.

Eu fi cava pensando: “Hã, hã, Jane, quase me pegou com essa”.

Era um jogo. Havia coisas que a doutora Purvis tinha de saber se quisesse tratar o meu problema — fosse lá qual fosse —, e, como adolescente, eu jogava para ganhar, e lhe dizia o mínimo possível.

Minha reação às perguntas nem sempre era a mesma. Ela de-pendia do meu estado de espírito, o qual não descrevia a forma como me sentia, mas dava

uma pista do que era dominante no momento.

Eu podia ser a tímida menininha de seis anos de idade que descia as escadas para a masmorra. Podia ser a garota sociável e confi ante tanto quando estava cozinhando quanto em outras ocasiões: correndo em dias de sol, encontrando minha amiga Karen no *shopping center* e comprando uma nova fi ta cassete, visitando vovó e lembrando de vovô e suas histórias maravilhosas. Naquelas tardes de domingo que se seguiram à morte de vovô, eu não pensava nele como se estivesse morto, mas simplesmente como se tivesse saído.

Meu estado de espírito permanecia estável por algum tempo.

Então, por nenhuma razão aparente, eu sentia uma mudança tomar conta de mim, e não sabia o que ou por que provocara a mudança.

Era como uma nuvem que encobre o sol. Eu dizia à doutora Purvis que me sentia como o Incrível Hulk do popular programa de tevê na época. Ele contava a história de um homem com a memória danifi cada que em situações de estresse sofria uma metamorfose que 72

o transformava de uma pessoa normal em um grande mostro verde; eu me transformava de uma garota normal prestes a dar início ao *sixth-form college** em uma criancinha deitada na cama sob o cobertor soluçando num mar de lágrimas.

— O que há de errado, Alice? — mamãe pergunta.

Não respondo. Não sei. Não sou Alice.

Há uma memória fragmentada, uma lembrança vaga de uma vez eu ter dito à doutora Purvis que estava sofrendo uma crise de identidade. Ela estava usando uma blusa azul com listras cor-de-

-rosa feita sob medida. Lembro-me daquela blusa — era uma das suas favoritas. Ela anotou o que eu dissera e retornou à sua atitude primária de

observação.

Conversamos sobre a garota da escola que fi zera um *ménage à trois*, sobre a garota que estava morando com o homem mais velho e sobre a que fora forçada a casar-se com o tio. Todos os problemas psicológicos e psiquiátricos pareciam estar fundamentados no sexo.

O sexo estava no ar como uma fragrância sufocante cujo cheiro apenas fazia eu me sentir profundamente infeliz.

— Você não gosta de falar sobre essas coisas, não é Alice?

— Não, não gosto.

— Por que acha que não gosta?

— Você é a psiquiatra.

— Isso não responde à minha pergunta.

— Qual era a pergunta?

Pingue, pongue. Pingue, pongue.

Com a doutora Purvis eu costumava fi car sempre na defensiva.

Eu crescera aprendendo a não falar sobre assuntos pessoais. Agora que tinha a oportunidade de começar a resolver meus problemas, estava deixando-a escapar e cair em um miasma de obscuridade e meias verdades.

* Instituições educacionais existentes em países como a Inglaterra e a Irlanda nas quais estudantes de idade entre dezesseis e dezenove anos se preparam para os exames do nível avançado. (N. da T.)

Sentava-me no andar de cima do ônibus na volta da clínica para casa, olhava pela janela e me sentia desconectada de tudo e de todos.

Quanto mais tempo passamos sozinhos, mais isolados nos sentimos e mais difícil se torna nos reconectarmos. Durante esse período de escuridão, começamos a mastigar todas as coisas que nos fazem sentir isolados e deprimidos. Quanto mais nos sentimos isolados e deprimidos, mais isolados e deprimidos nos tornamos. Começamos a imaginar atitudes de desprezo em que não há desprezo. Quando nos sentimos mal, começamos a ver as outras pessoas como más e indiferentes. Se procurarmos coisas boas nas pessoas, como vovô sempre fez, acabamos por nos sentir bem em relação a nós mesmos.

Eu sabia disso. Lera centenas de livros na biblioteca. Contudo, quando nos sentimos deprimidos, vemos apenas o lado negro de tudo e de todos. Simplesmente não conseguimos evitar.

A depressão é a nossa pior inimiga. Após um período de insô-

nia movido a álcool, eu tirava a nota seis por uma atividade. Isso me fazia sentir mais deprimida, e a depressão me impedia de revisar a tarefa a fi m de me preparar melhor para a seguinte. Pensamos: por quê? Por quê? Por quê? Tomamos outra dose de álcool e não fazemos nada. Ele entorpece a mente e nos deixa completamente exaustos.

Correr nos dá energia; a depressão a extrai de nós. Se o tempo é a essência da vida, eu estava desperdiçando o meu me sentindo deprimida.

CAPÍTULO 5

Peças Pregadas pelo Tempo

O resultado dos meus exames para o nível elementar chegou em um envelope de papel manilha às sete da manhã. Quando o vi no capacho, minha garganta fi cou seca, e minhas mãos, úmidas.

Levei o envelope para o andar de cima como se fosse uma relíquia de uma tumba egípcia e o coloquei na prateleira com os ursinhos para ver se eles faziam alguma ideia do que havia dentro; nenhuma palavra, eles não podiam me ajudar.

Tirei o envelope de perto deles, desci as escadas e fui para o jardim. Chovera durante a noite e as fl ores pareciam tristes e feridas.

Sentei embaixo das árvores e observei uma linha de formigas marchando em fi la. Pensei que devia ser bom ser uma formiga e saber o que era esperado de si e o que fazer para ter a aprovação de todos.

Minha camisola fi cou suja quando me sentei na grama. Fui olhar a cabana, uma ruína apodrecida por memórias ruins, assim como a porta e as dobradiças das janelas. Uma delas havia quebrado, e através do buraco no vidro eu podia ver teias de aranha que se espalhavam pelo teto e pelas paredes, uma frágil armação as sustentava.

Voltando para a cozinha através do anexo, balancei o envelope como às vezes costumava balançar a cabeça na tentativa de reorganizar os pensamentos. Fiz uma oração — um tanto insolente, já que não sabia ao certo se tinha fé. As notas já haviam sido lançadas, de forma que não adiantava pedir à Providência que as mudasse. As facas arrumadas em linha reta no suporte magnético cintilavam 75

como se sorrissem. Peguei a grande faca de cortar carne, abri o envelope e tirei duas folhas de papel. Fechei os olhos, prendi o fôlego, desdobrei as folhas e voltei a abrir os olhos.

Eu passara nos exames, na maioria com notas dez e nove, e obtivera um dos melhores resultados da Dane Hall. Mostrei a mamãe a lista. Ela me abraçou — o que era raro — e disse o quão orgulhosa estava. Para mim, porém, os resultados eram algo pessoal, uma vingança de algo. Não tinha certeza do que exatamente, mas havia provado algo a mim mesma.

Procurei as vozes. O Professor e sua gangue estavam em si-lêncio agora.

— Aí está! Isso mostrou a vocês!

Peguei minha bicicleta e, enquanto pedalava pela rua, tive a sensação de estar vendo tudo pela primeira vez: casas que não conhecia; um Lotus amarelo na entrada de uma casa sendo lavado por uma mulher de biquíni — algo difícil de se ver na nossa vizinhança.

Enquanto corria, costumava ter a visão de um túnel, concentrava-me na estrada à frente, num ponto no horizonte. Agora, no entanto, via além de mim mesma; sentia o cheiro das árvores, carregadas com o peso do verão; observava as longas entradas que davam acesso às casas, ladeadas por gramados verdes.

Em alguns minutos, passei por Saint Mildred, a escola onde havia cursado o ensino fundamental. Mamãe me levava até lá de carro quando eu era criança, mas assim que fi z oito anos já podia ir para casa sozinha em segurança. Lembrei-me dos meus uniformes: um vestido quadriculado azul e branco com chapéu de palha no verão; uma saia e um blazer com o emblema da Saint Mildred em um círculo de luz no inverno.

Ao virar à esquerda, pude ver a Dane Hall a distância. Só agora me ocorria que eu jamais voltaria a cruzar aqueles portões. Eu sentiria falta da rotina, da familiaridade, da sensação de ser uma entre muitos, como formigas, em nossos uniformes combinando.

Meus professores e os colegas de classe haviam sido tolerantes com meus humores: a Alice feliz, uma amiga para todos; a Alice irritada, 76

que não falava. Ninguém nunca sabia como eu agiria. Nem eu sabia.

Meu humor podia mudar como um interruptor que acende ou apaga uma lâmpada, iluminando ou lançando o ambiente na escuridão total.

A bicicleta percorria um trajeto que levava aos seus próprios objetivos misteriosos, e me surpreendi naquela alameda isolada aonde o amigo do meu pai levara a menininha em seu Rolls-

-Royce.

Os pedais moviam-se com uma velocidade cada vez maior. Eu tentava produzir um pouco de suor em busca daquele fl uxo de endorfi na, mas uma visão terrível penetrou meus pensamentos. Essa visão desencadeou outras visões, uma independente da outra, mas todas indivisíveis — uma sequência interminável de tormento que tinha a estranha qualidade de parecer ao mesmo tempo ilusória e extremamente real.

De repente eu estava de volta ao jardim em outro dia de verão, quando a pequena piscina infl ável fora enchida com a mangueira.

Podia ver uma menininha comprazendo-se com o contraste entre as sensações do toque do sol e da água gelada, entrando na piscina e saindo logo em seguida. Papai pegou-a no colo e levou-a para a cabana, onde a superfície do banco fora coberta pelo plástico que protegia as lâminas do cortador de grama. Ele a sentou e pegou os vidros de geleia com buracos nas tampas.

Era aquele jogo novamente. Ele gostava do jogo, e naquele dia havia uma novidade. Ele a ergueu com as mãos sob seus braços, puxou sua calcinha pelo elástico e abaixou-a pelas pernas.

— Veja o que fez, deixou-a toda molhada — ele disse.

Papai estava sorrindo. Ele estava apenas brincando. Ela tinha cerca de quatro anos, uma menininha despida que se sentou novamente sobre o plástico e observou papai desenroscar a tampa de um dos vidros de geleia e colocar as aranhas sobre sua barriga. Elas ras-tejaram sobre ela até sua vulva e pelo lado interno de suas pernas.

— Não se mova.

Ela não se movia. Contraiu os dedos. Estava tremendo.

77

Hoje eu sou Alice

Depois relaxou. O tremor parou. Seus dedos relaxaram.

Papai sorriu, e a garotinha sentada sobre o plástico azul retribuiu o sorriso.

Pude me lembrar dessa cena com clareza total naquele dia, enquanto pedalava ao longo da alameda sob as árvores antigas. A menininha sentada ali com as pernas abertas, permitindo que três aranhas rastejassem sobre sua barriga, suas partes íntimas, descendo por suas pernas até o plástico. Ela observava as aranhas e eu a observava de um tapete voador que fl utuava logo abaixo do teto.

Havia um programa de tevê chamado *The Phoenix and the Magic Carpet** . Eu sabia tudo sobre tapetes voadores e estava sentada sobre um com sensação de liberdade enquanto fl utuava no ar, distante da garotinha que observava as aranhas.

Eu podia me lembrar de todos os detalhes — das cores, do cheiro de grama cortada. O plástico tinha uma mancha verde-escura em um canto. Os vidros na prateleira, os cinzéis e as chaves de fenda na parede brilhavam sob a luz que entrava pela porta aberta. Os pés da garotinha estavam sujos de areia. Sua calcinha cor-de-rosa estava atrás do banco, perto do vidro vazio onde as aranhas moravam. Seu papai assistia, um homem grande e sisudo com o cabelo oleoso e uma região careca no topo da cabeça.

Quando as aranhas correram para se esconder, ele correu seus dedos como se fossem perninhas de aranha sobre a pele dela. Escorregou a ponta do dedo até a abertura do seu bumbum.

— Faz cócegas?

Ela sorri e balança a cabeça afi rmativamente.

Ele olha pela porta aberta em direção ao jardim vazio. Levanta o bumbum da

garotinha, abaixa a cabeça para molhar sua vulva e aloja a língua dentro dela. Posso ver tudo do meu tapete voador: a cabeça de papai balançando como a de um pássaro gigante, a garotinha com as pernas sobre seus ombros enquanto observa a poeira das fadas que dançam na luz do sol.

* *A Fênix e o Tapete Mágico* (tradução livre). (N. da T.) 78

Peças Pregadas pelo Tempo

Minha memória daquela cena era perfeitamente clara, mas desconectada de mim. Se aquela no jardim naquele dia era outra garotinha, por que eu, Alice, sentia um arrepio nos ossos enquanto pedalava minha bicicleta? Senti o estômago revirar com bile, e a mesma sensação que tive então, tantos anos atrás, tomou conta de mim naquele exato momento.

Na época, como agora, pude analisar aquela cena com o distanciamento que surgia em momentos em que eu não me sentia como

“eu” — a garota que ouvia vozes —, mas como outra faceta de

“mim”, que cozinhava e bebia vinho e cantava acompanhando as músicas do The Who e do Pink Floyd.

Concentrei-me naquele distanciamento. Deixei a alameda isolada para trás e, quando alcancei o terreno aberto, afastei as memó-

rias do que acontecera àquela outra menininha da mente e me concentrei no simples sentimento de felicidade de uma garota de dezesseis anos com um futuro pela frente. Eu passara em nove exames para o nível elementar. Vovô teria se orgulhado.

Em setembro comecei a estudar para os exames para o nível avançado no *sixth-form college*, um prédio novo de seis andares onde não tínhamos de usar uniforme. Aderi a uma calça jeans e não voltaria a vestir uma saia por cerca de cinco anos. Eu e Lisa Wainwright, da Dane Hall, estávamos sempre juntas enquanto explorávamos os longos corredores e infi ndáveis lances de escadas.

Decidi estudar psicologia e sociologia, além de fazer mais dois exames para o nível elementar — de biologia humana e psicologia e desenvolvimento infantil. Só escolhi esses assuntos porque pareciam interessantes. Não me ocorreu na época que eu estava mergulhando na mente e no corpo humano à procura de algo mais relevante que a pura sede por conhecimento. Os exames para o nível elementar haviam sido a primeira prova real para o nosso potencial acadêmico, e os resultados haviam me dado mais confi ança. Eu sabia que haveria altos e baixos, dias de euforia e dias de depressão; eu não me conhecia muito bem, mas me conhecia o bastante para 79

sentir, no outono de 1985, que desperdiçara muito tempo com a tristeza e resolvi fazer um esforço para me adequar.

Quando eu tinha cinco anos, mamãe me perguntou se devia deixar papai. Depois de cerca de uma década de indecisão, as cir-cunstâncias se arranjaram sozinhas a fi m de que ela fi nalmente pudesse sair como o lado ferido.

Meus pais haviam, até onde eu lembrava, sempre gritado um com o outro, batendo as portas quando marchavam para fora em um rompante. Quando era criança, presumira que aquilo era minha culpa. Agora eles brigavam por dinheiro, e eu me sentia livre da culpa e totalmente indiferente às vozes que se erguiam pelos degraus da escada.

Um dia mamãe procurou um extrato bancário no quarto de papai e encontrou na gaveta das meias algumas camisinhas usadas e revistas com os telefones de prostitutas que anunciavam seus serviços, entre os quais alguns haviam sido circulados com comentários ao lado. Meu pai evidentemente se encontrara com essas mulheres, mas negou tudo. Na verdade, ele veio até o meu quarto e me pediu que intercedesse à mamãe em favor dele — pelo meu próprio bem, pelo bem da família. Ele não fi zera nada de errado. Era tudo um mal-entendido. Lágrimas corriam por suas bochechas magras, e eu não pude evitar o sentimento de uma pequena sensação de triunfo.

Um peso foi tirado dos meus ombros, e pude identifi car sorrisos exagerados surgindo no rosto dos ursinhos alinhados na prateleira atrás dele.

Mamãe fez as malas e mudou-se para uma casa semigeminada simples em uma parte da cidade onde os vizinhos raramente davam bom-dia e poucas casas tinham carros luxuosos na entrada. Com Clive na universidade, mudei-me com mamãe, deixando papai para trás como Drácula taciturno em seu castelo.

Stephen já deixara a esposa e morava em um *fl at* próximo à nossa casa. Ele nos visitava todas as tardes e se trocava, vestindo um macacão. Enquanto meu pai passava em frente à casa noite após 80

noite observando-a de seu carro, Stephen ajudava mamãe com a decoração. Adquiri o hábito de preparar o jantar, enquanto ouvia mamãe e Stephen rirem como duas crianças. Eu gostava de Stephen.

Ele fazia mamãe feliz. E também me fazia feliz.

Quando estava cozinhando, eu gostava da sensação de estar

"fora" de mim mesma. A atividade de cortar vegetais e esquentar o óleo fazia minhas mãos pinicarem e meus pensamentos serem levados para um hemisfério diferente do cérebro, do lado esquerdo para o direito ou o contrário. Em minha mente havia muitos compartimentos, e, enquanto ainda me perdia no labirinto de corredores da faculdade, frequentemente me sentia perdida, com uma sensação de *déjà vu*, em uma parte obscura do meu córtex cerebral — a parte do cérebro que tem o papel principal na consciência perceptiva, na atenção e na memória. Tudo que eu vivera ou imaginara, ou sonha-ra, parecia ter sido gravado num videoclipe e depois espalhado entre aqueles compartimentos desconhecidos. Eu podia topar com uma série de cenas, que variavam das sequências de fi lmes de terror repulsivamente sexuais, crus e dolorosos à imagem de vovô polindo seus sapatos.

Mamãe e Stephen sempre bebiam vinho no jantar. Eu abria uma garrafa, deixava que ela respirasse e me servia de uma taça. Tentava me analisar enquanto fazia isso. Eu não gostava do gosto do vinho, e em outras épocas

nunca teria sonhado em beber aquilo. Recorria a bebidas destiladas quando estava deprimida, mas nunca fi cava deprimida quando cozinhava. Eu bebia vinho enquanto preparava a comida com um sentimento de autoconfi ança. Sentia-me tranquila, mas não exatamente como eu mesma — eu, Alice.

— Você não está bebendo agora, está? — Stephen disse quando me viu bebendo vinho pela primeira vez.

— Não, Stephen. Isso faz parte da sua imaginação.

Ele riu e lavou seus pincéis.

— Não aí, pelo amor de Deus, faça isso do lado de fora, estou prestes a servir o jantar agora.

Parecia minha mãe falando.

81

Hoje eu sou Alice

Sentamo-nos para comer juntos. Nós até mesmo conversávamos.

A sensação estranha que tinha enquanto cozinhava com frequência perdurava ao longo da refeição, desvanecendo-se quando eu subia as escadas. Eu entrava no meu quarto e descobria que os livros da tarefa de casa que deixara sobre a cama haviam desaparecido; encontrava-os na minha mochila. Abria-os e fi cava chocada ao descobrir que a tarefa já fora feita. Às vezes, tudo estava certo, enquanto outras o trabalho havia sido malfeito, com uma escrita displicente — era minha própria letra, mas parecia mais um rabisco ao longo da página.

Enquanto lia o trabalho, eu tinha a sensação assustadora de que alguém me observava. Virava-me rapidamente na tentativa de surpreendê-lo, mas a porta estava fechada. Nunca havia ninguém.

Só eu. Minha garganta fi cava seca. Meus ombros, dormentes. O tique no

meu pescoço começava, dançando como se fosse um inseto en-terrando-se sob a superfície da pele. Os sintomas se intensifi cavam, transformando-se em crises de enxaqueca que duravam dias e não eram amenizadas por tratamentos nem por medicamentos. Elas vinham como uma tempestade repentina que caía conforme sua própria vontade ou desaparecia imediatamente.

Objetos com frequência desapareciam: uma caneta favorita, uma fi ta cassete, dinheiro. Eles geralmente reapareciam, com exceção do dinheiro, depois de cujo desaparecimento, passados alguns dias, eu acabava encontrando em uma das gavetas uma camiseta da qual não me lembrava de ter comprado, uma fi ta do Depeche Mode da qual não gostava, uma caixa de canetas, peças de Lego.

A princípio, quando as coisas desapareciam, eu pensava que era Stephen brincando comigo. Contudo, rapidamente me dei conta de que não era isso, e decidi acrescentar os desaparecimentos e reaparecimentos à lista de coisas que afastava o máximo para o fundo da mente a fi m de evitar pensar nelas.

Meu quarto na casa nova era menor que o antigo. Não havia espaço para todas as coisas que havia levado, e o excesso permanecia em sacos de lixo encostados na parede. Um dia mamãe percebeu que os sacos haviam desaparecido.

— Você fi nalmente conseguiu se livrar de toda aquela velharia

— ela disse.

Eu conseguira?

Não me lembrava, e achei estranho, pois Alice é uma verdadeira colecionadora. Eu devia ter levado os sacos para o bazar da caridade, mas realmente não me lembrava de ter feito isso. Desenvolvi a habilidade de

encobrir meu rastro, preenchendo as lacunas. Às vezes, entretanto, não conseguia cobrir todas. Outras, eu me lembrava de ir a lugares ou ter feito coisas como se vivesse um sonho, o que fazia as recordações do meu pai e de outros homens que abu-savam de mim parecerem menos reais ainda — fantasias produzidas pela minha imaginação, e não memórias. Talvez fossem as memórias de outra pessoa, mas não as minhas. Eu não achava que tinha problemas mentais. Não se contempla algo assim aos dezesseis anos de idade. Pensava em mim como alguém especial, extremamente forte, propensa a mudanças de humor.

A depressão de que sofrera durante os exames havia passado.

Durante aqueles meses, frequentemente parecia que eu estava fl utuando através da vida naquele tapete voador — não viva, mas apenas passando pela vida. Sentia-me melhor na casa nova, longe de papai, e, assim como me adaptara às visitas periódicas do Professor e companhia, eu tratava aquelas lacunas e peças pregadas pelo tempo como peculiaridades da outra Alice — a Alice com a infância deturpada, uma garota conectada a mim mas não a mesma pessoa que posava diante do espelho da porta do guarda-roupa com uma calça jeans Levi’s e uma camiseta de Che Guevara novas.

Eu tinha uma atração bizarra pelo espelho, e passava bastante tempo olhando-o para ver quem estava lá. Às vezes o refl exo parecia ser eu mesma. Outras, eu podia ver alguém de aparência semelhante à minha, mas diferente. Havia ocasiões em que surpreendia a mudança no olhar, minha expressão ganhava nova forma, como uma borracha derretendo, as rugas e os traços do meu rosto suavi-zando-se ou endurecendo até a mudança ser completa. Jekyll para Hyde, ou Hyde para Jekyll. Ao mesmo tempo, eu também sentia meu interior mudar. Sentia-me mais confi ante ou menos confi ante, 83

Hoje eu sou Alice

mais madura ou mais infantil, congelando de frio ou tomada por um intenso calor — um estado que deixava mamãe louca quando eu fugia para o banheiro, onde passava duas horas esfregando minha pele até esfolá-la.

A mudança era desencadeada por emoções diferentes: ao ouvir uma música

em particular, pela visão do meu pai, pelo cheiro da marca da sua loção pós-barba. Eu pegava um livro com a certeza de que ainda não o havia lido, e enquanto lia ouvia as palavras pro-nunciadas pela minha boca como um eco dentro da minha cabeça.

Como a Alice da história de Lewis Carroll, eu mergulhava nas profundezas do espelho e não sabia se a pessoa no refl exo era eu ou uma impostora, uma sósia.

Sentia-me completamente acordada na maior parte do tempo, mas algumas vezes, enquanto estava acordada, era como se estivesse sonhando. No sonho, não me sentia como eu mesma, a verdadeira Alice. Sentia-me entorpecida, meus dedos formigavam, meus olhos no refl exo do espelho eram vidrados como os olhos de um manequim na vitrine de uma loja — tinham a cor e a forma dos meus olhos, mas eram desprovidos de luz e foco. Essas mudanças eram descritas pela doutora Purvis como alterações do estado de espírito e por mamãe como humores, mas eu sabia que não era nada disso.

Todos os adolescentes fi cam mal-humorados de vez em quando.

Minhas mudanças podiam ocorrer quando estava só, me transformando de uma adolescente de dezesseis anos inteligente que fazia sua tarefa de casa em uma criança soluçando escondida sob os cobertores na cama, olhando para a parede.

A crise de choro passava e eu me arrastava de volta ao espelho esperando ver a versão infantil de mim.

— Quem é você? — perguntava.

Eu podia ouvir as palavras; a voz soava como a minha, mas não era. Via meus lábios se mexerem e perguntava outra vez:

— Quem é você?

As vozes mostravam-se piedosas e não usavam isso como desculpa para darem alguma opinião. Elas permaneceram quietas 84

durante a maior parte dos dois anos que passei estudando para os exames do nível avançado. Quando retornavam, era como um cachorro latindo na casa de um vizinho — audíveis mas distantes. Eu prestava mais atenção à entonação do que às palavras, embora quando estas eram claras identifi casse a costumeira perseguição.

— *Mate-se, Alice*.

— *Ninguém gosta de você.*

— *Faça um favor ao mundo e desista.*

O retorno das vozes provocava uma crise de enxaqueca que fazia todo o meu corpo latejar. Eu não conseguia fazer nada além de me deitar num quarto escuro e esperar que as vozes fossem infec-tadas pela minha dor de cabeça e sumissem.

Saber que era diferente — com o TOC, a anorexia e as vozes que ninguém mais parecia ouvir — me fazia sentir isolada, desconectada. Eu levava tudo a sério demais. Analisava tudo em minúcias, longamente. Examinava cada palavra e sua entonação em minha mente, tentando decidir exatamente o que signifi cava, se tinha algum sentido implícito, alguma crítica oculta. Tentava visualizar as expressões no rosto das pessoas, como elas mudavam, me perguntando o que haviam querido dizer, se o que diziam era compatível com sua expressão, e, portanto, genuíno, ou se havia sido algo dissimu-lado, o tipo de comentário carregado de ironia e sarcasmo, do sorriso que signifi ca pena.

Quando as pessoas me olhavam de perto, será que podiam ver a garotinha na minha cabeça sofrendo abuso naqueles videoclipes pornográfi cos projetados por trás dos meus olhos?

Era nisso que pensava com frequência, e esses pensamentos corroíam a fachada de autoconfi ança que eu estava constantemente erguendo e reerguendo. Eu precisava tirar sempre nota dez nos trabalhos escolares. Precisava correr como o vento a fi m de afastar as crises de depressão sempre

prestes a me arrastar para sentimentos de desespero e autodepreciação.

Um dia ruim — em que via meu pai, tirava uma nota seis em um trabalho ou ouvia uma palavra cruel das vozes — me arrastava 85

Hoje eu sou Alice

em uma espiral descendente que podia durar até uma semana. Esses eram dias perdidos, nos quais me isolava na rotina de não comer, de beber, ler pela madrugada adentro, correr até as ruas reclamarem dos golpes dos meus tênis. Dezesseis quilômetros eram o mínimo.

Eu era capaz de correr uma meia maratona depois da faculdade e ainda fazer o jantar antes de Stephen chegar com outra lata de tinta.

Próxima parada: 42 quilômetros, a distância que o soldado grego Fidípides correu sem pausa de Maratona até Atenas a fi m de anunciar que os persas haviam sido derrotados. Ele entrou no Senado e exclamou: “Vencemos!” Em seguida caiu morto.

A doutora Purvis parecia impressionada pelo fato de eu estar treinando para a maratona, e via isso como um bom sinal. Eu sabia que a doutora Purvis gostava de mim. Eu costumava gostar de qualquer um que gostasse de mim, então tratava nossos encontros semanais na Clínica Naydon como um tipo de reunião com uma amiga em vez de uma consulta com a psiquiatra.

Certa ocasião fui a uma dessas consultas com uma tranquilidade do tipo zen, e parti para a longa caminhada pelo corredor sentindo-me desesperada e exausta. Eu mantinha um diário — inúmeros diários, na verdade, a maioria perdida agora —, mas ainda tenho alguns pedaços de papel que sobreviveram. Ao lê-los, é como se observasse antigas fotografi as que capturam uma memória unidi-mensional do que um dia fui. As palavras que se seguem provêm de algo que escrevi aos dezessete anos:

É difícil se sentir apoiada quando não se pode contar tudo às pessoas. Na realidade, elas não fazem ideia de como me sinto. É

difícil confi ar em qualquer um. É difícil acreditar que as pessoas não me desapontarão. Tenho vontade de chorar. Meu corpo parece oco, vazio. Não me sinto como se tivesse dezessete anos.

Sinto-me mais jovem. Não tenho certeza quanto à idade — talvez uma criança de dez anos de idade. É duro aceitar que não posso contar com todo o apoio de que preciso de uma pessoa. De qualquer pessoa. É difícil não ter ninguém que me compreenda com-86

Peças Pregadas pelo Tempo

pletamente. É difícil admitir que, lá dentro, me sinto de fato solitária. Do que preciso para cuidar de mim mesma agora? Bem, preciso abraçar meus ursinhos — parece algo bobo, mas eu preciso de algum tipo de conforto...

Eu ainda abraçava ursinhos de pelúcia quando deveria estar abraçando garotos. As imagens repulsivas na minha mente, em vez de me tornarem sexualmente ativa, haviam fechado essa porta por completo.

E meus pesadelos persistiam: meus pés tocados pelo fogo, o monstro que vinha até minha caminha, e outro em que estava em um quarto com outras crianças — algumas vestidas, outras despidas.

Um homem em um carro branco está vindo para nos pegar e nós nos agarramos a cadeiras a fi m de que ele não possa nos levar. Nesse sonho, encontro-me numa agitação frenética. Meus dedos estão úmidos e não consigo coordená-los. Não tenho medo de ser abusada; tenho medo de que o homem no carro branco me mate. Estou tomada por medo e acordo desorientada e suando frio, as vozes murmurando ao fundo, insegura se ao abrir os olhos serei a Alice de dezessete ou a Alice de sete anos.

A doutora Purvis — em seu top cor de limão pálido com fl ores vermelhas, saia amarela longa e sapatos de salto combinando —

ouviu e fez anotações sobre esse sonho em um dos nossos últimos encontros. Não consigo me lembrar da análise que ela fez, mas somente do som de sua caneta percorrendo o bloco pautado de anotações, do refl exo da luz em seus

óculos, das faixas de sombra produzidas quando o sol atravessava as persianas.

Meu tempo estava se esgotando. Aos dezessete anos, era velha demais para ursinhos e já não estava mais no escopo da doutora Purvis. Eu era uma adulta, independente, e, à medida que os dias fi cavam mais curtos e as noites mais escuras, ia polindo meus tênis de corrida com um novo fervor. Passava cada vez mais tempo trancada no banheiro e comia tão pouco que estava desaparecendo dentro das roupas.

87

Hoje eu sou Alice

Não era de se surpreender que, ao fi nal do meu primeiro ano do sixth-form college, eu tenha obtido mais uma coleção de notas dez.

Voltei no outono com a sensação de que percorreria o mesmo caminho, de que um ciclo havia chegado ao fi m e um novo ciclo teria início sem o lubrifi cante de alegria e boas memórias que mantêm as engrenagens reguladas.

88

CAPÍTULO 6

Primeiro Amor

O diretor do corpo docente do sixth-form college sugeriu a mamãe que eu me candidatasse para o curso de sociologia e política social na Universidade de Liverpool. Na verdade, considerei várias outras possibilidades, mas, no fi nal, aceitei o conselho e fi z os exames com uma sensação de que o destino estava no comando do meu futuro.

Eu tinha dois meses pela frente de espera pelos resultados e decidi ir para Israel trabalhar em um kibutz. Mamãe estava preocupada enquanto tomávamos as providências para a viagem e tirou a manhã de folga para me levar à estação. Quando o trem para Londres aproximava-se, ela me ajudou

a colocar nas costas a mochila gigante que continha "necessidades básicas" o bastante para escalar o Everest

— eu ainda não aprendera que a primeira regra das viagens é viajar sem muito peso. Despedimo-nos com um último abraço, e ouvi os saltos de mamãe ressoarem animadamente pela plataforma.

Em Gatwick, juntei-me a um grupo de dez voluntários e troca-mos nossos nomes enquanto esperávamos pelo voo. Aquela era a minha primeira aventura sozinha, e eu escolhera Israel porque tinha um professor na escola que era judeu e pintara para mim a imagem de um paraíso bíblico — o que certamente não era o que Israel parecia em julho de 1987. Tendo estado em guerra com o Líbano, os dois países haviam acabado de fi rmar uma paz pouco fi rme que deixara milhões de palestinos em campos de refugiados a partir dos 89

Hoje eu sou Alice

quais os xiitas e o Hezbollah haviam dado início a uma campanha de resistência.

Chegamos ao Aeroporto Internacional Ben Gurion, em Tel Aviv, e a primeira coisa que chamou minha atenção foi o ar quente e sufocante, como se o peso da história se movesse através de sua poeira. Entramos em um ônibus azul e partimos sob um céu iluminado por tantas estrelas que imaginei o quão sábios os Três Reis Magos deviam ser para terem conseguido seguir a estrela certa até Belém.

Estávamos na estrada que leva a Tiberíades, a caminho de Afula — uma pequena cidade que fi ca não muito longe do Mar da Galileia, onde os discípulos outrora haviam pescado. Às suas margens, Jesus instruíra seus seguidores a tratarem os outros como desejavam ser tratados — um ensinamento que o povo da Terra Santa moderna quase dois milênios depois infelizmente continua sendo incapaz de seguir.

As histórias da Bíblia que eu havia aprendido quando criança na escola retornaram à minha mente enquanto observava pela janela árabes com

longos casacos puxando camelos que se moviam como navios, subindo e descendo sobre ondas invisíveis. Eu podia ver as silhuetas das palmeiras que me lembraram o desenho de vovô Palmeiras Ondulantes das Ilhas Tropicais. Vinha evitando pensar em vovô, mas me senti em paz pensando nele naquele momento no ônibus.

Chegamos ao Kibutz Neve Eitan às três horas da manhã, e me mandaram para o meu quarto, que fi cava em uma cabana de concreto. Como Cachinhos Dourados na casa da família urso, encontrei três camas de ferro. Uma das três parecia não estar sendo usada, e me senti exausta ao cair no colchão fi no. As outras duas camas, assim como uma variedade de livros e roupas sujas, pertenciam a duas moças francesas. Elas não demorariam muito para voltar, mas não esperei por elas acordada. Caí num sono profundo e tranquilo e acordei com o sol batendo nas paredes de concreto e fazendo a cabana mais parecer um forno. As acomodações dos voluntários de 90

Primeiro Amor

Neve Eitan não tinham cortinas nem janelas, e as portas tinham maçanetas, mas não tinham trinco.

Já fazia 30ºC quando me juntei aos outros voluntários. A líder dos voluntários, Delilah — uma mulher forte e ossuda, com traços fi rmes, que poderia ter saído direto das páginas do Velho Testamento —, nos levou em uma turnê para conhecermos o kibutz. Tomamos café da manhã em uma grande mesa. A conversa era tão viva e multilíngue que não foi difícil imaginar os problemas que os maçons haviam tido durante a construção da Torre de Babel. Comemos pão, queijo, frutas secas e iogurte. Todos esses alimentos saudáveis eram preparados no próprio kibutz, e eu comi com uma fome rara depois da longa viagem.

Nossas tarefas foram atribuídas. Juntei-me aos fornecedores e, ao longo dos dez dias seguintes, ajudei a fornecer comida a 150

pessoas. Por sorte, cozinhar era o meu schtick, e logo eu me desloca-va apressadamente pela cozinha carregando pilhas de pratos e frutas intocadas.

Depois de ter me preocupado tanto com os exames, eu parecia mais uma sombra de tão magra. Na atmosfera coletiva do kibutz, entretanto, descobri que, afi nal de contas, tinha apetite. Na verdade, descobri que estava com o estômago tão atipicamente cheio que, ao retornar ao meu quarto na primeira manhã, enquanto andava e esfregava o estômago, tive aquela curiosa sensação de que o tempo estava me pregando peças.

Eu costumava ter brancos com frequência, o tempo sempre parecia me pregar peças, mas a sensação naquele dia era diferente

— como se o tempo houvesse deixado de ser blocos sólidos de dados infl exíveis para tornar-se maleável, sem extremidades defi nidas ou laços para uni-lo em sequência. Podia me lembrar do som dos saltos de mamãe enquanto ela saía da plataforma, de pegar as frutas intocadas na mesa e de colocá-las na prateleira da despensa. Sabia exatamente onde estava e que devia ter estado num avião para chegar lá. Contudo, os detalhes eram incompletos, como no esboço de um desenho. Quando isso acontecia, eu temia ter feito alguma coisa 91

Hoje eu sou Alice

inapropriada ou constrangedora na frente de estranhos — ou, pior, de um amigo. As outras pessoas não sabiam que eu tinha brancos dessa forma, de maneira que não podia perguntar a ninguém o que havia acontecido daquela vez. Minha mente percorria todos os ce-nários concebíveis, eu começava a fi car ansiosa e o pânico acabava por se transformar numa crise de enxaqueca.

Eu sempre pensara que, durante aquele tempo perdido, perdia também pedaços da minha vida e de mim mesma. Contudo, ocorreu-me que naquele dia o tempo perdido não havia sido completamente perdido. Ele simplesmente parecia deslocado. Enquanto corria atrás do tempo que passara, eu perdia o presente, aquela dádiva do tempo que devemos prolongar e saborear. Isso pode parecer óbvio, mas, quando se tem lacunas na memória, queremos automaticamente preenchê-las. O novo ambiente do kibutz me fez ver que o passado não podia ser mudado ou melhorado ao colhermos partes aleatórias e reuni-las. Era importante lembrar; mas talvez

esquecer fosse mais importante ainda.

Havia uma sensação levemente opressiva em torno do meu pescoço, e minha garganta estava constantemente apertada. A opressão havia sumido, e eu podia respirar livremente. Sentia o sabor do ar pesado com seu odor terreno entrando pela janela aberta da minha cabana de concreto. Tirei o conteúdo da mochila e me perguntei por que achara que precisaria de cinco shorts.

Depois que terminamos nossas tarefas, juntei-me a três meninas irlandesas que estavam passando a tarde na piscina. Também fazia pouco tempo que as duas haviam chegado ao kibutz, e estavam julgando os méritos dos vários rapazes enquanto passávamos uma quantidade generosa de Ambre Solaire e nos deitávamos para um banho de sol, que estava quente demais para aquela delicada pele irlandesa. Nos dias que se seguiriam, enquanto minha pele fi cava cor-de-rosa e descascava, adquiri uma cor de bronze saudável, meus olhos adquiriram o tom azul-claro do céu e meu nariz encheu-se de sardas. No espelho — meu adversário, arauto de surpresas infi ndáveis —, comecei a ver uma criatura esbelta, ansiosa, 92

Primeiro Amor

ingênua, com um cabelo que se tornava dourado e com lábios sorridentes.

Quem diabos era aquela?

Eu lavava, cortava e cozinhava abobrinhas, cenouras, cebolas, batatas-doces, berinjelas brilhantes do tamanho de abacaxis, todas servidas em grandes tigelas de cerâmica com frango assado apimen-tado e arroz. Dormia um sono sem sonhos, com um pequeno urso de pelúcia que havia colocado na mochila, e aproveitava o fato de ter o quarto só para mim — as duas moças francesas haviam achado dois rapazes israelenses para si, e, seguindo a fi losofi a do kibutz, estavam economizando camas. Tornei minha cela aconchegante com quadros na parede. Transformei uma cesta em mesa de cabeceira e até consegui um ventilador elétrico.

Eu acordava de madrugada, e o sol alcançava o céu quando começava meu trabalho preparando a comida com Esther, uma mulher polonesa que

sobrevivera a Buna-Monowitz — o maior campo de concentração do complexo de Auschwitz. Quando era uma menina da mesma idade que eu tinha naquele verão, Esther fazia jornadas diárias de doze horas trabalhando na fábrica de borracha que fi cava a uma curta caminhada do campo na cidade de Monowitz. As pessoas trabalhavam até morrer, e aquelas que eram fracas demais para trabalhar eram mandadas para as câmaras de gás em Birkenau.

Em Buna-Monowitz, uma orquestra composta por prisioneiros tocava enquanto os trabalhadores partiam de manhã e voltava a executar números animados para apressá-los na marcha de volta para o acampamento depois da jornada de trabalho. Os músicos eram forçados a tocar durante as execuções dos prisioneiros que eram pegos tentando escapar, e faziam concertos para os ofi ciais da SS e para os guardas do campo. Para mim, parecia surpreendente o fato de homens que ouviam Mozart e liam Goethe serem capazes de executar as barbaridades inumanas de um campo de escravos, que suas esposas na cidade tivessem a capacidade de se acostumar a tamanho sofrimento, e, fi nalmente, que as pessoas tivessem esse potencial para atormentar, torturar e infl igir tamanho sofrimento a outros.

93

Hoje eu sou Alice

Fora a beleza da música que mantivera Esther viva naquele mundo de brutalidade ao longo de três anos, até ter sido libertada pelos russos em 1945. Ela foi para Israel, onde fi nalmente chegou à conclusão de que o mundo era maravilhoso e belo, ainda que os homens fossem cruéis e intolerantes. Esther perdera toda a família.

Perdera tudo. Não tinha nada, não precisava de nada, e o ódio que sentira, bem como sua sensação de horror e perda, haviam lentamente se transformado no kibutz Neve Eitan em uma forma de perdão que fi cava aparente nos espelhos límpidos que eram seus olhos. Esther me mostrou os algarismos cuja cor azul havia desbotado com o passar do tempo em seu braço. Ela fora capaz de perdoar, ainda que não conseguisse esquecer.

Estávamos sentadas nos fundos da cozinha, embaixo de uma oliveira com raízes que eram maiores que os troncos de outras árvores. Há oliveiras nos exuberantes arredores da Galileia que foram plantadas há quase mil anos. Através de sua longa vida presenciaram enchentes e incêndios, foram atacadas por doenças e geleiras. Não obstante, as raízes estão cravadas nas profundidades da terra, e, assim, elas voltam a fl orescer — o símbolo perfeito da eternidade de todas as coisas.

Não sei explicar ao certo por que, mas me pareceu apropriado ouvir a história de Esther à sombra daquela árvore. Lágrimas rolaram pelas minhas bochechas, e tive a sensação de que Esther me deixara entrar no âmago de seu sofrimento porque aquilo era algo que ela acreditava que eu precisava ouvir. As lágrimas que derramei naquele dia foram por Esther, por sua perda, mas também por mim mesma, pela minha inocência perdida, por minha infância atormentada, pela minha inabilidade de, aos dezessete anos de idade, reagir aos rapazes como as outras garotas do kibutz eram capazes de fazer.

Longe do meu pai — não apenas em outra rua, mas em outro continente — consegui tirá-lo da minha mente, dos meus sonhos.

Consegui pensar em vovô. Eu evitara sentir saudade dele, mas sentia agora — do seu senso de humor, da sua humanidade, da habilidade que ele tinha de mostrar sua verdadeira face em um mundo 94

Primeiro Amor

no qual pessoas como meu pai e seus amigos tinham muitas faces, e nunca sabíamos qual estavam usando a cada momento.

Quando entrava correndo no jardim da casa dos meus avós, era como se eu estivesse entrando em um mundo de faz de conta, em um santuário distante dos sonhos terríveis que atormentavam a minha infância. Com vovô, especialmente, mas com vovó também, eu era eu mesma. Em casa, com frequência me sentia como se fosse uma atriz interpretando a mim mesma. Ficava confusa em relação ao meu papel, à minha personalidade, à minha identidade. A tatua-gem no braço magro de Esther era a maior perda de

identidade que alguém poderia sofrer, pois os nazistas reduziam os indivíduos condenados a campos de concentração a nada além de um número.

Ainda naquele verão, visitei o Museu do Holocausto em Jerusalém

— uma construção moderna e fria em que nem mesmo a algazarra dos turistas é capaz de perturbar o silêncio arrepiante. Instrumentos de tortura são exibidos em caixas de vidro ao longo de pilhas de pertences empoeirados, óculos tortos, cartas nunca postadas, malas com nomes e endereços gravados nas extremidades, sapatos de crianças e botas de homens ainda cobertos de lama. Esses itens personifi cavam o metódico assassinato em massa cometido no Holocausto. Ao sair, é impossível voltar imediatamente a nos sentirmos à vontade em nossa própria pele como nos sentíamos antes de entrar.

Enquanto trabalhava com Esther, comia bem e tomava banho de sol perto da piscina, meu corpo ganhava peso e se enchia de sardas, mas essas mudanças externas não passavam de sinais de uma transformação mais profunda.

Certa manhã, enquanto andava a caminho do que era chamado Casa dos Bebês, percebi que estava com a cabeça erguida.

Aquilo era estranho. Eu podia ver o mundo à frente e à minha volta: havia palmeiras fi xas como estátuas, pessoas a quem dizia Boker tov e que respondiam com o mesmo "bom-dia" animado. Antes, eu só via o mundo sob meus pés, o pavimento, o cascalho ou os 95

Hoje eu sou Alice

ladrilhos do chão da cozinha. Eu olhara dentro dos olhos de Esther com uma concentração maior do que jamais olhara nos olhos da minha mãe ou do meu irmão. A sensação de estar com a postura ereta e a cabeça erguida era uma experiência espiritual. Era como se eu estivesse frente a frente com a minha própria alma e me sentisse contente com o que via.

E havia mais: eu podia ouvir o canto dos pássaros — gostava de pássaros,

pois eles comem aranhas. Toda primavera eu esperava pelo momento em que os pintarroxos começavam a construir seus ninhos. Pássaros negros dançavam pela grama, enganando minho-cas para que pensassem que estivesse chovendo e as pudessem devorar no momento em que colocavam a cabecinha para fora das tocas. O estranho pica-pica fi cava de pé no telhado da cabana como se fosse um rei contemplando seu reino. Eu colocava migalhas de pão para os pássaros e os observava. Agora, pela primeira vez na vida, conseguia ouvi-los conversando, piando e cantarolando.

Uma noite fui acordada pelo que parecia o som do farfalhar de asas de pássaros. Tendo despertado exatamente na fase R.E.M. do sono, pensei estar tendo um estranho novo sonho, mas, quando acendi a luz, vi que havia três galinhas muito reais batendo as asas enquanto tentavam achar o caminho de volta pela janela através da qual dois rapazes as haviam jogado. Não vi os rapazes, mas todos sabiam quem estava pregando essas peças. Fiquei furiosa por ter de levar as galinhas de volta para o celeiro e limpar a bagunça, mas entendi que aquilo não era perseguição nem um tratamento exclu-sivo; era apenas o que os rapazes tendem a fazer quando gostam de uma menina. Na verdade, as garotas irlandesas já haviam acordado certa noite e deparado com um burro em seu quarto.

Um sorriso passou rapidamente pelos meus lábios quando tentava voltar a dormir. Ali estava outra revelação: não me sentia paranoica nem deprimida. A depressão para mim era como uma nuvem que às vezes me engolfava e outras simplesmente fl utuava sobre a minha cabeça. Ela estava sempre presente, à espreita. Agora, entretanto, desaparecera. Assim como conseguia ver o que havia à 96

Primeiro Amor

minha frente, eu podia também olhar para trás, para os lados, para o céu. Em poucas semanas, minha autoestima e habilidades sociais haviam tido uma melhora considerável. Eu não passava mais horas no banheiro, pois havia sempre alguém esperando para usá-lo. Eu até esquecera de polir meus sapatos!

O incidente da galinha me levou a observar com mais atenção os dois "criminosos" — ou ao menos um deles. Seu nome era Patrick O'Hay. Ele era de Dublin, e sempre que o via as palmas das minhas mãos fi cavam úmidas. Patrick tinha rosto oval, um punhado de cabelos pretos e sobrancelhas pretas que emolduravam meigos olhos azuis. Nunca havíamos conversado. Costumávamos olhar um para o outro apenas para desviarmos os olhos logo em seguida.

Deitada sob o lençol fi no da minha cabana pequena e quente, eu não conseguia parar de pensar em Patrick. Há muito me isolara dos rapazes, e nunca imaginara que um dia iria querer compartilhar intimidades com um.

Dez dias depois de eu ter chegado, o rodízio me colocou para trabalhar nos campos de algodão com uma voluntária chamada Rebekkah, que fazia parte da equipe do kibutz e me guiava através do labirinto de trilhas em linha reta a fi m de que pudéssemos abrir e fechar os canais e bombas do sistema de irrigação. Limpávamos os fi ltros e checávamos os canos várias vezes por dia sob temperaturas que chegavam a 44ºC. Uma semana depois, eu estava tão desidratada que tive uma insolação — o que era irônico, visto que estivera ocupada justamente garantindo que as plantações recebessem água sufi ciente. Depois de ter passado alguns dias me recuperando, fui designada à Casa dos Bebês. Juntei-me a duas garotas do kibutz e todos os dias, a partir das sete horas da manhã — enquanto seus pais trabalhavam nos campos —, cuidávamos de oito bebês com idade de seis semanas a doze meses. Trocávamos suas fraldas, os alimentávamos e os colocávamos em carroças de madeira gigantes que serviam de berço, cada uma com três ou quatro bebês. Eu empurrava as carroças com os bebês pelo kibutz dando Boker tov a 97

Hoje eu sou Alice

todos, com a cabeça sempre erguida. Brincávamos com os bebês depois do almoço e bebíamos café frio enquanto eles passavam as tardes quentes dormindo.

Eu nunca passara tempo com bebês antes, e descobri que eles são o espelho

do nosso próprio humor. Se sorrimos, eles sorriem. Se fi camos agitados, fi cam irritadiços e choram. São incondicionalmen-te leais. Nunca poderei imaginar como alguém pode ser capaz de machucar um bebê.

Ao longo de semanas, fi z várias excursões. Uma vez fui com as irlandesas a Afula, a cidade vizinha, onde comemos falafel e espigas de milho, que compramos de árabes idosos com rosto encarquilhado e jalabiyas sujas. Surpreendi-me falando de Patrick e corei quando as garotas perguntaram se gostava dele. Protestei com veemência, dizendo que, muito pelo contrário, achava-o imaturo e o detestava.

Em Nazaré, espantei-me ao descobrir que não havia sistema de esgotos. Dejetos obstruíam os córregos nas extremidades das ruas em frente às casas e bazares. Depois da longa jornada a Jericó e à Cisjordânia, revezamo-nos para tirar fotos lendo o Jerusalem Post, sentadas na clássica pose às margens do Mar Negro. Delilah orga-nizou uma viagem de coche até o Rio Jordão. Divertimo-nos viajando ao sabor da corrente sentadas em grandes boias de borracha. Em outra ocasião, no dia 21 de julho, fomos ao Tel Aviv Park assistir a um show de Tina Turner. A noite estava úmida, e Tina deslizava de pés descalços pelo palco enquanto cantava músicas como "Private Dancer" e "What's Love Got To Do With It?"

Posteriormente naquele verão, com meu guia Let's Go To Israel and Egypt nas mãos e a mochila menor que substituíra a grande, viajei a Rosh Hanikra, seguindo até a fronteira com o Líbano. Pedi a um turista que tirasse uma foto minha em frente a um muro entre duas placas em que se lia "Jerusalém 205 km" de um lado e "Beiru-te 120 km" de outro, para registrar que eu estivera o mais próximo possível de entrar no Líbano — a não ser que quisesse me tornar a próxima correspondente da BBC no Oriente Médio. Durante os dois

dias seguintes, viajei para o sul de Israel de ônibus, depois parei na fronteira com o Egito em Taba, no Deserto do Sinai. Fiquei em uma tenda beduína e fumei haxixe preparado em um narguilé incrustado de prata. Peguei o ônibus

para Sharm el Sheikh, às margens do Mar Vermelho, onde aprendi a mergulhar — uma experiência tão into-xicante quanto fumar haxixe.

Eu deixara de ser turista e me tornara viajante, distinção que achei apropriada quando retornei a Israel, onde fi quei hospedada em um albergue no bairro muçulmano e o prédio foi invadido por soldados israelenses à procura de terroristas palestinos — ou defensores da liberdade. Acordei quando um soldado entrou no meu quarto, colocou a arma na minha cabeça e gritou comandos que não entendi. Sendo a menina que era, aterrorizada por seus sonhos e memórias, não senti medo naquela situação de perigo em particular, e me senti estranhamente segura ao tocar na medalhinha de São Cristóvão que pertencera a vovô e mamãe havia me dado quando dera início a minhas viagens. O jovem soldado continuou gritando, e ergui as mãos para mostrar que estavam vazias.

— Tudo bem, sou inglesa — eu disse.

Ele passou alguns segundos pensando antes de responder:

— Inglesa? — repetiu. — Preciso praticar meu inglês. — Em seguida saiu.

Enquanto ouvia as portas batendo em todo o prédio, perguntei-me por que parecia estar além da capacidade de pessoas civili-zadas o simples ato de se sentarem com um grande mapa do Oriente Médio e traçarem uma fronteira que fosse justa para os dois lados.

Eu aprendera a gostar dos israelenses. Eles pareciam liberais, pessoas generosas e de espírito livre, de forma que estava certa de que, nos dois lados, eram os políticos e não o povo que mantinham as divisões vivas.

Voltei a Neve Eitan com o coração pesado. Os dias estavam se tornando mais curtos, e o cheiro doce das colheitas maduras era uma lembrança de que o verão estava chegando ao fi m. Todos os dias, 99

Hoje eu sou Alice

voluntários faziam as malas e se despediam com lágrimas nos olhos e promessas de manter contato. Considerei a possibilidade de abandonar tudo e todos para fi car no kibutz, mas a fantasia terminou no momento em que Delilah me entregou uma carta de mamãe com o resultado dos meus exames. Como o diretor do corpo docente do sixth-form college previra, eu havia passado com quatro belos dez.

Liverpool, aqui vou eu.

Em uma das últimas noites, eu conversava com uma garota chamada Antonia no imenso refeitório coletivo enquanto assistíamos ao pôr do sol pela janela. De repente, dois rostos bloquearam a vista: os rapazes das galinhas, Karl e Patrick O'Hay. Karl disse que eu estava com olhos de "venha para a cama", e fl ores vermelhas pareceram surgir em minhas bochechas.

Na noite que se seguiu, Patrick foi ao meu quarto. Ele partiria no dia seguinte e queria me dar seu endereço. Saímos para uma caminhada sob as palmeiras, e fi quei surpresa ao saber que, como eu, ele era corredor e gostava de ler: havíamos lido vários livros em comum. Sentamo-nos sob a luz

da lua e ouvi a canção melódica da voz irlandesa de Patrick. Ele era tão tímido quanto eu, e por isso levara oito semanas de olhares embaraçados para que reunisse coragem e falasse comigo. Patrick se desculpou pelo incidente das galinhas, e quando eu disse que não tinha problema fi camos em silêncio, incapazes de pensar em outra coisa para dizer.

Eu não sabia nada sobre garotos, exceto pelo que as meninas diziam na escola, e percebera que os rapazes — todos eles — instantaneamente faziam as garotas se submeterem às suas expectativas.

Eu não sabia que minhas próprias expectativas poderiam ter seu papel naquela coisa de garotos e garotas. Se havia uma regra geral, Patrick era uma exceção, e naquele momento me senti feliz e confusa — no meio de um redemoinho de sensações que tiravam meu equilíbrio enquanto caminhávamos juntos pelo jardim zoológico do kibutz.

Naquele verão, eu descobrira que era capaz de me virar sozinha.

Tivera uma nova sensação de autoestima e confi ança. Mas, de re-100

Primeiro Amor

pente, a pessoa que havia deixado para trás na Inglaterra estava tentando voltar ao meu corpo. Senti-me tonta enquanto estava sentada sob a luz da lua ao lado de Patrick. As vozes haviam desaparecido durante todas aquelas semanas. Elas ainda não haviam retornado, mas me surpreendi procurando-as.

Tocamos as mãos um do outro enquanto voltávamos à minha cabana. Na entrada, colamos os lábios suave e ligeiramente, como o toque das asas de uma borboleta. Ele virou-se e afastou-se com rapidez, e passei a língua pelos lábios.

O ursinho me esperava e nos aconchegamos sob o lençol. Nenhum homem compartilhara meu travesseiro, e me perguntei se algum dia isso aconteceria. Eu tinha uma verdadeira fobia de me aproximar de qualquer pessoa. A proximidade era também a promessa de sofrimento e dor. No meu

primeiro dia em Neve Eitan, eu havia tido um branco devido à estranheza da minha nova situação.

Aquilo não voltara a acontecer. Também não aconteceu naquela noite. Contudo, com o gosto dos lábios de Patrick nos meus, tive a sensação de não ser eu mesma.

101

CAPÍTULO 7

Liverpool

A confi ança recém-descoberta na vida no kibutz desapareceu imediatamente quando me mudei para a residência na Universidade de Liverpool. Os recém-casados me levaram com meus ursinhos de pelúcia e toda a minha tralha. Colocamos as caixas no quarto de teto rebaixado com vista para telhados que pareciam não ter fi m e almo-

çamos na Pucci Pizza. Meus pais haviam se divorciado, e mamãe, após uma longa corte, fi nalmente se casara com Stephen. Eles estavam felizes, e eu também estava feliz por eles.

Eles me levaram de volta para a universidade e me perguntei aonde iria naquela nova cidade, com seu padrão de ruas desconhe-cidas e um céu com ameaça de chuva. O Mersey era moroso e cinzento, serpeando em direção ao mar. O apito da balsa quando os passageiros desembarcavam me fez sentir solitária e melancólica.

Tal como a cor que adquirira, a autoestima que acabara de descobrir havia desaparecido.

Talvez fosse apenas a melancolia de fi m de verão, uma crise de TAS — transtorno afetivo sazonal — ou, em outras palavras, falta de sol. Depois de Israel, o outono de Liverpool era frio e melancóli-co. Talvez eu fosse mais adequada ao trabalho de abrir canais e carregar bandejas de frango frito do que aos desafi os intelectuais da sociologia e da política social. Melhor viver

nos músculos do que na cabeça. Por alguma razão, durante a semana dos calouros não consegui me inscrever no time de hóquei nem na equipe de atletismo, embora tivesse retomado o hábito de correr, seguindo um roteiro
102

Liverpool

que me levava do centro da cidade às alamedas cobertas de folhas da zona rural.

Meu irlandês de olhos azuis, voz dócil e cabelos macios cum-priu sua promessa e apareceu em um fi nal de semana chuvoso.

Deixamos a cidade e viajamos de ônibus até a cidade vizinha, Chester. Experimentamos nosso primeiro beijo verdadeiro no abrigo próximo à jaula dos macacos no Zoológico de Chester, observados por chimpanzés chocados. Pegamos o ônibus de volta para Liverpool e seguimos para o meu quarto com o plano tácito de ir até o fi m. Fui tomada por uma sensação de desespero, repulsa e tristeza.

Patrick agiu como o perfeito cavalheiro que era, culpando-se pelo meu medo.

Ele voltou para Dublin e eu me tornei uma reclusa, escrevendo e reescrevendo obsessivamente meus trabalhos acadêmicos em uma tentativa de encontrar a essência dos meus pensamentos. Em uma redação, há um ponto em que a análise das opiniões dos outros acaba para dar lugar ao fl uxo criativo de nossas próprias especula-

ções pessoais. Esse fl uxo é como a descarga de endorfi na que temos depois de correr longas distâncias. Comecei a procurar essa liberta-

ção dentro da minha cabeça.

Minhas redações me rendiam tanto admiração quanto notas dez. Professores tiravam fotocópias para usá-las como modelos para um ensaio bem desenvolvido, o que me encorajou a me aproximar dos outros alunos. Fiz

amizade com duas moças do meu curso: Debs, uma garota de cachinhos dourados cujo namorado parecia incapaz de manter as mãos afastadas dela; e Sarah, uma inglesa que usava uma perna mecânica em consequência de um acidente de carro e tinha o sorriso nervoso das pessoas que tentam constantemente agradar os outros. Sarah fazia tudo que estava dentro de seu alcance para acompanhar as exigências acadêmicas e da vida estudantil, algo de que imediatamente tomei nota.

Nós três nos tornamos amigas de outra aluna chamada Elaine, que tinha ideias pouco convencionais e defendia tratamentos medi-cinais alternativos. Diziam também que ela tinha poderes psíquicos.

103

Hoje eu sou Alice

Assim, certa noite, após uma refeição na casa de Sarah, sentamo-nos de pernas cruzadas em um círculo no chão enquanto Elaine previa os resultados da conclusão de cada aluno do nosso curso.

Ela fechou os olhos e nos pediu que déssemos os nomes de todos os alunos do curso de sociologia e política social. Após cada nome, havia uma pausa, e então ela pronunciava, com voz segura,

“2,2” ou “2,1”. Quando chegou minha vez, ela previu uma conclusão com louvor.

Elaine estava brincando comigo? Lembrei-me das galinhas que haviam sido jogadas dentro do meu quarto no kibutz. Depois de ter pensado no assunto e analisado as coisas com base em todos os pontos de vista e ângulos possíveis, decidi que aquilo era apenas uma brincadeira e as previsões não importavam.

A previsão de que eu me formaria com louvor só serviu para aumentar minha reputação de intelectual. Alunos que antes me evitavam por ser estranha começaram a me procurar em busca de conselhos — uma injeção no ego com efeitos colaterais esquisitos.

Algumas vezes, enquanto falava, eu tinha a sensação de que não havia apenas uma pessoa ouvindo, mas um pequeno agrupamento a curta distância do meu campo de visão. Essas outras pessoas sussurravam coisas incoerentes da linha divisória entre o lado esquerdo e o direito no meu cérebro. Quando a massa de sussurros tornava-se insuportável, eu recorria ao álcool. Minha bebida era o gim.

Uma boa bebedeira silenciava as vozes, e, como bebia sozinha, diferentemente dos outros alunos, isso aumentou minha reputação de excêntrica e inteligente.

As vozes haviam voltado, mas de uma forma diferente. Elas se tornaram vigilantes e me deixaram mais autoconsciente. Por exemplo, em uma aula, quando sabia a resposta certa para uma pergunta e ninguém se oferecia para responder, eu me sentia obrigada a negociar com as vozes murmurantes antes de falar. Elas estavam observando, então eu tinha de ser cuidadosa. Não podia me exibir.

Não podia errar. Não podia me fazer de boba na frente dos outros.

Às vezes, presumindo que eu sabia a resposta, o professor olhava 104

Liverpool

em minha direção, assim como os outros alunos, mas eu simplesmente permanecia calada, ouvindo a algazarra feita pelos "outros"

invisíveis.

Nesses momentos, quando o professor e os outros alunos olhavam para mim, eu tinha a sensação de estar sendo observada como uma terceira pessoa desconectada. Olhava para mim mesma com uma expressão vazia enquanto os outros alunos também me observavam da forma que se olha para alguém que está nu ou vestido com roupas chamativas, ou para algo que não parece certo. O tique no meu pescoço começava sua pequena dança. Eu me perguntava se as outras pessoas na sala de aula podiam ouvir a barulheira que ouvia. Eram vozes tão altas, tão reais, que não conseguia acreditar que

os outros não podiam ouvir nada.

Eu era refém das vozes. Uma prisioneira. Não queria chamar atenção para mim mesma, irritar as vozes, provocar sua ira. Tornei-me incapaz de me conectar com as pessoas. Havia um diálogo que excluía todos os outros — inclusive meus amigos, e até mesmo Patrick. Quando apaixonados, buscamos aprovação na pessoa que nos ama. Amava Patrick, mas não conseguia demonstrar isso. Ele era gentil, carinhoso, paciente, minha esperança de normalidade.

Ele retornou a Liverpool. Foi ao barbeiro cortar o cabelo e saiu do lugar com as bochechas vermelhas e um pacote de camisinhas.

Eu não fazia ideia de que o cabeleireiro vendia camisinhas, tampouco sabia por quê. O problema de ser inteligente é que certas coisas simples permanecem um mistério. Fomos para uma pensão no campo a fi m de passarmos uma noite romântica — jantar com vinho à luz de velas, as mãos dadas enquanto subíamos as escadas rangedoras, beijando-nos atrás da porta trancada. Aquela seria a minha primeira vez. A primeira vez de Patrick. Despimo-nos no escuro e, cinco minutos depois de entrarmos debaixo dos lençóis na grande cama de casal, me levantei e saí correndo para pegar o último trem que me levaria à estação da Lime Street de Liverpool. Eu não servia para nada.

105

Hoje eu sou Alice

* * *

Por razões que nunca compreendi completamente, Patrick mudou-se de Dublin para Swansea, e tentamos outra vez quando fui visitá-lo lá. Mais uma vez, só conseguimos chegar à cama. Naquela noite, contudo, me levantei da cama e entrei no saco de dormir que havia levado em caso de emergência. Eu amava Patrick, mas não conseguia unir os pontos entre o amor e o sexo. Sentia-me desesperada por amor, mas não tolerava ser tocada. Não conseguia imaginar alguém, ninguém, entrando no meu corpo.

Eu havia escapado fi sicamente do meu pai, do som do seu rádio de ondas curtas, dos seus passos subindo as escadas, da sua voz fantasmagórica sussurrando no banheiro "Sua mãe está dizendo que você já está aí há muito tempo" quando não conseguia sair de debaixo da água quente, onde esfregava minha compleição esqueléti-ca na tentativa de me livrar dos pesadelos, os quadris perfurando a pele, as depressões escuras entre as clavículas, as nádegas sem carne, que o via manipulando com suas mãos enormes enquanto sua língua gorda adentrava meu corpinho inocente de criança. Os pesadelos me perseguiam, e eu acordava respirando o ar que, por um momento, parecia contaminado pelo amargor de Brylcreem e por loção pós-barba.

Minha vulnerabilidade encorajava as vozes.

— Ninguém a ama. Você não é nada. Vamos lá, suicide-se, Alice. Você sabe que é isso que quer. Faça. Tente. Faça agora.

Se as vozes queriam me afastar da comunicação humana, estavam conseguindo. Eu planejava visitar Debs, ou Sarah, ou Elaine, apenas para cancelar a visita ou simplesmente não aparecer. Naturalmente, elas fi cavam chateadas, e então as vozes aproveitavam a oportunidade.

— Está vendo? Nem suas amigas gostam de você.

Não demorou muito para que o coro das vozes pouco familiares se tornasse apenas um som de fundo e a voz habitual do Profes-106

Liverpool

sor e de seus companheiros voltassem a se erguer com seus comentários maldosos.

— Você acha que é tão inteligente, mas não é. Nunca chegará a lugar algum. Nunca conseguirá nada. Formar-se com louvor? Não me faça rir.

As vozes que acompanhavam o Professor ressoavam, então, com coisas como:

— Está ouvindo? Está ouvindo? Muito bom. Isso vai mostrar a ela.

O que ela pensa que é?

Não era fácil tentar me comportar normalmente com os pesadelos persistentes e as vozes me dizendo que eu era um desperdício de tempo. A narrativa perseguidora que havia cessado durante a maior parte do período que eu havia passado em Israel estava de volta com força total. As vozes me faziam sentir desconectada, separada como um balão que é solto pelos dedos de uma criança. A combinação entre as vozes e os pesadelos estava drenando os últimos grãos de autoconfi ança que eu havia colocado na grande mochila que trouxera de volta comigo do kibutz Neve Eitan.

Justamente quando minha confi ança desaparecia, o clima des-velou sua face mais sinistra. Nevou naquele inverno. A neve acu-mulava-se nos galhos das árvores e cobria os telhados como se fosse um manto. O barulho na minha cabeça era tão alto quanto o som de uma festa em um apartamento do bairro, um clamor bioa-cústico que interferia na minha rotina diária, e, mais uma vez, comecei a ter brancos.

Surpreendia-me em uma sala de aula com um maço de anota-

ções na pasta sem conseguir me lembrar de tê-las tomado nem do assunto da aula a que acabara de assistir. Depois me esquecia para onde estava indo enquanto corria pela Chinatown de Liverpool, bem como do motivo por estar apressada e de quem devia encontrar.

Consultava o relógio e esquecia que horas eram no mesmo instante, voltando mecanicamente a levantar o braço para dar outra olhada e de imediato esquecendo outra vez a hora que acabara de ver. Às vezes chegava a ser cômico. Os ponteiros do relógio pareciam parar, ou rodar, ou andar para trás, fazendo o tempo deixar de ser contínuo 107

Hoje eu sou Alice

para transformá-lo em um enigma. A pergunta "Que horas são?"

transformou-se em “O que as horas são?”

O tempo tornara-se algo irracional, bem como o espaço geográ-

fi co. Eu saía para correr, as ruas da cidade estendiam-se em direção ao infi nito, os prédios fi cavam cada vez mais altos, mais próximos.

O Liver Build ing, com seus quatro relógios gigantescos, erguia-se como uma prisão, como o castelo dos meus piores pesadelos. Enquanto virava uma esquina após a outra, sentia-me presa em um labirinto, como se estivesse em uma litografi a de Escher — um mundo confuso, sem começo nem fi m, as ruas todas iguais, o Liver Build ing girando, me seguindo, me observando, uma sensação de aperto na minha garganta me fazendo puxar o ar em uma tentativa de recuperar o fôlego.

Por sorte — ou carma, como Elaine diria — eu acabava perce-bendo que havia saído do perímetro da cidade e tomava a ponte que levava ao campo. As árvores estavam desfolhadas, cobertas de gea-da, e eu tinha a sensação de que corria pelas trilhas próximas à minha antiga casa. As batidas dos meus tênis despertavam um ciclo de memórias, assim como o toque da mão de um estranho era capaz de me precipitar para o fundo de um poço de depressão, do qual a única forma de me libertar era correr de volta para casa e tomar um gole da garrafa que guardava debaixo da cama.

Elaine era uma pessoa carinhosa e dada a contato físico. Ela usava colares de contas de madeira e saias longas. Abraçava-me sempre que nos encontrávamos, os seios fartos apertando-se contra meu esqueleto. Eu fechava os olhos e dizia para mim mesma:

“Está tudo bem. Aguente fi rme, Alice. Não se esquive. Ela é sua amiga”. Quando as vozes estavam quietas, era eu quem falava comigo mesma.

Minha tábua de salvação eram os ocasionais telefonemas e cartas de Patrick. Mas Patrick me fazia pensar em sexo, e o sexo trazia de volta os pesadelos. Ao longo dos três anos de faculdade, eu me sentia impulsionada a trabalhar duro por uma mistura de 108

ambição e baixa autoestima. E durante todo esse tempo lutava com os sonhos e as vozes.

— Suicide-se. Suicide-se. Corte os pulsos, corte a garganta. Você não é nada, você não serve para nada, você é lixo. Ninguém gosta de você, ninguém a quer. Faça um favor ao mundo, Alice, tome um frasco de comprimidos para dormir, tome-os com uma garrafa de gim. Desista. Você sabe que não conseguirá. Você fracassará, então simplesmente pare de tentar.

Ninguém gosta de você. Ninguém a quer. Vá em frente, tome outro gole daquela garrafa. Tome outro comprimido.

Eu pensava em procurar ajuda médica, mas já tentara isso com a doutora Purvis. Gostava de Jane Purvis. Jane tentara me ajudar.

Porém, toda aquela conversa fi ada sobre Freud e o ato sexual parecia banal e inútil. Com frequência, eu deixava seu consultório, com cadeiras baixas e janelas com persianas, mais deprimida do que quando chegara. Decidi seguir o exemplo de Sarah e aprender a viver com minha dor particular, me perguntando, enquanto corria com minhas pernas saudáveis, o que era pior: um corpo ou uma mente danifi cada. Tornamo-nos quem somos de acordo com o que nos acontece e com as escolhas que fazemos. O que acontece nos primeiros anos do nosso desenvolvimento afeta as decisões que tomaremos mais tarde, e alterar ou infl uenciar aquilo no que nos transformamos torna-se praticamente impossível. O assassino e o pedófi lo permanecerão para sempre conosco.

Eu me agarrava à ilusão de que era uma garota normal com um namorado e planos de voltar a Israel no verão. Ao longo de todo o ano esperara poder voltar a Neve Eitan. No último momento, entretanto, mudei de ideia. Eu não queria manchar as memórias que tinha do kibutz, e, portanto, decidi ir para uma parte diferente de Israel.

Trabalharia colhendo frutas em Moshav Bene Atarot, onde os longos dias

ensolarados ao menos teriam um efeito paliativo.

Sarah juntou-se a mim em Tel Aviv duas semanas antes do fi m da minha estada, e fomos ao Egito ver as pirâmides e a esfi nge.

Não pudemos fazer as viagens sacolejantes de ônibus e as caminhadas que eu teria feito se estivesse sozinha. Precisava me lembrar 109

Hoje eu sou Alice

que Sarah tinha uma defi ciência física e estava fazendo um esforço sobre-humano para me acompanhar. Assim, em troca, fi z um esforço para fazer o que era melhor para Sarah, e, no fi nal das contas, o que era melhor para Sarah acabou sendo melhor para mim também: durante aquelas duas semanas no Egito as vozes me deixaram em paz.

Não estou certa quanto ao que aconteceu no segundo ano da universidade. Ele é um borrão de noites em claro sob uma lâmpada acesa ouvindo conversa fi ada com um lado do meu cérebro e fazendo anotações para trabalhos acadêmicos com o outro — um exercí-

cio de equilíbrio que mantinha os dois lados funcionando, um refl e-xo do meu relacionamento com Patrick: juntos, mas ainda assim separados. O Professor era um companheiro constante na Associação Cristã de Moças, onde meu quarto tinha janelas com grades, uma cama, uma cadeira e uma mesa. Eu estava estudando política e a história da política social, duas matérias que achava difícil, além de sociologia, com a qual havia me familiarizado quando estava estudando para o nível avançado.

A Associação Cristã de Moças fi cava a uma distância de cinco quilômetros da universidade. Comprei uma mountain bike para eco-nomizar na viagem diária de ida e de volta, que fazia sempre pelas mesmas ruas — como se viajasse em um ônibus que segue todos os dias a mesma rota, passando pelas antigas olarias, casas de cobre, pela Igreja de São Miguel e por Sefton Park, em um ritmo constante.

Quando seguia uma rotina, eu conseguia funcionar. Também continuava

mantendo a ilusão de ser normal, enquanto, dentro da minha cabeça, havia mudanças súbitas como rachaduras no gelo, o consciente lutando com o inconsciente.

O relacionamento com a minha memória também se tornou menos confi ável. Eu conseguia me lembrar de páginas de texto, mas esquecia de comer, assim como de compromissos e promessas. Uma mudança nos horários das aulas me deixava completamente confusa.

Às dez horas, lá estava eu de pé diante de uma sala de aula fechada 110

Liverpool

olhando para o horário sem saber se havia esquecido que a aula sempre começara às onze horas ou que havia mudado das dez horas para as onze. Da mesma forma, às vezes chegava uma hora atrasada, olhava para o relógio, esquecia a hora e olhava novamente.

— Hoje é terça ou quarta? Aula de política ou política social?

— Eu sou Alice?

— Quem é Alice?

A memória é como uma trança de três seguimentos que funcionam por meio de uma codifi cação — o processamento e a combina-

ção de informações; do armazenamento — um sistema para guardar as informações codifi cadas; e da recuperação — o processo de res-gate dessas informações. Temos 1 bilhão de neurônios em nosso cérebro que se comunicam através de sinapses químicas e elétricas em um processo denominado transmissão sináptica. Não é de surpreender que os transmissores se cruzem — na verdade, o que é surpreendente é o fato de eles não se cruzarem com mais frequência.

Sofro, em termos de memória, de uma combinação de amnésia —

esquecimento total — com um traço da síndrome da supermemória

— o que é o oposto. A síndrome da supermemória é a habilidade de nos lembrarmos de detalhes pessoais a um grau extremo: algo útil quando aplicamos a habilidade ao processo de aprendizagem, e destruidor quando mergulhamos no passado — especialmente se esse passado for o meu.

Patrick foi passar alguns dias comigo e houve outra tentativa inútil de fazer amor. Além de não ter funcionado, ela deu início a um ciclo de pesadelos quando ele voltou para Swansea. Noite após noite, como episódios de um seriado de terror, eu me via — ou al-guém que se parecia muito comigo aos seis anos de idade — entrando no carro de papai e depois saindo em frente a um prédio alto que lembrava o Liver Building, mas no meu sonho se tornava um castelo. Descíamos de mãos dadas um lance de escadas até uma porta e entrávamos na masmorra onde várias pessoas cantavam, as crianças estavam nuas e velas lançavam sombras nas paredes.

111

Hoje eu sou Alice

Eu acordava desorientada com o som perturbador da voz de uma criança, como se ela estivesse no meu pequeno quarto. Acendia a luz e olhava debaixo da cama, mas a criança não estava lá. Ela estava dentro de mim, mas também fora, como as sombras tremeluzentes nas paredes da masmorra. Estava com medo do que lhe acontecera em visitas anteriores ao castelo e do que lhe aconteceria desta vez. Digo "ela", mas tinha a sensação clara de que a pequena pessoa que chorava à noite era mais menino que menina.

Alguém ou algo crescia dentro de mim como um feto. Seria possível que minhas tentativas frustradas de fazer amor com Patrick tivessem resultado numa gravidez fantasma? Eu podia sentir algo se formando, se desenvolvendo, chutando, mas não me sentia feliz nem satisfeita como as mulheres grávidas tendem a sentir-se. O que havia dentro de mim era um monstro, que me preenchia com vergonha e repugnância por mim mesma. Eu não era capaz de explicar meu medo a Patrick, e fi nalmente lhe escrevi dizendo que não poderia manter qualquer tipo de relacionamento com ele.

Isso partiu meu coração, e acho que o dele também.

Passei o verão em casa com mamãe e Stephen. Nas últimas semanas, me inscrevi para a Maratona do Centenário de Birmingham (1889-1989). Aumentara meu limite para 25 quilômetros, e aquilo quase me matara. Seria eu capaz de cobrir mais de 42 quilômetros, praticamente o dobro da distância?

— Nem tente, Alice. Você não é capaz. Jamais conseguirá. Você não é boa o bastante. Não é boa o bastante para nada. Nunca será boa para nada.

Lá estava o Professor de volta ao meu cérebro.

— Ah, pelo amor de Deus, cale a boca.

— Você está falando sozinha outra vez, Alice? — mamãe gritou da cozinha.

— Sim, mamãe, sou eu, falando sozinha outra vez.

Eu queria lhe contar sobre as vozes, os pesadelos em que via a porta do meu quarto abrir e meu pai entrar no quarto. Na verdade, vinha tentando contar a ela desde que tinha cinco anos. Agora 112

Liverpool

estava com vinte, era uma mulher, mas ainda não conseguia contar.

Sempre que tentava, as palavras se transformavam em uma crise de enxaqueca antes que pudessem sair.

Suspirei e coloquei o formulário na mesa.

— Assine a linha pontilhada — eu disse.

A ideia era arrecadar dinheiro dos patrocinadores para a caridade. Coloquei a caneta em sua mão enquanto ela observava o formulário.

— Está falando sério? — ela disse.

— Nunca falei tão sério em toda a minha vida.

— Isso a matará, Alice.

— E aí não precisará mais se preocupar comigo — respondi.

Ela bateu com a caneta sobre o formulário e assinou.

— Bem, então quem será o benefi ciário? — ela perguntou.

Eu ainda não tinha pensado nisso, mas respondi instintiva-mente:

— A NSPCC.*

Mamãe comprometeu-se a doar duas libras por quilômetro.

Stephen pegou seu formulário com ela, como sempre acontecia.

Telefonei para Clive a fi m de tentar convencê-lo a entrar comigo, o que o fez rir. Ao menos ele contribuiu com mais duas libras por quilômetro para o meu registro. Entrei em contato com amigos e com alguns professores de Liverpool, e no fi nal de semana estava usando um novo par de tênis de corrida da Nike.

Correr uma maratona é uma questão de usar o poder da mente. Todos os dias, ao partir, eu ouvia meu corpo e era capaz de dizer se faria uma corrida rápida ou se aumentaria a distância enquanto avançava em direção ao grande desconhecido. Comecei com um programa leve, desenvolvendo a forma aeróbica e a resistência, antes de esquentar as coisas com o método sueco fartlek

** National Society for the Prevention of Cruelty to Children: Sociedade Nacional de Prevenção de Atos de Crueldade contra Crianças, associação de caridade do Reino Unido que trabalha pela proteção das crianças. (N. da T.)*

— uma forma modifi cada do treinamento contínuo que envolve mudanças regulares no ritmo. Frequentemente corria até Sutton Park, onde dava algumas voltas em torno do perímetro em um ritmo mais lento para depois fazer algumas corridas de velocidade antes de uma caminhada para me recuperar. Também ia até a pista de atletismo e fazia algumas corridas de cem metros antes de voltar a caminhar, recuperando a tolerância ao ácido láctico, que nos dá a sensação de queimação nos músculos quando começam a cansar.

Um dia, quando almoçávamos com os amigos de mamãe John e Penny, John falou sobre a época em que foi um ciclista de longas distâncias. Ele tinha uma vida "fi nanceiramente confortável" e "sabia uma ou duas coisas". Não achava que eu havia me preparado o bastante para a maratona, mas, mesmo assim, me patrocinou.

O evento deu-se no último domingo de setembro, um dia claro de veranico e sem nuvens. Milhares de corredores se reuniram na linha de partida no Estádio Alexander. Uma pistola foi disparada, a multidão rugiu, e partimos — um mar de seres humanos preparados para tudo. A corrida de Birmingham era um teste para os Jogos da Commonwealth. Não dava sequer para enxergar os atletas de elite da minha posição bem atrás da linha de partida. Na inscrição, eu estimara que concluiria a maratona em um tempo entre quatro horas e quatro horas e meia, mas havia discretamente avançado para a zona seguinte. Era como se, por meio da autossugestão, fosse capaz de quebrar o limite das mágicas quatro horas.

Ao ganhar ritmo, tudo que eu conseguia ver era um oceano de cabeças pulando, todas com o mesmo propósito. Pensei que as semelhanças que existiam entre nós fossem maiores que as diferenças. Homens e mulheres, jovens e velhos, altos e baixos, todos queríamos a mesma coisa: concluir o percurso, contrariar todas as expectativas, nos sentir orgulhosos, bem como um pouco mais amados e respeitados.

A massa de pessoas diminuiu rapidamente. Éramos cerca de uma dúzia de corredores, com nossos números balançando nas 114

costas, puxando o fôlego, os tênis batendo como no ritmo de tam-bores. Eu não queria me desidratar, portanto pegava uma garrafa de água a cada dois quilômetros percorridos. Quando atravessamos a Centenary Square — chegando à metade do percurso —, chequei o relógio e senti uma corrente de excitação percorrer meu corpo; meu objetivo estava dentro do meu alcance.

O percurso nos levou através do campus da Universidade de Birmingham e da subida de um monte íngreme em direção a Edgbaston. À minha maneira obsessivo-compulsiva e com a lembrança do que me acontecera em Israel em mente, eu havia me preocupado tanto com a possibilidade de fi car desidratada que bebera água demais. Aos 28 quilômetros, a maior distância que já correra, passamos por uma área residencial e pedi a algumas pessoas que aplaudiam em frente à sua casa para usar o banheiro; essa rápida pausa foi o único momento da corrida em que realmente parei de correr.

De volta, me esforcei para alcançar meu grupo quando chegamos ao Kings Heath Park. Os espectadores tomavam sorvete, gritando e nos incentivando, mas o esforço extra surtiu efeito e, à sombra dos elevados olmeiros, "fui para as cordas". Eu mal podia colocar um pé na frente do outro. Meus quadríceps estavam dormentes. Não conseguiria mais fazer as quatro horas. Estava acabada.

Implorei ao rapaz que corria ao meu lado que conversasse comigo a fi m de me distrair da dor, mas ele apenas resmungou alguma coisa e seguiu em frente aos tropeços. A maratona é uma corrida para profi ssionais. Todos correm contra si mesmos. Cada corredor está só e persevera só.

Deixamos o parque a passos de tartaruga e descemos a Cartland Road, uma descida muito íngreme. Ao fi nal da descida, ganhei ritmo e comecei a ultrapassar os corredores que avançavam com difi culdade ao longo da Pershore Road. Entramos no Cannon Hill Park, onde usei o que restava da minha energia renovada para investir em uma corrida rápida até a linha de chegada quando o tempo re-gistrado no mostrador era de 3h46min14s.

Hoje eu sou Alice

Mamãe, Stephen, John e Penny esperavam na linha de chegada para ver se eu completaria o percurso. Ah, sim, e um bocado des-crentes! Eu soube desde o momento em que a partida fora dada que conseguiria. O que importava para mim era terminar em menos de quatro horas. Recebi minha medalha e um cobertor de alumínio para me manter aquecida apesar de a temperatura às 12h45min daquele dia ser de 32ºC — o clima de Israel.

John me fotografou cruzando a linha de chegada e me deu imediatamente um cheque de 26 libras. Bebi quase um galão de água ainda me sentindo inebriada, como se embriagada, durante a viagem de carro para casa — sensação que se transformou na de que havia chumbo nas minhas pernas na manhã seguinte, quando tive de descer as escadas sentada porque minhas coxas e panturrilhas estavam me matando. Fui nadar para evitar que meus músculos paras-sem completamente. Quando recebi todo o dinheiro do meu patrocínio, vi que arrecadara mais de quinhentas libras, quantia que mandei para a NSPCC. Desde então, sempre que quero ajudar algum projeto de caridade, a ajuda vai sempre para a NSPCC.

As coisas estavam mudando dentro da minha cabeça. Eu podia sentir. Podia ouvir. A sensação me lembrava ratos correndo em uma roda, suas patinhas fazendo-a girar, todas aquelas sinapses elásticas se remodelando como chips de silício, se reorganizando, me preparando para o inevitável. Memórias havia muito enterradas estavam se arrastando para fora do arquivo e se livrando da poeira. Distúrbios mentais são como a ferrugem: nunca descansam.

Eles ganham espaço dentro de você. Pioram. Eu precisava de ajuda. Precisava concluir meu último ano na universidade antes que o vulcão explodisse.

Mamãe e Stephen me levaram de carro de volta para Liverpool no início do período de outono e tivemos o almoço tradicional na Pucci Pizza. Mamãe me disse que desse duro e me saísse bem —

como se alguém precisasse me dizer isso —, e Stephen enfi ou cem libras na minha mão quando ela foi ao banheiro. Chegava a ser deprimente ter um padrasto tão bom.

116

Liverpool

Apressei-me de volta à Associação Cristã de Moças e passei a tarde na cozinha cheia de confi ança culinária preparando envelopes de maçã e pondo os assuntos em dia com Sarah e Debs. Debs era intensa e opiniosa e gostava de se gabar. Ela rompera com o último de uma sequência de namorados depois de ter ido até seu fl at para fazer uma surpresa e ter ela mesma se surpreendido ao encontrá-lo na cama com sua melhor amiga. Disse que nunca voltaria a falar com nenhum dos dois, e nós não duvidamos. Sarah e eu tínhamos inveja de Debs, mas nos divertíamos com a novela que era sua vida amorosa. Sabíamos que não demoraria muito para que outro Mark, Gavin ou Jason aparecesse e nos desse a todas um novo e excitante episódio.

No meu último ano, me especializei em questões políticas em ciências sociais e saúde comunitária, entre os agrupamentos sociais maiores de classe social, idade, sexo e raça. Tive de escrever duas dissertações. Para uma delas, escolhi como tema a violência doméstica. Na outra, faria uma análise comparativa entre a saúde de homens empregados e desempregados usando um questionário que eu mesma criei.

Não me ocorreu ao escolher o tópico da saúde masculina que, vivendo como vivia no mundo inacessível da minha cabeça, eu tinha pouca compreensão das pressões diárias sofridas pelas pessoas em geral e pelos homens em particular. Não estava óbvio para mim que minha pesquisa chegaria às conclusões óbvias. Homens desempregados tendiam a beber mais, fumar mais, se exercitavam pouco e eram mais propensos a doenças físicas e mentais.

Simplifi cando: homens, se querem ser saudáveis, arrumem um emprego.

A dissertação foi cuidadosamente estruturada e passou por vários esboços, mas o artigo não apresentou nenhuma informação nova e me rendeu desapontadores 68% — dois pontos cruciais abaixo do meu objetivo se quisesse me formar com louvor.

Meu estudo sobre a violência contra a mulher tinha um objetivo maior e era algo que eu conhecia, mesmo apesar de não saber como podia conhecer. Para muitas mulheres, seu "lar" é uma contradição, um paradoxo. Ao pensarmos na palavra "lar", visualizamos 117

Hoje eu sou Alice

uma zona de conforto, um porto seguro, mas essa palavra também pode fazer referência a um campo de batalha onde a violência nunca tem fi m. Esse cenário no qual o companheirismo e a brutalidade humana coexistem fazia as engrenagens do meu cérebro funcionar a todo vapor, acompanhadas pelos cliques da minha Olivetti portátil — para o desespero das minhas companheiras nos quartos vizinhos da Associação Cristã de Moças.

As escritoras feministas explicam a violência como a forma mais explícita do poder masculino. Passei, porém, a vê-la como a negação da liberdade à mulher. A partir do momento em que uma mulher é aprisionada pelo medo, ela perde a liberdade de ser quem realmente é. Se a violência entra em um relacionamento, a quebra do tabu assume uma aura de sedução e fascínio. A partir do momento em que um homem violento experimenta a fruta proibida, é como se ele houvesse se tornado viciado em heroína: passa a viver apenas à espera da próxima picada.

O homem que bate em uma mulher ou abusa de uma criança e não sofre nenhuma punição por seus atos desenvolve uma obsessão pela sensação de poder que isso lhe dá e, com frequência, chega à perturbadora crença de que está acima das leis e das normas da sociedade. Essa atitude prejudica sua vítima, mas também lhe rouba a liberdade. De todos os animais, somente os humanos cometem atos gratuitos de violência, e na maioria das vezes a violência possui um componente sexual. Argumentei na dissertação que a liberdade é algo que todos nós valorizamos além de todas as outras coisas, e

tentei mostrar que a violência é a negação da liberdade.

Para minha pesquisa, marquei uma visita a um abrigo do Women's Aid para entrevistar mulheres que haviam sofrido níveis tão extremos de brutalidade que fi nalmente procuraram a ajuda de serviços sociais. Uma mulher havia sido atacada com um machado e achava que tivera sorte por ter escapado com nada além de um*

** Organização de apoio a vítimas da violência doméstica espalhados por todo o Reino Unido. (N. da T.)*

traumatismo craniano. Outra havia sido amarrada por uma coleira em um canil para cachorros e comia os restos do prato do marido.

Outra fora repetidamente estuprada e espancada. Essas mulheres falaram honesta e abertamente comigo. Estavam tão fragilizadas e perdidas que nem sequer perguntaram por que uma estudante de vinte anos de idade estava as questionando.

— Por que você não tentava argumentar com ele?

— Ele não sabia argumentar.

— Por que você não chamou a polícia?

— Não podia. Estava com medo.

— E quando ele estava no trabalho?

— Ele não trabalhava.

Era sempre o mesmo padrão — aparentemente, toda vida segue padrões, e quando o padrão da violência é estabelecido, passa a ser continuamente repetido. Homens com baixa autoestima com frequência resultante da

decepção e do desemprego, em geral impul-sionados pelo álcool e pelas drogas, costumam querer ferir a si mesmos, mas não têm coragem. Assim, ferem a única pessoa que está ao seu alcance: a esposa ou companheira. Veem a si mesmos como nada, ela é menos ainda, e deve ser sua culpa o fato de ele ter perdido o rumo.

Descobri que muitos maridos e companheiros acreditam que é obrigação da mulher amá-los, honrá-los e obedecer-lhes. Se elas falham, a obrigação deles é puni-las. Esses homens dizem que nunca tiveram a intenção de machucar sua esposa. Eles queriam apenas ajudá-las a ser pessoas melhores. Espancá-las havia sido um ato de carinho, de amor. Eles dizem à esposa que o espancamento dói mais neles do que nelas.

O respeito é o fator-chave. Se a mulher faz algo de errado, ele acredita que ela não o respeitará se não a punir. Seria mais fácil para ele deixá-la fi car impune por sua infração — não preparar a refeição que sabia que ele iria querer, não comprar outra caixa de cerveja, falhando em seu papel de dona de casa quando explica que não tem dinheiro para a cerveja. Ele não quer puni-la, mas é uma questão de 119

Hoje eu sou Alice

respeito, e o respeito é algo de grande importância para ele exatamente por não respeitar a si mesmo.

O que as mulheres no abrigo me disseram foi que haviam aguentado a violência porque no fundo acreditavam que seus companheiros as amavam. Elas haviam se tornado posses, e, como posses, os homens as brutalizavam por medo de perder o que era seu. As mulheres, por sua vez, aguentavam o abuso e permaneciam sob o mesmo teto que eles como prova de que não tinham intenção de partir e de que também os amavam.

Isso tudo é uma grande loucura, mas é compreensível. Os homens têm necessidade crônica de acreditar que têm um papel essencial nesta vida, que são mais que uma onda no mar perdida entre as outras. Quando os homens não se sentem úteis, sua perda de dignidade transforma-se em um ódio por si mesmos que vem à tona na forma de atos de violência contra a esposa, ou às

vezes contra os fi lhos, ou com frequência contra ambos. Meninos brutalizados tornar-se-ão homens que também cometerão atos de brutalidade.

Existe um padrão, e na maioria das vezes os serviços sociais não são capazes de enxergá-lo.

Com a habilidade de compartimentar diferentes partes da minha vida, eu era capaz de fazer anotações sobre essas experiências aterrorizantes sem ser afetada por elas. Tal como completar a maratona, a dissertação que eu estava escrevendo era tão crucial para a minha autoestima que desliguei completamente toda a sensibilidade do lado direito do cérebro e liguei a análise do lado esquerdo. Minhas próprias experiências, fossem reais, fossem imaginárias, me faziam compreender melhor a violência doméstica, mas eu conseguia colocá-las de lado e escrever o artigo com objetividade.

A dissertação recebeu 80% — a melhor nota do meu curso.

Agora eu tinha provas fi nais de questões políticas em ciências sociais e saúde comunitária. Tivera a sorte de ter tido professores excelentes em Liverpool; eles estavam certos de que eu me sairia bem, e viajei até o local dos exames fazendo uma pequena oração:

— Não digam nada. Não digam nada. Não digam nada.

120

Liverpool

As vozes fi caram quietas. Esperavam o momento certo. O trabalho intenso, as noites em claro revisando e os goles de bebida antes de ir dormir eram uma cura para a insônia da mesma forma que codeína e uma lata de Coca-Cola eram ótimos remédios para ressacas e dores de cabeça. Se a gangue do Professor se sentisse inclinada a lançar seu veneno quando eu saía para a universidade, eu pedalava mais rápido e suas vozes eram levadas pelo vento. Sentia-me como o lendário Pequeno Holandês com o dedo na rachadura da represa. Um punhado de dedos seguravam aqueles bilhões de neurônios a fi

m de mantê-los quietos, e com isso eu sentia a pressão crescendo em meu cérebro.

Elaine disse uma vez que se um dia eu casasse eu entraria na igreja vestindo calça jeans. Passei um bom tempo olhando para o espelho, procurando por mim, pelo verdadeiro "eu", depois disso saí e comprei um vestido para usar no baile de formatura. Não me importava o que qualquer um deles dissesse.

A festa de despedida do curso teve lugar em um hotel no centro da cidade, onde nos sentamos em grupos diante de mesas longas como em um refeitório. Fingimos ouvir os discursos, bebemos vinho e depois fomos para a pista de dança. Era a primeira vez em três anos que eu realmente me comportava como uma estudante. Rapazes que sempre haviam me ignorado de repente estavam pagando drinques para mim. Lembro-me de Sarah ter dito que se Debs e eu não a tivéssemos ajudado ela nunca teria terminado o curso, o que me fez chorar. Fiquei bêbada, vomitei e caí no banheiro antes de ir para o fl at de um rapaz do meu curso chamado Rob, onde fumamos maconha, rimos muito e comemos biscoitos de chocolate.

Poucos dias depois, nossos resultados foram afi xados em um quadro no Edifício Eleanor Rathbone da universidade. Havia uma multidão de pessoas espremendo-se para chegar mais perto, e me vi assumir a personalidade da cozinheira para abrir caminho.

— Com licença.

— Com licença — repeti como em resposta.

121

Hoje eu sou Alice

— Ali vai ela — disse um dos rapazes.

Sorri e soquei o ar em um gesto metafórico.

É isso aí. É isso aí.

Fiquei em Liverpool até a formatura. Quase não tinha contato com meu pai, e não o convidei para a cerimônia, tendo pedido a Stephen que fosse em seu lugar. Depois de receber meu diploma no Philharmonic Hall, em Hope Street, fomos à Pucci Pizza pela última vez para celebrar.

Apesar das peças pregadas pelo tempo, dos lapsos de memória, dos pesadelos e das vozes, subi no palco naquele ano para pegar meu diploma de graduação com louvor. As previsões feitas por Elaine apenas três anos antes haviam se realizado completamente.

Muito assustador.

122

CAPÍTULO 8

Estupro

C om meu guia Let's Go Italy no bolso de uma mochila leve, viajei pelas rodovias e estradas de ferro da Itália de Milão a Nápoles durante duas semanas antes de dar início ao meu primeiro emprego como assistente de pesquisas em um departamento de campanhas de saúde no País de Gales.

Aluguei um conjugado com uma divisão tênue entre o quarto e a cozinha. Tinha uma mesa, a opção do dia de duas cadeiras e Weetabix e a Rádio 4** para o café da manhã. A sala de estar parecia ter saído do cenário de um fi lme de Ken Loach: a luz pálida reduzida com neblina entrando pela pequena janela, um tapete com estampa de espiral no chão do quarto, as fl ores estampadas no papel de parede fazendo o espaço pequeno parecer ainda menor. Era tudo que eu podia pagar, e estava determinada a me sustentar sem a ajuda da minha família. Trabalhava no quarto andar de um prédio moderno onde tinha minha própria mesa em uma sala compartilhada.*

Aquele era o mundo real: apertado, opressivo, encerrado pela rotina e mal pago — e eu me sentia perfeitamente feliz.

Minhas duas colegas eram boas no que faziam, me ajudavam, a novata, e nós

ríamos muito durante os intervalos. Eu estava bem.

No nosso escritório, Louise Lloyd-Jones era a encarregada; ex-en-

** Cereal de aveia produzido pela Weetabix Limited no Reino Unido. (N. da T.)*

*** Emissora da BBC que transmite principalmente programas de atualidades, drama, comédia, história e literatura. (N. da T.)*

123

Hoje eu sou Alice

fermeira na casa dos quarenta anos, ela era uma mulher gentil, observadora, sempre vestida com elegância, com um leve sotaque galês e um ouvido amigável para ouvir os problemas de qualquer pessoa. Rosaleen Sharpless era um foguete loiro de trinta e poucos anos de idade, alta, esguia e elegante. Ela havia se formado com louvor em sociologia em Durham e trabalhava no projeto de uma campanha de saúde cujo alvo era os sem-teto. Rosaleen exalava a confi ança que eu adoraria ter, e eu tentava — sem muito sucesso

— imitar seu jeito de ser e seu estilo.

O ano era 1990, e um estudo europeu revelara a notícia surpreendente de que fumar no local de trabalho era prejudicial à saúde.

Minha tarefa era estudar os dados e escrever relatórios que seriam lidos por toda a cadeia de comando até o Gabinete do País de Gales.

Digitando sem parar em um computador na minha mesa do canto, com a parede ao meu lado coberta por mapas e gráfi cos em pizza, eu estava entrando no Gabinete Nacional, penetrando o coração do governo. Alice Informa: FUMAR MATA.

Na maioria dos fi nais de semana, eu viajava para casa a fi m de discutir

minhas ideias sobre campanhas de saúde com mamãe e Stephen. Desde a separação dos meus pais, Clive nunca visitara papai. Eu não sabia o que isso queria dizer em relação ao relacionamento deles. Continuo sem saber, mas sempre me perguntei se eles também guardam seus próprios esqueletos no porão.

Eu fora incumbida de contar ao meu pai que mamãe havia casado outra vez, e é claro que é possível que eu tenha me oferecido para essa tarefa com a intenção de presenciar sua reação. Havia um elo mal defi nido entre mim e meu pai. Era ele quem me colocava no colo quando era pequena. Meu pai era uma fonte de amor, e quando somos crianças, receber um amor nocivo é melhor do que não receber nenhum amor.

Durante os três anos que passara em Liverpool eu o vira raramente. Decidi fazer-lhe uma visita, o que racionalizei como um tipo de obrigação. Vejo agora que a decisão proveio de uma combinação entre a minha necessidade de aprovação e a chance de me gabar do 124

Estupro

meu status cada vez mais elevado. Afi nal de contas, apesar das adversidades, eu havia sobrevivido, e estava participando de uma campanha para salvar vidas por meio da mudança das leis do fumo.

Eu queria mostrar a ele que era importante.

A nova casa do meu pai era de estuque branco com jardim e um gramado muito bem aparado. Havia um portão intimidante com um par de leões de gesso guardando os ladrilhos brancos e pretos e uma campainha de dois tons que me fez imaginar por um momento que um mordomo abriria a porta.

Senti-me nervosa, mas então a porta abriu-se e lá estava meu pai de pé, usando terno e gravata escuros, seu broche do Clube Rotary na lapela como um pequeno sol dourado. Ele me conduziu até os fundos da casa, onde a cozinha dava para uma sala de estar cheia de jarros com plantas em miniatura. Havia quadros na parede, uma grande tevê, algumas fotos de família — o que, por alguma razão, achei estranho — e um conjunto de luxo

de tacos de golfe encostado na parede.

Ele fez chá e colocou alguns biscoitos em um prato que nem sequer toquei. Sentou-se com uma postura grave em sua cadeira de encosto em forma de asas e ouvia enquanto eu falava. Parecia mais inofensivo e menor do que me recordava. Meu pai fora um gigante aos meus olhos infantis. Agora era um homem de meia-idade, frustra-do e só. Ele fez perguntas sobre meu emprego e meus anos na universidade em Liverpool. Fiquei feliz por ele saber que havia me saído melhor que Clive e me formado com louvor. Percebi que, mesmo quando falava, minha voz soava ressentida e prepotente. A autoconfi ança jovial que Clive desenvolveu na infância era algo que eu nunca teria, não importa o quão duro trabalhasse ou o que alcançasse.

Por que fui visitar meu pai? É difícil analisar a intenção das coisas que fazemos, e tomamos algumas decisões por uma variedade de motivos. Eu estava correndo riscos. Experimentando o veneno.

Meu pai, com sua voz informal, sabia dizer exatamente as coisas certas. Ele mostrou interesse. Disse que estava orgulhoso de mim, que sempre soubera que eu me sairia bem. Passou a mão pelo cabelo, 125

ainda brilhoso com Brylcreem. Enquanto conversávamos, não parecia que eu conversava com meu pai, mas com alguém que mal conhecia — um antigo professor do primário, uma tia distante, um conhecido esquecido que encontramos por coincidência.

Quando chegou a hora de ir, ele fi cou de pé na porta e olhamos um para o outro como dois gatos assustados. Ele não me beijou. Eu não queria que ele me beijasse. Enquanto caminhava até a estação, fui tomada por uma sensação aterrorizante e decidi nunca mais voltar a visitá-lo.

O trem de volta para o País de Gales atrasou. Fiquei sozinha na imensa plataforma de New Street observando os trilhos desaparecerem no horizonte e me lembrei de quando corria pelas ruas ladeadas por árvores tentando alcançar o infi nito. O trem chegou e partiu rugindo letargicamente através

da confusão de cidades des-conhecidas e fábricas fechadas, pilhas de resíduos deixadas de minas de carvão abandonadas, ruas tomadas pelo vento com luzes de um amarelo pálido em frente à porta de um pub. Quando pará-

vamos nas estações ao longo do caminho, as pessoas que esperavam pelo trem pareciam fantasmas na penumbra. Era difícil imaginar por que estavam ali e aonde estavam indo, por que qualquer um estava indo a algum lugar. O céu estava escuro e nublado, e eu fi quei encharcada com a garoa que me acompanhou no longo percurso a pé para casa.

Naquela noite levei horas para conseguir dormir. Quando adormeci, entretanto, fui acordada pelo choro de uma criança — um lamento longo, cheio de dor. Não consegui voltar a dormir e levantei ainda de madrugada. Fiz uma caminhada pelas ruas molhadas, onde garis esvaziavam latas de lixo e a luz do sol era branca como o gelo ao erguer-se sobre os prédios cinzentos. Fui trabalhar e tentei tirar o sonho da cabeça, mas ele retornou à noite. Depois disso, passou a repetir-se todas as noites, o choro de criança era seguido por um pesadelo cujos detalhes variavam e que sempre começava com uma atmosfera de suspense.

126

Estupro

* * *

Este é o pesadelo:

Estou deitada na cama e olhando para o teto, onde o mó-

bile projeta padrões variantes que giram em círculos acima de mim. As sombras movem-se mais rápido quando a

porta se abre e um homem coberto pela escuridão entra devagar. Ele pega meus ursinhos de pelúcia e os joga no chão. Tira meu pijama. Beija meus lábios. Coloca o pinguelo na minha vagina, no meu bumbum, na minha boca.

Sinto novamente o gosto de leite azedo que sai do seu pinguelo. O gosto permanece na minha boca ao longo de todo o dia seguinte.

Era o mesmo pesadelo que me perseguia desde a adolescência, desde a puberdade, mas com uma diferença sutil. A outra garotinha que observava aquelas cenas não estava lá. O homem no sonho era claramente meu pai, e a menininha era eu.

Isso era algo aterrorizante. Sem a distância emocional oferecida pela outra garotinha, deparei-me com a possibilidade alarmante de aqueles pesadelos afi nal não serem apenas pesadelos, mas memórias de algo que havia acontecido e que de alguma forma conseguira enterrar nos confi ns mais profundos do meu subconsciente.

Mesmo durante o dia, às vezes eu parava enquanto redigia as estatísticas antifumo no computador, bebia um cappuccino ou tomava banho, e minha cabeça rodava como num fi lme. Via alguma cena vívida e assustadora do passado: eu aos três, sete e catorze anos, eu ao longo de toda a infância deitada no meu quarto à noite me sentindo entorpecida enquanto esperava a porta abrir, o móbile girar mais rápido no teto e aquele homem, meu pai, aparecer com seus dedos de aranha e hálito fétido. Aquela garotinha, aquela jovem, aquela pessoa que parecia comigo entrava em uma espécie de transe, e a única lembrança do que acontecera à noite era o gosto azedo que tinha na boca ao acordar e a dor no ânus, na vagina, ou nos dois.

127

Hoje eu sou Alice

Ela tomava um banho na banheira, tomava uma ducha, esfregava-se o máximo possível para fi car limpa e pensava que devia estar enlouquecendo por ter esses pensamentos repulsivos na cabeça.

Agora, de repente, os pesadelos e memórias confusas estavam se tornando mais vívidos, mais conectados, ganhando mais foco.

Sentia-me suja, manchada, isolada. Como a adulta que era agora, podia ver

que, se aquelas memórias eram realmente verdadeiras, eu era um ser humano desequilibrado que havia sofrido abuso durante toda a infância. Ou, e isso era ainda pior, se elas não fossem reais, eu tinha uma mente pornografi camente deturpada, capaz de criar cenas depravadas mais realistas que as que qualquer escritor já colocara em palavras ou qualquer cineasta já transformara em fi lme.

As novas amizades que estava travando com Rosaleen e Louise se desintegraram. Tornei-me uma reclusa. Trabalhava o dia inteiro colada na parede e corria para casa em meio ao inverno para escrever relatórios no meu conjugado infestado por fl ores à noite, bebendo gim, observando meu refl exo no espelho com marcas de mosqui-to enquanto políticos na Rádio 4 conversavam sobre a invasão do Kuwait pelo Iraque. Eu queria estar envolvida, interessada, preocupada. Estivera no Egito e em Israel. No entanto, o Golfo Pérsico e a guerra iminente estavam muito distantes, e a sensação de horror em minha mente estava próxima e presente.

Finais de semana se sucediam e, como uma viciada ou como o cachorro mais condicionado de Pavlov, comecei a visitar meu pai outra vez. Sentávamo-nos na sala de estar com a luz insípida entrando pelas janelas, conversando sobre a probabilidade de haver uma guerra, a comercialização do Natal, a saúde dos homens desempregados. Era como colocar a mão na água escaldante e depois a colocar no fogo apenas para ver a gravidade das queimaduras. Eu era uma masoquista, e não fi quei surpresa ao saber que até o masoquismo tem tons sexuais.

Se minhas memórias eram reais, eu havia sido incestuosamente violentada pelo meu pai a ponto de atingir um estado de insanidade — e não uma vez nem duas, mas centenas de vezes. Aquilo 128

Estupro

não havia acontecido a alguma garotinha estranha da minha memó-

ria obscena. Aquela era eu. Eu. A garota sentada na penumbra bebendo chá. A garota no espelho. A garota que ouvia vozes. A garota com as mãos de um estranho penteando seus cabelos, segurando o lápis que fazia anotações para

a edição na coluna esquerda de seus relatórios. A garota que observa seu refl exo na janela do ônibus que a leva da estação para casa, o grande motor avançando com difi culdade ladeira acima, o ônibus sacolejando. Há algo triste no som dos ônibus no inverno.

O Natal passou em um turbilhão de boa vontade esquecida, e no ano-novo eu completaria 21 anos de idade. Estava dolorosamente magra, bebendo uma garrafa de gim a cada dois dias, tomando comprimidos para dores de cabeça, dor de estômago, dores nas costas, dores no cérebro. Os ursinhos pareciam furiosos. O Senhor Feliz havia caído da prateleira de cabeça para baixo. Será que ele voltaria a ser feliz?

Decisões para mim são como um rolo de linha cujo fi m tenho de compulsivamente alcançar antes de as decisões serem tomadas.

— Termine o gim. Suicide-se. Corte os pulsos. Corte a garganta.

Ninguém gosta de você. Ninguém a quer. Ninguém se importa.

"O que você está fazendo só enquanto seu irlandês de olhos azuis está a apenas alguns quilômetros? Por que você não telefonou para ele? Era tarde demais para voltar atrás? É sempre tarde demais?

Quando viu o emprego no Guardian você não arrancou a página porque fi cava perto dele? Uma parte do seu cérebro estava trabalhando independentemente da parte que você chama de Alice?"

— Era isso que parecia. Às vezes sentia-me como se não estivesse no comando do meu destino, mas fosse sua vítima, sua escrava.

Eu havia feito a pior coisa que uma garota pode fazer com um rapaz: deixara Patrick me amar. Deixara ele me levar para a cama e me esquivara a seu toque, sua mão na minha pele a fazia retrair-se.

Estava envergonhada.

Dei uma olhada no meu livro de endereços e parei no de Sarah.

A brava e determinada Sarah. Olhei para os algarismos até minha 129

Hoje eu sou Alice

visão fi car embaçada. Consultei o relógio: dez em ponto. Olhei de novo: onze em ponto. Pensei em telefonar para Elaine, mas não tive coragem de sair sozinha na escuridão a fi m de ir até a cabine telefô-

nica. Telefonaria no dia seguinte. Podia ouvir o lamento dos carros de bombeiros e ambulâncias, mas não sabia se estavam lá fora nas ruas ou dentro da minha cabeça.

Elaine havia dito que sempre estaria disponível quando precisasse. Ela dissera que ninguém podia mudar o mundo só, e eu estava mudando, entrando em colapso, me decompondo. Podia sentir as placas tectônicas movendo-se na superfície do meu cérebro, os hemisférios da esquerda e da direita se separando cada vez mais, um som como o de plástico quebrando aos guinchos na minha ca-beça, as vozes bradando:

— Suicide-se. Suicide-se. Corte a garganta. Vá em frente. Vá em frente. Vamos, cadela.

As vozes, sempre as vozes.

Minha cabeça estava explodindo. Cobri os ouvidos e olhei em torno da sala. As fl ores na parede estavam se tornando maiores, as espirais no tapete contorcendo-se como vermes gordos, a lâmpada piscando. A cacofonia na minha cabeça era como uma orquestra que se aproxima de um abismo, os instrumentos saindo do tom, o som estridente de violoncelos, oboés e de chocalhos quebrando, rolando abismo abaixo.

Tenho o que se chama de temperamento extremamente reativo.

Desde o nascimento, eu me assustava com facilidade. Talvez fosse por isso que minha mãe dizia que eu era uma criança difícil. Eu não dormia. Não conseguia dormir. Ficava deitada com os olhos abertos quando ela fechava a porta, deixando-me sozinha sob a luz fraca da lâmpada noturna. Os primatas

têm refl exos ao medo que se tornam mais fortes no escuro. Não obstante, deixamos os bebês dormirem sozinhos na escuridão achando que isso é bom para eles. Depois, nos perguntamos por que as crianças choram por atenção, por que famílias são desfeitas, por que quase todos são neuróticos, ansiosos, estressados, inseguros, medrosos; tudo isso começa no berço.

130

Estupro

Estava deitada na cama esperando. Tinha dois, três, quatro, cinco, seis anos de idade. Estava esperando meu papai. É isso que papais fazem com suas garotinhas quando as mamães vão dormir.

Eles vêm ao seu quarto. Jogam seus ursinhos descuidadamente no chão. Fazem cócegas em você. Beijam seus lábios. Tiram suas roupas, e dói quando colocam o pinguelo enorme dentro de você, mas é isso que papais fazem, e você ama seu papai. Minha pele fi cara amarela.

Meus olhos estavam vazios e mortos. Eu estava na ponta da corda.

Precisava desafi ar meu pai de uma vez por todas, olhar em seus olhos e ver a verdade; encontrar a cura ou me matar, como o Professor não parava de sugerir. Peguei um trem para Birmingham e depois uma conexão para casa. Telefonei para meu pai da estação vitoriana de Redbrick e disse que por acaso estava na vizinhança. Por que precisava desse subterfúgio? Dessa mentira? Agora, isso me parece bobo e sem sentido, mas estava me preparando para o confronto.

Ele disse que fi caria feliz em me ver, e fi z o percurso da estação até meu destino pensando no que diria.

Estávamos no meio da tarde, fria como gelo. Sentia-me enjoada e ansiosa enquanto caminhava ao longo da sequência de casas com balões desbotados e correntes de papel de cores mortas remanes-centes do Natal. Parei diante do portão largo e toquei a campainha.

Ainda não era tarde para ir embora. Poderia voltar a telefonar da estação e me desculpar, fugir de volta para o meu trabalho.

“Isso é tolice”, pensei. Estava agindo como uma criança. Na verdade, me sentia uma criança, de pé diante do portão com o dedo pronto para tocar novamente a campainha quando, de repente, como se contra a vontade, apertei-a com força e por mais tempo.

Ele abriu a porta e o segui até a sala dos fundos.

— Vou colocar a água para ferver — ele disse.

A lâmpada da sala estava apagada, a luz pálida do inverno entrando pelas cortinas entreabertas. Permaneci de pé no centro da sala e fui direto às palavras que giravam na minha cabeça desde que era adolescente.

131

Hoje eu sou Alice

— Você abusou de mim quando eu era criança.

Pronto. Eu tinha dito.

Enfi m, depois de tantos anos, aquilo havia saído de mim.

Ele interrompeu o que estava fazendo. Suas mãos tremiam.

— O quê? — respondeu. — Não diga um absurdo desses. Você enlouqueceu? Você não sabe do que está falando.

— Abusou, você abusou de mim. Foi isso que você fez — eu disse.

Pude ouvir minha voz se elevar. Senti-me pequena, e, de repente, ele parecia um gigante erguendo-se diante de mim com braços enormes e uma expressão da qual me lembrava de muito tempo atrás.

— Por que você não se senta, Alice? Controle-se — ele disse.

Dei um passo para trás.

— Você é um desgraçado imundo. Odeio você! — gritei.

Assim que as palavras deixaram minha boca, ele atravessou a sala até a copa e o vi pegar uma faca de cozinha no balcão. Tudo aconteceu muito rápido, como se fosse um fl ashback, e eu podia ver todos os fragmentos ao mesmo tempo.

— Fique quieta — meu pai disse, ameaçando-me com a faca.

Congelei. Ele afastou-se rapidamente e fechou a cortina, deixando o ambiente sem luz. Fiquei imóvel, tremendo por dentro, aterrorizada. Anos de vozes maliciosas, todas aquelas memórias que pensava serem falsas subitamente passaram a fazer sentido.

Minha boca fi cou seca de medo. Os olhos lacrimejaram. Sentia meu coração batendo forte no peito quando me recuperei do choque, e corri em direção à porta. Já havia feito o que fora fazer. Agora queria escapar. Alcancei a maçaneta, mas, quando consegui abri-la, ele fechou-a e estapeou meu rosto. Meu pai agarrou meu braço e me arrastou de volta para o centro da sala com a faca na outra mão, sua lâmina brilhando na penumbra. Ele me bateu outra vez, e outra, a mão aberta atingia meu rosto. Segurou meus ombros e me empurrou em direção ao chão, sentou-se sobre mim e colocou a faca na minha garganta. Meu pai me bateu novamente, desta vez com muito mais força.

132

Estupro

— Não se mova — disse.

Ele tocou minha garganta com a ponta da faca ao erguer a perna e sair de cima de mim. Eu estava deitada no chão. Ele desabotoou o botão de metal do meu cinto e, quando puxou o zíper, lembrei-me de quando era bebê e usava macacão-pijama e do som do zíper sendo aberto à noite. Meu pai puxou

minhas calças jeans até meus quadris e fi quei paralisada, entorpecida, assistindo enquanto tirava meus sapatos. Ele puxou minha calça e a calcinha pelas minhas pernas, tirando-as ao mesmo tempo. Depois, apontou a faca para a minha vulva.

— Não ouse se mover — disse novamente.

Eu olhava para ele sobre meu corpo meio nu esticado no chão.

Sabia que ele não me cortaria com a faca. Só estava segurando-a naquela posição para me tornar submissa, e funcionou. Fiquei submissa, deitada ali como uma criança.

Ele desabotoou a calça, abriu minhas pernas e empurrou o pênis para dentro de mim. Começou a movimentar-se para a frente e para trás, e eu podia sentir seu hálito fétido enquanto arfava. Então, saiu de cima de mim, ajoelhou-se e ejaculou no meu rosto.

Meu pai fi cou de pé olhando para mim deitada no chão.

— Agora levante-se, escória — disse. — Vista a calça e caia fora.

Eu mal conseguia respirar.

Fiz o que ele mandou, vesti minha calcinha e minha calça e coloquei os sapatos. Minhas mãos se moviam mecanicamente. Era como se meu corpo estivesse desconectado do cérebro.

— Aceite um conselho: não conte a ninguém, pois não acreditarão em você — meu pai disse, e estava certo, pois, por anos, ninguém acreditaria.

Eram cinco horas da tarde, e já escurecia quando ele me empurrou pela porta e através do gramado molhado até seu carro, que estava estacionado na entrada.

— Entre.

Fiz o que disse. Gostava de passear de carro com meu papai.

133

Hoje eu sou Alice

Meu pai me levou de volta para a estação. Nem eu nem ele falamos durante o percurso. Fiquei simplesmente ali sentada como uma criança, sua sujeira secando em meu rosto, e me lembro de ter pensado: "Esta não sou eu sentada aqui. Não sei quem é, e não me importo. Estou apenas feliz por não ser eu".

Ele parou na estação da New Street. Nenhuma palavra foi dita.

Saí na rua e seu carro se afastou. Por um momento, tive que me lembrar de onde estava, para onde ia, como chegara ao carro do meu pai. Tudo era como um quebra-cabeça com informações enganosas, difíceis de decifrar. Toquei minha face esquerda com a ponta dos dedos. Doía muito.

Pessoas com roupas escuras pareciam deslocar-se com algum propósito através das passagens e túneis bem iluminados, com a respiração deixando rastros de vapor no ar. A multidão era compac-ta, barulhenta, todos se acotovelando. Os anúncios de trens e a voz das pessoas pedindo troco eram desnorteantes, sons embaçados, e meus olhos, como as lentes de um binóculo, levaram um bom tempo para focalizar os horários de partida e as plataformas.

O trem me levou de volta ao País de Gales enquanto o pulsar das rodas de ferro nos trilhos lembrava batidas de coração. Sentei-me a um canto escuro com o punho da jaqueta cobrindo meu rosto.

Não esperei pelo ônibus. Andei os três quilômetros e meio da estação até meu conjugado no meio da noite fria sem sentir minhas pernas me transportando, um passo de cada vez. Elas não pareciam pesadas ou leves, mas algo desconectado do meu corpo. Meus membros e outras partes do corpo pareciam atomizados, e a única ligação entre eles era uma parte desligada de mim, como se uma onda cerebral conduzisse essa massa lentamente através da cidade morta.

Ao chegar ao conjugado, acendi a luz e sentei-me na cama, onde permaneci a noite inteira em transe contando os pontos do meu cobertor de lã verde e vermelha.

De manhã, as escoriações do espancamento que sofrera haviam inchado, e meu rosto no espelho parecia uma composição dos rostos das mulheres que entrevistara na minha pesquisa sobre violência 134

Estupro

doméstica. Aquela que escrevera a dissertação era eu mesma? Havia sido eu a garota que se formara com louvor? A garota da maratona?

Ocorreu-me que a garota partira, morrera, desaparecera. Eu era a garota no espelho e não tinha por que duvidar mais das minhas memórias. As escoriações eram a prova cabal. Meu pai me havia estuprado no chão de sua sala de estar, tal como me estuprara desde que era um bebê e ao longo de toda a minha infância e adolescência.

Por muitos anos, até onde minha memória podia alcançar, eu vinha segurando o fl uxo da verdade, fi ngindo que aquilo não havia acontecido, imaginando que acontecera a outra garotinha que via de fora de mim mesma. Agora, entretanto, as comportas se haviam aberto. Era tudo verdade: as aranhas, o homem no carro branco, a masmorra onde adultos cantavam e crianças eram deitadas no altar antes de serem sexualmente abusadas. Eu sempre havia me lembrado de ter assistido àquelas cenas, mas agora me lembrava de também ter sido deitada no altar, nua e vulnerável como uma boneca.

Meu pai havia me estuprado no dia anterior. Era seu sêmen que havia secado, se transformando em placas no meu rosto. Ele não somente abusara sexualmente de mim mas me ameaçara com uma faca e me humilhara, ejaculando seu esperma de homem velho no meu rosto.

Aquilo era inacreditável, mas era verdade, e era um alívio saber a verdade.

Havia um bolo no meu estômago do tamanho de uma bola de futebol. Senti a

bile subindo, queimando minha garganta, e corri para o banheiro com ânsia de vômito, mas não consegui vomitar.

Um calafrio percorria minha espinha. Pensei que era assim que o inferno devia ser. Lavei o rosto, o corpo, o cabelo e sai para a cabine telefônica da esquina a fi m de telefonar para o escritório e explicar que estava muito doente para ir trabalhar.

Por que não liguei para a polícia?

Simplesmente não liguei.

Por que não liguei para minha mãe, ou para Elaine, ou para Patrick?

135

Hoje eu sou Alice

Meu pai havia dito que ninguém acreditaria, e acreditei nele.

Como as mulheres que conheci no abrigo, sentia-me envergonhada. Como elas, eu não queria contar o que havia acontecido a ninguém. Nossa mente fi ca confusa quando o rosto está machucado e inchado, quando mal podemos enxergar através dos olhos inchados. Você olha no espelho e nem sequer parece ser você mesma.

Imagina que deve ter feito algo errado. De certa forma, você se sente culpada. Recebeu o que merecia. Sendo uma vítima, assume uma mentalidade de vítima.

Não se pode mudar o passado ou o inevitável. Fora isso que vovô havia dito, e, fatalisticamente, coloquei meus tênis de corrida da Nike e saí para correr. Quando corremos, não pensamos. Não vamos a lugar algum. Colocamos uma perna na frente da outra, impulsionan-do-nos para a frente, o ato de correr é o objetivo por si só.

Quando voltei ao meu quarto, sentei na cama debilitada pelo choque,

abraçando um ursinho em estado de negação, com dores no corpo inteiro e subitamente sentindo uma preocupação obsessiva com o trabalho. Chegava material novo o tempo todo, e eu não queria me atrasar. Decidi ir ao escritório às seis horas da tarde, quando todos teriam partido, a fi m de pegar alguns documentos para estudar em casa. Tomei banho, me vesti e coloquei um chapéu de lã.

Saí do conjugado esgueirando-me como um ladrão que não quer ser visto e fi quei de pé no corredor sentindo o ar frio subindo pelas escadas como mãos que procuravam minha garganta. O corrimão estava úmido, e a estampa de bambu no papel de parede lembrava as barras de uma cela sob a luz fraca. Eu havia perdido o senso de equilíbrio. Enquanto descia a escada e depois andando pela rua deserta, sentia como se estivesse em uma ponte de corda sus-pensa sobre um precipício. Na rua, os paralelepípedos prateados com a chuva que caíra oscilavam. O mundo balançava, e, enquanto tentava recuperar o fôlego, era como se engolisse cristais amargos da noite que chegava. Não conhecia aquilo em que me havia tornado. Sempre me sentira uma alienígena dentro da minha própria pele, 136

Estupro

a lagarta que deveria ter se tornado uma borboleta, um ovo que caíra do ninho, uma salamandra de cor errada. Uma rajada de vento soprou o chuvisco da neblina nos meus olhos. Fechei as pálpebras para ver por quanto tempo seria capaz de andar sem perder o rumo e me chocar com alguma coisa.

O prédio de escritórios estava envolto em escuridão, exceto por duas lâmpadas acesas por trás de janelas sujas. Cheguei ao nosso andar por volta das 6h15 e me surpreendi ao ver que Rosaleen e Louise ainda estavam no escritório. Murmurei um "oi", juntei alguns papéis e fui até a cozinha para pegar um copo de água.

Louise me seguiu e, sob a luz mais intensa, pôde ver meu rosto roxo e inchado.

— Meu Deus, Alice, o que aconteceu?

— Nada.

— Isso não parece nada.

— Eu, eu...

— Pobrezinha.

Uma lágrima formou-se em meus olhos e me encolhi quando Louise colocou os braços em volta do meu corpo. Fechei os olhos, cerrei os dentes e instantaneamente me esquivei.

Louise abanou a cabeça.

— Deixe esses papéis aí, eles não têm importância. Vou levá-la até minha casa para que Bernard possa dar uma olhada em você.

Bernard Lloyd-Jones, seu marido, era médico, um homem re-chonchudo e alegre que gostava de blazers e de gravatas listradas.

Ele examinou minhas escoriações na casa deles. Quando colocou uma luz perto dos meus olhos, me perguntei se seria capaz de ver um videoclipe do que acontecera no chão da casa do meu pai. Louise assou batatas e feijão que mal toquei, e depois me levou ao pronto-socorro de Swansea — a palavra "pronto-socorro" se tornaria comum na minha vida ao longo dos anos seguintes.

Louise fi cou esperando enquanto eu era conduzida a um cubí-

culo, onde me sentei na cama com as cortinas fechadas, observando os pontos da lã que ainda estava usando. Tudo parecia irreal ou 137

Hoje eu sou Alice

surreal — as lâmpadas claras, o cheiro de antisséptico, o choro de um bebê, os murmúrios incoerentes das vozes, como se estivessem chocadas com essa nova reviravolta e não tivessem mais certeza de seus papéis. Durante os três

anos que passara na universidade, eu havia lutado contra as alucinações auditivas que tinha. Encontrávamos agora em uma nova etapa à qual nem eu nem as vozes estávamos acostumadas. Sentia-me abandonada.

Uma médica negra de meia-idade me examinou. Ela notou as escoriações no meu rosto e as sequências de pequenas escoriações nos meus braços, onde meu pai deixara suas digitais tatuadas na minha pele. Perguntou o que havia acontecido. Contei que fora atacada, mas não sabia por quem. Aquilo era muito constrangedor, muito pessoal. Depois de ter escondido a verdade de mim por tantos anos, não era capaz de simplesmente colocá-la para fora.

— Você tem certeza absoluta de que não sabe quem foi o agres-sor? — ela perguntou.

Aquela era a minha chance, talvez a última. Abanei a cabeça.

— Não, não sei — respondi.

Permanecemos em silêncio durante algum tempo. Contudo, não havia nada que ela pudesse fazer, a menos que lhe contasse a verdade e a deixasse me ajudar. Olhei para os meus sapatos. Queria estar em qualquer lugar que não fosse o pronto-socorro. Não queria estar viva; não queria estar morta. Queria ser outra pessoa, alguma versão mais feliz de mim mesma, como aquela garota que outrora passara o verão no Kibbutz Neve Eitan.

Passei a noite com Louise e Bernard. Na manhã seguinte, quando estávamos a caminho do trabalho no carro de Louise, ela sugeriu que eu consultasse seu clínico geral a fi m de pegar a pílula do dia seguinte para o caso de ter engravidado. Fiquei chocada quando ela disse isso. Essa possibilidade jamais teria me ocorrido, e não entendia como Louise podia saber que eu havia sido estuprada e podia estar grávida. O fato de meu pai ter se levantado e ejaculado no meu rosto era terrível e vulgar demais para contemplar.

Parecia que eu não estava mais no comando da minha vida, que haviam sido os acontecimentos que me levaram consigo ao consultório do doutor Graham Sutton. Ele prescreveu as pílulas apropriadas e nitrazepam, um sedativo, e sugeriu que eu voltasse no dia seguinte. O doutor Graham Sutton era um homem de olhar inteligente, ambicioso, confi ante e gentil. A princípio, não lhe contei que havia sido estuprada, e, quando fi nalmente contei, não lhe disse por quem.

Naquele dia não fui trabalhar. Louise me levou de volta para sua casa. Tomei as duas pílulas e dormi até o fi m da tarde no quarto de hóspedes. Bernard preparou ovos mexidos quando me levantei. Depois de comer, voltei para a cama com outro comprimido para dormir.

Quando acordei por volta das 10h30 na manhã seguinte, o som de sirenes e bombas explodindo havia fi nalmente silenciado. Desci as escadas e encontrei Louise com os olhos vidrados na televisão.

Estávamos em janeiro de 1991. Depois da invasão de Saddam Hus-sein ao Kuwait, o bombardeio que o expulsaria daquele país havia começado com o ataque americano a Bagdá. O que passou pela minha cabeça enquanto via construções se desintegrar em nuvens de poeira foi que, no exato momento em que minha vida desmoro-nava, o mesmo acontecia ao mundo.

Tendo passado três dias na casa de Louise e Bernard, voltei ao meu conjugado. Depois de trocar de roupa, Louise me levou para o escritório. Era bom voltar ao ritual do trabalho, mas eu não conseguia me concentrar. Enquanto lia as palavras dos relatórios, era como se a tinta ainda não houvesse secado, e as elas misturavam-se em uma confusão úmida. Eu seguia em frente, lendo, lendo, não absorvendo nada. Compareci à reunião de sexta-feira, quando relatávamos o progresso dos nossos projetos ao restante do departamento. Aquele era um exercício produtivo, um momento para expor ideias e decidir qual seria a melhor estratégia a ser tomada em seguida. A reunião foi informal e me fez sentir um ser humano normal, mesmo apesar de não ter nada útil a acrescentar.

Hoje eu sou Alice

Continuei consultando o doutor Sutton regularmente. Seu consultório fi cava perto do escritório, de forma que podia aparecer na hora do almoço. Graham Sutton era o tipo do médico que nos recebe com um toque amigável no braço, e quando fazia isso eu me esquivava como fazemos ao encostar no fogo. Ele sugeriu que eu consultasse um psiquiatra, ao que resisti. Não acreditava na psiquiatria. Os psiquiatras sempre pareciam ter seus próprios problemas psiquiátricos, e, como não estava pronta para falar sobre o que acontecera com meu pai, via a possibilidade de consultar um psiquiatra como nada além de um doloroso desperdício de tempo.

O resto da minha rotina continuou como sempre: levantava-me exausta depois de uma noite de pesadelos; assistia às notícias da destruição de Bagdá por bombardeiros que voavam sobre uma cidade sem canhões antiaéreos; compilava estatísticas das despesas com a saúde de Bruxelas e Amsterdã relacionadas à nicotina; voltava andando em meio ao frio de inverno para meu conjugado com a lareira elétrica de duas barras, as canecas rachadas e as Palmeiras Ondulantes das Ilhas Tropicais encolhidas pelas grandes fl ores azuis que fl oresciam como sujeira nas paredes. Um copo de gim, uma noite maldormida, uma corrida no fi nal de semana, palavras de jornais perdidas ao longo do caminho.

Eu trabalhava, comia chocolate, bebia gim, examinava meu refl exo no espelho. As escoriações haviam sumido, e a garota que via era uma pessoa diferente. Ela ainda ouvia vozes que lhe diziam para se matar, mas não tinha mais dúvidas.

Tornou-se impossível trabalhar. Não conseguia me concentrar.

Os fumantes teriam de seguir em frente sem mim. Falei sobre isso com Louise. Não visitava minha mãe desde que havia sido estuprada, e Louise havia se tornado minha mãe postiça. Discutíamos sobre meu "estresse pós-traumático". Esposas de médicos imaginam que são médicas por convivência, e Louise fi nalmente me convenceu a aceitar o conselho do doutor Sutton e consultar um psiquiatra.

A análise é um percurso pedregoso, e contra meu próprio bom senso passei a percorrê-lo. O doutor Sutton marcou a consulta e uma 140

Estupro

semana depois fui até o hospital, onde a unidade psiquiátrica parecia uma capela e fi cava isolada do restante do prédio. Consultei a doutora Simpson, que parecia séria em suas saias justas e casacos de corte perfeito — outra mulher.

Aquela era a minha nova rotina. Saía do trabalho mais cedo todas as segundas para uma sessão com a doutora Simpson, e conversávamos. Não consigo me lembrar do que conversávamos, mas sei que nunca mencionei as vozes. Ela prescreveu lofepramine, um antidepressivo com o qual não me adaptei. Passei a tomar Prozac, que tomo até hoje.

O Prozac nos dá um novo ângulo de visão. Agora, acordava depois de um pesadelo e, enquanto comia Weetabix, as reportagens do rádio sobre as mortes e o desastre no Irã pareciam mais uma excêntrica peça de teatro sem relação com a minha existência. Contanto que as pessoas não se matassem fumando, não me importava de que forma se matavam.

Os antidepressivos diários me ajudavam a atravessar outra semana de trabalho até que chegava o momento de me deitar em um estado semi-hipnótico em um sofá preto — exatamente como vemos nos fi lmes —, e a doutora Simpson punha-se a desbravar minhas memórias da infância. Na verdade, ela era muito boa, mas eu lutava contra ela. Meus esqueletos pertenciam somente a mim mesma, e não estavam prontos para sair dançando do armário.

As sessões sucederam-se por semanas e meses. Não estou certa do que lhe disse, do que ela me perguntou ou do que anotou a lápis em seu bloco. Lembro-me, entretanto, que em certa sessão, quando ela conseguiu me fazer regredir à infância, a consulta passou da hora.

Ela estava apressada e saímos do prédio ao mesmo tempo.

— Até logo, Alice.

— Até logo — respondi baixinho.

Estava chovendo. Vi a doutora Simpson afastar-se em um carro novo enquanto me sentava no pavimento sob a chuva com lágrimas rolando pelo rosto, incapaz de destrancar a corrente da minha bicicleta.

141

CAPÍTULO 9

Aonde poderei ir?

A lice é estranha. Ela parece ser como as outras pessoas, mas não é. Ela tem coisas assustadoras na cabeça. Quando Alice era garotinha, seu papai fez coisas que não podia ter feito. Ele ia até seu berço; depois, até sua cama. Tirava seu pijama. Ele colocava o pinguelo em seu bumbum, em sua boca. Gostava de fazer xixi no seu rosto. O xixi era grudento e diferente. Alice convencera-se de que aquilo era normal quando era criança, e fez-se esquecer até ter crescido o bastante para lembrar-se. Alice é inteligente — é isso que as pessoas dizem. Era por isso que ela era capaz de separar o que lhe acontecia à noite de quem era quando ia à escola de manhã.

"Quem sou eu? Onde estou? O que estou fazendo aqui? Meu cérebro está pegando fogo."

Chove muito no País de Gales. O céu tem um tom de cinza como o da pele de pessoas idosas. As montanhas verdes não são verdes, mas cinza. A Montanha Negra tem esse nome porque é negra. A neblina cobre os vales como cinzas. A névoa absorve o cálcio de nossos ossos.

A vida era cinza, e o trabalho no departamento de campanhas de saúde tinha uma cor cintilante.

Os homens espanhóis são os maiores fumantes da Europa. Eles preferem aquele tabaco preto realmente pesado que apodrece os dentes. Nada é capaz

de fazê-los parar. Ocorreu-me que a melhor forma de impedir as pessoas de fumar seria proibir o fumo completamente, mas os governos precisam dos impostos dos fumantes para 142

Aonde poderei ir?

pagar pelas unidades cardíacas e respiratórias dos hospitais. Isso faz sentido se examinarmos as coisas do ponto de vista certo.

Não tenho amigos. Ir ao trabalho não é como ir à universidade.

Sou uma reclusa, correndo, escrevendo em diários que acabaria perdendo como neurônios, lembrando e esquecendo. O Professor resmunga porque não o ouço. Por que deveria ouvi-lo? Já tenho meus próprios resmungos. Meu conjugado está encolhendo. Meu quarto é uma cela. As fl ores azuis tornam-se cinza enquanto se enrolam nas grades, suas raízes e caules tornam-se mais grossos, me confi nando.

Os macacos do Zoológico de Chester têm mais espaço que eu. Você não poderia ver minha cela, mas eu sabia que ela estava lá. Ela era um campo de força, como os feixes de luz que protegem objetos preciosos e disparam alarmes quando são atravessados. A invisibilidade do campo de força envolvia minha cabeça, e era necessário usar toda a minha força de vontade para atravessar os dias e noites chuvosos.

Na verdade, eu tomava Prozac e Valium, as chaves para a cela.

Chaves feitas de esqueletos. Passara a conhecê-las bem.

O Valium pertence ao grupo de drogas chamadas benzodiaze-pinas. Ele anula os sentidos e é usado para distúrbios de ansiedade, afetando os compostos químicos do cérebro vulneráveis a desequilíbrios e que causam a ansiedade. O Valium é prescrito para agitação e tremores e para aliviar certos tipos de dor muscular. É útil após uma corrida de quinze quilômetros e para alucinações durante pe-ríodos de amnésia alcoólica. Contudo, por que esquecer?

O Prozac é uma droga psicotrópica, uma forma de fl uoxetina hidroclorídrica. Ele é efi ciente no combate a ataques de pânico, depressão, ansiedade, bulimia nervosa e insônia. Pode levar a tendências suicidas, bem como prejudicar a capacidade motora e de julgamento. O Prozac estica nossa mente para lhe dar novas formas, e, depois de remodelada, ela nunca mais readquire suas dimensões originais. A heroína e o LSD têm o mesmo efeito — embora eu ainda não soubesse disso.

Eu raramente pegava o trem para casa. Estava a ponto de entrar em erupção, e todas aquelas toxinas do magma teriam sufocado 143

Hoje eu sou Alice

minha mãe. Pensava em Esther e no quão forte ela devia ter sido para sobreviver a Buna-Monowitz.

Em um fi nal de semana choveu continuamente durante 48 horas.

A chuva produzia uma batida como a de dedos ossudos contra os vidros das janelas. Tap. Tap. Tap. Tap. Fungos cresciam nas paredes.

Poli uma garrafa de gim sentada enrolada perto da lareira elétrica de duas barras e escrevi um poema — um dos poucos que sobreviveram às mudanças ao longo dos anos. Ele se chama "Aonde Poderei Ir?".

Se não é este o lugar onde as lágrimas são compreendidas, aonde irei para chorar?

Se não é este o lugar onde os espíritos podem ganhar asas, aonde irei para voar?

Se não é este o lugar onde meus sentimentos podem ser ouvidos, aonde irei para falar?

Se não é este o lugar onde você me aceitará como sou, aonde irei para ser eu mesma?

Se não é este o lugar onde poderei aprender a crescer, aonde irei para sorrir e chorar?

Chegara a hora de seguir em frente. Louise Lloyd-Jones colocou a ideia em foco quando me mostrou o anúncio em um dos jornais nacionais de uma vaga de assistente de pesquisas na Universidade de Huddersfi eld. O emprego estava associado a um curso de PhD

com o tópico de grupos de saúde comunitário e acompanhava uma bolsa de 5 mil libras, o que signifi caria uma redução considerável na minha renda. Fiquei lisonjeada por, mesmo depois de ter agido como uma criança na frente de Louise e Bernard, eles acharem que tinha capacidade para aquilo e terem me convencido a me inscrever.

Compareci à entrevista e me ofereceram a posição. No trem de volta ao País de Gales, parou de chover. Seis meses haviam se passado desde o dia em que meu pai me estuprara. A ferida não havia fechado; nunca fecharia. Eu era um ovo rachado cuja rachadura 144

Aonde poderei ir?

aumentava lentamente. Cumpri o mês de aviso prévio, e meus colegas me deram como presente de despedida um dragão galês fofi -

nho. Ele deixou os ursinhos aterrorizados até se acostumarem com seu sorriso demoníaco e sua capa escarlate.

Dei início à procura por um lugar para morar em Huddersfi eld telefonando para o número fornecido em um anúncio no quadro de avisos da universidade. Falei com uma mulher chamada Kathy Higgins, que fi cou de me encontrar na estação de trem a fi m de me levar para ver as instalações pessoalmente. Compreendi o porquê disso quando chegamos.

A casa fi cava no topo de uma montanha íngreme e mais longe da universidade do que a maioria dos estudantes gostaria de morar.

Kathy me conduziu até um quarto amplo, iluminado e bem ventilado com

vista para os campos, que se tornavam dourados ao pôr do sol. Ela disse que eu dividiria o banheiro e pagaria a taxa completa. Conheci o companheiro de Kathy, Jim, que gostava de enrolar seus próprios cigarros. Decidi alugar o quarto e não mencionar que fumar fazia mal à saúde.

Antes de ir para Huddersfi eld, eu tinha algumas semanas livres.

Acordei de madrugada, peguei o primeiro trem, e ao cair da noite estava de volta ao meu amado Israel. Era fi m de temporada, e fui direto para Eilat, que fi ca perto da fronteira com a Jordânia e é quente o ano todo. Arrumei emprego em um bar na praia — sim, eu mesma, Alice — e dividi uma cabana com um homem depois de apenas cinco minutos de tê-lo conhecido. Samir era um druso do Líbano. Formávamos um casal estranho — eu com minha escuridão e minhas sombras, e Samir com um brilho nos olhos e modos gentis.

Drusos são os adeptos de uma seita islâmica mística fundada na Pérsia. Ela é única, com sua incorporação da antiga fi losofi a gnóstica cristã e monoteísta, como os muçulmanos, cristãos e judeus, o que para mim fazia todos os rótulos parecerem meras divisões ridículas.

Expus meus pensamentos a Samir e ele disse:

145

Hoje eu sou Alice

— Ah.

— Ah? — indaguei.

— Ah — ele repetiu

— Não estou certa?

— Não está certa nem errada, mas apenas expressou uma opinião.

— O que você acha, Samir? O mundo não seria melhor sem religiões?

— Quando estiver pronta para saber a resposta para essa questão, alguém aparecerá para lhe dizer — ele respondeu.

Ele era ao mesmo tempo frustrante e adorável. Samir me lembrava Patrick. Trabalhava à noite, enquanto eu trabalhava durante o dia, e quando nos encontrávamos ele fi cava mais constrangido que eu por estarmos dividindo as mesmas acomodações gratuitas.

Quando não estava trabalhando, eu passava meu tempo na praia com romances cujos títulos me fugiram à memória, embora às vezes eu pegue um livro e tenha aquela sensação de déjà vu de já o ter lido. Eu mergulhava com um tanque de oxigênio e nadadeiras, e frequentemente visitava o Observatório do Mundo Submerso de Corais, onde tentava imaginar como era ser um peixe.

Quando tinha alguns dias de folga, ia à Jordânia para visitar a cidade de Petra. Saía do ônibus empoeirado; o teto estava sempre empilhado de sacos de estopa e cestos com galinhas. Havia homens de albornoz mascando maconha, mulheres com malas pretas na cabeça. Vi um homem que parecia ter saído diretamente dos livros de ilustrações árabes tocando uma fl auta de junco enquanto uma cobra intimidante saía lentamente de um cesto. Sentir o sol no rosto era como fi car em frente a um forno aberto. Havia no ar um cheiro de tempero misturado a fumaça e suor. As pessoas me empurravam enquanto consultava o mapa que obtivera em Eilat.

O motorista do ônibus desceu e acendeu o que eu calculava ser seu 200º cigarro do dia. Ele olhou para mim, parada ali com os olhos cheios de assombro.

146

Aonde poderei ir?

— Você, venha, venha — disse, apontando em direção a uma colunata por trás da estação rodoviária.

— Para onde?

— Venha.

Ele estalou os dedos e eu o segui até as sombras. Havia mesas e cadeiras de metal embaixo dos arcos, que eram como catacumbas sob uma catedral. O lugar era surpreendentemente frio. Velhos com barba e rosto sereno fumavam narguilés, seus lábios sugavam os longos tubos enquanto a água borbulhava como numa indigestão.

Sentamo-nos a uma mesa e um garçom com uma casaca branca imunda trouxe um bule de chá de menta, duas xícaras e uma pequena tigela de cubos de açúcar que instantaneamente atraíram uma nuvem de moscas. Meu companheiro gesticulava com o cigarro.

— Ahmed — ele disse, apresentando-se com uma reverência à moda antiga.

— Alice. Prazer em conhecê-lo.

— Prazer em conhecê-la. Muito obrigado.

O motorista era palestino e falava algumas palavras em inglês que provavelmente provinham de um curso básico que todos os homens que deixam de usar galabeyah para adotar calça e camiseta devem fazer:

— De onde você é? É casada? Tem fi lhos?

Respondi que fazia pesquisas médicas. Ele balançou a cabeça sabiamente.

— Médica?

— Estudante.

— Uma médica estudante? — perguntou.

Decidi entrar na fantasia. As pessoas acreditam no que querem acreditar.

Ahmed me contou que tinha um fi lho e três fi lhas. Ele me mostrou três

dedos, e ao retorcer os lábios para baixo parecia perguntar por que havia sido condenado a tal destino. Assumimos um silêncio amigável e bebemos nosso chá. Nos países árabes, a partir do momento em que conhecemos alguém, não há necessidade de se jogar 147

Hoje eu sou Alice

conversa fora, e me perguntei se talvez houvéssemos falado muito sobre as coisas erradas a fi m de evitarmos mentir sobre o que realmente importava.

Tentei pagar pelo chá, mas Ahmed pareceu ofendido.

— Não, não, não. Sou eu quem deve pagar.

— Shukran — respondi.

Ele sorriu novamente.

— Assalamu alaikum — que quer dizer "Deus esteja com você".

Durante o tempo que passara sentada sob as sombras, o sol havia esquentado mais ainda, mas eu estava determinada a seguir meus planos e passei as três horas seguintes explorando a cidade.

O céu era um lençol azul, a luz deixava as extremidades de tudo bem defi nidas. Petra é uma pérola arqueológica, e, enquanto percorria suas ruas estreitas, fui levada a um estado hipnótico pelas variações reluzentes do vermelho das pedras antigas e pela sensação de eternidade capturada por cada grão de areia.

Petra fi ca em uma das extremidades do deserto Wadi Arabah, cercada por elevadas montanhas de arenito cor de ferrugem — uma proteção natural contra invasores. As construções em Petra tiveram início no século VI a.C., quando nômades árabes plantaram os primeiros pomares e abandonaram as selas dos camelos pela agricul-tura e pelo comércio. Herodes, o Grande, tentou reunir os árabes sob seu controle, mas Petra permaneceu independente até que os romanos a dominaram no ano 100 d.C. O forte

construído pelos cruzados no século XII muda de cor sob o sol, passando de amarelo a cor-de-rosa e depois ao mesmo tom de vermelho brilhante do dragão galês que deixara em casa com os ursinhos. Os primeiros árabes entalharam templos e tumbas em rochas que esfarelam facilmente, uma lição para mim de que tudo é frágil e efêmero.

Das ruínas do castelo cruzado, observei a rígida beleza existen-cial do deserto. Lembrei-me de Samir quando lhe perguntei se o mundo poderia ser um lugar melhor sem religiões e ele havia respondido enigmaticamente que, quando estivesse pronta para saber, 148

Aonde poderei ir?

a resposta apareceria. Sentia-me pronta naquele momento, mas não havia ninguém ali sob o sol além de mim mesma.

Eu podia viajar sozinha pela Itália machista e através dos riscos imprevisíveis do Oriente Médio. Passei por vilas onde era a única mulher que não usava véu. Dormi em albergues e pensões. Alimen-tava-me com comida de rua em estábulos e pequenos restaurantes recomendados pelo guia de viagem, ou — o melhor de tudo —

descobria-os sozinha e por pura sorte. Enquanto viajava, eu era uma parte diferente de mim — uma Alice internacional, mais cosmopolita e receptiva. Rapidamente assimilava frases básicas, e descobri que poucas palavras no idioma de outro ser humano eram o bastante para construir elos duradouros: "por favor", "obrigada", "adeus"

— min fadlik, shukran, ma'assalama.

A Alice cosmopolita desaparecia no momento em que os roche-dos brancos de Dover entravam no meu campo de visão. Aquela pessoa se fechava, e eu podia sentir a mudança assim que colocava os pés em solo inglês. Encolhia alguns centímetros e retraía os ombros. Meus cabelos perdiam a vitalidade. O tique no pescoço reaparecia. Ah, de volta ao lar, hora de fi car nervosa. Nasci expatriada, e, assim como os loucos tornam-se psiquiatras e os perseguidores —

como descobriria — nasceram para carreiras em alas de hospitais psiquiátricos, eu estava ironicamente fadada a viver na região central da Inglaterra, com meu emprego de classe média, bem como com meus valores e ansiedades.

Se pensei no meu pai durante o tempo que passei viajando?

Sim, pensei, todos os dias. A imagem dele em minha mente apontando uma faca para a minha vulva e sussurrando "Não ouse se mover" parecia a cena de um fi lme doentio do tipo que eu nunca desejara assistir. Coisas assim vivem o tempo todo dentro de você.

Crescem como um câncer, um tumor negro que incha em suas vísceras, e às vezes você fi ca em frente ao espelho perguntando-se se aquela coisa negra emergirá através da sua pele.

Como se fruto de uma queimadura terrível, a cicatriz permanece com você para o resto da vida, mas é uma cicatriz interna, na 149

Hoje eu sou Alice

sua memória. Ninguém é capaz de vê-la, e é difícil acreditar em coisas que não podemos ver com nossos próprios olhos. Até eu achava difícil acreditar que aquilo havia realmente acontecido. Por um momento, esquecia de tudo e me sentia livre. Observava uma garotinha lavar roupas com a mãe, ambas usando galabeyahs de um azul pálido, com a cabeça coberta, a garotinha com uma versão menor da bacia da mãe. Em minhas viagens, eu não era abandonada pelas vozes, pelas peças que o tempo me pregava nem pelos lapsos de memória, mas a sensação de estar experimentando algo diferente tomava conta de mim. Não estava livre do meu passado, mas exteriormente ao menos contava com a distância.

Retornei de Petra e passei os últimos dias da viagem em Nahariyya, um dos meus lugares favoritos. Nahariyya é uma cidade habitada por 50 mil pessoas que foi fundada principalmente por judeus-alemães na década de 1930. Fica bem ao sul da fronteira libanesa e estende-se para além das praias ao longo do Mediterrâneo.

Há um rio estreito que divide a cidade com pontes a intervalos regulares. Quando o tempo está ameno, todos vão para a rua à noite, e as lojas e estalagens estão sempre lotadas. A noite cheira a patchouli e milho torrado na espiga. Comi baklava coberta de mel e pistaches, e me lembrei de ter comido as mesmas sobremesas na viagem da escola pelo Egeu no SS Bolivia tantos anos atrás, quando vovô ainda estava vivo.

Na última noite que passei em Nahariyya, sentei-me na praia para assistir ao pôr do sol. O céu era de um tom pálido de rosa sobre o mar. Estava em paz, algo que não sentia havia quase um ano.

Antes de deixar o país, peguei o ônibus de volta a Tel Aviv e fui de carona em um antigo caminhão agrícola até o Moshav Bene Atarot. Eu havia passado um verão colhendo frutas para a família Zimmer, e tudo parecia ter permanecido exatamente como me lembrava: os prédios simples e sem adornos, os campos bem cuidados, os pomares cultivados em sequência. Entrei pela porta da frente, que nunca fi cava trancada.

— Shalom — gritei.

150

Aonde poderei ir?

Ruth, a mãe da família para a qual trabalhara, apareceu no topo das escadas.

— Alice? — desceu as escadas correndo. — Não acredito!

Ela me recebeu como se fosse a fi lha pródiga. Fazia mais de dois anos desde que nos víramos pela última vez, mas parecia que apenas um dia havia se passado. Era estranho, pois me senti como eu mesma, Alice, quando fui abraçada sem medo por Ruth e retribuí o abraço.

Naquela noite, com o marido de Ruth e seus fi lhos adultos, jantamos e conversamos sobre a Guerra do Golfo. Mísseis Scud iraquianos haviam sido lançados em Tel Aviv quando Saddam Hus-sein percebeu que a guerra

estava perdida e decidiu partir para um ataque a Israel.

Eu ouvira todos os dias as notícias dadas pela Rádio 4, mas não me lembrava de nada, absolutamente de nada. Só me lembrava da chuva, do conjugado úmido, das estatísticas de Bruxelas e de observar enquanto a doutora Simpson trocava habilidosamente a marcha ao se afastar em seu carro do estacionamento do hospital.

151

CAPÍTULO 10

Divisão

E ncontrava-me a cinco quilômetros do centro de Huddersfi eld quando senti minhas bochechas perderem a cor enquanto descia correndo uma longa ladeira. Estava frio e o cenário era lúgubre. As lâmpadas dos postes ainda estavam acesas às dez da manhã.

Alice Jamieson PhD.

Doutora Alice Jamieson.

Aquilo soava bobo. Sentia-me como se tivesse sete anos de idade.

Já havia parado para tentar lembrar aonde deveria estar indo, mas ainda estava perdida e corria em círculos ao redor das vias de mão única. Huddersfi eld fi ca no meio de uma várzea, mas o vento abre caminho através das montanhas que a circulam e atinge nosso rosto não importa em que direção estejamos indo. A cidade era rica durante a Revolução Industrial, mas quase todas as fábricas têxteis haviam fechado e as pessoas pareciam pobres e arruinadas, andando apressadamente com os cabelos despenteados e a gola dos casacos virada para cima.

Quando o padre metodista John Wesley chegou à cidade durante sua cruzada evangélica, em 1757, escreveu em seu diário:

“Viajei pelas montanhas até Huddersfi eld. Povo mais selvagem nunca vi na Inglaterra. Os homens e mulheres enchiam as ruas, parecendo prontos para nos devorar”.

Por sorte, eu não tinha muita carne, e na Terra do Gelo é possí-

vel comprar cinquenta linguiças por 99 libras. Havia inúmeras lojas 152

Divisão

de segunda mão. As placas de “vende-se” ocupavam várias janelas, mesmo apesar de o Natal estar se aproximando, com correntes de papel e memórias da viagem da estação de New Street à porta guardada por leões brancos da casa do meu pai.

Quando passei pela universidade original pela terceira vez, percebi que ela lembrava um bolo de aniversário com suas torres agrupadas e pórticos semelhantes a coberturas de creme. Varandas pouco espaçosas com telhados de ardósia ladeiam as ruas cinzentas, mas então podemos virar a esquina e deparar com universidades modernas que parecem templos da nova era com suas paredes de vidro curvas — um contraste absoluto com a arquitetura local. O

Edifício Harold Wilson lembrava o meu sixth-form college.

Tudo naquela época me lembrava outra coisa. Havia 10 mil estudantes em Huddersfi eld, e lembrei-me de que nenhum deles me convidaria para sentar e compartilhar uma xícara de chá de menta.

Lembrei-me de como era fácil viajar sozinha sem me perder no Oriente Médio, enquanto aqui corria inadvertidamente na direção errada por uma rua de mão única ainda à procura do prédio da universidade onde trabalhava. Kathy e Jim, meus anfi triões, tinham forte sotaque de Yorkshire e gênio forte. Às vezes gritavam ofensas um contra o outro no andar de cima, o que me fazia lembrar de mamãe e papai brigando — brigas que ouvia até meu pai me trancar na gaiola.

O que aquilo signifi cava? Por que ele fazia aquilo? Será que meu pai queria provar que apesar de não ter poder sobre minha mãe tinha poder sobre mim, me trancando, indo à minha cama, me levando para a masmorra? Estaria eu sendo punida por ser uma menina má, provocativa, sexualmente precoce? Será que eu falava demais, como mamãe dizia?

Eu sabia que não era nada disso, mas continuava me questionando, me culpando. Não importava o quanto tentasse, eu não conseguia impedir que meus pensamentos voltassem à minha in-fância, aquela melancólica tapeçaria que estava frequentemente tentando desfazer a fi m de obter uma imagem diferente. O passado 153

Hoje eu sou Alice

ganha uma aparência melhor quando somos capazes de mentir para nós mesmos.

Estava vinte minutos atrasada quando subi correndo as escadas para o terceiro andar, onde dividiria um escritório com Gerald Brennan, meu diretor de estudos, e outro professor cujo nome não será revelado, pois esqueci.

Gerald não pareceu perceber que eu estava atrasada. Ele vivia em sua cabeça e na verdade não se dava conta de quase nada. Gostei dele imediatamente. Evitamos olhar nos olhos um do outro quando nos cumprimentamos com um aperto de mãos. Gerald disse:

— Você não precisa ser louca para trabalhar aqui, mas isso ajudaria — o que fez eu me sentir em casa.

Se Gerald, com seus óculos redondos e cabelos longos ao estilo John Lennon, estava tentando quebrar o gelo com bom humor, seu comentário seguinte foi um balde de água fria: em dois dias teríamos de entregar um artigo sobre a relevância da Pesquisa Operacional para os Grupos da Saúde Comunitária na Conferência de Jovens Pesquisadores Operacionais de Edimburgo. A pesquisa operacional era uma área de estudo completamente nova para mim, e ele me pediu que nas 48 horas seguintes mergulhasse em

dois livros sobre o assunto.

— Em dois dias?

— Aposto que você consegue — respondeu Gerald.

— Deve ser um apostador — eu disse, e ele franziu as sobrancelhas.

— Não, não. De forma alguma.

Na verdade, ele era um líder da Brigada da Juventude preocupado com o bem-estar das crianças, mas eu logo veria que ele era incapaz de comunicar seu entusiasmo de forma prática. Ele me conduziu até minha mesa, ao lado da porta. Limpou a bagunça e me deu um livro sobre pesquisa operacional do tamanho do Dicionário Oxford. Afastou-se enquanto polia os óculos e inalei um bocado de poeira quando folheei as páginas do livro. Aquele era o tipo de tarefa ideal para mim. Um livro grande, a cabeça baixa, usando 154

Divisão

a lógica do hemisfério esquerdo do cérebro, livre da imprevisibili-dade do hemisfério direito. Eu fazia um tipo de leitura dinâmica, mas não parecia estar absorvendo nada, então decidi retornar à PO

mais tarde e no momento me concentrar nos grupos de saúde comunitária, minha área de especialização.

Ao longo de dois dias, li e fi z anotações, e quando chegou o dia da conferência estava quase molhando as calças de nervosismo. Em minha vida diária, eu não falava com ninguém. Para mim, falar para uma plateia era algo tão raro quanto o sol no País de Gales. Por sorte, Gerald tinha uma oratória terrivelmente tediosa, o que me deu confi ança. Depois de um longo discurso sobre PO, ele olhou em minha direção.

— ...e, fi nalmente, Alice Jamieson está aqui para nos informar sobre as estratégias comuns para grupos de saúde comunitária.

“Você consegue. Você consegue. Você consegue.”

Com os pulsos fechados, as unhas cravando a palma das mãos, os joelhos tremendo, me levantei, olhei para a frente sem me concentrar na multidão e murmurei algumas frases que havia ensaiado na noite anterior em frente ao espelho do banheiro de Kathy. Recebi uma salva de palmas não muito sincera, as cadeiras no auditório foram arrastadas, e então os alunos saíram apressadamente para importunar calouros e fazer outras coisas mais “práticas”. O grunge estava no auge, e eu invejava aquelas garotas confi antes com seus coturnos multicoloridos e cabelos rastafári.

O artigo que entregamos descrevia um projeto desenvolvido por Gerald que eu mais tarde remodelaria. Nos primeiros meses que passei na universidade, fui obrigada a apresentar uma proposta de pesquisa inicialmente para um mestrado, mas com o objetivo de obter um PhD. Gerald estava mais que disposto a ajudar. Porém, vivendo como vivia em seu próprio espaço estranho, ele era incapaz de explicar o assunto de forma racional, e às vezes eu me perguntava se ele era mais louco que eu.

Felizmente, havia um supervisor acima de Gerald. Colin Ince era alto e magro, com ombros curvados e uma dose saudável de 155

Hoje eu sou Alice

inteligência emocional que era o alicerce de sua mente engenhosa.

Ele estava ocupado escrevendo um livro, o que signifi ca que raramente nos encontrávamos, embora quando nos encontrássemos ele desafi asse minhas ideias e tivesse introduzido uma nova perspectiva sem mudar a base da minha pesquisa. Colin me ajudou a desenvolver minha proposta sobre como a PO poderia ser usada como estratégia de pesquisa para permitir que grupos de saúde comunitária se tornassem mais envolvidos no processo de tomada de decisões e na implementação de iniciativas concernentes aos habitantes da zona rural. Isso requeria a identifi cação de vários grupos de saúde comunitária e um trabalho com eles, bem como com os responsáveis pelas decisões estratégicas na localidade, incluindo o Conselho Metropolitano do Distrito de Kirklees e os Departamentos de Saúde de

Huddersfi eld e Dewsbury.

Aquela era a minha vida. Eu estava feliz. Todas as teorias e pesquisas tinham um produto fi nal. Descobri que, quando adoecem, muitas pessoas sentem-se de alguma forma culpadas, acham que estão dissimulando, exagerando, que o hospital não tem o dever de ajudá-las, mas existe tão somente para servir aos médicos e clínicos com seus jalecos brancos e senso apressado de propósito. Os médicos têm o hábito de falar do paciente deitado na cama como se ele não estivesse presente, o que o faz sentir-se rejeitado e um tanto enver-gonhado. Câncer? Taquicardia? Overdose? — Não faça tempestade em copo d'água; vá para casa e prepare uma xícara de chá.

O objetivo da minha pesquisa era desenvolver sistemas que pudessem ajudar pessoas com problemas de saúde a superar essas dúvidas naturais e se concentrar no processo da cura, com o objetivo secundário de conscientizar os médicos da necessidade do paciente de ser informado e envolvido em seu próprio tratamento.

Uma pessoa que foi para mim uma fonte de inspiração foi Rebecca Wallington, uma diretora do departamento de saúde. Encontramo-nos pela primeira vez em seu escritório. Ela preparou um café, e quando nos sentamos olhou com um semblante sério de trás de sua mesa e disse.

— A propósito, Alice, sou lésbica.

— Ah...

Naturalmente, fi quei surpresa diante daquele anúncio súbito.

A sexualidade das pessoas não me interessava, ainda que acredite que os adultos devem ter liberdade para ser e fazer o que quiserem, desde que isso não prejudique, envolva ou toque a vida de crianças, e foi isso que lhe disse.

— Concordo inteiramente, 200% — ela respondeu, e sorriu com simpatia.

Rebecca tinha longos cabelos grisalhos prateados que usava presos à francesa, traços fortes em um rosto sempre coberto por uma maquiagem leve e uma abordagem direta da qual gostava. Ela deve ter percebido que eu precisava de ajuda, pois sempre fazia o possí-

vel e o impossível para colaborar com meu projeto.

O Natal chegou e passou. O inverno em Huddersfi eld é como o do País de Gales — um impenetrável lençol cinza, o vento batendo nas janelas do meu quarto, a ladeira que tinha de subir para chegar à casa de Kathy tornando-se cada vez mais íngreme.

Com frequência encontrava Jim sentado na cozinha com uma xícara de chá e enrolando um cigarro. Ele fazia isso com uma grande habilidade, sempre colocando a mesma quantidade de tabaco de seu saquinho de Golden Virginia, espalhando-o pelo papel Rizla e enrolando-o em um tubo perfeito. Sua língua enorme então aparecia para lamber a cola, e ele selava o papel com ar de ter concluído uma tarefa. Fumar era ao mesmo tempo um vício e um ritual, e pensei em escrever para o escritório do País de Gales para fazer essa observação.

Kathy cozinhava enquanto Jim fi cava sentado à mesa com faca e garfo em punho, pronto para atacar suas tortas e pastelão de carne, cozidos com almôndegas, rosbife com pudim de Yorkshire no domingo, peixe e batatas fritas na sexta, torta de maçã com creme de baunilha, crumble de ruibarbo, pudim de ameixa, rock cakes. Kathy tinha um grande talento na cozinha. Quando a ajudava, nós formá-

vamos uma dupla e tanto, e ao sentarmos juntos como uma família

sentia-me como se fosse uma criança e eles fossem meu pai e minha mãe. Eles conversavam sobre política, dinheiro, programas de tevê e futebol. Quando discutiam, rapidamente faziam as pazes, e se despediam com um

“Tchau, amor”, gritando “Cheguei, amor” ao voltarem para casa. Aprendi a falar como eles e queria que me adotassem.

Não comíamos juntos todos os dias, e havia dias em que nem sequer comíamos. Eu estocava como um camelo, e quando fi cava com obsessão por alguma questão de saúde comunitária, me esquecia de comer e me contentava com alguns goles de gim. Gim, Prozac, Valium e trabalho eram os meus quatro melhores amigos. Eles eram como os quatro elementos, terra, ar, fogo e água, a combinação essencial para a preservação da vida.

Tal como fumar, drogar-se é como um ritual. Há uma sensação estranhamente sensual no processo de tirar as pílulas das cartelas, despejar a dose diária de uma garrafa na palma da mão em forma de cunha. Você conta quantas pílulas já tomou e quantas restam. Isso se torna parte de você, para depois se tornar tudo o que você é. As drogas tornam a realidade prazerosa. Ao menos por um momento a dor desaparece. Contudo, o porém a respeito das drogas é que elas são amigas falsas que logo se tornam malévolas. Precisamos de cada vez mais para cumprir as mesmas tarefas, e depois passamos a precisar de ainda mais para modifi car a dor de existirmos e tornar a realidade meramente tolerável.

Eu guardava os comprimidos na gaveta da minha mesinha de cabeceira e fi cava feliz pelo fato de as cores diferentes impedirem que elas se misturassem. O Prozac consistia em elegantes cápsulas que eram metade verdes e metade creme, de 20 mg por dia — a dose mais baixa. O Valium era uma cápsula amarelo forte, que tomava três vezes ao dia, cada uma de 5 mg: uma de manhã para me acalmar e duas à noite para dormir... O despertador com seus números verdes aumentados e distorcidos pela garrafa de Evian ao lado da cama, o sol de inverno entrando através das cortinas do quarto, a canção do vento descendo a montanha em direção à universidade, Gerald falando sozinho em um idioma estrangeiro.

158

Divisão

Às vezes eu começava a tremer por nenhuma razão e me lembrava de que

havia esquecido de tomar os comprimidos. Então, tinha de correr até o meu quarto, que havia transformado em um zooló-

gico de bichinhos de estimação: os ursinhos, o Senhor Feliz e o dragão vermelho me observando com olhos sombrios da prateleira.

Eu entrava dizendo a mim mesma: "Tome o seu Valium, tome o seu Valium, tome o seu Valium", apenas para não me esquecer do motivo pelo qual havia voltado para casa.

Se não tivesse água, eu engolia as pílulas com um gole de bebida e abandonava o escritório pelo resto do dia. Observava minha mão tremer como as folhas das árvores ao vento e esperava até que o tremor passasse. Uma sensação relaxante como a de estar dissol-vendo na água quente tomava conta de mim, e então eu começava a trabalhar sentada na cama com os livros espalhados ao meu redor, ou no chão, com as costas voltadas para o aquecedor. Podia começar a ler às duas da tarde e continuar lendo até meia-noite se Kathy não me chamasse.

Levava a vida como uma freira da Idade Média, trancada em minha cela estudando o evangelho da saúde comunitária e da pesquisa operacional, minha mente se afastando em momentos estranhos para as alamedas arenosas do Kibbutz Neve Eitan enquanto sentia o gosto de Patrick brevemente nos lábios. Eu não tinha desejo sexual, mas tinha necessidades emocionais. Sentia-me isolada, só, não pertencendo a nenhum lugar e a ninguém. Meu trabalho me dava um senso de propósito, mas trabalhar o tempo todo, sem ter nenhum lazer, tornava Alice uma menininha triste e entediada.

A primavera surgiu como um pássaro nervoso no quintal. Narcisos apareceram para enfrentar os ventos do Ártico. Às vezes a dúvida dominava meus sentimentos de bem-estar, e nos dias ruins eu sentia não ter valor algum para ninguém. Estava estudando para fazer PhD a fi m de provar minha capacidade a mim mesma e a meus detratores, as vozes que continuavam me dizendo que meu destino era fracassar em tudo, exceto no suicídio.

— Suicide-se. Suicide-se. Você sabe que quer.

159

Hoje eu sou Alice

O suicídio permanecia em minha mente como uma opção na programação noturna da tevê: notícias no Canal 4, EastEnders (um documentário sobre a Operação Tempestade do Deserto), econo-mize o Valium, beba uma garrafa de gim e diga "adeus, mundo cruel, acabou". Somente uma trilha sonora do Pink Floyd combinaria com o funeral de um suicida. A cerimônia seria celebrada ao ar livre.

Um grande buraco e um caixão polido com adornos de metal.

Lá estão de preto: mamãe com um véu à la Audrey Hepburn em Bonequinha de Luxo; papai como Drácula, sinistro e dentuço; Clive com alguma modelo de minissaia. Eles observam a terra negra com os olhos secos em um dia lavado pela chuva e pensando nas palavras escritas na minha carta de suicídio. Houve uma época em que tinha um bloco de anotações com uma dezena de versões, atualmente perdido, mas que dizia essencialmente que meu pai havia abusado de mim ainda no berço e que ninguém estava lá para me salvar.

Quando meu pai me estuprara no chão de sua casa, eu havia perdido a charada do meu passado falso construído com cuidado.

Perdera o tênue tecido de confi ança que tinha na minha mãe. Perdera qualquer sensação de que com meu irmão Clive ainda éramos uma família. Os dias, desde então, eram confusos, sucedendo-se como se fossem um único longo dia em que eu passava todo o tempo repassando as cenas e as memórias a fi m de lhes atribuir algum sentido e colocá-las em algum tipo de ordem.

Sentia-me só, e esperava ansiosamente por meus encontros com Rebecca, com seus lábios discretamente pintados e seu café forte.

As coisas vinham piorando gradualmente, e foi em sua pequena sala que algo fi nalmente se rompeu para sempre.

Estava frio do lado de fora e quente na sala. A água condensa-da descia pelo vidro da janela. Rebecca tinha olhos verdes escuros penetrantes, e às vezes me sentia engolfada por seu olhar. Sua mesa estava ornada com um cacto de um formato estranhamente fálico, um pote vermelho e a foto de uma mulher com cabelos curtos, calça jeans folgada e suspensórios.

160

Divisão

Naquele dia, Rebecca sugeriu que seria uma boa ideia se Gerald comparecesse a uma de nossas reuniões. Enquanto falava, sua voz começou a se tornar um som indistinto e monótono, fi cando cada vez mais distante. Seus lábios continuavam se movendo, mas tudo que eu ouvia era:

— Ela está olhando para você e quer que morra.

Aquela não era a voz de Rebecca, mas a voz de um estranho que vinha de fora da minha cabeça. Não tenho ideia de como reagi, mas Rebecca percebeu que algo estava errado. Enquanto consultava os papéis em sua mesa, ela disse:

— Você está bem, Alice? — e repetiu a pergunta sobre a reunião.

Consegui responder:

— Sim, acho que seria uma boa ideia.

Fiquei de pé, pronta para sair. Podia ouvir movimentos dentro do meu crânio. Era como se um bando de pássaros batesse as asas.

Enterrei as unhas na palma da mão. "Controle-se, Alice. Controle-se."

Tentava me ver como os outros me viam. Eu nunca agia de forma natural. Estava sempre me policiando, sempre fazendo o papel de Alice: agindo com

normalidade enquanto me sentia completamente estranha.

Rebecca sugeriu algumas datas na semana seguinte, depois do que saí correndo de seu escritório e pedalei através de Huddersfi eld como se estivesse fugindo do próprio diabo. Consegui me controlar por tempo sufi ciente para falar com Gerald. Ele não percebeu nada de errado, checou sua agenda e marcamos o encontro para a quarta-feira seguinte, às duas da tarde.

Naquela noite, assistia em casa a EastEnders na tevê com Kathy quando de repente uma das personalidades começou a falar comigo.

— Olhe para ela... Kathy... ela é sua inimiga.

Uma atriz com cabelo volumoso que olhava da tela diretamente para mim repetiu a frase:

— Sim, Alice, ela, Kathy... Ela a odeia. Ela é sua inimiga.

Como não acompanhava EastEnders, não conhecia aquela mulher, mas ela estava defi nitivamente falando comigo, e cada vez mais 161

Hoje eu sou Alice

alto, mais enfaticamente — não com uma voz estranha, mas com a sua voz natural, a voz da atriz.

— Ela a odeia. Ela a odeia. Ela a odeia.

Pulei do sofá, e quando saía correndo da sala deparei com Jim no momento em que ele abria a porta da cozinha.

— Calma aí! Aonde vai com tanta pressa? — Jim disse inocen-temente.

— Fiquei de encontrar um amigo para um drinque e estou atrasada.

Que amigo? Eu não tinha outros amigos além de Kathy e Jim, e agora nem sequer tinha certeza de que eles eram realmente meus amigos. Adotar-me?

Queriam me matar. Haviam me atraído àquela casa no meio do nada. Meu quarto fi cava no topo de uma escadaria estreita que se tornava mais íngreme e mais estreita à medida que subíamos, e que balançava como os degraus de uma escada rolante. Minhas mãos tremiam. As luzes piscavam. As paredes pareciam viscosas. Entrei no meu quarto e peguei algum dinheiro.

Saí de casa e desci a montanha em direção à cidade enquanto a voz da mulher de EastEnders continuava falando comigo.

— Prepare-se, Alice. Prepare-se para se matar.

Fui até uma loja de conveniência, onde pedi uma garrafa de gim. Nesse momento, ouvi o vendedor dizer:

— Você até pode procurar a salvação na bebida, mas acontecerá. Logo você verá seu fi m. Você se suicidará.

Andei milhas, bebendo grandes goles diretamente da garrafa.

Bebi até entrar em um torpor. Parece um milagre eu ter encontrado o caminho de volta para casa de madrugada, meu hálito gelado, os dedos formigando de frio. As vozes não paravam de tagarelar — o Professor, a atriz de EastEnders, um garotinho triste, provavelmente a criança que havia passado semanas depois de eu ter confrontado meu pai me acordando no meio da noite. Senti o garotinho crescendo dentro de mim como um pintinho dentro do ovo, pronto para quebrar a casca.

162

Divisão

Minha cabeça rodava por causa do álcool, dividindo-se, o hemisfério esquerdo rompendo o elo com o direito. Imaginei duas bolhas do tipo que as crianças sopram através de anéis de metal, que saem ligadas para depois se separarem e fl utuarem em direção ao universo.

Devo ter adormecido, pois acordei completamente vestida, com a cabeça enterrada sob o travesseiro. Kathy e Jim haviam saído para trabalhar. Corri até o armário de bebidas. Minhas mãos tremiam tanto quando abri a porta que um bibelô caiu no tapete. Ele fazia parte da coleção que Kathy tanto amava e que chamava de Capodi-monte, exibindo uma recatada moça vitoriana com cachos dourados segurando um grande chapéu cor-de-rosa. Tudo estava rachando, mas ainda não havia rachado completamente.

Coloquei o bibelô de volta no lugar, tomei uma dose de uísque da garrafa e uma ducha e vesti roupas limpas. Como não tinha de seguir nenhum horário na universidade, não importava a que horas chegava ou sequer se faltava. Engoli dois Valium e desci a montanha.

Estava com medo de ir de bicicleta. As vozes começaram a gritar, vindo de todos os cantos e de trás de janelas fechadas, do mundo exterior, mas eram invisíveis.

— Você não pode se esconder de nós, Alice. Você pode até fugir, mas a encontraremos.

Parei para atravessar a estrada. Meus olhos estavam embaçados.

Bati do lado da minha cabeça. "Mantenha o foco. Concentre-se."

Quando o homenzinho do semáforo fi cou verde, tive a sensação de ser aquele homem verde correndo pela estrada.

— Aonde quer que vá, estaremos lá também. Somos os melhores amigos que você tem, Alice. Você ainda não sabe? Quanto tempo ainda vai demorar para que você perceba que seu destino é fracassar em tudo, exceto no suicídio?

As vozes sempre haviam sido intermitentes. Agora, entretanto, eram constantes, como o som de um rádio cujo ponteiro fi cou preso entre duas estações. Eu tentava estudar na biblioteca da universidade, achando que o silêncio faria as vozes se acalmarem. Estava errada.

163

Hoje eu sou Alice

— Você é uma fraude. Todos esses livros e jornais com os quais se cerca não a tornam mais inteligente. Pare de tentar ser Einstein. Você é patética, pequena Alice, a patética pequena Alice, patética pequena Alice.

Deixei tudo, a não ser meu estojo de lápis, sobre a mesa. Estava farta. Tinha dez libras no bolso. Fui até o centro da cidade e comprei uma garrafa de gim na loja de conveniência.

Acordei em uma cama estranha com luzes opacas que cheiravam a poeira piscando, como se transmitissem um código no teto. O

primeiro pensamento que me ocorreu foi o de que havia sido abdu-zida por alienígenas.

Na verdade, eu estava na unidade de recuperação do pronto-socorro de Huddersfi eld.

Fiquei apenas observando. Não sabia quem era ou onde estava.

Meus braços estavam imobilizados pelo lençol, que havia sido en-fi ado com fi rmeza sob o colchão. Senti-me como uma criancinha e como se o corpo deitado na cama pertencesse a outra pessoa. O

Prozac me fazia sentir eu mesma. Sem ele, quem eu era?

Livrei-me dos lençóis e ao sentar vomitei instantaneamente.

Fiquei chocada ao descobrir que meus braços estavam enfaixados dos pulsos até o antebraço. Uma enfermeira estava ao lado da cama me observando. Ela limpou a sujeira, foi gentil e efi ciente.

— Pronto, pronto, é melhor colocar tudo pra fora — disse.

Minha memória estava em trapos, como uma imagem picada em vários

pedacinhos que depois foram misturados: tudo está lá, mas não podemos ver a imagem como um todo, e os pedaços nem sequer parecem ter relação com a realidade. Eu só sabia que havia consumido uma grande quantidade de álcool, mas devia ter feito algo mais grave do que simplesmente ter sido encontrada bêbada para que uma enfermeira estivesse sentada ao lado da cama.

Achei que seria uma boa ideia dizer alguma coisa, e passei alguns segundos planejando o que diria.

— Ela está bem — eu disse.

— Quem está bem? — perguntou a enfermeira.

— Alice. Estou bem agora.

164

Divisão

Enquanto falava, me perguntava se havia falado algo de errado.

Aquela voz não soava como a minha. Havia tantas vozes murmurando ao fundo que era difícil reconhecê-la. Pensei que aquela provavelmente era a voz do meu subconsciente, e tive uma lembrança súbita e pouco nítida de um fl uxo de sangue, como a água conden-sada que corria pela janela do escritório de Rebecca.

— Estamos esperando que a psiquiatra venha vê-la — a enfermeira gentil disse.

Algo se rompeu — ou algo que havia se rompido voltou ao lugar.

Uma psiquiatra.

— Uma psiquiatra?

— Sim, ela não vai demorar.

Não estava entendendo nada. Estava com medo de ser transferida para uma unidade psiquiátrica: eu já vira essas unidades durante minhas viagens de pesquisa e elas estavam cheias de loucos.

Não gritei nem fi z estardalhaço. Aquela não era a Alice inteligente. Expliquei calmamente que não tinha nenhum problema de saúde. Disse que era apenas uma estudante de PhD estafada, e que eles não podiam me manter ali contra a minha vontade.

— Está aqui pela sua própria segurança — a enfermeira respondeu.

— Sei disso, e realmente me sinto melhor.

Ela decidiu sair a fi m de checar se a psiquiatra havia chegado, e então escapei. Por um golpe de sorte — todos temos um de vez em quando — minhas roupas estavam na gaveta da cabeceira.

Vesti-me e saí como uma sombra pelo longo corredor, passando por placas com símbolos em amarelo e preto — Radiografi a, Ambulató-

rio, Farmácia — e através das portas duplas, que fi zeram um som de sucção para um novo dia que cheirava a primavera.

Não tendo outro lugar aonde ir, fui para casa, embora suspei-tasse que Kathy e Jim não eram meus amigos, mas inimigos disfar-

çados. Fui direto para o meu quarto, tomei o Prozac e o Valium e devo ter ido dormir. Acordei às cinco da manhã com a voz do desastre dentro do quarto.

165

Hoje eu sou Alice

— Você tem de morrer.

À qual outras vozes se juntaram.

— Você tem de morrer. Você tem de morrer.

No início, eu não sabia onde estava. Estava em casa? Estava dormindo? Estava acordada?

As vozes estrondeantes continuaram:

— Você tem de morrer. Você tem de morrer.

Agarrei o Senhor Feliz.

— Está ouvindo isso?

Ele apenas sorriu, e retribuí o sorriso. Tentei cantar com as vozes.

— Você tem de morrer. Você tem de morrer. Você tem de morrer.

Era como uma torcida de futebol. Não sei por quanto tempo fi camos assim, mas acabei voltando à realidade.

Eu estava na minha cama, com os braços enfaixados sem saber por que e sem querer descobrir. Pensei em Kathy e Jim. Estariam eles tramando algo para me pegar? Jim tinha olhos vermelhos ma-lignos, e Kathy tinha o rosto da mulher de EastEnders.

Por que Kathy havia querido me apanhar na estação ferrovi-

ária e me levar pessoalmente à sua casa? Ela devia ter posto o anúncio no quadro de avisos da universidade escondida e remo-vido-o assim que telefonei. Ninguém sabia que eu estava naquela casa dos horrores no topo de uma montanha. Eu estava encurra-lada. Só. Eles me matariam e me esconderiam sob o assoalho. Tive certeza de que tinha de me afastar dali. Eram eles que estavam por trás das vozes.

— Você tem de morrer — elas entoavam. — Você morrerá.

“Aonde irei? O que farei?”

Estava completamente escuro do lado de fora.

As vozes ecoavam pelo quarto. Kathy e Jim tramavam lá embaixo.

Eu não conseguia pensar no que fazer.

Tinha de clarear a mente. Por fi m, vesti minha roupa de corrida.

Peguei as chaves e saí da casa sem chamar a atenção. Minha cabeça 166

Divisão

estava cheia de pensamentos selvagens e estranhos. Estava certa de que as pessoas estavam tramando para me pegar e não parava de pensar: "Não é justo. Eu não fi z nada. Não é minha culpa. Será que eles me trancarão na gaiola com uma lata de espaguete?" Precisava fugir. Se pudesse correr rápido o bastante, conseguiria deixar as vozes para trás. Era hora de enganá-las.

Corri e corri, ainda ouvindo as vozes.

— Você morrerá, Alice. Você morrerá.

— Calem-se. Calem-se. Calem-se.

— Logo presenciaremos seu fi m. Mate-se. Mate-se. Faça isso agora.

Faça isso hoje.

Corri com lágrimas rolando pelo rosto. Corri até o sol fi car a pino sobre as nuvens. Corri até perder o fôlego, até fi car exausta.

Mesmo assim, as vozes continuavam golpeando minha cabeça tal como meus pés golpeavam o chão

Quando voltei para casa, já passava das dez horas. Eu correra por quase quatro horas. Completara outra maratona, e, em um momento de sanidade, me arrependi por não ter levantado mais quinhentas libras para o NSPCC.

“Ouça as crianças”, eu pensava. “Ouça as crianças.”

Kathy e Jim haviam saído para trabalhar. Eu estava sozinha.

Despi-me no banheiro e voltei a olhar com surpresa e descrença para as bandagens que cobriam meus braços. Tirei o esparadrapo que as prendia bem acima do cotovelo, e a visão que tive me deixou nau-seada. Na pele macia da parte interior do meu braço esquerdo, do pulso até o cotovelo, havia uma série de vergalhões vermelhos e lacerações quase paralelos, alguns cobertos pelo antisséptico amarelo betadine. Meu braço direito também estava cortado, mas menos que o esquerdo. Os cortes eram nítidos, levemente irregulares, como se houvessem sido feitos por uma faca dentada, mas estavam quase cicatrizados, e me perguntei quem poderia ter feito aquilo comigo.

— Foi você.

— Não, não fui.

— Sim, foi você, Alice. Você.

167

Hoje eu sou Alice

— Não fui eu.

— Você quer se matar, mas está com medo.

— Cale-se!

Passei quase uma hora debaixo do chuveiro. Eu sabia, embora de uma forma alheia e pouco nítida, que havia me machucado.

Contudo, não me lembrava de ter feito aquilo, e não fazia ideia do motivo de ter feito algo assim. Eu tinha de estar fora de mim. Tinha certeza de que havia bebido. Lembrava-me de uma dor que parecia o equivalente a mil crises de enxaqueca juntas, uma dor tão forte que era como se uma faca

houvesse atravessado as membranas, músculos e sinapses do meu cérebro, extraindo as memórias.

— Foi você.

— Não fui eu. Não fui eu. Não fui eu.

— Foi você.

Estava conversando com as vozes, mas não era a minha voz que respondia. Ou melhor, era sim a minha voz, mas ela não soava como minha. Sequei-me e olhei para os meus olhos no espelho.

Havia outra pessoa dentro deles.

Existem duas correntes de pensamento no que diz respeito a feridas abertas: uma afi rma que é melhor deixá-las cicatrizar ao ar livre; a outra, que é melhor mantê-las cobertas. Aderi à segunda e enrolei meus braços com as bandagens até os cotovelos.

Dormi algumas horas e retornei à universidade como se nada houvesse acontecido.

168

CAPÍTULO 11

As Crianças

Há uma arma na minha mochila. Há também um chaveiro com um macaquinho sem chaves, um tubo de Smarties e uma cópia de O Mago, de John Fowles, com um marcador no início do quinto capítulo. Na primeira página, escrito a lápis, encontra-se o nome de Rebecca Wallington.*

Ela me deu o livro ou me emprestou? Eu o roubei? Li os quatro primeiros capítulos? Se li, terei de relê-los para ver o que dizem.

*A arma é feita de plástico e dispara cápsulas que explodem como crackers***

de Natal. Experimentei-a. Duas vezes.

Bangue. Bangue.

Estou sentada na cama com essas coisas espalhadas pelo edredom de penas de ganso. A luz do sol dança com a poeira ao entrar pela janela e ilumina os olhos da gangue de ursinhos de pelúcia.

Estou na casa de Kathy e Jim. Está tudo quieto, vazio. Meus ouvidos estão atentos como os de um gato.

Se Kathy e Jim estão tentando me pegar, ainda não conseguiram.

Passei um bocado de tempo olhando para os meus braços. Os cortes estão cicatrizando, tornando-se cicatrizes irregulares. Percor-

** Marca de doces de chocolate da Nestlé. (N. da T.)*

*** Tubos de papelão embalados com papel colorido que, ao serem puxados nas duas extremidades, produzem uma pequena explosão. Os crackers fazem parte da tradição inglesa do Natal. (N. da T.)*

ro os vergões com a ponta dos dedos, e às vezes com a ponta da língua. Se houvesse linhas na horizontal, eu poderia jogar o jogo da velha com uma Biro.*

Nunca saio da dieta de 20 mg de Prozac por dia. Nos últimos dias, entretanto, venho tomando Valium como se fossem Smarties.

Sinto dores no fígado. Talvez seja cirrose. Minhas economias estão acabando. Devo ter gastado o dinheiro, minha reserva de segurança, mas não me lembro com que o gastei. Sobrevivo a cada semana, a cada dia, a cada hora.

Tento ser uma estudante de PhD. Não tenho certeza de quem sou. Só estou segura de uma coisa: não sou eu mesma. Desço a montanha, caminho pela universidade, subo as escadas em direção ao segundo andar e observo Gerald digitando no teclado como um passarinho bica sua ninhada.

— Bom dia.

— Bom dia.

— Como está indo aquela proposta? — ele pergunta.

— De vento em polpa.

— Essa é a minha garota.

Os óculos de Gerald brilham como moedas de prata. Ele sorri.

Olho para o outro sujeito que está sempre presente. Talvez ele tenha sido absorvido pelas paredes manchadas por trás dos Post-its com lembretes e do calendário que mostra cenas do pântano e dos vales de Yorkshire. Talvez ele seja apenas fruto da minha imaginação

— um homem barbado, silencioso, fi cando prematuramente careca, vestindo calça jeans e uma camiseta com uma gravura da Guerra Civil espanhola.

Ah, agora me lembro, o trotskista. O homem que permaneceu sem nome desde o dia em que Gerald nos apresentou quando entrei na universidade.

Certa tarde, quando fazíamos hora extra, ele perguntou se eu queria tomar um drinque.

** Marca inglesa de canetas esferográfi cas. (N. da T.) 170*

As Crianças

— Sim, por favor... — respondi, torturando minha mente. —

Desculpe, sou terrível com nomes.

— Brian — ele respondeu enquanto desligava o computador.

Bebemos em um pub onde uma nuvem de fumaça cobria nossa cabeça logo abaixo do teto enquanto aquele homem geralmente tão silencioso chamado Brian falava durante uma hora e meia sobre o irmão que fi zera fortuna como analista fi nanceiro.

— A questão é que ele é péssimo em matemática. Ele queria ser arquiteto. Agora está ganhando dinheiro que não acaba mais... férias na Flórida, um fl at com uma varanda que mais parece a proa de um navio com vista para o Tâmisa. O fi lho da mãe usa aquelas camisetas com um jogador de polo.

Em uma pausa ocasional, Brian franziu as sobrancelhas e co-meçou:

— Hã... hã...

Pela forma como olhava para mim — a mesma expressão com que as pessoas olham para as letras pequenas na receita de um re-médio —, soube que ele não conseguia lembrar-se do meu nome e não queria perguntar.

Ele bebeu meio litro de Fosters. Bebi um litro. No fi nal, haví-

amos bebido nove litros juntos, e, enquanto subia cambaleante a montanha, lembrei-me de ter lido em um artigo de microbiologia que a mente na realidade não existe — o que existe é somente a matéria. O "eu" que penso ser não existe. Alice é apenas uma massa composta de células que explodem e se dividem constantemente. O corpo passa por bigue-bangues diários e emerge renovado, modifi cado. A criança que fui não existe dentro da matéria que me compõe, mas apenas em minha mente, e, minha memória; trata-se de um "eu" falso, um "eu" morto, um "eu" que existiu, mas não existe mais, e o problema em se beber um litro de lager é que ela nos deixa loucos por um drinque.

Trabalho usando o que é denominado computador pessoal de multimídia (PCM), padrão de computadores pessoais desenvolvido 171

Hoje eu sou Alice

pela Microsoft e pela Tandy. Dizem que um dia não precisaremos mais de bibliotecas nem de universidades — todo o conhecimento será armazenado em um cérebro eletrônico gigantesco. Tudo que precisaremos fazer é enviar uma pergunta ao sistema nervoso central, que terá todas as respostas. Isso soa como uma daquelas ideias maravilhosas — como a de que um dia todas as pessoas pilotarão seu próprio helicóptero pessoal — nas quais acreditarei quando as vir acontecer.

Aperto o botão de ligar. O PCM emite zunidos semelhantes aos de um rádio de ondas curtas e a tela acende, ganhando vida. Minhas anotações estão armazenadas em arquivos, e aparecem pulsando em letras verdes como insetos andando sobre uma folha em branco.

Se cometemos um erro, não precisamos apagá-lo com corretivo.

Basta selecionar o texto que não queremos e escrever por cima dele.

Se tivéssemos a tecla backspace no nosso córtex cerebral, poderíamos fazer o mesmo com nossas memórias — bastaria voltarmos com o cursor e transformá-las em buracos negros. Isso é exatamente o que elas são quando nascemos, pelo menos de acordo com alguns psicólogos, que veem a mente original do bebê antes de receber as impressões obtidas da experiência como uma tabula rasa.

Alice, a criança que sofreu abuso do pai, se foi, suas células foram destruídas. Alice entra em parafuso de vez em quando por causa da premissa de que existe uma linha direta ligando-a àquela menininha. Se essa linha de fato existe, ela é feita de tinta invisível.

Não é possível vê-la, sentir seu sabor, cheirá-la. Ela é uma miragem na qual Alice preserva, mais por convenção do que por desejo, memórias que podem pertencer a outra pessoa e têm o poder de prejudicá-la.

As memórias são, por natureza, falsas, pois constroem imagens e narrativas de uma pessoa que um dia existiu — cujas células exis-tiram, mas não existem mais. Essas células sofreram mutações e se transformaram em algo diferente. Tudo que existiu sempre existiu e sempre existirá. A poeira no feixe

de luz que entra pela janela carrega as ossadas de dinossauros e as cinzas de vovô.

172

As Crianças

O PCM tem memórias falsas; uma mente própria. Essa mente é descuidada, pois às vezes se esquece das coisas. Guardo anotações escritas à mão em um caderno de capa azul, compartilhando-as com o computador apenas a fi m de ter uma cópia de segurança.

Dizem que um dia os computadores conversarão entre si. Isso é algo que entendo.

Retiro o arquivo do éter; consulto o relógio: 9h10. Olho outra vez: 9h10.

Meu objetivo principal é criar uma proposta de pesquisa para ser avaliada pela banca da universidade, bem como produzir um programa de entrevistas para o trabalho que estou fazendo com Rebecca sobre a participação comunitária na nova campanha de saúde. Vários departamentos encontravam-se no processo de colocar a campanha em prática em nível local dentro do Conselho Metropolitano do Distrito de Kirklees e dos Departamentos de Saúde de Huddersfi eld e Dewsbury

Li o que havia escrito.

“Hummm... nada mal.”

Eu estava tendo um colapso nervoso enquanto trabalhava em programas de saúde para a comunidade.

Absurdo, não?

Um dia, fui detida quando saía com um radinho de pilha de uma loja sem pagar. Um homem grande me perseguiu. Ele usava barba e um turbante cor-de-rosa, e parecia bastante zangado. Comecei a chorar. Fiquei tão histérica

que ele mudou de atitude, passando de zangado a apologético. Mesmo assim, tirou o rádio das minhas mãos. Fui até a loja de conveniência e, ao entrar, percebi que não tinha nenhum dinheiro.

Minha bicicleta não estava do lado de fora. Procurei por ela.

Não conseguia me lembrar se havia ido de bicicleta ou não. Era perigoso andar de bicicleta. Não gosto de homens em carros, mas não sei por quê. Simplesmente não gosto. Sinto-me como se quisesse atirar em alguém, e atiro com os dedos.

173

Hoje eu sou Alice

"Bangue. Bangue. Você morreu."

Há muitos prédios feios neste lugar que chamam Huddersfi eld.

Não gosto daqui e não gosto dos prédios feios. As pessoas são cani-bais. Elas querem me comer. Atiro em quantas consigo atirar.

"Bangue. Bangue."

Faço explodir os prédios com coquetéis Molotov. Gosto da combinação dessas duas palavras, do modo como escorregam pela língua.

"Coquetel Molotov", repito-as, enquanto as bombas são atiradas em chamas e explodem, produzindo uma chuva de cacos de vidro.

— Meu nome é Billy. Tenho cinco anos. Sou eu que atiro nos homens em carros. Bangue. É a minha arma que está na bolsa de Alice. Ela a comprou para mim. Ela comprou os Smarties e o chaveiro com o macaquinho para mim, mas não pagou por eles.

Ela apenas os pegou. Bangue. Bangue. Você morreu. Lá se foi mais um.

Meu rosto no espelho exibe uma expressão vazia. É como um videoclipe

congelado na tela da tevê, como a tela do computador em modo de espera. A energia é acionada e recupero minha expressão, a expressão de Alice, a mesma Alice com um novo conjunto de células e um novo grupo de vozes expulsando as antigas.

As vozes antigas ainda estão ali, mas as coisas são diferentes agora. A mobília da minha cabeça foi reorganizada. O Professor, a mulher de EastEnders e o resto das vozes — os bajuladores — parecem pertencer ao mundo externo. As crianças, por outro lado, estão dentro da minha cabeça, falando, gritando, fazendo bagunça.

Billy está sempre alegre. Talvez ele fosse a criança que chorava à noite no meu conjugado de Swansea logo depois de você-sabe-o-que aconteceu. Mas não acho que tenha sido ele.

Provavelmente era Samuel.

Samuel tem seis anos. Ele chora o tempo todo, sem parar. Às vezes se encolhe, enroscando-se como um caracol, encosta-se à parede e só chora.

Alice bebê também chora, mas tem apenas seis meses de idade, e não sabe o que está acontecendo.

As crianças simplesmente apareceram. Elas aconteceram, como sementes que fl orescem no subsolo e emergem da terra. Elas apenas cresceram. Foram concebidas por toda aquela "matéria" e apareceram com nomes, idades e maneirismos, como borboletas que saem do casulo. Não lhes dei nomes. Foram elas quem me disseram seus nomes, mas parecia que eu já os sabia automaticamente, e logo passei a reconhecer cada uma por suas vozes diferentes.

Billy gosta de sua arminha de brinquedo e de Smarties. Não sei do que Samuel e a bebê Alice gostam. Eles só choram, o que é uma grande

chateação, pois quando choram não consigo fazer o que deveria estar fazendo.

Kato tem dezesseis anos, e está tão zangado e atormentado que não sabe o que fazer. Sinto-o balançando-se às portas da violência, o rosto fi cando vermelho. Às vezes tenho medo de que ele possa explodir.

Shirley tem catorze anos. Só Deus sabe por que se chama Shirley, pois nem sequer gosto desse nome. De onde ela veio? Shirley está aliada a Kato. Ela o incita, convencendo-o a fazer coisas que talvez não fi zesse se não fosse por ela.

Eliza, a fi lha do Demônio, diz que está vindo, mas ainda não chegou. Ela ainda não "saiu". Como eu, Eliza gosta de brincar de boneca e sente-se um pouco solitária no meio de todos os menini-nhos, que preferem ursinhos de pelúcia.

Há toneladas de outras crianças esforçando-se para encontrar suas vozes, mas elas permanecem ao fundo, lutando por mais espa-

ço e tempo.

Gerald fala comigo da porta.

— Que tal uma xícara de chá?

Tenho de considerar a ideia. Foi mesmo Gerald que perguntou se quero uma xícara de chá ou foi uma das vozes que migrou para dentro de seu crânio e está manipulando seus lábios como um ventríloquo? Será que Gerald é um boneco, uma marionete? Será que sou uma marionete também?

— E então?

— Sim, por favor, Gerald.

— Como estão as coisas?

— Ótimas. É melhor John Fowles se cuidar.

— Você está lendo O Mago?

— Estou?

Gerald sorri. Ele acha que sou inteligente. Talvez seja. Um Prozac, dois Valium, um pouco de codeína, um gole de gim no café da manhã e pronto: sinto-me... qual é a palavra? Isso: feliz. Bem, talvez não feliz, mas não me sinto infeliz.

As vozes costumam ser exasperadoras, mas às vezes também são divertidas. Dou uma olhada dentro da minha mochila: a arma de brinquedo, o chaveiro com o macaquinho e o tubo de Smarties que divido com Gerald quando ele volta com duas xícaras de chá cheias de bactérias nas rachaduras. Talvez seja por isso que todos os ingleses são loucos — tanto chá e tanta bactéria.

Quando o tempo para de operar da forma normal, quando há lacunas no fl uxo normal dos acontecimentos, os dias não fazem sentido algum. Não vejo o tempo passar e perco compromissos.

Também tomo comprimidos demais, e se Shirley consegue o que quer me embebedo.

Quando ela assume o controle, tudo pode acontecer. "Volto"

repentinamente tremendo como se houvesse sido acordada de repente, e posso me surpreender sentada na sarjeta com os braços ensanguentados ou deitada no hospital com eles já enfaixados.

Shirley é confi ante. Descobri que é Shirley quem gosta de cozinhar. Era sempre ela quem manuseava as facas de cozinha e co-176

As Crianças

locava os pedaços de vidro da garrafa quebrada nas mãos hesitantes de Kato.

Isso me ocorreu em um fl ashback, em uma cena rápida que pis-cou na minha mente no momento em que abria os olhos no pronto-socorro.

Foi Shirley — não eu, mas Shirley — que bebeu a garrafa de gim, quebrou-a e convenceu Kato a cortar meus braços.

Por que Kato teria feito uma coisa dessas?

Ele fez porque estava tão confuso, tão angustiado e estressado que a dor física foi um alívio para a agonia mental.

Fez também porque a visão do sangue vermelho escorrendo pelos braços brancos tinha uma qualidade estética, uma beleza cheia de luz em contraste com o cinza de Huddersfi eld.

Estranho? Absurdo? Assim me parecia. Eu tinha essas forças, essas compulsões, essas personalidades alternativas dentro de mim, me controlando. Era como se fosse um jack-in-the-box, e eu não era capaz de dizer que personalidade pularia da caixa em seguida: Billy, que achava ser um caubói ou terrorista; Kato, que gostava de me cortar; a anoréxica Shirley, que só se embebedava e ocasionalmente se permitia um sanduíche de salada. Eu não desgostava de Shirley.*

Tinha medo dela. Shirley sabia coisas que eu não sabia.

Eu sabia que era quarta-feira quando acordei, depois esqueci.

Despertei suando, com a certeza de que meus pés estavam pegando fogo e havia me visto no quarto da minha infância. Tinha quatro anos e era linda como um botão de rosa. Estava na caminha que substituíra o berço. Vestia pijama amarelo com patos na frente e observava o móbile no teto.

Ele entrou devagar, levou o dedo aos lábios e sorriu. Fez cócegas no meu pescoço.

** Brinquedo que consiste em uma caixa com uma manivela. Ao girarmos a manivela, uma música é tocada, e ao fi m da música a caixa se abre e um boneco — geralmente um palhaço — pula, saindo pela abertura. (N. da T.)*

177

Hoje eu sou Alice

— Quem é a menininha do papai? — sussurrou.

— Sou eu.

Sorrio. Ele me beijou na bochecha. Removeu os lençóis e os ursinhos caíram no chão. Ele colocou a mão por baixo do meu corpo.

Dei impulso com os pés e ergui as costas a fi m de que pudesse tirar a calça do meu pijama.

— Pronto. Que menina linda.

Papai molhou o dedo, que serpenteou até o orifício da minha vulva.

— Aí está. É bom, não é?

Ele estava usando pijama, e seu pinguelo apareceu pela abertura na frente.

— Olhe só quem está aqui — ele disse.

Colocou o pinguelo na minha boca para molhá-lo, e depois, cuidadosamente a fi m de não me machucar muito, empurrou a cabe-

ça do pinguelo no meu buraquinho da frente. Em pouco tempo, ele fez xixi dentro de mim. Papai tinha um lenço no bolso da camisa do pijama, e com ele limpou a bagunça que fez. Ele me vestiu e me cobriu com os lençóis e o cobertor. Inclinou-se e me beijou nos lábios.

— Isso é bom — papai disse.

Depois saiu do quarto e me levantei para pegar os ursinhos.

Eles não gostavam de fi car no chão.

Aquela era eu na caminha.

Alice.

A memória desse episódio era tão repulsiva, tão degradante, tão dolorosa que engoli todos os meus comprimidos de uma vez só.

Tomei um gole de uísque do armário de bebidas da sala de estar de Kathy e voltei ao quarto para procurar dinheiro.

Desci a montanha em direção à loja de conveniências, correndo cada vez mais rápido...

Depois disso, a memória seguinte que tenho é dos feixes de luz embaçados e cheios de poeira sobre a minha cabeça, das cortinas entreabertas, do cheiro familiar. Estava de volta ao pronto-socorro.

178

As Crianças

Rebecca estava sentada ao lado da cama. Ela pegou minha mão e olhou para mim com seus olhos castanho-claros. Pensei: "Caram-ba, ela é lésbica". E em seguida: "O que lésbicas fazem?" Lembrei da garota do colégio que havia feito um ménage à trois. Pensara naquilo durante anos. O que seria um ménage à trois?

Eu havia sido incestuosamente estuprada, constantemente, uma vez atrás da outra, mas não sabia nada sobre sexo, amor ou relacionamentos. Lágrimas rolaram pelo meu rosto, e pude sentir seu gosto salgado. Rebecca apertou minha mão. Comecei a soluçar. Ela apertou com mais força. Solucei mais ainda.

Pensei: "Por que essa mulher está me tocando? Gosto disso".

Meu rosto estava todo molhado, mas minha garganta estava tão seca quanto a cidade de Petra. Aquelas pedras cor-de-rosa ao pôr do sol deviam ter sido uma miragem, uma memória falsa. Pertenciam a um punhado de células que estavam mortas, extintas para sempre.

Sentia uma dor do lado esquerdo, pois havia um arranhão na minha bochecha. Ao menos Kato não havia me cortado.

Esvaziei a jarra de água na minha mesinha de cabeceira bebendo um copo após o outro. Rebecca foi procurar a enfermeira encarregada e retornou com uma escocesa que parecia uma freira, vestindo um uniforme azul-marinho bem engomado e um relógio de cabeça para baixo. Era difícil entender o que ela dizia.

— Que isso lhe sirva de lição, jovem. Não quero voltar a vê-la aqui — ela disse. — Você não pode fi car desmaiando de tanto beber por aí.

Não me lembrava de ter caído. Só podia supor que Shirley havia bebido até fi car inconsciente, ter caído e se machucado.

Rebecca conhecia a enfermeira e convenceu-a a me liberar sob seus cuidados. Vesti-me e percorri cambaleando o corredor, passando pelas placas com avisos em preto e amarelo sobre os perigos da radiação. Saí do hospital e entrei no carro. As portas do hospital fi -

zeram um som de sucção e as portas do carro se abriram como se 179

Hoje eu sou Alice

ele estivesse ansioso para sair. Abotoamos os cintos de segurança e Rebecca colocou a mão sobre a minha. Olhei para sua mão afagando meus dedos. Aquela coisa física era muito estranha.

— Minha casa? — ela disse, e então concordei sem muita certeza com um aceno de cabeça.

— O.k.

O que tinha a perder?

Senti-me bem sentada no carro — um Volkswagen, acho, que parecia um grande brinquedo percorrendo as ruas, a cidade desaparecendo atrás de nós enquanto descíamos ao longo de uma estrada sinuosa em direção à zona rural. Envergonhada, me dei conta de que o mais perto que havia chegado do pântano fora através do calendário do painel turístico pendurado na parede do escritório.

— Achei que algo devia ter acontecido quando você não apareceu para a nossa reunião — ela disse.

Só então lembrei que era quarta-feira. Aquele havia sido o dia marcado para o tête-à-tête com Gerald no escritório de Rebecca.

— Desculpe-me — respondi.

— Alice, eu estava preocupada com você, e não com a reunião.

Fiquei imaginando como ela havia me encontrado no pronto-socorro, mas não perguntei. Meus olhos se encheram de lágrimas. A preocupação de Rebecca foi demais para mim. Eu não chorava com frequência. São Samuel e Alice bebê que choram, e não eu, embora chorar um pouco ajude de vez em quando.

O céu estava ganhando uma cor vermelha, alaranjada, verde pálido. Pedras como mísseis atirados por gigantes dominavam a paisagem que se ergueu lançando sombra no horizonte. Minha intuição não é confi ável, mas tinha a impressão de que Rebecca realmente se importava comigo, e não podia fazer nada além de esperar pelo melhor. Desde o início, ela me encorajara em meu projeto, e deve ter percebido que eu era isolada.

Kathy e Jim pensavam que eu passava o tempo bebendo com amigos da universidade. A verdade é o oposto: eu passava o tempo bebendo sozinha nas ruas, e à noite, quando não voltava para a 180

montanha, dormia em frente a alguma loja ou andava milhas pela Manchester Road, escalando pilhas de entulhos na escuridão, cortando as mãos, ou ainda passava horas cantando enquanto me balançava o mais alto que conseguia nos balanços do parque. Como Shirley ou Kato, e até mesmo Alice, quando as memórias transformavam-se em tortura, eu perdia o senso de vulnerabilidade e naquelas noites errantes só temia ser pega pela polícia.

Rebecca morava em um bangalô de pedra com rosas trepadei-ras circulando a entrada e móveis de pinho na cozinha e na sala.

Havia almofadas enormes com cores vivas sobre tapetes no chão e livros bem organizados nas prateleiras. Rebecca abriu todas as janelas e foi até a cozinha preparar uma xícara de chá.

Havia sobre a mesa uma foto da mesma mulher que vira no porta-retratos sobre a mesa do escritório de Rebecca.

— Esta é Zoë, minha companheira — Rebecca disse. — Ela está trabalhando em Newcastle no momento.

Rebecca colocou uma bandeja na mesinha de café.

— Você deve sentir falta dela — eu disse.

— O tempo todo, mesmo apesar de não morarmos juntas e de termos interesses diferentes.

Pensei no quão bom devia ser ter um companheiro sem precisar ter alguém no seu pé o tempo todo. Lembrei de me sentir contente em Liverpool quando sabia que Patrick ia me visitar; apenas ter a perspectiva de vê-lo, mesmo que ele não estivesse presente, me ajudava a manter o equilíbrio. Eu ainda tinha o endereço dele e decidi escrever e explicar por que sentira medo.

Pensar em Patrick fez meus olhos encherem-se de lágrimas outra vez. Com as crianças fazendo algazarra na minha cabeça, os fl ashbacks, as drogas, o

álcool, naquelas últimas semanas o tempo havia se transformado em um círculo, sem começo nem fi m. O passado, o presente e o futuro haviam se fundido, derretendo para tornar-se uma única esfera. A esfera do tempo estava passando. Antes que uma nova esfera começasse a crescer, haveria um momento 181

Hoje eu sou Alice

de vazio e clareza. Eu passara um bom tempo "longe", mas estava

"de volta". Aquela era eu. Era por isso que não parava de chorar.

— Você pode me contar se quiser, Alice — Rebecca disse.

Olhei para ela. Sob a luz que vinha de trás de Rebecca, seu cabelo prateado lembrava uma auréola. Teria ela lido meus pensamentos? Visto a carta que planejava escrever para Patrick?

Olhei para as xícaras de chá que ela servira.

— Você tem alguma coisa para bebermos? — perguntei.

Ela sorriu:

— Boa ideia.

Tirou a bandeja e logo apareceu com uma garrafa de vinho, um pouco de queijo e biscoitos salgados. Pude sentir o que nunca dissera a ninguém inchar dentro de mim, encontrando a forma de palavras, memórias mortas erguendo-se como Lázaro. Se eu ia falar, precisava estar do lado de fora, ao ar, sob o grande domo do céu.

Tomamos o vinho e colocamos nossas capas.

Andamos pelo campo, atravessando alguns caminhos de pedra sinuosos. As sombras transformavam-se em noite, e sob a proteção da escuridão contei a Rebecca minha história — ou ao menos uma versão dela, pois preferi omitir as vozes. Ainda tinha de compreender a conexão entre elas e o abuso. Foi o

abuso que veio à luz naquela noite: como eu havia sido molestada continuamente ainda bebê em meu berço e até a adolescência. Contei-lhe que meu pai me estuprara ameaçando-me com uma faca no chão de sua casa. Contei também que nunca havia contado nada disso a ninguém.

Rebecca fi cou pálida. Ventava muito.

— Mas por quê? Por quê? — indagou.

Aquela era a pergunta óbvia. Contudo, não havia uma resposta simples. As mulheres que entrevistara no abrigo de Liverpool tinham todas respostas diferentes: vergonha, amor, medo de que não houvesse quem acreditasse nelas; medo de que, ainda que acre-ditassem, ninguém pudesse fazer nada para impedir o abuso; medo de fi carem sozinhas — um medo que eu conhecia muito bem.

— Simplesmente não se conta — respondi.

— Pobre Alice. Pobrezinha.

Abraçamo-nos e descemos correndo a montanha de volta ao bangalô. Preparamos uma sopa, e Rebecca me mostrou que, quando molhamos levemente um pão velho e o colocamos por algum tempo no forno, ele sai parecendo fresco. Mesmo que você tenha sido estuprada com uma faca apontada para a sua vulva, mesmo se conta a história a uma ouvinte solidária, a vida continua. Ela tem de continuar. Eu trabalhava continuamente, todos os dias, hora por hora, momento por momento tentando estabelecer uma divisão entre a garotinha com o pênis de seu pai na boca, a mulher que fi cara de pé sobre as ameias do castelo dos cruzados em Petra e a que agora trabalhava para fazer PhD.

Graças a Deus, Rebecca encontrou uma garrafa de gim. Bebemos noite adentro enquanto lhe contava sobre as visitas noturnas do meu pai, as

aranhas, a masmorra onde pessoas cantavam e crianças so-friam abuso, o homem no Rolls-Royce branco.

Lembrei-me do dia em que minha mãe estava em frente à casa quando o carro branco chegou.

“Que diabos está acontecendo?”, ela gritou.

“Nós apenas saímos para dar um passeio, Jenny. Venha dar uma olhada no meu carro novo”, o homem respondeu.

Mamãe me arrancou de dentro do carro e, debruçando-se na janela, gritou:

“Se chegar perto da minha fi lha outra vez, você se arrependerá”.

Em seguida bateu a porta e entrou comigo em casa.

“Nunca mais chegue perto daquele homem. Não gosto dele.”

Depois desse dia, por alguma razão, meu pai parou de ir até meu quarto — ao menos por algumas semanas, ou talvez meses, não estou certa. Mas, depois, voltou a me visitar. Ele estava viciado.

Não conseguia parar. E não parou até eu, fi nalmente, ter saído de sua casa.

Por que eu permitira que o abuso continuasse, mesmo na adolescência?

Eu não permiti.

Hoje eu sou Alice

Algo que passara anos me perturbando agora fazia sentido. Era como a resposta para um terrível segredo. Acontece que aquela em minha cama não era eu; era Shirley que fi cava ali deitada, perguntando-se se o homem iria ao seu quarto, tiraria o cobertor e colocaria o pênis em sua boca. Era Shirley. Lembro-me de observá-la, uma coisinha magra sem seios e com uma expressão sombria e ressentida. Ela estava com raiva. Não queria aquele homem em seu quarto fazendo as coisas que fazia, mas não sabia como dar um basta naquilo. Ele não batia nela, não a ameaçava. Simplesmente olhava para ela com seus olhos negros hipnóticos, e ela permanecia deitada, com as pernas abertas, não pensando em nada.

E onde eu estava? Eu fi cava ao lado da cama, ou fl utuava sobre eles, bem abaixo do teto, ou viajava em um tapete mágico. Prendia a respiração e assistia enquanto meu pai subia e descia sobre o corpo franzino de Shirley.

Enquanto conversava com Rebecca, outra memória voou como uma águia que veio do passado. Lembrei-me do meu pai, durante a puberdade, quando os intermitentes ciclos menstruais eram re-gidos pela anorexia, ter levantado a camisola de Shirley até sua cabeça e perguntado em tom de brincadeira que camisinha ela preferia.

— Vermelha ou amarela?

Qual ela escolheu?

Não consigo me lembrar. Talvez tenha alternado. Talvez houvesse outras cores. Isso não aconteceu uma vez, mas várias. Eu não tinha o poder de evitar. Aquele homem, meu pai, tinha algum tipo de controle sobre mim. Eu era drogada pelo silêncio negro daquela casa imensa, pelo cheiro repulsivo da loção pós-barba, do tormento esmagador da inevitabilidade. Meu pai fodia Shirley usando camisinhas vermelhas ou amarelas, e foram aquelas camisinhas que deram um basta naquilo.

Aquela foi minha última memória do dia; qualquer coisa a mais seria demais

para suportar.

184

As Crianças

Quando minha mãe descobriu camisinhas usadas no quarto do meu pai, ele admitira, depois de um breve momento de negação, que saíra com prostitutas. Não havia dúvida de que aquilo era verdade, mas não consigo imaginar clientes de prostitutas que guardam camisinhas usadas; as próprias prostitutas teriam se encarregado de jogá-las fora. Não, meu pai guardava aquelas camisinhas como troféus.

Ele estava fodendo a fi lha de catorze anos e tinha orgulho disso.

O rosto de Rebecca estava inchado de chorar.

— Coitadinha — ela não parava de dizer. — Coitadinha.

Contei-lhe que nunca tivera um relacionamento adequado, que amara um rapaz chamado Patrick e partira seu coração. Ela chorou mais. Surpreendi-me abraçando-a, e pensei em como era estranho ser humana. Sentia-me limpa. A coisa negra dentro das minhas entranhas havia fi cado menor.

Foi difícil adormecer naquela noite. As vozes estavam quietas, e o silêncio era assustador. Abri O Mago, mas não consegui me concentrar. Permaneci deitada no futon do quarto de hóspedes com a lua e as estrelas aparecendo pela janela sem cortinas.

No dia seguinte, depois de comer muesli e beber umas doze xícaras de chá, Rebecca perguntou se eu podia lhe fazer um favor. Sua irmã estava hospitalizada fazendo tratamento de câncer e toda quinta-feira, depois do trabalho, Rebecca ia para Coventry, onde passava todo o fi nal de semana ajudando o cunhado a cuidar dos dois fi lhos da irmã. Será que eu me importaria de cuidar do bangalô?*

Ela me deu a cópia das chaves e, quando as coloquei no chaveiro do

macaquinho, pensei que alguém devia ter adivinhado que ele seria útil. Enquanto seguia Rebecca até o carro, vi-me como Cathy em O Morro dos Ventos Uivantes andando pelo pântano. Eu teria uma toca durante alguns dias, um cenário onde meu espírito poderia alçar voo. Um lugar onde poderia chorar, onde poderia simplesmente ser eu mesma.

** Cereal com nozes e frutas secas típico da Suíça. (N. da T.) 185*

Hoje eu sou Alice

Fui à universidade explicar a Gerald por que havia perdido a reunião com Rebecca no dia anterior. Decidi lhe contar a verdade.

Disse que havia tido alguns problemas pessoais, e, por alguma razão, ele fi cou muito zangado.

— Se quiser passar o dia inteiro preocupada olhando para a parede, a decisão é sua — ele disse.

Pensei: "Você com certeza não vive no mundo real, Gerald, e o que é mais triste ainda é que não se dá conta". Tentei sorrir.

— Que tal uma xícara de chá? — perguntei.

— Não, não quero.

Liguei o computador, ouvi seu zumbido e abri o arquivo da minha proposta. Precisava fazer uma revisão para preparar o artigo acadêmico que teria de entregar na conferência anual da Sociedade de Pesquisa Operacional, que se daria em duas semanas no Centro de Convenções Institucionais de Birmingham, não muito longe da casa do meu pai.

Ao que me parece, tudo está ao mesmo tempo conectado e desconectado. É como as casas geminadas das ruas de Huddersfi eld, que estão ligadas mas são independentes. Ocorreu-me que todos vivemos em nosso próprio mundo. Gerald trabalhava comigo mas não me entendia; Brian, que trabalhava em uma mesa do outro lado da sala, nunca me perguntara nada sobre mim, nem

sequer meu nome; os clientes do meu pai não faziam ideia de que o homem afável que redigia testamentos e dava consultoria sobre compra e venda de casas abusara da fi lha durante toda a sua infância. O in-diano com o turbante cor-de-rosa também não fazia ideia de que não havia sido eu quem roubara o rádio da sua loja, mas Shirley, ou Kato seguindo suas ordens. Ao vermos uma mulher batendo no fi lho ou um casal discutindo no supermercado, imaginamos ter alguma ideia do que está acontecendo, mas a verdade é que não sabemos nada.

Era difícil me concentrar no trabalho. As horas passavam des-percebidas, como o tempo costuma fazer. As horas são como o mar, 186

As Crianças

sempre mudando, parecendo ir a algum lugar, mas não indo a lugar nenhum. Peguei o ônibus para voltar ao bangalô de Rebecca e cami-nhei quilômetros pelo pântano, tentando compensar o tempo perdido. As crianças pareciam felizes, mas o Professor fez uma visita.

— Prepare-se para morrer, Alice. Você está cega se vê alguma segurança neste lugar.

— Ah, cale a boca.

Ele me censurou teatralmente e fi cou em silêncio.

Eu estava pensando com clareza. Agora que havia trazido o abuso à luz, me sentia mais capaz de confrontar o fato de que precisava de ajuda. Quando Rebecca chegou de Coventry no domingo, disse-lhe que procuraria tratamento psicológico, e me vi chorando outra vez quando ela disse que me apoiaria de todas as formas que pudesse.

Não é fácil admitir que temos problemas emocionais, mas depois de acordar cedo no dia seguinte e chegar ao centro da cidade, fui até o Departamento de Orientação Psicológica da universidade. Disse à secretária que precisava de uma consulta com certa urgência. Ela fez alguns telefonemas e às quatro da tarde seguinte eu estava no consultório da psicóloga da universidade — uma

mulher de meia-idade séria, com óculos pendurados em uma corrente de prata e um corte de cabelo curto e prático.

Com os olhos fechados e os punhos cerrados, consegui lhe contar que sofrera abuso sexual na infância e agora sofria de depressão, ansiedade e outros efeitos em consequência disso. Não precisei verbalizar quais eram aqueles efeitos. Ela percebeu imediatamente que eu precisava de ajuda e marcou uma consulta para a quarta-feira seguinte com uma mulher chamada Roberta Stoppa, cujo consultório fi cava a 25 quilômetros dali, no centro de Leeds.

187

CAPÍTULO 12

Abrindo o Armário

B rian sentia-se furioso pelo fato de a riqueza, como acreditava, trazer injustamente poder, prestígio e todas as coisas que o dinheiro pode comprar. Ao mesmo tempo, invejava o irmão que morava em Londres, "fi cando rapidamente cada vez mais rico".

Ele se escondia dessa dicotomia por trás dos logotipos de suas camisetas, de seus panfl etos do Partido Revolucionário dos Trabalhadores e da afi rmação de que queria "ajudar a construir um futuro melhor".

"O futuro é um mistério; podemos sobreviver a um terrível presente porque o futuro não pode ser previsto", pensei ao contemplar a situação de Esther em Buna-Monowitz. Quanto mais conhecia Brian, mais me parecia que o que ele queria transformar não era o futuro, mas o passado — o momento em que escolhera a comodi-dade da universidade ao passo que seu irmão escolhera o mundo frenético das fi nanças.

Tendo estudado psicologia, não era difícil ver os problemas dos outros, mas foi pela generosidade de Rebecca que me tornei consciente dos meus próprios problemas. Questões relacionadas à saúde mental são intrinsecamente egoístas, e a luta para sermos normais deve ser

acompanhada pela luta para darmos atenção às necessidades e problemas dos outros. Eu estava tentando, ao mesmo tempo que recebia uma ajuda um tanto indesejada de Shirley.

Sempre encontrava coisas na minha mochila adquiridas com Rebecca em mente: uma lata de chá de menta, uma caixa de choco-188

Abrindo o Armário

lates After Eight (por que tanta menta?), uma girafa esculpida para a coleção que mantinha sobre a escrivaninha de seu bangalô. De onde vinham todas aquelas coisas? Tinha minhas suspeitas, e não podia evitar me sentir um pouco culpada quando as dava a Rebecca.

Era certamente um alívio ter uma amiga. Talvez essa seja, afi -

nal, a cura para a maioria dos problemas: alguém com quem compartilhar uma garrafa de vinho e caminhar pelo pântano. Nós duas nos tornamos três quando Zoë apareceu. Observava-as juntas —

amorosas, generosas, altruístas, nada como as imagens imaturas que havia conjurado em minha mente quando Rebecca inclinou-se na mesa e disse:

“A propósito, Alice, sou lésbica”.

Zoë era mais velha que Rebecca, e a sensação que tinha durante nossas caminhadas regadas a muito papo era de ter duas mães, uma mão para segurar de cada lado.

Havia me convencido de que achava mais fácil me conectar a homens que a mulheres: Patrick, Samir, vovô. Entretanto, em retros-pecto, em todas as minhas crises eu fora ajudada por mulheres; e agora Rebecca, que passava cada minuto livre cuidando da irmã e dos sobrinhos em Coventry, ainda encontrara tempo para me levar de carro a Leeds na semana seguinte, quando teria minha primeira consulta com Roberta Stoppa.

A manhã estava clara, o sol invadindo cada vestígio do transtorno afetivo

sazonal e fazendo brilhar as colunas de mármore da prefeitura de Leeds, uma acrópole grega que poderia ter sido trans-portada através do tempo diretamente da Atenas antiga. Os vitorianos, que a haviam construído, tinham ideias excêntricas no que diz respeito a arquitetura, mas tudo parecia de alguma forma funcionar bem. O departamento de aconselhamento psicológico fi cava em um prédio de tijolos vermelhos, onde várias pessoas entravam e do qual saíam o tempo todo.

Rebecca me deixou em frente ao prédio, fez um retorno cheio de elegância e partiu de volta para Huddersfi eld.

189

Hoje eu sou Alice

Ao chegar ao terceiro andar, dei meu nome à recepcionista e me sentei na sala de espera folheando o Guardian e resistindo à tentação de dar uma olhada na mesa cheia de brinquedos e jogos. Meus dedos formigavam e tive a sensação de que alguém sussurrava com as mãos em forma de concha ao meu ouvido. Provavelmente era Billy, ou talvez Samuel, que avistara um ursinho de pelúcia cor-de-rosa encardido.

O Guardian e o ursinho. Era o intercâmbio entre os hemisférios esquerdo e direito do cérebro, e naqueles dias a ligação entre os dois havia se tornado uma porta vaivém.

Consultei o relógio: nove em ponto. Olhei novamente: 9h10.

O mundo estava em ordem.

— Alice Jamieson.

“Sou eu”, pensei, e respirei fundo.

Entrei em uma sala ampla e ensolarada, onde nos apresentamos com nossos primeiros nomes. Roberta era uma psicóloga experiente que fazia parte de um projeto que oferecia tratamento individual e ajuda por telefone a adultos

que haviam sofrido abuso na infância.

Ela estava na casa dos quarenta anos e tinha uma atitude tranquila, quase lânguida, e cabelos loiros fi nos que lembravam fi os de ouro sob a luz do sol.

Depois de um aperto de mãos, sentamo-nos em cadeiras de um estilo pós-moderno de cor cinza com pernas de aço e braços de madeira, como estranhas quando um trem para inesperadamente e não sabemos se devemos dar início a uma conversa. Roberta usava um conjunto quadriculado com meia-calça de náilon que emitia um som quando cruzava e descruzava as pernas.

A caminho de Leeds, eu decidira não mencionar as vozes e me concentrar nos fl ashbacks do abuso que sofrera na infância e que agora difi cultavam tanto minha vida. Passamos mais um bom tempo em silêncio.

— Bem, sobre o que você gostaria de conversar? — ela disse, quebrando o gelo.

Abrindo o Armário

— Não sei ao certo por onde começar — respondi. — Não é algo sobre o qual já tenha falado.

Ela ergueu as sobrancelhas e inclinou-se para a frente. Respirei fundo mais uma vez.

— Sofri abuso quando era criança. Abuso sexual — continuei

— do meu pai.

— Isso aconteceu uma vez, Alice?

— Não — respondi. — Várias vezes. Centenas de vezes.

— Você gostaria de me falar sobre isso?

— Na verdade, não — disse. — Mas sim.

Ela sorriu e inclinou a cabeça.

Não parei de falar durante os cinquenta minutos que se seguiram — a duração da sessão. Contei-lhe como meu pai ia ao meu quarto quando era um bebê e continuara indo enquanto eu crescia.

Contei que, ainda bebê, havia tido a vagina e o ânus penetrados, e agora me dava conta de que aquilo provavelmente causara as fi ssuras anais e as crises de cistite de que atualmente sofria. Falei sobre a obsessão do meu pai por sexo oral e de como ele gostava de ejacular na minha boca e no meu rosto. Disse que ele havia me levado inúmeras vezes a um prédio que na época pensava ser um castelo, mas que provavelmente era um galpão ou a fábrica de um edifício industrial. Contei-lhe que havia homens e mulheres no lugar, um círculo de pedófi los abusando de crianças bem pequenas, entre elas eu. Disse que, quando criança, pensava que o abuso era algo normal, pois não conhecia nada diferente, e permitira que o abuso continuasse porque, uma vez estabelecido o padrão, a possibilidade de quebrá-lo parecia inimaginável.

Eu não estava revivendo essas experiências, como acontecia quando tinha pesadelos e fl ashbacks, mas descrevendo-as como uma terceira parte. As regras psicológicas são regidas por leis de causa e efeito, da mesma forma que o budismo, conforme Elaine uma vez me dissera na universidade — aquilo havia fi cado na minha mente.

Em termos psicológicos, depois de ter sofrido abuso na infância e na adolescência, as consequências que eu sofria na vida adulta 191

Hoje eu sou Alice

constituíam crises de depressão, anorexia e dependência química

— uma combinação que produzia baixa autoestima, perdas de memória e

insônia.

Roberta não olhava para mim. Ela olhava para baixo, em dire-

ção aos meus tênis. O sol que entrava pelas janelas altas estava quente e senti uma gota de suor escorrendo pelas minhas costas.

Minha garganta estava seca, e então os cinquenta minutos se passaram. Roberta olhou para mim com uma expressão de solidariedade e depois olhou para o relógio.

— Acho que devemos ter outra sessão no início da próxima semana, Alice — ela disse. — Seria apropriado?

— Claro.

E foi isso. Sem dor. Sem dor. Nada muito importante.

Perguntei ao mensageiro de bicicleta no térreo qual era o caminho para a estação e cheguei ao escritório em Huddersfi eld logo depois das onze horas. Gerald estava em aula, e Brian rodou em sua cadeira, disse "oi" e rodou de novo para olhar para o computador. Brian sabia onde eu estivera, bem como o motivo, mas não se sentia inclinado a fazer perguntas. Lembro que ele havia aparado a barba e estava usando uma camiseta com a imagem de um trabalhador musculoso cortando a cabeça de uma serpente com a palavra fascismo ao longo de seu corpo enrolado e CNT Comite Nacional AIT** no topo.*

— Que tal uma xícara de chá? — perguntei.

— Boa ideia.

Eu havia lido no jornal que estávamos entrando em uma pequena recessão.

— A propósito, como está seu irmão na cidade?

— Nem pergunte.

— Ele não está doente, não é?

Brian deu uma batidinha com o dedo na têmpora e respondeu:

** Confederación Nacional del Trabajo. (N. da T.)*

*** Associação Internacional dos Trabalhadores. (N. da T.) 192*

Abrindo o Armário

— Sim, bem aqui — respondeu.

Coloquei água para ferver, tirei um tubo de Smarties da bolsa que não lembrava de ter comprado e comecei a revisar minha proposta, removendo todos os adjetivos. Bebi chá na xícara do Newcastle United e mal pude acreditar nos meus ouvidos quando ouvi os sinos da velha igreja badalando.

— Até logo, Brian.

— Adiós, hã...

— Alice.

— Boa.

Corri pela cidade até a parada de ônibus e vi uma jovem mãe com um menino de cerca de cinco anos que me lembrou Billy. Ele era esperto e curioso, cheio de maneirismos masculinos e perguntas.

— Por que o ônibus é verde? Todos os ônibus de Londres são vermelhos? Por que o ônibus está sempre atrasado?

— Pelo amor de Deus, fi que quieto, você está me dando dor de cabeça — a mãe respondeu e tirou um cigarro.

Enterrei as unhas na palma da mão para não ir até lá e lhe dar um sermão.

Este foi o discurso que ensaiei em minha mente:

“Você sabia que a vida do seu fi lho será moldada por tudo que você diz e faz? Você tem o poder de modelar o futuro dele. Do momento em que seu bebê sai gritando do seu corpo até o momento em que ele entra no jardim de infância, você tem de estar presente, observando, brincando, conversando. Mantenha o bebê em sua cama, ou próximo a ela. Esteja lá quando monstros reais ou imaginários o acordarem à noite”.

Faço uma pausa. Ela está olhando para mim atenciosamente, absorvendo cada palavra que digo. Ninguém jamais fi cou tão satisfeita ao ouvir um conselho de uma completa estranha. Se ao menos pudesse ser tão erudita quando falo em conferências.

Sorrio e continuo delicadamente:

“Se sua fi lhinha ou fi lhinho de três, quatro ou cinco anos for isolado e quieto, sente-o no colo e pergunte-lhe por quê. Se ela ou 193

Hoje eu sou Alice

ele não responder, pergunte se é um segredo. Se for um segredo, você já saberá qual é. Não pressione o pequenino. Outra pessoa já está pressionando a mente ou o corpo em formação, ou, pior, os dois.

Se ele quiser falar, ouça. E acredite.

“Um total de 10% de nossas crianças sofre abuso, geralmente em casa, geralmente de homens da família: padrastos, meios-irmãos, novos namorados. Isso signifi ca que, se você entrar em qualquer sala de aula do país, saberá que duas ou três ou quatro daquelas crianças estão sofrendo. Ouça o que as crianças têm a dizer”.

O ônibus chegou.

— Para cima. Para cima.

A mãe forçou-se a sair do lugar e seguiu seu fi lhinho enquanto ele subia as escadas.

Talvez ela fosse apenas uma boa mãe que estava tendo um dia difícil. Como eu poderia saber?

O ônibus seguiu seu caminho, deixando Huddersfi eld e entrando no campo aberto. Saí no fi nal da pista e atravessei a curta distância até o bangalô de Rebecca. Àquela altura, já levara minha tralha com os ursinhos itinerantes para o quarto de hóspedes; eu era como um esquilo que deixava migalhas e outros rastros por todo o caminho. Coloquei minhas botas de caminhada, um jeans velho e a capa na mochila.

Era uma daquelas tardes no pântano de Yorkshire sobre as quais os poetas escrevem: quente mas fresca, o vento carregado de insetos e de outras coisas que fl orescem para a vida. Do bangalô, uma caminhada de 25 quilômetros me levou a um monte entre paredes de pedra que estavam desmoronando. Gosto de pedras: podemos falar com elas, confi ar nelas. As pedras não apodrecem. Tudo que perdura através do tempo são as fortalezas e catedrais de pedra, as pirâ-

mides de Gizé, a Grande Muralha da China — a única estrutura construída pelo homem que pode ser vista do espaço, ou ao menos é o que dizem.

Pensei em minha consulta com Roberta Stoppa, que não dera em muito. Contudo, colocar as coisas em palavras e deixar as pala-194

Abrindo o Armário

vras saírem tinha um efeito reconfortante; era como ser um gato e se lamber. Respirei fundo o ar fresco de Yorkshire.

Colocar um pé na frente do outro produzia uma sensação boa, os ruídos produzidos pelas minhas botas pareciam ecos das pedras, o sol perdendo as forças. Gostava também da sensação que sentia nas pernas, a sensação de andar em vez de correr, de usar músculos diferentes diante do cenário gigantesco como o de uma pintura. O

vento soprava em espirais à minha volta, e quando alcancei o topo do monte senti-me como se todo o meu corpo estivesse se desmate-rializando e

tornando-se uma corrente de ar. Eu parara de pensar, de me vigiar, e foi através desse vácuo que Billy deve ter saído.

Eu sabia que era Billy porque quando dei por mim estava deitada com o rosto para baixo, a arminha de plástico na mão e os joelhos doendo. Rolei para fi car com o rosto para cima. Estava tonta e olhei para as nuvens que desciam. Não sabia como havia chegado ali. Fechei os olhos e comecei a tentar me recordar do que acontecera como alguém que tenta guiar-se à noite na casa de um estranho percorrendo as paredes com os dedos.

Lembrei-me de estar no escritório revisando minha proposta.

Lembrei-me de pensar: "Assim está melhor. Isso deixará Gerald impressionado". Podia me lembrar das palavras que havia digitado.

Podia vê-las selecionadas para depois desaparecerem quando pres-sionava a tecla delete. Lembrava das ilustrações na camiseta da Guerra Civil Espanhola de Brian. Porém, não me lembrava de ter saído do meu caminho normal ou pegado a arma de brinquedo de Billy da mochila, algo que ele fazia para sentir-se seguro. Ele deve ter virado na entrada errada, se desesperado, corrido e caído. Olhei ao meu redor. Não conseguia reconhecer nada.

Enquanto Billy ocupava meu tempo, onde eu estivera? Nesses momentos, pensava que havia estado fora. Contudo, onde exatamente? Enquanto olhava ao meu redor, tive a sensação de voltar ao meu corpo, preenchendo seu espaço tal como o ar quente pressiona as paredes de um balão, expandindo-o. Aos cinco anos, Billy era 195

Hoje eu sou Alice

pequeno, e quando assumia o controle, eu tinha a sensação de ter encolhido e habitado por algum tempo o corpo de um garotinho.

Kato, por sua vez, era maior que eu. Tal como o Incrível Hulk, quando ele fazia uma visita eu crescia. Minhas roupas fi cavam apertadas, sentia-me tensa, violenta. Eu tinha necessidades sexuais que jamais poderiam ser

satisfeitas, pois Kato não tinha um pênis, ao passo que eu, consequentemente, tinha ao mesmo tempo vontade de ter um pênis e medo da penetração. Era frustrante. Kato elimi-nava essa frustração bebendo, incitado por Shirley com seus modos arrogantes, cortando meus braços com lâminas e garrafas quebradas, punindo todos os "outros" e provocando mais ainda o Professor e sua trupe.

Meu corpo, assim como minha mente, havia sido "invadido"

por aquelas crianças. Eu estava "possuída" não por algo externo

— demônios, diabo, espíritos bons ou maus —, mas por personalidades alternativas que emergiam independentemente da minha vontade ou conhecimento e que se tornavam aos poucos mais autoconscientes e confi antes.

Percebi que as alterações já aconteciam desde quando era capaz de me lembrar. Aos dois anos, quando meu pai colocara o pinguelo na minha boca, eu o chupara como um bebê chupando chupeta.

Contudo, eu também observara a mim mesma de fora do meu corpo, me dividindo primeiro em duas, mas depois em várias partes.

Podia me lembrar de fl utuar em um tapete mágico observando uma garotinha de quatro anos sentada sobre um plástico azul na cabana do jardim com aranhas rastejando sobre seu pequeno corpo rechonchudo. Lembro-me de pensar: "Estou feliz por estar aqui, por não ser eu ali embaixo com essas aranhas malvadas". Aos catorze anos, eu fi cava no canto do quarto abraçada a um ursinho de pelúcia observando uma menina que agora sabia ser Shirley deitada com os olhos fechados e os dentes serrados enquanto um homem subia e descia como uma gangorra entre suas pernas. Shirley sabia que aquilo estava errado. Era por isso que bebia, que não comia, que se odiava.

Eu sempre soubera que algo estava errado comigo. Sempre.

Não sabia que abrigava um bando de crianças tagarelas, todas aquelas personalidades substitutas, mas não me surpreendi completamente quando elas começaram a sair de formas mais abertas e óbvias

— não como observadores, mas como protagonistas. Estava cercada por personalidades alternativas, como se cada uma representasse um aspecto meu em particular enquanto ocultava minha personalidade real, completa, de mim mesma e do mundo.

Meus joelhos doíam. Quando sentimos dor, é mais fácil manter-se no presente. Eu era exatamente eu mesma naquele momento. Ventava forte, mas, fora isso, havia uma quietitude maravilhosa no mundo e dentro da minha cabeça. Senti-me como quando estivera no Oriente Médio — a mente alerta, os ombros retos, olhos no horizonte.

Coloquei a arma na mochila. Tentei me lembrar onde o sol estava quando partira, mas ele havia se escondido por trás das nuvens

— e, de qualquer forma, eu não conhecia técnicas de navegação.

Estava claro que Billy havia saído do caminho e subido o monte para depois descê-lo em direção ao vale seguinte. Até onde era capaz de enxergar, não havia nada além de saliências irregulares de pedras calcárias sobre mares de arbustos. Aquele lugar parecia pertencer a um país diferente, com seu cenário sem árvores e primaveril, montanhas que se tornavam azuis a distância, sem sinal de vida, bangalôs, campanários de igrejas ou mesmo uma trilha.

Fiz o caminho de volta por onde achava que Billy havia vindo, seguindo seus passos até a cadeia de montanhas que existia atrás de mim. Sentia o vento soprar com a sensação de quando achamos que vamos espirrar mas não espirramos. Na verdade, a sensação era de que estava prestes a ter uma crise de pânico, mas eu deixava que essa sensação simplesmente emergisse e fosse levada pelo vento.

Não havia por que sentir medo; nada a temer. Era primavera. Não estava frio. Não havia animais selvagens, exceto por alguns tetrazes e cobras-d'água. Pensei em pegar a arma novamente quando ouvi o som de uma gargalhada. Era eu.

197

Hoje eu sou Alice

A distância, pude ver o que parecia o capô de um caminhão avançando através do cenário. Depois vi outro indo na direção oposta. Concluí que estava olhando para uma estrada, então dei início a uma caminhada em linha reta a partir da cadeia montanho-sa, descendo o vale e voltando a subir através das montanhas azuis.

As sombras se expandiram. A subida era íngreme, e às vezes tinha de me apoiar sobre as mãos e os joelhos feridos para me arrastar até o topo. Cortava os dedos e anestesiava os cortes com uma boa lambida. Descansei no topo da montanha e desci para o outro lado através de uma série de cordilheiras que imaginei terem sido formadas na Era Glacial, compondo uma escultura jurássica gigan-tesca que tinha como fundo o céu azul.

Sentia-me estranhamente confi ante e quase fi quei desapontada ao encontrar uma trilha. Cheguei a um cruzamento e vi que havia retornado à rota da caminhada de 25 quilômetros. Tentara seguir em linha reta, mas, no fi nal das contas, fi zera um círculo, o que pensei ser típico: não importa para onde vamos ou o quão longe chegamos, sempre tendemos a gravitar de volta à fonte, tal como um dia eu estaria de volta à Igreja de Saint Mildred, onde havia sido batizada.

Com as paredes de pedra me guiando, levou ainda mais uma hora para chegar ao bangalô. Eu passara mais de seis horas andando, e Rebecca pareceu preocupada quando apareci na porta.

Naquela noite, enquanto tomávamos uma sopa quente, contei a Rebecca sobre as crianças.

Agora que começara a falar sobre o abuso, era mais fácil respirar. Meus tiques e espasmos, uma dica visual para meus pensamentos, estavam menos pronunciados. Eu sempre sentira vergonha, como se houvesse provocado o abuso. Mulheres espancadas sentem-se da mesma forma. Aquela sensação não desapareceu, mas diminuiu, e acordei certa manhã com uma vontade repentina de telefonar para a doutora Purvis, o que fi z do escritório.

198

Abrindo o Armário

Levou algum tempo para descobrir seu telefone. Quando telefonei, ela não estava. Deixei meu número de telefone e fi quei sentada na mesa tentando trabalhar e pensando nas várias sessões que tivera na Clínica Naydon. O guarda-roupa cheio de roupas coloridas de Jane Purvis, Quadrophenia nos fones de ouvido... O que acontecera àquela fi ta?

Brian acabara de entrar no escritório, e Gerald atendeu quando o telefone tocou.

— É para você — ele disse, e a voz da doutora Purvis surgiu na linha.

— Alô? — eu disse.

— É você, Alice?

Pensei por um momento.

— Sim — respondi.

— Que surpresa maravilhosa. Como está? O que tem feito?

Ela tinha a mesma voz juvenil de que me lembrava, e a memó-

ria de seus traços, seu sorriso e seus lábios delicados ganhou vida em minha mente.

— Estou fazendo PhD em Huddersfi eld.

— É mesmo? Isso é incrível. Sempre soube que se sairia bem.

Seguiu-se uma pausa.

— Há algo que quero lhe contar — disse então. — Há sete anos você me perguntou se eu havia sofrido abuso na infância.

— Sim, eu me lembro.

— Eu queria que você soubesse que estava no caminho certo.

Estava sofrendo abuso. Repetidamente. Até quando me perguntou.

— Oh, Alice...

— Tudo bem, agora estou colocando tudo para fora e lidando com o problema.

— Fico tão feliz por saber disso.

Ela pediu que a visitasse da próxima vez que estivesse em casa.

Despedimo-nos e coloquei o fone no gancho.

Olhei para Gerald. Ele ouvira tudo, o que seria impossível evitar naquela sala pequena. Ele apertou os lábios e encolheu os ombros em um gesto de simpatia.

199

Hoje eu sou Alice

— Alguém quer uma xícara de chá? — perguntou Brian.

Balançamos a cabeça afi rmativamente. Chá — a resposta para todos os problemas da vida.

Depois de ter tomado coragem para contar a Rebecca sobre as crianças que

habitavam minha mente, nos meses seguintes não foi muito difícil contar a Roberta.

No trem que peguei em Huddersfi eld em um dia de maio, fi z uma lista dos suspeitos: bebê Alice; Alice nº 2, que tinha dois anos e gostava de chupar pirulitos grudentos; Billy; Samuel; Shirley; Kato; e a enigmática Eliza. Havia um garoto de quem passaria a gostar especialmente chamado Jimbo, que tinha dez anos, mas, como Eliza, ainda estava em formação. Havia outros sem nome nem traços comportamentais em particular. Eu não queria fazer confusão com a multidão dos "outros", então simplesmente listei os personagens principais com o respectivo nome, idade e personalidade, enquanto Roberta escrevia o que eu dizia em um bloco de anotações.

Depois, ela olhou para mim parecendo um tanto constrangida:

— Sabe? Já conversei algumas vezes com Billy e uma com Samuel — ela disse.

— Você só pode estar brincando.

Senti-me traída.

— Por que não me contou?

— Eu queria que isso partisse de você, Alice, quando estivesse pronta.

Por alguma razão, arregacei as mangas e lhe mostrei meus braços.

— Kato — disse. — Ou Shirley.

Roberta empalideceu ao examinar as cicatrizes. Tive a sensação de que ela não sabia o que dizer. O problema com os psicólogos é que eles são treinados para ouvir, e não para dar conselhos ou fazer diagnósticos. Ficamos ali com meus braços estendidos entre nós como evidências em um tribunal, até que puxei as mangas de volta.

Abrindo o Armário

— Sinto muito, Alice — ela fi nalmente disse, ao que dei de ombros. — Não é sua culpa, não é?

Agora era ela quem encolhia os ombros.

É claro que eu deveria ter sabido que as crianças apareciam na atmosfera do consultório de Roberta. É isso que eles fazem quando Alice está sob estresse. Eles veem uma fresta na sequência contínua de espaço-tempo e passam por ela como feixes de luz passam através de um prisma, mudando de forma e direção.

Nas últimas semanas, havíamos passado ao hábito de dar início a nossas sessões jogando Ker-Plunk — o jogo com bolinhas de gude e varetas, do qual Billy gostava. Às vezes surpreendia-me no consultório com o ursinho que Samuel havia pegado no armário de brinquedos da sala de espera. Roberta me contou que em algumas ocasiões eu havia atirado nela com a arminha de plástico, e, certa vez, como Samuel, havia me levantado de uma das cadeiras high-tech, me encolhido no canto da parede e chorado.

— Isso é constrangedor — admiti.

— Não precisa ser.

— Não precisa ser, mas é — respondi.

O problema era que eu nunca sabia quando os "outros" sairiam.

Só descobria que algum deles havia saído quando dava por mim e via que o tempo passara sem que estivesse consciente ou me surpreendia no meio de alguma atividade estranha — fazendo pintura a dedo como uma criança de cinco anos de idade, cortando os braços, saindo de lojas com várias coisas que não queria e que não haviam sido pagas.

À sua própria maneira reservada, Roberta descreveu as crianças como um elaborado mecanismo de defesa. Na infância, eu bloqueara minhas memórias

a fi m de não lidar com nada doloroso ou di-fícil de compreender. Mesmo na adolescência, permitira que o bizarro e o aterrorizante parecessem normais, pois, do contrário, teria desmantelado a ilusão do núcleo familiar cheio de amor.

Registrei mentalmente o lembrete para fazer uma pesquisa sobre mecanismos de defesa, algo que estudara em psicologia. Saí 201

Hoje eu sou Alice

da sessão satisfeita por Roberta não ter fi cado chocada com a existência das crianças que viviam dentro da minha cabeça, mas ao mesmo tempo irritada comigo mesma por continuar relutante em contar-lhe sobre as vozes que ouvia fora dela. Elas permaneciam comigo até mesmo quando estava no consultório. Naquele dia, me acompanharam enquanto descia as escadas, e ao chegar à rua me convenceram a erguer os olhos que mantinha sempre baixos para observar mais uma vez a monstruosidade de mármore da prefeitura de Leeds.

— Você tem de morrer... Vá em frente. Suba até o último andar do prédio e pule.

— Ah, me deixe em paz — eu disse.

— Mate-se, Alice. É a única forma pela qual encontrará a paz. Estamos de olho em você. Estamos sempre a observando.

No trem, continuei lendo O Mago, mas as palavras ergueram-se como uma nuvem de moscas, enquanto na página novas palavras pousavam para falar comigo.

— Não ache que falando com aquela mulher você se livrará de mim.

Ela não gosta de você. Eu sou o único amigo que você tem. Sei o que é melhor para você. Alice, sua bobinha. Você nunca escapará de mim.

Fechei o livro e olhei pela janela. Sempre que as coisas pareciam estar

melhorando, as vozes voltavam a me atormentar. Aquilo simplesmente não era justo.

202

CAPÍTULO 13

Toque Humano

E u adorava o laptop Toshiba em que investira, com a tela azul de LCD e o mouse pequenininho que chamava de Ratinho.

— Oi, Ratinho. Como você está?

— Muito bem, obrigado.

Ele era um ratinho bem educado, com um rabinho branco e as extremidades lilases, realmente engenhoso: com apenas um clique podia percorrer menus e manipular barras de rolagem. Quando segurava o Ratinho, eu pensava em vovó, que mandara um cheque pelo meu aniversário. Eu havia investido o dinheiro no laptop antes que Shirley e Kato pudessem pôr as mãos nele. Escrevi uma longa carta para vovó dizendo o quanto sentia sua falta e contando que estava estudando para ser uma doutora. Tratava-se de uma mentira branca que elevaria seu status na casa de repouso.

Envergonho-me por ter de dizer que havia séculos que não via vovó. Ela sofrera uma queda e quebrara o quadril, e, por razões que nunca foram completamente satisfatórias para mim, minha mãe a colocara em uma casa de repouso em Cliftonville. Inaceitável, eu sei, mas fazer a viagem de seis horas de ônibus através do Sinai era fácil, ao passo que pegar o trem para o sudeste de Kent, como várias vezes havia planejado fazer, parecia complicado demais, então eu sempre adiava a viagem.

Clive entrara para uma empresa de advogados na cidade de Londres na qual vários dos sócios majoritários haviam frequentado 203

Hoje eu sou Alice

sua antiga escola. Stephen era o padrasto que todos pedem a Deus; sempre me sentia mais feliz quando ligava e ele atendia o telefone do que quando era mamãe. Ela geralmente não estava em casa, havia ido comprar sapatos novos ou ao cabeleireiro. Papai permanecia em minha mente como uma mancha em uma camisa branca.

Certo dia saí correndo aos gritos da banca de jornal quando me vi perto de um homem usando Brylcreem — uma moda que em outros lugares encontrava-se em processo de extinção, mas não entre os homens teimosos de Yorkshire.

O Toshiba fi cava em cima de uma mesa no canto do meu quarto na casa de Kathy. Eu vinha carregando disquetes do escritório para casa e de casa para o escritório, e minha proposta estava quase pronta para ser entregue à banca da universidade.

É claro que os ursinhos, Snoopy e o dragão vermelho não gostavam do Toshiba. Eles sentiam ciúme de tudo que dividia meu tempo com eles — o que era uma atitude muito infantil, visto que o laptop era um objeto inanimado.

O Toshiba havia se tornado um amigo. Um dia, contudo, ele virou-se contra mim.

Era quarta-feira.

Há algo estranho nas quartas-feiras. Quarta-feira é um dia triste. O lugar que ocupa na semana o faz sentir-se nervoso e deprimido. O nome do dia é estranho. Deveria ser Weirdesday. Na verdade, ele gostaria de ter um nome originário do latim, mas seu nome vem do deus norueguês. Antigamente, os ingleses a chamavam de Wednesdaeg, o que é um som cheio. Coisas estranhas acontecem às quartas-feiras.*

Enquanto voltava de uma sessão com Roberta em Leeds, uma conversa ocorria dentro da minha cabeça.

— Vejam, ela está descendo as escadas. Ela vai virar à esquerda do lado de

fora e olhará em direção à prefeitura. Ela não sabe ao certo se gosta

** Trocadilho que substitui o prefi xo Wedn, de Wednesday (quarta-feira em inglês), por Weird, que quer dizer "estranho". (N. da T.) 204*

Toque Humano

da prefeitura ou se é ridículo haver uma construção no estilo grego no meio da Inglaterra industrial. Ela está chegando à estação, onde vai procurar a passagem de volta, parar no meio do caminho em direção à plataforma, olhar para o céu e dizer "Ah, pelo amor de Deus, cale a boca".

— Ah, pelo amor de Deus, cale a boca!

— Você não vale nada. Você não é nada. Por que não faz o que tem de fazer hoje? Quando o trem chegar, basta pular. Você sabe que quer. Será bom para você, Alice. Será bom para o mundo. Vá até a beira da plataforma. Olhe para aqueles trilhos prateados, brilhantes. Consegue ver o refl exo? Agora, não seria bom ver a si mesma esmagada como um tomate nos trilhos?

Seguiu-se o refrão:

— Esmagada como um tomate nos trilhos. Esmagada como um tomate nos trilhos.

Era o lixo costumeiro, só que com uma intensidade maior. Tentei ignorar as vozes, tentei ler o jornal e tentar me lembrar se já vira Roberta Stoppa tão... feliz. Ela estava usando um terninho de uma cor rosa pálido particularmente feminino com sapatos azuis.

Alguma coisa estava acontecendo. Eu havia ganhado três partidas seguidas de Ker-Plunk. Era quase como se ela estivesse me deixando ganhar.

— Não consigo me concentrar.

Olhei para seu batom cor-de-rosa e pensei: "Você passou a noite inteira trepando".

Depois corei.

Não costumava pensar nessas coisas. Nunca. Talvez Shirley pensasse. Talvez eu estivesse projetando aqueles pensamentos. Vai ver queria um namorado, um amante, um pouco de cada coisa. Às vezes sentia um formigamento. Kato era um adolescente perturbado, um garoto espinhento cheio de desejo sexual e testosterona. Será que eu estava projetando os desejos de Kato em Roberta? Seriam os desejos de Kato meus próprios desejos? Segundo havia pesquisado, a projeção é um mecanismo de defesa. Ladrões acham que todo mundo quer roubá-los. Quando não atribuímos muito valor a nós mesmos, imaginamos que as outras pessoas não gostam de nós. Os 205

Hoje eu sou Alice

pedófi los, por sua vez, acham que as crianças estão pedindo para ser abusadas.

“Quem é a menininha do papai?”

“Sou eu.”

Mecanismos de defesa nos fazem projetar a nós mesmos, des-ligando-nos da ansiedade, do trauma e da inaptidão social. Eles tornam a realidade tolerável e permitem que tenhamos um porto seguro para o qual podemos fugir de situações difíceis e das pessoas.

Todos usam mecanismos de defesa — eu com certeza uso.

Eu me eximia da culpa de consumir as bebidas de Kathy e Jim acreditando que eles não precisavam delas e não sentiriam sua falta.

Identifi cava-me com os intelectuais de Huddersfi eld para mostrar que merecia o PhD da mesma forma que meu pai se identifi ca com os homens de sucesso de seu clube de golfe. Identifi car-se com outras pessoas é a principal fuga dos tiranos, dos covardes e daqueles que têm baixa autoestima. Minha mãe recorre à regressão quando faz papel de garotinha para conseguir o que quer de Stephen. Repri-mir-se é esconder pensamentos,

sentimentos e memórias dolorosas no subconsciente quando eles desenvolvem cordas vocais e começam a tagarelar sem parar.

Parece confuso? É o que era para mim. Minha cabeça sofria um bombardeio contínuo de pensamentos diferentes, a maioria dos quais pertencia às outras personalidades, e de vozes estranhas que me acompanhavam desde que estava estudando para os exames para o nível elementar na Dane Hall. Minha cabeça era uma estação de rádio maligna na qual fi tas intermináveis cuspiam um rol de bobagens.

Quarta-feira: onze da manhã. Sol com nuvens e 40% de probabilidade de precipitação.

Saio do trem, penso em ir para o escritório, não pego um ônibus para a montanha. As vozes prosseguem, revolvendo como um gramofone antigo, o cabo instável, a agulha arranhando o som agudo do veneno.

206

Toque Humano

— Ei, você, nós vamos pegá-la. É, você mesma, chegou a hora de morrer. Não há nada que possa fazer.

— Deixem-me em paz!

Assim que cheguei em casa, liguei o laptop. A tela acendeu, mas, em vez do peixe tropical que normalmente aparecia decorando a área de trabalho, deparei com o rosto de um homem com mechas revoltas de cabelo branco, olhos maníacos e uma expressão de reli-giosidade.

Era o Professor.

— Você acha que Gerald e Colin gostarão do seu artigo? Não me faça rir. Você não serve para nada, não consegue fazer nada direito.

Por um momento permaneci sentada, em estado de choque.

— Sim, Alice. Você mesma. Você não serve para nada. Nunca servirá para nada. Você não é nada. Vá em frente, roube as bebidas de Kathy. Vamos.

Vá pegar uma garrafa de gim. Corte-se. Você sabe que é isso que quer. Há uma grande faca de açougueiro na cozinha. Faça um favor a todos: corte os pulsos. Corte a garganta. MATE-se.

Dei um pulo da cadeira tremendo e me escondi debaixo do edredom no canto do quarto.

Ainda podia sentir os olhos do Professor, como raios hipnóticos queimando minha pele, podia ouvir sua voz cantarolando:

— MATE-se. MATE-se. MATE-se.

Apertei a cabeça dos dois lados e comecei a me balançar para a frente e para trás. Minhas têmporas pareciam prestes a explodir.

— Deixe-me em paz. Deixe-me em paz. Deixe-me em paz.

Eu devia ter puxado o fi o da tomada, mas não conseguia pensar racionalmente. Em vez disso, fui até a cozinha, abri a gaveta dos talheres, olhei para a faca de açougueiro, vi meus próprios olhos desviarem para o outro lado e fechei a gaveta com força.

Encontrei um rolo de papel-alumínio, subi as escadas correndo e o cortei em tiras. Espalhei-as pelo edredom e o puxei para me cobrir, mas continuava sentindo os raios mortais emitidos pelos olhos do Professor.

— Vamos pegá-la, Alice.

207

Hoje eu sou Alice

— Não sou Alice.

— Vamos pegá-la.

— Quero minha arma.

Quando abri os olhos, estava escuro. Eu estava suando. Encontrava-me no canto do meu quarto debaixo do edredom e havia tiras de papel-alumínio amassadas por todos os lados. O que aquilo estava fazendo no meu quarto?

Eu estava trêmula, com medo, paranoica.

Acendi a luz e peguei o Dicionário Oxford Moderno na prateleira. Originária do grego antigo, a palavra "paranoia" quer dizer

"mente perturbada". A perturbação é causada por um "distúrbio mental com ilusões de grandeza, perseguição etc.; tendência exagerada a suspeitar e desconfi ar dos outros".

Bobagem.

Se está sendo vítima de paranoia, você sabe que não está tendo ilusões. As pessoas estão sim perseguindo você. O Professor estava vivo. Ele era real. Ele tinha um rosto e uma voz e era acompanhado por um bando que gritava em coro que eu não valia nada. Eu deveria fazer um favor ao mundo e me matar — todo aquele discurso malévolo que vinham usando havia anos.

As crianças na minha cabeça haviam fi cado quietas por algum tempo. Agora, porém, estavam de volta. Como um exército derrotado, haviam renovado as forças e dado início a uma nova marcha.

O Professor e seus tenentes trabalhavam em uma conspiração in-trincada. Eu era o alvo. Além do laptop, eles habitavam o telefone e os jornais, gritando da televisão e das páginas do romance que estava tentando ler.

Eu podia ouvir as vozes conspirando contra mim.

— Vamos, vamos pegá-la. Vamos surpreendê-la. Ela nem sequer saberá o que a atingiu. Ela está só. Ninguém gosta dela. Ninguém sentirá sua falta. Vamos nos livrar desse lixo. Peguem-na. Peguem-na.

Minha pele pinicava, como se picada por alfi netes e agulhas.

Meu cérebro parecia estar pegando fogo. As vozes gritavam através 208

das chamas. Meu corpo estava molhado de suor, e quando me des-pia podia ver as marcas onde os raios de luz haviam me atingido.

Passei dois dias trancada no meu quarto, olhando para a tela desligada do computador, esperando para ver se ele voltaria à vida.

Durante esse tempo, não bebi nada, não comi e não fui ao banheiro.

Permaneci no canto do quarto ouvindo as vozes, o som do papel-alumínio sendo amassado, o exterior iluminando-se e voltando ao escuro conforme o tempo passava.

No terceiro dia, esperei até ter certeza de que Kathy e Jim haviam saído para trabalhar. Coloquei o capuz da minha capa e peguei o ônibus para o bangalô a fi m de contar a Rebecca o que havia acontecido. Ela não me convenceu a contar a Roberta. Não era assim que as coisas funcionavam. Eu havia decidido contar a Roberta, mas achava que antes precisava participar minha decisão a Rebecca.

Saímos para uma longa caminhada. O verão se aproximava. Eu passara seis meses em Huddersfi eld, e, por incrível que pareça, Colin Ince — meu supervisor — estava satisfeito com meu trabalho.

Eu me encontrava no meio da minha primeira crise psicótica e não conseguia evitar me perguntar quantos outros malucos também estavam naquele mesmo momento tentando criar novas estratégias para melhorar o serviço de saúde.

Na minha sessão seguinte com Roberta, contei-lhe sobre as vozes. A crise havia passado, e eu lhe disse que elas eram como matracas dentro da minha cabeça, falando de mim entre si. Ela agi-tou nervosamente os dedos, algo

incomum — talvez estivesse usando um anel de noivado? —, e admiti que as vozes me acompanhavam quase sempre, narrando e fazendo comentários sobre todos os meus movimentos. Disse que às vezes eu me virava achando que havia alguém atrás de mim, mas nunca havia ninguém. Aquilo era algo que acontecera quando era adolescente, algo desmoralizante, e agora estava acontecendo novamente.

Roberta permaneceu em silêncio — em seu modus operandi habitual. Eu estava prestes a acrescentar:

209

Hoje eu sou Alice

"Você acha que eu sou louca, não é?"

Contudo, ela empertigou-se, descruzou as pernas com meias de náilon e inclinou-se para a frente.

— Alice, não acho que eu tenha a preparação necessária para ajudá-la a lidar com esses problemas. Você já consultou seu médico sobre as vozes?

— Na verdade, não.

— Eu a apoiarei o máximo possível, e podemos continuar tendo nossas sessões normalmente, mas de fato acho que você tem de falar com seu médico.

Era a primeira vez que ela me dava um conselho. Eu estava sentada no chão e repousara a cabeça sobre as mãos enquanto ela falava. Olhei para Roberta, com suas pernas bonitas e sapatos de boa qualidade, a expressão paciente no rosto emoldurado por fi nos cabelos dourados.

A lâmpada estava acesa atrás dela. Uma nuvem deve ter en-coberto o sol. Minha garganta estava seca. De repente meu corpo pareceu encolher. Minha expressão começou a mudar, podia sentir as maçãs do rosto adquirindo nova forma. O sol reapareceu. As cores tornaram-se mais vivas, e então vi uma

moça bonita sentada em uma cadeira cinza. Achei que a conhecesse, mas não tinha certeza.

— Quem é você?

— Sou Roberta.

— Ah é?

— Sim — ela balançou a cabeça afi rmativamente.

— Onde estou?

— Você está no meu consultório.

— Que consultório?

— Meu consultório, Alice, onde jogamos Ker-Plunk.

— Não sou Alice.

— Claro que é.

— Não, não sou, não sou não. Sou Jimbo. Você sabe quem sou.

Agora me lembro, você é aquela moça...

210

Toque Humano

— Você é Jimbo?

— Claro, sua boba. Sou Jimbo, mas prefi ro que me chamem de JJ. Gosto de sorvete.

— Gosta?

— Não gosto de bolo. Odeio bolo. Gosto de sorvete. E não gosto de aranhas.

— Por que você não gosta de aranhas?

— Elas são horríveis. Querem comer a gente. Uma vez vi uma aranha comer a si mesma. Um homem a cortou ao meio com uma faca grande e a metade da frente se virou e comeu a outra metade.

— O que você acha que isso quer dizer?

— Não quer dizer nada. Era só uma aranhazinha.

Não me lembro dessa conversa. Roberta me contou o que acontecera em outra sessão.

Era a primeira vez que Jimbo saía. Não me lembrava dos detalhes, mas me lembrava de ter sentido a mudança, da sensação de sair da minha pele e depois voltar. Nada provocara a aparição de JJ.

Ele não saíra durante um jogo de Ker-Plunk ou de uma sessão de regressão. Apenas aconteceu, e o que era aterrorizante é que eu não me lembrava de ter ouvido falar sobre nenhum caso parecido antes, e não sabia por que aquilo estava acontecendo comigo.

Disse isso a Roberta, e ela respondeu que também nunca havia tomado conhecimento de algo semelhante.

— Você precisa de ajuda, Alice.

— Quer dizer que preciso de uma ajuda maior da que você pode me oferecer?

— Eu a ajudarei o máximo que puder, mas realmente acho que você deve falar com seu médico. Você vai fazer isso?

— Se você acha que vai servir de alguma ajuda... — Eu queria que fosse ela quem tomasse a decisão, aquele era o seu trabalho.

— Mas tenho medo do que ele pode pensar — acrescentei.

— Tenho certeza de que seu médico não a julgará — ela respondeu. — Nosso trabalho é ajudar as pessoas.

211

Hoje eu sou Alice

Pensei: "Ela está se colocando na mesma categoria que um médico, mas não é uma médica. Psicólogos só têm um diploma.

Ele fi ca na parede; na verdade, são três, com escudos e carimbos dourados".

Voltei a olhar para ela.

— Se você quiser, pode ligar para marcar uma consulta daqui mesmo. Fico com você — ela disse.

Roberta encontrou o número na agenda telefônica, discou e me deu o fone. A secretária disse que tinha um horário disponível com o doutor Michaels no dia seguinte às onze horas.

— Isso é muito bom, Alice, você fez a coisa certa — Roberta falou quando desliguei.

— Obrigada, Roberta — respondi, e ao falar minha voz saiu completamente diferente.

Eu estava regredindo outra vez. Estivéramos falando de JJ, e pude senti-lo se expandindo dentro de mim. Ele era uma versão mais velha, mais esperta e mais questionadora de Billy. Billy tinha apenas cinco anos, JJ tinha dez. Era um menino cheio de autoconfi ança que, se tivesse se perdido no meio do pântano, não teria entrado em pânico e encontraria o caminho de volta para casa.

Aquela era a minha segunda visita em questão de semanas ao doutor Michaels. Na primeira, o procurara por causa de uma infecção no ouvido —

uma coincidência estranha, já que agora a consulta seria sobre as vozes que sussurravam aos meus ouvidos.

Será que teriam sido as vozes, com seu hálito fétido, as causadoras da infecção?

Fiquei acordada a noite inteira olhando para o teto enquanto me perguntava o que havia acontecido com o móbile que acompanhara minha infância. Lembrava-me do movimento hipnotizante das bo-binas, de como giravam mais rápido quando a porta se abria.

“Quem é a garotinha do papai?”

“Sou eu.”

Levantei-me às seis da manhã, coloquei meu conjunto abandonado de corrida e já me sentia exausta no momento em que saí pela 212

Toque Humano

porta dos fundos. Desci a montanha até o parque, onde me sentei em um balanço e comecei a me balançar o mais alto que podia.

— Mais alto. Mais alto. Então pule. Isso causará algum ferimento que você poderá usar como pretexto para a visita ao médico.

Eu estava paranoica em relação à possibilidade de o médico me dizer que estava desperdiçando meu tempo, já que não tinha nenhum problema de saúde evidente. Entretanto, ainda que não fossem visíveis, as vozes eram um grande problema. Enquanto ia para a frente e para trás no balanço, também andava em círculos na minha mente até chegar à decisão de cancelar a consulta. Eu iria para casa e colocaria alguns adjetivos de volta na minha proposta, algo útil.

Kathy e Jim estavam tomando café da manhã. Sentei-me com uma xícara de chá e uma tigela de cereal. Jim estava fumando um cigarro que enrolara. Kathy estava passando marmelada em uma torrada, os farelos caíam e se

espalhavam pela mesa como insetos.

Ainda achava que Kathy e Jim queriam me matar, e fi cava deitada na cama à noite me perguntando se havia uma porta secreta entre o meu quarto e o deles. Eles pensavam que eu fazia o per-fi l da estudante típica, sempre bebendo com mil amigos. Não faziam ideia de que eu estava tendo uma crise nervosa. Eu vivia na minha bolha e eles viviam na deles — pagando as contas, assistindo a EastEnders, economizando para passar o feriado em Lloret de Mar, praticamente inconscientes do que podemos ser e fazer como seres humanos. Como eles, eu também não estava me tornando nem fazendo nada disso.

Quando saíram para trabalhar, enchi a casa com o som de Bruce Springsteen. A voz grave e profunda de "The Boss" transferiu o medo do trabalhador de Nova Jersey para o Professor e sua trupe.*

Aumentei o volume para o 11º ponto no mostrador e comecei a

** O Chefe — apelido adquirido por Springsteen na época em que tocava em um trio chamado Earth em clubes e era o encarregado de receber o pagamento e distribuí-lo entre os membros. (N. da T.)*

dançar pela sala acompanhando "Human Touch", música de seu novo álbum.*

As palavras de "The Boss" começaram a desaparecer na minha cabeça como o som de um veículo que se afasta. Quando voltei a mim, estava sentada olhando para o relógio na sala de espera da clínica Morningside, uma enorme e antiga mansão em estilo casa de campo com vários quartos, cada um com uma lareira antiga que expulsava o ar frio pela chaminé.

— Tique-taque, tique-taque, Alice vai morrer às onze em ponto.

O ponteiro, que lembrava uma aranha gorda, aproximava-se das onze horas. Minhas mãos suavam frio, mas o ponteiro chegou às onze e eu ainda estava viva. Conseguira. Mais algumas lutas internas deram-se antes de uma voz com sotaque de Yorkshire chamar:

— Alice Jamieson, consultório nº 2.

"E agora? Isso é algum tipo de emboscada? É aquela enfermeira mesmo que está me chamando ou a mulher de EastEnders?"

Decidi arriscar. Meu coração palpitava enquanto avançava pelo corredor, que parecia prestes a se expandir como em um sonho. Bati na porta.

— Entre.

Ao entrar na sala, tive a impressão de ter atravessado uma porta secreta, como a porta escondida na parede entre o meu quarto e o de Kathy e Jim.

— Sente-se. O que posso fazer por você, minha jovem? — perguntou o doutor Michaels.

— Não tenho certeza.

As vozes riam baixinho ao fundo. Adoravam me ver confusa.

Eu não conseguia olhar para os olhos do médico, que pareciam emitir raios.

— Se quiser que a ajude, você terá de me contar o que está acontecendo — ele disse. — Não é o ouvido outra vez, certo?

** Toque Humano. (N. da T.)*

— Não, não. Tenho estado muito estressada na universidade.

Há pessoas conspirando contra mim. Ficam me dizendo para fazer coisas.

— Quem são essas pessoas, Alice?

— Você sabe, pessoas...

— E o que elas lhe dizem?

Não conseguia fi car quieta. Mamãe teria dito que havia formigas dentro das minhas calças. Ficava andando pela sala enquanto ouvia as vozes sussurrando pela chaminé, mas estava com medo de contar ao médico sobre elas. Aquilo era uma verdadeira tortura.

— Muitas pessoas — eu disse. — E estão me vigiando.

O doutor Michaels recostou-se na cadeira e repousou o queixo sobre as mãos. Ele era um homem corpulento. Usava uma gravata listrada com um nó gordo e um casaco de tweed que provavelmente havia comprado em uma loja especializada em roupas para a profi ssão médica.

— Você tem pensamentos suicidas? — perguntou-me.

Seguiu-se uma pausa.

— O quê?

Ele repetiu a pergunta.

— Você está perguntando se quero me matar?

— Sim. Estou tentando descobrir quem você acha que essas pessoas são, de onde acha que vêm e o que realmente lhe dizem, e preciso saber se você tem pensamentos suicidas.

Esconder a verdade sobre as vozes me tomava um bocado de tempo e energia. A pressão estava aumentando.

O doutor Michaels inclinou-se para a frente e tentou fazer contato ocular

comigo.

— Você ouve vozes? — perguntou, o que me deixou um pouco perplexa. — O que essas vozes lhe dizem para fazer? Você está ouvindo vozes agora?

Eu estava, mas não tinha coragem de dizer, de admitir. Seria aquilo uma armadilha?

— Não exatamente — respondi.

215

Hoje eu sou Alice

— Você tem de saber que as vozes não são reais. Elas estão apenas na sua cabeça — ele acrescentou, e isso acabou sendo como um estopim.

— Elas são reais, sim, posso ouvi-las. Não estou imaginando vozes. Estou ouvindo vozes. Posso ouvi-las se aproximando, e são tão altas como o telefone que está tocando na recepção. Na verdade, são mais altas ainda.

— Você ouve vozes?

— Sim. Você não consegue ouvi-las?

— Alice, se está ouvindo vozes, elas estão na sua cabeça.

— O que você quer dizer com "se estou ouvindo vozes"? E elas não estão na minha cabeça. Não estão no meu cérebro. Elas pertencem a pessoas, pessoas reais, pessoas que não estão na minha cabeça.

Senti raiva de Roberta por ter sugerido que eu consultasse o doutor Michaels, e também do doutor Michaels, porque sabia que ele não fazia ideia de qual poderia ser o problema comigo.

— As pessoas estão me perseguindo — eu disse. — Não me deixam em paz.

Discutimos mais um pouco — duas pessoas falando sem realmente dizer

nada, como as vozes. Finalmente, a consulta chegou ao fi m, e o doutor Michaels tomou uma decisão. Ele disse que eu estava exibindo um clássico sintoma de esquizofrenia e fez o que os médicos fazem de melhor: prescreveu uma receita para o remédio Stelazine. Disse que ajudaria por um tempo enquanto ele me reco-mendava a um psiquiatra. Psicólogo, médico, psiquiatra — era como escalar uma daquelas pirâmides do México.

Sentia-me vazia, desprovida de emoções. Então eu tinha esquizofrenia? O que isso signifi cava? Talvez Roberta pudesse me escla-recer. Meu tratamento com ela era bastante intensivo, e tínhamos uma consulta marcada para aquele mesmo dia. Fiz uma visita à biblioteca da universidade antes de partir para Leeds e encontrei um livro com o título de Schizophrenia: The Facts.

De acordo com a Classifi cação de Doenças da Organização Mundial da Saúde, a esquizofrenia e os distúrbios esquizofrênicos 216

Toque Humano

são, de forma geral, caracterizados por distorções fundamentais e características do pensamento e da percepção, bem como por emo-

ções inapropriadas ou embotadas. A consciência básica e a capacidade intelectual costumam ser mantidas, embora alguns défi cits cognitivos possam ser desenvolvidos com o tempo.

Os principais fenômenos psicopatológicos incluem: eco de pensamento; inserção ou bloqueio de pensamento; transmissão de pensamento; percepção delirante e delírios de controle; infl uência ou passividade; vozes alucinatórias fazendo comentários ou discutindo sobre o paciente na terceira pessoa; distúrbios do pensamento e sintomas negativos, o que consiste na perda em decorrência da doença de sentimentos; e habilidades que a maioria das pessoas tem.

A saber:

• motivação;

• habilidade de interagir socialmente;

• entusiasmo;

• reação emocional apropriada.

Os fatos:

• A esquizofrenia afeta uma em cada cem pessoas;

• Alguns pacientes sofrem apenas um episódio psicótico, enquanto outros têm vários ao longo dos anos;

• O tipo mais comum de alucinação sofrida pelos esquizofrê-

nicos é a auditiva, mas eles também podem ter alucinações visuais, táteis, gustativas e olfativas;

• Apenas um terço dos pacientes apresentam sintomas de paranoia;

• Cerca de 10% dos esquizofrênicos cometerão suicídio;

• Os sinais e os sintomas da esquizofrenia costumam mani-festar-se pela primeira vez no início da vida adulta ou na adolescência;

• Tanto homens quanto mulheres correm o mesmo risco de desenvolver o transtorno;

• A maioria dos pacientes esquizofrênicos sofre da doença a vida inteira, sejam os sintomas constantes, sejam recorrentes;

• Apenas aproximadamente um em cinco indivíduos se recupera completamente.

Peguei o livro emprestado na biblioteca e segui para a estação com ele debaixo do braço. Havia me identifi cado com grande parte do que lera, mas estava com medo dos fatos. Minha mente estava cheia de perguntas. O que causa a esquizofrenia? Ela é realmente uma doença? Se eu tinha esquizofrenia, com minhas percepções delirantes e vozes alucinatórias, será que algum dia me recuperaria ou estaria curada?

Na tranquilidade do consultório de Roberta, repassei minha consulta com o doutor Michaels. Fui detalhista e mostrei-lhe as anotações que havia feito ao ler o livro.

— O que você acha? — perguntei. — Dê uma olhada. É isso que a literatura diz. Você acha que tenho esquizofrenia?

Roberta não quis se comprometer dando sua opinião, mas me encorajou a tomar a medicação e consultar o psiquiatra. Ela me elo-giou por ter ido à consulta com o doutor Michaels, o que é um truque

— reforçar o que o paciente já decidiu fazer. Ela disse que poderíamos conversar mais sobre o diagnóstico na sessão seguinte, e deixei seu consultório sem dúvidas de que Roberta Stoppa e o doutor Michaels haviam se aliado ao Professor e faziam parte da conspiração.

Fui para casa pegar algumas roupas limpas. Decidira me refugiar no bangalô de Rebecca, onde era tranquilo e eu conseguiria estudar o livro sobre esquizofrenia e considerar as conclusões do doutor Michaels. A lógica pura sugeria que sem uma compreensão defi nitiva da causa da doença não haveria nenhuma esperança de cura.

Enquanto lia, comecei a entender que há evidências de que as causas da esquizofrenia são, em parte, genéticas. Como os genes regulam os processos biológicos, incluindo as funções cerebrais, essas evidências indicam que, no cérebro dos esquizofrênicos, esses processos não ocorrem de forma normal. Por outro lado, o livro 218

Toque Humano

sugeria que fatores psicológicos e sociais aparentemente não tinham papel causal importante, embora pudessem ser "modifi cadores"

importantes da doença.

Parecia que a análise do livro caía como uma luva para mim

— não que isso me servisse de conforto. Na verdade, me deixou mais paranoica e assustada, pois concluí que, embora pacientes com esquizofrenia pudessem ter uma melhora, não há garantia de que não venham a sofrer uma recaída. Será que eu passaria a vida inteira com aqueles sintomas?

Enquanto lia, eu tomava mecanicamente gim em uma garrafa que não me lembrava de ter comprado. Enquanto chacoalhava a garrafa seguindo o ritmo das vozes na minha cabeça, também não conseguia me lembrar se já havia tomado uma das pílulas azuis que o doutor Michaels prescrevera.

— Nós a pegaremos. Ele está vindo. É melhor se preparar. Ele está vindo. Espere para ver.

"Ele" deveria ser o Professor, que era a voz mais alta e opres-sora, um tipo de Hitler ou Mussolini. Esperei e o Professor de fato apareceu.

— Está vendo? As pessoas pensam que você enlouqueceu. É melhor tomar todas essas pílulas e beber um pouco mais. Assim, você irá para o inferno. É lá que é o seu lugar.

— Mas o que está acontecendo, Alice? — ouvi uma voz familiar dizer.

Virei-me esperando não ver ninguém e encontrei Rebecca atrás de mim. Não a ouvira entrar e não respondi. Ergui a cabeça para olhar na direção do seu rosto. Ela parecia tão bonita, tão capaz.

— O que há nessa garrafa? Você tomou alguma pílula com gim?

— ela perguntou. — Vamos lá, Alice, o que está acontecendo? Você parece ter visto um fantasma.

Eu estava ouvindo a voz de Rebecca, mas ela parecia distante, como se estivesse me chamando do meio do pântano.

— Cathy? Cathy? Onde você está, Cathy?

— Heathcliff, Heathcliff. Não me deixe.

219

Hoje eu sou Alice

Tomei outro gole de gim e ela segurou minha mão para me apoiar quando me levantei do chão.

— As coisas estão desmoronando — eu disse.

Ela colocou as mãos nos meus braços e elas me queimaram através das roupas.

— O médico acha que sou esquizofrênica e que eu tenho de consultar um psiquiatra — falei e me esquivei. — Ninguém mais consegue ouvir as vozes que ouço. Só eu.

— Estou aqui com você, Alice, sabe disso — Rebecca disse. —

Por que você não me contou sobre as vozes antes?

— Não queria que você achasse que sou louca — respondi.

Ela abanou a cabeça e sorriu. Era muito estranho ter uma amiga que realmente se preocupava comigo. Ficamos acordadas até tarde conversando. Como Roberta, Rebecca não tinha qualifi cação médica, mas achou que uma consulta com o psiquiatra era a melhor opção. Estaria ela envolvida na conspiração também? Não queria acreditar nisso.

Tomei uma das pílulas azuis de Stelazine antes de ir dormir.

Contei quantas restavam no frasco e escrevi o número a lápis na parte

interior da contracapa do livro sobre esquizofrenia. As vozes estavam distantes, mas continuavam me ameaçando, murmurando, balbuciando, tagarelando sem parar. Senti um vazio, como se houvesse um espaço desocupado dentro do meu corpo, onde outra versão de mim fl utuava no nada da inexistência. Eu não queria muito: não queria fama nem fortuna, nem poder nem sucesso. Queria apenas ser como todos os outros.

220

CAPÍTULO 14

Shirley

Minha memória tem muito da memória de Raymond Babbitt, o personagem interpretado por Dustin Hoffman no fi lme Rain Man.

É disto que me lembro:

O fi lme foi lançado em 1989, o ano em que eu estava treinando para a Maratona do Centenário de Birmingham. Escrito por Ronald Bass e dirigido por Barry Levinson, foi estrelado por Hoffman no papel de um autista savant, e Tom Cruise como seu irmão mais novo, Charlie, um homem de negócios centrado. O pai deles morre e deixa toda a sua fortuna de 3 milhões de dólares para Raymond. Charlie planeja enganar o irmão para fi car com a herança e o rapta da instituição onde vive. Durante a viagem de carro que se segue pelos Estados Unidos, Charlie a princípio fi ca furioso com as obsessões e comportamentos repetitivos de Raymond, mas aos poucos passa a admirar a genialidade matemática e a incrível memória do irmão, e a convivência os aproxima efetivamente.

Raymond tem uma memória fotográfi ca fragmentada. Imagi-nemos um romance investigativo com páginas rasgadas — a histó-

ria tem lacunas, cenas estão faltando. Raymond é autista. Eu não sou. O doutor Michaels acha que sou esquizofrênica, mas me identifi co com a memória danifi cada de Raymond, com os detalhes gráfi cos e espaciais, armários fechados com trechos do passado que não consigo alcançar,

enquanto Billy, JJ, Shirley e Kato têm acesso a 221

Hoje eu sou Alice

memórias particulares e vivem suas vidas de fantasia. É na infância que a personalidade adulta é formada, e pedaços da minha infância pareciam estar aos cuidados das crianças.

Como sabemos, a criança que é espancada torna-se um espan-cador, o menino privado de amor o procura em lugares inapropriados. Sinto uma tristeza profunda e constante pelo que me aconteceu na infância, mas ao mesmo tempo não me envergonho de ser quem sou. Não poderia ser outra pessoa. Procuro pedaços perdidos da minha infância com o anseio de alguém que procura um objeto precioso que foi tirado do lugar. Saboreio as páginas perdidas quando elas de repente reaparecem misteriosamente.

Até mesmo as fotografi as da minha infância desapareceram quase todas, e adquiri o costume de visitar brechós e mercados das pulgas à procura de álbuns de fotografi as de segunda mão que por mágica pudessem conter algumas fotos de mim quando garotinha.

Ao longo dos anos e das mudanças, minha mãe perdeu quase todas as fotografi as de família: há uma foto minha aos três anos no jardim e outra aos cinco com Clive usando seu quepe e gravata listrada da escola. Olho para essas fotografi as para ver quem fui, como se pudesse identifi car em minha expressão sinais de quem me tornaria, de quem sou. Gostaria de poder colocar um ponto no passado e outro no futuro e conectá-los traçando uma linha reta — não que nada seja reto na natureza; até o tempo às vezes se dobra, e nosso DNA é um conjunto de hélices em espiral.

Por que minha mãe não tem mais fotografi as de mim? Estávamos sempre tirando fotos no jardim, de férias na Espanha etc. Onde estão as fotos que tirei em Petra? Em Israel? Onde está aquela foto onde leio o Jerusalem Post enquanto fl utuo no Mar Morto? Fotografi as nos autenticam, nos fazem lembrar que existimos naqueles lugares, naquela época, e sem fotos do passado o presente fi ca sem raízes, sem fundações; somos menos reais.

O dia da minha consulta chegou.

Afi nal, havia uma esperança.

222

Shirley

Tinha um horário marcado com o doutor Eric Barne na ala 10

do Hospital Psiquiátrico Saint Thomas.

Fui dormir nervosa, engoli o Stelazine e o Valium com água. As pílulas tinham cores azul e amarelo-claro, como o céu e o sol nas pinturas de Billy. Sonhei com fotos de Polaroide desbotadas do castelo e me lembrei vagamente que um dia alguém aparecera com uma câmera para tirar fotos das crianças nuas. Acordei com os dedos formigando e me perguntando o que teria acontecido com aquelas fotos. Será que um dia as encontraria em algum brechó?

Tomei banho, lavei o cabelo, pensei na possibilidade de pintá-lo para fi car morena e confundir os ursinhos de pelúcia e, quando dei por mim, estava mexendo no armário das panelas. Nesse momento, Jim entrou na cozinha.

— Você não está cozinhando agora, não é? — ele disse enquanto acendia um cigarro.

— Panquecas — respondi.

— Hoje não é Carnaval, é?

— Não, hoje é Quarta-Feira de Cinzas.

— Não é Carnaval?

— Não — repeti.

Ele riu quando caíram cinzas sobre seu casaco e pôs água para ferver.

Quebrei dois ovos em uma tigela, procurei farinha no armário acima da bancada e peguei o isqueiro de Jim emprestado para acender o fogo para a frigideira.

O que eu estava fazendo preparando panquecas?

Não fazia ideia. Nem sempre sei o que fi z ontem e raramente posso planejar o que farei amanhã. O dia de amanhã é como outro país. É por isso que é difícil fazer amigos, e mais difícil ainda manter os amigos que tenho quando estou diariamente, a cada hora, ocupada com as mudanças constantes das minhas emoções. Havia passado a confi ar em Rebecca, mas começara a evitar relacionamentos novos, pois nunca era capaz de dizer quando uma das crianças poderia sair, ou se teria um branco, ou se fi caria inconsciente.

223

Hoje eu sou Alice

Quando me socializava, era algo espontâneo, como um drinque com alguém que residia miopemente por trás de uma barba e sentia desprezo pelas classes sociais. Gerald era uma lesma dentro de sua própria concha, e tive sorte por Colin Ince só ter me visto quando era eu mesma, Alice, e me recomendado para um mestrado, o que é meio caminho andado para um doutorado.

Será que conseguiria sobreviver ao ano seguinte? Era difícil prever. Às vezes eu perdia o controle sobre quem era, dormia em frente a alguma porta, acordava no parque completamente encharcada ou no bangalô de Rebecca sem saber como havia chegado. Houvera mais alguns incidentes com cortes, nos quais, para evitar ser mandada outra vez para o pronto-socorro, eu conseguira me arrastar até chegar em casa a fi m de limpar e enfaixar os ferimentos. Além das pílulas, eu também tinha um estoque de antisséptico e gaze.

Depois de um desses incidentes, meu instinto de sobrevivência era estimulado, as engrenagens do meu cérebro eram aceleradas e eu trabalhava feito louca para pôr o trabalho em dia. Aquilo não era vida, mas uma vida

pela metade com uma memória pela metade.

Estudantes que nunca vira antes murmuravam algo ambíguo do outro lado das mesas de madeira polida da biblioteca seguido por uma piscadela. Um deles disse que eu "sabia beber" e mencionou

"a corrida de barco", um evento provavelmente vivido por Shirley, mas do qual não tinha a menor lembrança.

Havia me tornado uma atriz talentosa, mudando de papéis friamente, refugiando-me na aparência de excêntrica, esquisita, da intelectual com o livro debaixo do braço e a cabeça nas nuvens. O

tempo, aquela tela em branco, não me pertencia. Meu tempo era dividido com as outras personalidades, e naquela manhã, quando Kathy entrou na cozinha, estava dividindo meu dia com Shirley. Ela virou uma panqueca com perfeição.

— Estava me perguntando por que você comprou tantos limões

— Kathy observou.

— Limões nunca são demais — respondi, enquanto pensava:

"Eu comprei todos esses limões?"

Não me lembrava de os ter comprado, mas também não tinha memória de não ter feito isso. De certa forma, Shirley e eu éramos companheiras; de vez em quando cooperávamos, mas não era sempre. Não havíamos nos unido ou integrado, mas encontráramos uma forma de subconscientemente trabalhar juntas. Ambas estávamos cientes de que dividíamos o tempo, mesmo apesar de a presença de Shirley ser sutil demais para que Kathy e Jim percebessem.

Jim espremeu um pouco de suco com seu punho enorme, cobriu a panqueca

com açúcar e começou a comer. Os dois comeram, mas eu não. Perdera o apetite. Shirley não queria panquecas.

Era útil ter Shirley por perto, e no fi nal das contas decidi que gostava dela. Ela era a amiga imaginária que nunca havia tido, e eu sentia seus passos confi antes em meus quadris e em minhas coxas enquanto andava pela rua.

— Devo descer a montanha andando até a cidade?

— Ah não, pegue o ônibus.

A responsabilidade da minha raiva e da minha disfunção psi-cossexual era de Shirley. Ela carregava o ódio edipiano por seu pai, agravado pela intimidade incestuosa existente entre os dois, e continuava, mesmo depois de tantos anos, sofrendo com a dor e a humilhação de todas aquelas memórias repugnantes. Como Raymond Babbitt em Rain Man, as fobias e obsessões de Shirley nunca variavam. Ela era infl exível, imutável. Tinha catorze anos e sempre teria catorze anos: a menina magra de busto reto que levantava os braços para que papai lhe tirasse a camisola pela cabeça e abria a boca, onde o pênis dele encontrava o conforto familiar. Ele segurava sua cabeça, afagando-lhe os cabelos, e ela erguia a cabeça e olhava para os pacotes de camisinha que pareciam cartas de baralho em sua mão. Ele estava sorrindo.

— Que cor você quer? Vermelha ou amarela?

Shirley tinha a mesma disposição para se submeter a papai que para se entregar ao álcool e à inanição.

Eu estava começando a entender que Shirley — como Kato, Billy e os outros — tivera origem para me proteger dos medos e 225

Hoje eu sou Alice

sentimentos que era incapaz de enfrentar. Ela não era minha inimiga. Ela era eu mesma. Era ela quem tinha as chaves para o armário trancado de emoções e memórias que eram dolorosas demais para que eu guardasse.

Aos poucos, eu começava a compreender as coisas sozinha. Se tivesse tido tempo, com a ajuda da biblioteca da universidade poderia ter diagnosticado meu próprio transtorno.

Saint Thomas entrou no meu campo de visão através da janela do ônibus, e me senti atraída por ele como se por alguma inevitabilidade incontrolável.

A entrada abobadada do hospital era como o portal da espaçonave de Contatos Imediatos de Terceiro Grau. Senti-me admirada pelos controles, pelas luzes piscando e por telefones tocando, todos aqueles médicos alegres com especialidades identifi cadas pelas cores de seus uniformes. Percorri o corredor sem perder tempo, passando por zumbis com expressões vazias, e encontrei o doutor Barne esperando na ala 10. Ele fechou um arquivo — o meu, presumo — e levantou-se para me cumprimentar.

— Sou o doutor Barne. Suponho que você seja Alice — ele disse, e pensei: "Não sei, mas você pode supor o que quiser".

— Sim — respondi.

Minha garganta estava seca, e podia sentir o tique do meu pescoço começando a dar sinais de vida.

— Sente-se. Se não se importar, gostaria de lhe fazer algumas perguntas.

— Acho que é para isso que estou aqui.

Uma enfermeira entrou.

— Café? — perguntou.

Sorri, e ela virou-se para sair com seus sapatos brancos. Não me sentia como eu mesma, mas sabia que tinha de me comportar com normalidade se quisesse fi car longe de psiquiatras e concluir meu doutorado.

— Como se sente hoje?

Shirley

O psiquiatra tinha uma voz grave que me lembrou o Professor.

“Cuidado, Alice”, pensei. Tentei outro pequeno sorriso.

— Bem, eu acho — respondi.

— Agora gostaria de saber um pouco sobre a sua história pessoal. Qual é sua data de nascimento?

— Dez de janeiro de 1969.

— Então você está com...

— Vinte e três anos — eu disse.

Estava claro que ele não era bom em matemática.

— Fale-me um pouco sobre seus pais.

— Hummm... Acho que eles são o tipo de pessoa que nunca quis ser — respondi, e dei de ombros. — Acho que não tenho problemas com minha mãe, e... bem... odeio meu pai.

— Você odeia seu pai?

— Foi isso que acabei de dizer. Ele abusou de mim quando era criança.

— Como isso a afeta agora? Isso a perturba?

Olhei para o doutor Barne. Que pergunta estúpida. Ele tinha olhos pretos de porco por trás de óculos com armações pretas, e a barba enorme escondia sua expressão.

— É claro que perturba — respondi.

— Você se lembra de muitas coisas do seu passado?

— Aonde quer chegar? — retorqui.

— Desculpe — respondeu o doutor Barne.

Ele pareceu perplexo e mudou de assunto.

— Talvez você possa me falar sobre a sua alimentação.

— Minha alimentação?

Ele balançou a cabeça afi rmativamente, e então continuei:

— Tenho uma alimentação bastante saudável.

— Você fuma?

— Fumar não é para pessoas como eu, cujo cérebro deve permanecer puro e responsável.

Não faço ideia do que queria dizer.

227

Hoje eu sou Alice

— Você já levou alguma pancada na cabeça ou fi cou inconsciente?

— O que está tentando dizer?

— Já sofreu algum acidente sério? — ele continuou.

Pensei por um momento, comprimindo os lábios e segurando o queixo.

— Em 1991, os iraquianos tentaram me assassinar com uma bomba, mas só conseguiram perfurar meus tímpanos. Fui salva, o que só provou que estava no caminho certo. Senti-me mais confi an-te para seguir em frente com a

minha missão.

— Você bebe?

— Gosto de gim com tônica — respondi, embora não tenha dito o quanto realmente gostava de gim com tônica.

— É usuária de drogas?

— Não.

— Acha que precisa de alguma coisa agora?

— Exatamente agora?

— Sim, exatamente agora.

— Sinto-me bem agora.

— Você tem problemas para dormir?

— Sim, às vezes.

— Tem algum hobby?

— Gosto de ouvir música, escrever poesia e ler. Na verdade, estou lendo um livro grosso sobre esquizofrenia no momento.

— Ah.

— Chama-se Schizophrenia: The Facts. É como O Mago, mas sem tantas reviravoltas.

Fomos interrompidos pela enfermeira, que trouxe duas xícaras de café e alguns pacotinhos de açúcar em uma tigela. O doutor Barne colocou três pacotes de açúcar no seu café e mexeu sem pressa. Fiquei observando o café girar em espirais.

— Qual é a sua profi ssão? — ele fi nalmente perguntou.

— Tenho uma bolsa de estudos de PhD na universidade.

— Você gosta do que faz?

228

Shirley

— Não muito.

— O que realmente quer fazer?

— Estou destinada a me tornar uma agente diplomática das Nações Unidas e estabelecer a paz no Oriente Médio.

— Quanto você ganha com a bolsa de estudos?

— Uma ninharia — fi z uma pausa. — Tipo...

— Você sabe por que está aqui hoje?

— Não, não faço ideia. Por que estou aqui?

— Achei que tivesse algum problema.

— Bem, acho que ultimamente tenho estado chateada.

— Por quê?

— Há pessoas que estão me deixando nervosa.

— Quem a está deixando nervosa?

— Certas pessoas.

— Conte-me mais sobre isso.

— Você sabe alguma coisa sobre os espiões?

— Não, conte-me.

— Bem, eles estão me vigiando.

— Como você sabe disso?

— Eles me seguem — respondi.

— Por que a estão espionando?

— Querem obter falsas evidências para me indiciar.

— Pode me dar um exemplo?

— Não, eles podem estar ouvindo nossa conversa.

— Não aqui.

— Eles têm escutas. É tudo muito sofi sticado.

— Eles sabem que você está aqui no hospital?

— Claro que sabem.

— Você tem amigos?

— Uma pessoa forte é mais forte quando está só — observei.

— Isso não responde à minha pergunta.

— Sim, tenho uma grande amiga.

— Que bom.

Parei por um momento para tomar um gole do meu café. O

psiquiatra também tomou, fazendo um barulho vulgar enquanto sugava o café, depois limpou os cantos dos lábios escondidos sob a barba com dois dedos.

— O que está achando da entrevista até agora? — perguntou, e ao falar abriu-se uma brecha na barba que revelou sua língua rosada.

Pensei: "Se estivesse escalando o elenco de um fi lme, ele faria o Neandertal perfeito".

— Poderia ser melhor — respondi.

— Sinto muito.

— Tudo bem. Faça mais perguntas se quiser.

— Você já se sentiu irreal?

— O que quer dizer com isso?

— Ouve vozes?

— Não, não ouço — respondi enfaticamente.

— Tem alucinações?

— Não, não tenho. Você deve achar que sou como os outros pacientes daqui.

— Você é uma paciente?

— Não, não pertenço a este lugar.

— Precisa de algum tratamento?

— Não, já disse que não pertenço a este lugar. De qualquer forma, o doutor Michaels me receitou remédios.

— Você me parece doente, Alice.

— Alguém deveria lhe ensinar a fazer uma entrevista.

— Pode ser, mas devo dizer que não acho que você é normal.

Você acha que é normal?

— Provavelmente nenhum de nós é inteiramente normal.

— Como está se sentindo neste momento, Alice?

— Estou com um pouco de raiva.

— Por que está com raiva?

— Esta entrevista foi uma droga.

— O que posso fazer para ajudá-la?

230

Shirley

— Nada — respondi, e bebi mais café.

Na verdade, eu não gostava de café, mas Shirley sim.

— Acha que há alguma pergunta que gostaria de fazer antes de sair?

— Não.

— Bem, se não houver nenhum problema para você, gostaria de voltar a vê-la na próxima semana. Quero que continue tomando o Stelazine que o doutor Michaels receitou, e podemos conversar mais sobre como você se sente na próxima consulta.

— O.k. — respondi, já me levantando da cadeira.

Ele checou sua agenda.

— Vamos marcar para quarta-feira, três horas.

“Ah, não. Não na maldita quarta-feira”.

Percorri o corredor entre os retardados e imbecis, inalando o cheiro de enxofre, o odor sulfúrico da morte e da decadência. Podia ouvir o ruído das rodas de macas, o choro dos pacientes. As paredes tinham um tom de creme que talvez um dia tivesse sido branco. O

chão parecia grudento sob meus tênis de corrida. Os zumbis sussurravam para mim, me hipnotizando, arrastando-me para o seu clã.

— Eles vão pegá-la, Alice. Vão pegá-la.

— Tá, tá, tá. Já ouvimos essa baboseira antes.

Vi uma enfermeira com uma seringa grande o bastante para tranquilizar um elefante. Ela me lançou um olhar malévolo quando passei. Eles queriam me pegar, todos eles — os pacientes mortos que haviam tido o cérebro sugado do crânio, as enfermeiras malignas aliadas ao doutor Barne, ao doutor Michaels, a Roberta Stoppa, Gerald Brennan, Mao-tsé-Brian, Kathy Higgins e Jim Whatnot com as fórmulas secretas de seus Golden Virginia.

Passei pela porta e saí para o ar puro do verão que Deus nos deu.

— Ah não. Sem chance.

Lá vinham elas, as vozes. Ao menos estávamos de acordo. Eu, nós, eles, todos sabíamos que se algum dia voltasse ao Saint Thomas 231

Hoje eu sou Alice

seria o fi m de tudo, meu fi m em todos os aspectos — meu doutorado, minha sanidade, minhas esperanças para o futuro.

Depois de ter me virado como a esposa de Ló para dar uma última olhada no

hospício, corremos o mais rápido que podíamos, enquanto uma canção que não conhecia soava na minha cabeça: "Ca-ramba, caras, vocês deviam ter me visto enquanto corria / Passando pela multidão na estrada / E todos olhavam para mim / Todos os caras e garotas que estavam lá / Tinham sorriso no rosto / Correndo pela Scotswood Road / Para assistir às corridas de Blaydon".

Escócia. Era isso. Aquela era a resposta. Tínhamos que seguir correndo pelo pântano, atravessar montanhas e vales, passar pelos picos de pedras calcárias e mares de urze até chegar à Escócia e pedir asilo. Alice McJamieson PhD. Cheguei em casa.

Continuei correndo e me vi de volta ao centro da cidade, onde fi quei chocada ao ver que todos os prédios que havíamos explodido com coquetéis Molotov haviam sido reconstruídos. Como haviam feito aquilo tão rápido? É claro que era tudo parte da conspiração.

Fizeram isso para me confundir.

Se ao menos tivesse minha capa para usá-la com o capuz. Não queria que ninguém me visse enquanto corria até a biblioteca. Saquei o cartão como se fosse um agente secreto e andei apressadamente até a seção médica. Conhecia-me bem o bastante para saber que meu estado atual de paranoia evoluiria para alucinações e ilusões plenas se não tomasse cuidado. Outro livro grosso com uma capa preta.

Tirei a arma da mochila e a escondi no colo. Não estava disposta a correr riscos.

Descubro que os paranoicos exibem uma falta de autoconfi an-

ça que provém da ausência de carinho e de um relacionamento de confi ança com seus pais.

Aí está uma coisa que não me surpreende!

Os pais de paranoicos geralmente são controladores, rígidos, distantes, e até

mesmo sádicos.

— É isso! — gritei.

— Psiu — alguém sussurrou.

232

Shirley

Na infância, os paranoicos desenvolvem a sensação de que serão traídos, de que seus pais não os ajudarão com decepções e frustrações. Crescem sentindo que o ambiente é hostil e desenvolvem hipersensibilidade à sensação de estarem sendo desprezados.

“É, não está longe da verdade.”

Fechei o livro satisfeita comigo mesma. Pensei em aparecer no escritório, mas acabei decidindo não ir.

A caminho de casa, comprei uma garrafa de gim, e só quando comecei a beber ocorreu-me que Shirley havia tomado parte na conversa com o doutor Barne. Fora Shirley quem bebera o café. Eu simplesmente fi cara calada como uma pedra — outro dos ditos de mamãe.

Eu... ou melhor, nós bebíamos o gim e ouvíamos as vozes enquanto nos arrastávamos completamente esgotadas ao longo da ladeira de cinco quilômetros.

— Você morrerá, Alice. De uma forma ou de outra, você morrerá.

Tinha a sensação de estar pegando fogo, como se fosse uma panela com água fervente. Estava sufocando no vapor escaldante, o fl uxo do veneno enchendo, meus pensamentos, minhas memórias, as crianças, vovô, o passado, as vozes feias, desagradáveis, incansá-

veis, fi cando cada vez mais altas.

— Você morrerá. Você morrerá.

— Pelo amor de Deus, desapareçam!

Caí sentada na calçada e descansei encostada a uma parede onde estava escrito em grafi te: "fodam-se, babacas, seus bostas, vocês são uns canalhas de merda, fodam-se, fodam-se, fodam-se"

— um fl uxo poético da obscenidade e do desespero de Tourette que fazia muito sentido. Encontrei o frasco de pílulas azuis na mochila e coloquei duas na palma da mão, em seguida adicionei mais algumas, e um pouco mais, e mais, até formar uma pirâmide feita de pílulas azuis.

Stelazine é um tranquilizante e antipsicótico. Se dois por dia pode nos manter equilibrados, o que um frasco inteiro faria? Levei a mão à boca e engoli as pílulas com gim.

233

Hoje eu sou Alice

As vozes se afastaram como uma torcida de futebol organizada.

Instantaneamente, senti-me energizada, cheia de coragem e veneno.

Uma enorme raiva irreprimível ganhava vulto dentro de mim como se fosse um vulcão prestes a entrar em erupção.

Engoli o resto do Gordon's e quebrei a garrafa na calçada, esti-lhaçando-a. Arregacei a manga, peguei um pedaço de vidro e pres-sionei a ponta contra minha pele branca.

Doeu no início, mas depois fui tomada por uma sensação de prazer. Era como lancetar um furúnculo, toda aquela frustração venenosa sendo expelida no sangue vermelho que vi jorrar enquanto cortava meu braço. Fiz outro corte, só por diversão, e dei impulso para me levantar. Olhei para a montanha e para o céu azul que se erguia em direção ao infi nito, e então

meu olhar foi atraído de volta para a parede: “fodam-se, babacas, seus bostas, vocês são uns canalhas de merda, fodam-se, fodam-se, fodam-se”.

234

CAPÍTULO 15

Hospício

L uzes fortes. O cheiro do dreno. O som de saltos. Estou deitada em uma cama com os lençóis fi rmemente presos sob o colchão.

— A garota no leito nº 2 precisa de uma escolta até o Saint Thomas.

Meus ouvidos captaram o que foi dito.

Serei eu a garota no leito nº 2?

Tentei me sentar. Minha cabeça rodou e caí deitada. Fechei os olhos, respirei fundo e tracei um plano. Tirei o cobertor, mantive os olhos fechados e dei um impulso maior para sentar. Coloquei as pernas para baixo e saí da cama. Estava usando uma camisola de cor azul pálido e meus braços estavam enfaixados. O chão sob meus pés parecia ser feito de areia movediça. Então, duas fi guras fantasmagóricas vestidas de enfermeira me ergueram segurando minhas pernas, me colocaram de volta na cama reta como um peixe e tornaram a enfi ar os lençóis debaixo do colchão.

— O psicólogo já deu o o.k. — uma delas disse, acrescentando:

— Vão levá-la para o Saint Thomas.

— Bem, você não teve muito sucesso naquela última tentativa paté-

tica. Agora vai fi car com os malucos.

Abanei a cabeça.

— O quê? — perguntou a enfermeira.

— Nada — respondi.

Ela mediu minha pressão sanguínea, colocou um termômetro na minha boca e o psicólogo apareceu como se fosse Deus cercado 235

Hoje eu sou Alice

por acólitos. Ele puxou as cortinas em volta do leito e pegou minha mão. Tinha dentes bonitos. Enquanto falava, virei a cabeça para olhar para a sua mão na minha.

Eu fora achada inconsciente na sarjeta com os braços sangran-do por alguém solidário o bastante para chamar uma ambulância.

Haviam bombeado meu estômago para que vomitasse, costurado e enfaixado meus ferimentos. Escapara por pouco. Agora estava fora de perigo, e seria — dizia Deus mostrando seus belos dentes —

transferida para o Saint Thomas para uma avaliação psiquiátrica.

Os acólitos concordaram sabiamente com um aceno de cabeça.

— Mas agora estou bem, de verdade — eu disse. — Não estava tentando cometer suicídio, estava apenas um pouco confusa.

— Não queremos que isso aconteça outra vez, não é? — ele disse, prosseguindo antes que eu pudesse falar. — O doutor Barne conversará com você hoje mesmo.

O psicólogo fi cou de pé e abriu as cortinas como se revelasse uma pintura. O rebanho de jalecos brancos o seguiu. Podia ouvir o assobio de seus sapatos movendo-se pela ala e os ponteiros de um relógio, uma tosse seca e a batida de tesouras em um prato. Vozes murmuravam à minha volta e dentro de mim. Tinha certeza absoluta de que estava sendo observada. Olhei em torno da ala à procura de câmeras até meus olhos fi carem pesados e fecharem. Sentia-me tão cansada quando Fidípides depois de ter corrido até Atenas.

O tempo passou se arrastando até que as enfermeiras chegaram e me fi zeram sair da cama. Despiram-me da camisola azul pálida e me vestiram com as roupas ensanguentadas que usava quando fora levada ao Royal Infi rmary.

Fui conduzida na ambulância por uma escolta que consistia em uma única mulher, que lia anotações em um dossiê de papel manilha e não trocou uma única palavra comigo — obviamente uma espiã do Ministério. Olhei para fora em direção às ruas reconstruídas de Huddersfi eld como se as observasse da janela de um carro fúne-bre que me levava em minha última viagem. Quando nos aproxi-mamos do hospital, suspirei aliviada. Podia ver a espaçonave deco-236

Hospício

lando logo à minha frente e concluí que havia sido escolhida: eu era uma dos poucos sortudos. Tudo fora apenas um teste, e eu havia passado. Seria levada para um lugar melhor.

— Oba! — gritou Billy.

Nem posso dizer o quão decepcionada fi quei. Estávamos de volta ao Saint Thomas com os loucos — e não com os pacientes externos, mas com os internos. Fui designada a uma cama que fi ca-va perto da enfermaria a fi m de que pudesse fi car sob observação constante. É isso que chamam de "observação especial". E, se fi camos sob observação especial, tiram nossos cadarços e nosso cinto.

A perda de sangue e o Gordon's haviam sugado minha energia.

Cochilei até alguém me acordar dos meus sonhos e me empurrar marchando pelo corredor como se fosse o Stalag 13 em direção à câmara de tortura que chamavam de refeitório. Fiquei entre dois verdadeiros malucos, e a enfermeira sentou-se atrás de nós, observando enquanto montes de uma comida cinza e fétida eram servidos em pratos de metal. Achei que aquilo fosse um teste: eles queriam ver se eu era realmente louca, então não comi. Alguns malucos comiam essa coisa, mas a maioria apenas a jogava nos

outros.

As vozes me disseram que tentasse correr, o que fi z, mas logo fui pega por três enfermeiras, que me imobilizaram no chão do corredor.

— Vou chamar o psiquiatra de plantão — disse uma delas, sussurrando outra coisa que não entendi porque a enfermeira gorda havia sentado em cima de mim.

Não desisti. Não é assim que se corre uma maratona. Continuei chutando e socando. A força de Kato e seu estoque de testosterona haviam se apoderado da minha compleição franzina.

— Suas estúpidas, saiam de cima de mim. Deixe-me em paz, sua cadela gorda. Vadias de merda, vou quebrar a cara de vocês.

Kato era um adolescente cheio de ódio, violento, com mania de perseguição, mas também tinha seu lado amável. Ele se sentia, e continua se sentindo, na obrigação de proteger as crianças, certifi -

cando-se de que a arminha de brinquedo de Billy esteja sempre na 237

Hoje eu sou Alice

minha mochila e consolando Samuel quando ele chora. Kato me corta e me protege. Contraditório? Suponho que sim, mas é assim que as coisas são.

Um enfermeiro veio ajudar, e então Kato foi arrastado gritando e chutando até o que chamavam de isolamento — um espaço qua-drado que cheirava a banheiro público e tinha apenas um colchão branco de vinil no chão limpo. Havia uma única janela protegida por uma rede. No teto, alto demais para que alguém pudesse alcan-

çar, havia um espelho curvado para que qualquer pessoa que observasse do outro lado pudesse olhar através da janela de vidro lami-nado e ter uma visão clara do compartimento.

Outros enfermeiros pesados juntaram-se aos captores. A luta acabou. Kato me deixou. Antes que pudesse recuperar o fôlego, alguém agarrou o zíper da minha calça jeans e a abaixou para que pudessem me dar uma injeção intramuscular no traseiro.

Eles não sabiam que eu havia sofrido abuso sexual por dezesseis anos? Que ser despida daquela forma poderia não ser uma boa ideia, especialmente para alguém no meu estado mental, particularmente no meu caso?

As coisas não funcionam assim. Para eles, eu era apenas mais uma maluca.

A enfermeira gorda sorria. Quando a agulha da seringa foi injetada, ela disse:

— Tá aí uma picada bem dada.

Pensei: "Sua vaca", sabendo que ela já devia ter dito isso muitas vezes, que por ser gorda sentia necessidade de ser engraçada.

— Vamos aumentar as doses em 10 mg — a mulher que havia me injetado disse.

— A cada injeção? — perguntou o enfermeiro.

— Quatro vezes ao dia — ela respondeu. — Foi isso que o mé-

dico prescreveu.

As enfermeiras tiraram todos os pertences que tinha comigo

— joias, sapatos, o que havia em meus bolsos. Quando trancaram a porta e me deixaram só deitada no colchão branco, tive por um 238

Hospício

momento uma sensação de triunfo. Não importava com que intensidade ou frequência as vozes me encorajassem a me matar, pois eu simplesmente não seria capaz de fazer isso, não naquela sala. Também me senti orgulhosa por

não ter sucumbido ao veneno do refeitório e pensei que não era de surpreender que os estúpidos que comiam aquilo estivessem em um asilo.

Um dos benefícios do antipsicótico que haviam injetado em mim era que eu mal estava ciente de onde me encontrava. Naquele espaço vazio, me senti como se houvesse penetrado o mistério do cubo mágico. Encolhi-me em posição fetal no colchão fi no e dormi enquanto o tempo cumpria seu papel passando.

Fui acordada outra vez. Levaram-me pelo corredor até outra sala, onde presumi que seria torturada. Eles sabiam que eu tinha informações para dar. Estavam me mantendo em uma solitária a fi m de que não pudesse organizar uma fuga em massa. Tentaram me abrandar com biscoitos e um chá que tinha gosto de sopa de peixe.

Empoleirei-me em uma cadeira me coçando como um cachorro pulguento. A enfermeira explicou que a coceira era causada pela fotossensibilidade, um efeito colateral da Clorpromazina — a droga que me haviam dado.

Ela falou com o médico sobre a coceira e a Clorpromazina foi trocada por haloperidol, que é um antipsicótico tranquilizante bastante forte que bloqueia os receptores dos transmissores de dopa-mina do cérebro — aquelas descargas que são corrompidas na esquizofrenia e, para tornar a vida dos psicóticos mais interessante, controlam funções e movimentos corporais como a fala, o andar e o mero ato de levarmos uma xícara à boca.

Expus o traseiro para mais uma injeção sem resistir. O haloperidol fez efeito imediatamente, pois meu corpo fi cou entorpecido e apaguei no colchão. Dormi o sono dos cavaleiros de mármore da Igreja de Saint Mildred e fui acordada como se de uma maldição medieval para tomar outra injeção.

— A cada seis horas — ouvi alguém dizer, embora possa ter sido a cada seis dias ou a cada seis anos.

O tempo parara de curvar-se e havia se tornado circular como a espiral acima da cama.

Quando acordava, tinha consciência de que minha garganta estava seca e meus lábios estavam rachando. Meus olhos pareciam grudados. Depois, voltava a dormir como a Bela Adormecida, com os olhos e lábios cerrados e a pele coçando. É possível que estivesse usando uma camisa de força, pois mesmo quando acordava não conseguia me mexer.

Mesmo imóvel e dormindo, eu era considerada um perigo para mim mesma, e não saberia, até que aqueles longos dias perdidos houvessem passado, que havia sempre um membro da equipe hospitalar sentado do lado de fora. Eles se revezavam em turnos de uma hora com a única responsabilidade de observar o refl exo do meu corpo prostrado pelo espelho localizado acima do colchão.

Aqueles dias afi nal chegaram ao fi m. O Príncipe Encantado deve ter me beijado, e então fui levada até uma sala onde me sentei em uma cadeira de frente para o doutor Eric Barne.

Ele encontrava-se atrás de uma longa mesa com alguns funcionários sem rosto. Lembro-me de haver seis deles: mulheres usando pérolas e homens de gravata. Eles falavam entre si, e eu teria dito:

— Desculpe-me, estou atrapalhando? — Mas meus lábios pareciam grudados.

Eu estava perdida, esgotada e mais magra. Perguntava-me se Colin Ince fazia parte da conspiração. Agora havia entendido. Com-preendera tudo: aquelas pessoas tinham interesses garantidos em manter o serviço de saúde funcionando exatamente como funcionava. Eles não queriam que eu concluísse meu PhD e mudasse tudo.

Falaram por cerca de dez minutos, que para mim pareceram uma eternidade. Depois de ter passado tanto tempo em estado de coma, as vozes na minha cabeça haviam ganhado força com a sesta e começavam a aparecer de todas as direções, revirando minha mente como se misturassem os componentes de

uma salada.

O doutor Barne fi nalmente falou:

240

Hospício

— Você se lembra de quem sou?

Balancei a cabeça afi rmativamente.

— Sabe em que dia estamos?

Abanei a cabeça negativamente.

— E o mês?

— Água.

— Como?

— Água.

— Ela quer água — disse uma das medusas atrás dele.

— Ah, sim, claro.

Deram-me um copo de água, que bebi.

— É 1992 — eu disse.

— O quê?

— Se essa for a próxima pergunta, o ano é 1992. Tenho 23 anos.

Estou fazendo PhD. Meu nome é Alice McJamieson.

— Ah, sim.

— Alice Jamieson — corrigi.

— Deixe-me fazer outra pergunta — continuou o doutor Barne.

— Você ouve vozes?

— Sim.

— O que elas lhe dizem?

— Você nem imagina... — respondi.

— Você deve estar muito cansada — ele disse. — Acho que é hora de sair do isolamento, mas a manterei sob observação especial por enquanto.

O restante do grupo concordou, e me lembrei dos estudantes que haviam feito aquilo na outra ocasião. Assim que estivesse no controle, eu daria um basta naquela coisa de balançar a cabeça o tempo todo em concordância com o médico, me livraria de todas aquelas pérolas e casacos de tweed e proibiria os enfermeiros de tirar as calças das pessoas.

No dormitório principal, fui colocada perto da enfermaria. Uma enfermeira perguntou se podia telefonar para algum parente e pedir para trazer roupas limpas para mim. Depois de ter passado cinco 241

Hoje eu sou Alice

dias sem trocar de roupa eu devia estar cheirando mal. Dei a ela o telefone da casa de Rebecca e fechei os olhos.

Minha nova cama era consideravelmente mais confortável que o colchão do isolamento. Fiquei feliz por ver que a vida estava melhorando. Na verdade, já havia me esquecido de como era a vida real, em que trabalhamos e estudamos com afi nco, corremos para pegar o ônibus, comemos pizza, temos amigos e lemos livros — isso é que o que se pode chamar de luta, isso é a vida.

Não estava com fome na hora do chá. Tomei outra injeção e voltei à terra de

ninguém. Mais tarde Rebecca chegou e me senti eufórica ao ver um rosto amigável, alguém da vida real. Conversamos sobre uma infi nidade de coisas, e ela prometeu telefonar para a casa de Kathy e ir até lá pegar algumas roupas para mim.

Quando estava saindo, ouvi Rebecca dizer a uma das enfermeiras:

— Aquela não é Alice. Olhe para os olhos dela. Está tão drogada que parece ter entrado em transe.

— Ela precisa ser sedada outra vez — a enfermeira respondeu.

— Está paranoica e exibindo sinais de psicose.

Rebecca fi cou ali parada por um momento. Olhou para trás e acenou. Acenei de volta enquanto pensava: "Psicose. Psico-se". A palavra conjurava imagens de Norman Bates lançando-se a um ataque frenético a faca na cena do banho do fi lme de mesmo nome.

Eu não era aquilo. Não era uma psicótica. Kato não era psicótico.

O relógio bateu dez horas. Hora de tomar outra injeção. A enfermeira gorda entrou distribuindo pílulas.

— O doutor Barne suspendeu as injeções por enquanto — ela me disse. — Você precisa beber isto na minha frente para que eu possa vê-la engolir.

Era um líquido verde como um fungo.

— O que é isso? — perguntei.

— A mesma coisa que vínhamos lhe dando, mas líquida — ela respondeu, acrescentando com ênfase: — acredito que seja melhor que todas aquelas injeções.

O líquido verde parecia restos liquefeitos da comida do refeitório. Bebi tudo e voltei para debaixo dos lençóis pensando que aquelas pessoas não eram o tipo de gente que deveria trabalhar em hospitais psiquiátricos. Precisava me lembrar daquilo, escrever aquela conclusão, redigir um ensaio no meu Toshiba. Sentia falta do Ratinho. Outra enfermeira apareceu, puxou uma cadeira e sentou-se ao lado da cama, onde revezaria com outra pessoa durante toda a noite. Ainda me encontrava sob observação especial.

O problema dos hospitais é que não nos deixam em paz. Eu estava sonhando com esculturas de pedra ou algo parecido quando fui acordada por uma enfermeira que segurava um copinho com meu remédio. Devia ter amanhecido.

Tomei o remédio e perguntei se podia tomar um banho.

Ela tinha de pensar. Era como se eu houvesse perguntado se ela podia me emprestar cinco libras.

— Terei de fi car sentada no banheiro enquanto você toma banho... mas não debaixo do chuveiro, é claro — ela respondeu.

Hahahá.

E lá fomos nós. Espantei o sono dos olhos e vesti as roupas limpas que Rebecca havia deixado a caminho do trabalho.

Ainda estavam me drogando. Não queria tomar aqueles remé-

dios, mas sabia que se não tomasse me imobilizariam e enfi ariam uma agulha no meu traseiro. Não havia escolha. Fui seguida por uma enfermeira até o refeitório, onde comi algumas colheres de sucrilhos de um pacote novo que não havia sido tocado. Era como estar em uma festa de chimpanzés. Enquanto observava os lunáticos tentando se alimentar, ocorreu-me que se não tomasse cuidado acabaria como eles: sem perspectiva de sair.

Do refeitório, nos aprofundamos nas maravilhas do hospício.

Aquela era a minha primeira visita à sala de recreação. Havia cerca de vinte pacientes na ala entre homens e mulheres. Percebi com um horror súbito que agora era uma paciente interna.

Poucos pacientes tinham a minha idade. Os mais velhos eram maioria. Um homem passou a manhã inteira andando impaciente-243

Hoje eu sou Alice

mente em círculos; outros permaneciam sentados balançando as pernas para a frente e para trás em um movimento que identifi quei com o que também estava fazendo. Em meu mundo psicótico, ainda não me dera conta de que, como eu, os outros pacientes estavam medicados. Os movimentos contínuos e a impaciência são conhecidos como acatisias, um efeito colateral comum dos antipsicóticos.

A rotina nunca variava. O café da manhã era servido entre as oito e as nove horas. Almoçávamos ao meio-dia, e às cinco era hora do chá. Havia atividades em grupo entre as refeições, assim como horários de visita das quatro às oito horas. Eu mantinha distância dos outros pacientes, mas às vezes assistia a um jogo de tênis de mesa entre duas pessoas com acatisia.

— Cuidado com aquele ali. Ele pode matá-la.

Mesmo drogada com antipsicóticos, as vozes persistiam, e talvez fossem persistir para sempre.

Quando tentava ler, não conseguia focalizar as palavras.

— É um efeito colateral do remédio que você está tomando —

disse a enfermeira que estava me observando no momento. — Ele costuma deixar a visão embaçada, não é nada sério.

“Nada sério?”

Se não pudesse ler, sem dúvida enlouqueceria naquela casa de loucos.

— Você enlouquecerá, enlouquecerá, enlouquecerá.

Ler era o meu único refúgio, e agora que não podia mais ler fi quei olhando pela janela, observando a luz mudar enquanto o mundo girava. Em nossa existência diária, esquecemo-nos da mag-nitude do tempo. Ele simplesmente se move, lenta ou rapidamente, requerendo pressa para prazos apertados, as segundas seguidas pelas terças, fi nais de semana, feriados, Natal, outro aniversário, outro ano. No hospício, o tempo torna-se uma eternidade invariável, uma densa neblina de tom azul pálido opressiva demais para su-portarmos: é disso que as pessoas estão falando quando se referem ao peso do tempo.

Quando paramos de pensar no tempo, paramos completamente de pensar, e não pensar é uma forma de morte. Quando somos 244

Hospício

jovens, nunca pensamos na morte, a não ser em casos como o de Kato e Shirley — quando uma dor insuportável atormenta nossa mente a ponto de fazer a morte parecer a única solução. Foram Kato e Shirley que haviam conspirado para tomar os comprimidos, beber o gim, quebrar a garrafa e cortar meus braços. Compreendi por que haviam feito aquilo e os perdoei.

Na hora do chá, quando comíamos um biscoito e o costumeiro mingau grosso que tinha gosto de peixe, avistei meu refl exo em uma bandeja de alumínio. Como objetos de vidro eram proibidos para que não pudéssemos nos cortar, não havia espelhos. Aquela no re-fl exo da bandeja não parecia nem um pouco comigo. Parecia ao mesmo tempo mais velha e mais nova, cansada como as crianças que vemos em documentários trabalhando em campos ou compri-midas em pequenas salas cheias de máquinas de costura. O som da minha própria voz bloqueou as vozes da minha cabeça, e me dei conta de que estava falando sozinha.

Jantar, pôr do sol, as luzes se apagam. As horas entre um sono profundo sob o efeito de drogas e outro são mais longas. À noite, o silêncio é interrompido pelos gritos de pacientes sendo imobilizados e drogados. São gritos agudos e brilhantes como estrelas cadentes, depois dos quais o silêncio cobre o

hospital como um cobertor, um casulo negro dentro do qual temos pesadelos e acordamos com medo e desprotegidos.

Depois que saí do isolamento e fui para a ala principal, ganhei mais privilégios. Telefonei para Roberta Stoppa e me desculpei por ter perdido nossa última sessão. Ela disse que estava preocupada comigo e que não sabia que eu estava no hospital.

Minha cota de privilégios fi cou ainda maior alguns dias depois, quando não precisei mais fi car sob observação especial. Agora podia tomar banho e ir ao toalete sem escolta, embora a cada quinze minutos alguém ainda viesse checar como estava.

Eles ainda me enchiam de antipsicóticos. Eu dormia bastante.

Meu cabelo cresceu. Meus tênis de corrida precisavam ser lavados.

245

Hoje eu sou Alice

Quando estava consciente na sala de recreação, observava a conversa que se dava dentro de mim e assistia enquanto minha mente percorria cenas da minha vida como os holofotes de uma prisão: a menininha com aranhas na barriga, com o pinguelo de seu papai abrindo caminho pelo seu reto, a garota com o rosto queimado de sol refl etindo as pedras de Petra, a garota com o chapéu de formatura graduando-se com louvor.

Era importante descobrir quem eu era para não me tornar outra pessoa. Os outros pacientes estavam sempre tossindo, cuspindo, tremendo, debatendo-se, andando em círculos. Um estimulava o outro, transformando a sala de recreação em um palco do absurdo com todas aquelas pessoas loucas olhando para a parede, socando o chão, urinando nas calças, gargalhando, gritando, batendo na própria cabeça com raquetes de tênis de mesa. Se você é uma pessoa lúcida — ou ao menos acha que é — começa a se preocupar. Eu não queria absorver todos aqueles maus hábitos dos outros pacientes, então mantinha distância.

Constantemente me fazia as mesmas perguntas: Devo ouvir todas as vozes? Obedecer a todos os impulsos? Pôr meus pensamentos em prática? As drogas e o ambiente não ajudam quando tentamos nos agarrar à sanidade. Se naquele verão de 1992 alguém me houvesse dito "aqui estão quatrocentas libras para você passar um mês em Israel", tenho certeza de que logo estaria completamente recuperada. Enquanto olhava pela janela, tive certeza de que aquilo era uma trama para me impedir de ter acesso ao Serviço Nacional de Saúde.

A cada dia um psiquiatra diferente me consultava em seu plantão. Cada um, como se houvessem ensaiado, tampava e destampa-va a caneta várias vezes à medida que acrescentava anotações à minha fi cha. Uma mulher esbelta com pernas longas muito sensuais e roupas de ótimo corte um dia me disse em um sotaque francês:

— Freud diz que no fundo somos todos outra pessoa, e que essa pessoa tem sentimentos diferentes dos que pensamos ter.

Ela virou-se sacudindo os lindos cabelos e sorriu.

— O quê? — perguntei, mas ela já havia se afastado, as pernas longas como lâminas de uma tesoura cortando o caminho pela ala.

246

Hospício

Ao longo das seis semanas seguintes, quando Kato "saía", se rebelava contra o sistema. Brigava com a enfermeira gorda, e eu me sentia como um peão sendo jogado de um lado para outro. Depois dessas brigas, nós voltávamos à cela acolchoada, pois eu era "considerada um perigo para mim mesma", e, mais uma vez, mudavam meu medicamento.

Finalmente, os psiquiatras me deram um diagnóstico.

Sentei-me diante da longa mesa de frente para o doutor Barne.

Ao lado dele estavam também sentados seus colegas.

Houve um longo silêncio cheio de possibilidades.

Eu era, ele fi nalmente anunciou, “psicótica com alucinações auditivas”.

Arqueei os ombros e retraí os dedos dos pés. Detestava a palavra

“psicótico”, e o uso do termo “alucinações” signifi cava que estava ouvindo vozes que não existiam. A explicação estava perfeitamente clara, mas, se as vozes não existiam, como era possível que não pa-rassem de tagarelar um só segundo, mesmo naquele momento?

O doutor Barne refi nou seu diagnóstico na nossa sessão seguinte. Ele parecia extremamente satisfeito consigo mesmo ao anunciar que eu estava sofrendo de esquizofrenia paranoica — ou, colocando de outra maneira, “esquizofrenia com idealização paranoica pro-nunciada”. Eu ouvia, ele concluiu, vozes inexistentes que formavam ideias de forma distorcida.

Pude ver um sorriso através de sua barba negra.

— A questão, Alice, é que os sintomas podem ser tratados com medicamentos.

Bem, aquilo era um alívio — um alívio equivocado, mas ainda assim um alívio.

Eu já experimentara três drogas antipsicóticas diferentes, nenhuma das quais fora realmente efi caz. Desta vez ele prescreveu Clopixol.

O novo remédio de fato abrandou as vozes e a minha paranoia.

O doutor Barne fi cou “maravilhado” com o meu progresso, e passei a me relacionar mais com os outros pacientes.

* * *

Um dia, comecei a conversar com uma moça chamada Sophie, que tinha a mesma idade que eu. Também como eu, ela havia sido internada no Saint Thomas por ser considerada um perigo para si mesma, pois tentara cometer suicídio duas vezes. Sophie havia sido colocada por várias ocasiões no isolamento, e pensei que também ouvia vozes, mas ela confessou que havia sido abusada pelo pai quando era criança e tivera dois fi lhos dele.

Ela não conseguia esquecer o que lhe acontecera — havia duas crianças para lembrar-lhe todos os dias. A dor era tão grande que, quando a colocavam no isolamento, ela deixava do lado de fora um grito pungente que vinha do âmago de sua alma ferida e nos reme-tia a todos os pesadelos e horrores que são eternos.

Lembrei-me de um trecho de Shakespeare que aprendera no quarto ano:

Dê-nos palavras de tristeza. [Pois] que o luto que não fala sussurra para o coração pesado e o deixa partido.

Ficava deitada, acordada na escuridão sem sono, me lembrando de que também fora abusada e que dentro de mim havia uma ferida aberta cheia de dor, tristeza e mágoa. Chegaria o dia em que, como Sophie, eu precisaria encontrar o grito preso dentro de mim e deixá-lo sair.

248

CAPÍTULO 16

Regressão

A gora que pensavam saber o que havia de errado comigo, aquelas oito semanas de humilhações no Saint Thomas chegaram ao fi m e fui mandada de volta ao mundo real com uma bolsa cheia de re-médios, um arrepio de frio penetrando meu sobretudo e um compromisso com uma enfermeira psiquiátrica comunitária.

Ela era uma moça de bochechas rosadas de Yorkshire de nome Lynne Tucker, e, como mamãe e seu cabeleireiro, nos encontraríamos semanalmente para uma conversa. Lynne era uma mulher ossuda que falava somente de si como se para mostrar a seus pacientes que, apesar de estarem tão perturbados, não tinham de aguentar suas dores lombares, a amigdalite de sua fi lha e assim por diante.

— Como está hoje, querida?

— Congelando — respondi.

— É o tempo.

Hahahá.

O verão havia chegado ao fi m. Partira sem que o visse passar.

A vista da janela do Saint Thomas nunca era ensolarada, mostrava apenas um nevoeiro pálido do tom dos meus jeans surrados.

Fiquei surpresa ao descobrir que minha proposta de mestrado em fi losofi a com o objetivo de ampliar a minha tese de doutorado havia sido aceita pela banca da universidade. Eu havia sobrevivido ao primeiro ano em Huddersfi eld e estava de volta à escadaria em espiral que me levaria ao paraíso do doutorado. Seguindo o estilo contido dos ingleses, Gerald Brennan, Brian e Colin Ince não men-249

Hoje eu sou Alice

cionaram minha ausência no fi nal do período de verão. Cheguei à conclusão que não havia nenhuma incompatibilidade entre ser louco e fazer PhD.

Dei continuidade ao meu tratamento com Roberta Stoppa. Ela já havia começado a usar jogos como Ker-Plunk para atrair a atenção de Billy, e agora, quando ele aparecia, passou a encorajá-lo a falar sobre seus sonhos e a contar seus segredos. Como parte de seu treinamento no NCH, Roberta havia aprendido a realizar um procedi-mento que fora desenvolvido por*

*Penny Parks, autora de Rescuing the Inner Child**.*

Ela explicou que simplesmente descrever nossos pesadelos não é o bastante. Somente ao reviver aqueles pesadelos eu poderia entrar no caminho para a cura.

Por meio de perguntas e sugestões cuidadosamente elaboradas, mas sem o uso da hipnose, Roberta conseguiu me fazer regredir à infância. As crianças tinham memórias diferentes, compartimentadas para proteger a mim, Alice, de todas aquelas memórias. Agora que as memórias podiam emergir, a criança que se lembrasse delas sofreria a agonia e a angústia de reviver o abuso. À medida que aquelas memórias penetrassem minha consciência, eu sofreria a mesma tortura. Ao entrar na sala para cada sessão eu era uma jovem perfeitamente — ou quase — normal, para então me tornar um garotinho de cinco anos ou uma menininha de dois e sair devastada.

Ao partir, sentia-me completamente esgotada, e soluçava no caminho de volta à estação. Eu fi cava parada no meio da plataforma 2 observando o trem fi car cada vez maior à medida que se aproximava sobre os trilhos. Serrava os punhos e enviava mensagens para os meus pés: "parem, esperem o trem parar; parem, esperem o trem parar".

** National Children's Home (Lar Infantil Nacional), nome antigo do Action for Children (Ação pela Criança), o maior projeto de caridade destinado a crianças do Reino Unido.*

(N. da T.)

*** Resgatando a criança interior (tradução livre). (N. da T.) 250*

Regressão

Tentava ser normal, não beber, não me ferir, não ter uma overdose. Contudo, a tentação fugia ao meu controle; estava dentro de mim. Quando um equilibrista anda na corda bamba sobre um abismo, ele segura uma vara paralelamente ao solo para manter o equilíbrio. O Clopixol era a minha vara. Contudo, eu ainda balançava, e nesses momentos fi cava por um fi o,

prestes a despencar abismo abaixo. Ocasionalmente acabava caindo — perdia o tempo que passava sem que tivesse consciência, perdia compromissos, me embebedava, caía, apagava.

Certa manhã Rebecca me levou a Leeds para uma consulta com Roberta. Acenei quando o carro deu meia-volta, e logo em seguida não sabia mais onde estava. Peguei minha arma.

"Bangue, bangue. Você morreu."

Há um templo de mármore, um edifício de tijolos vermelhos, três lances de escada.

"Deve ser quarta-feira. Mas pensei que ontem houvesse sido quarta-feira. Onde estou?"

— Pule, Alice, pule. Você sabe que quer.

"Cai fora. Vê se desaparece."

O tempo estava girando fora de controle.

Estava de volta à plataforma 2 observando o trem avançar pela linha, experimentando a sensação do medo de Billy abrindo espaço para a raiva de Kato, uma raiva que distorcia meus traços.

"Vou socar alguém a qualquer momento."

— Pule, Alice, pule. Você sabe que quer.

O Professor era como um disco arranhado de gramofone. Ele repetia as palavras "Mate-se, mate-se" em um sussurro, como uma furadeira fazendo buracos no escudo protetor dos antipsicóticos.

Naquela noite na casa de Kathy, a porta secreta permaneceu engenhosamente oculta. Estava deitada na cama enquanto o Valium me fazia começar a pegar no sono. Quando estava adormecendo, não me lembrei, mas percebi que havia estado em uma sessão de terapia com Roberta

durante o dia. Como o tempo fora consumido 251

por Billy e por Kato, entretanto, eu não tinha uma lembrança clara do que haviam dito e sofrido. Suas memórias eram feridas abertas.

Já estava dormindo quando aquelas memórias como que escorrega-ram para a minha mente, e acordei com o fl ashback repulsivo da sensação física do momento em que meu pai entrava no meu quarto, tirava minhas roupas, lubrifi cava o pênis na minha boca e me violentava, virando-me de bruços e forçando com aquele membro ereto úmido a entrada do meu ânus infantil.

Fico deitada sem conseguir voltar a dormir. Eu, Alice, tremendo, suando, com ânsia de vômito, apavorada. Precisava entender que o sexo, assim como as "Variações Goldberg", de Bach, tem muitos tons, desvios, tangentes e digressões. Não conseguia me imaginar participando de um ménage à trois, mas ao menos sabia o que era isso. As lembranças de Billy eram para ele os pesadelos embaçados de uma criança de cinco anos de idade, mas para mim voltavam como memórias claras e vívidas de uma mulher de 23 anos.

Saí de baixo dos cobertores, atravessei o corredor correndo e vomitei no banheiro. A dor daquelas memórias era excruciante, como ter um dente arrancado sem novocaína. Estava imersa em uma dor sufocante, constante, insuportável. Sentia-me enojada ao toque da minha própria pele, enojada das minhas mãos enquanto as observava deslizar pelo teclado do Toshiba, do olhar vazio que via nos meus olhos nos raros momentos em que era o meu próprio refl exo que aparecia no espelho.

Duas perguntas não saíam da minha cabeça: Por quanto tempo ainda aguentaria aquele tormento? Quanto ainda teria de esperar até que minha mente estivesse curada?

Lynne Tucker não sabia. Roberta também não. Telefonei para a Linha de Apoio do NCH. Os psicólogos não tinham respostas, mas eram bons ouvintes. Sou o tipo de pessoa que gosta do telefone —

podemos falar livremente através dos fi os de cobre, com a voz desconectada

da prisão que é nosso corpo. Não precisamos abaixar a cabeça e esconder os olhos, enxugar as lágrimas ou limpar o vômi-to da camiseta.

252

Regressão

Telefonei para Stephen. Contei-lhe que estava tendo fl ashbacks de memórias de ter sofrido abuso na infância, as quais antes haviam sido bloqueadas, e que estava reunindo coragem para fi nalmente contar tudo à minha mãe. Ele prometeu me apoiar quando estivesse pronta. Tenho certeza de que meu padrasto sempre soube que havia tabus na psique da nossa família. Ele sempre foi atencioso e solidário, e isso me ajudou mais do que jamais saberá.

O desejo de contar à minha mãe o que meu pai havia feito comigo já estava na minha cabeça havia dez anos. Queria contar-lhe cada detalhe repulsivo, intragável.

"Quem é a garotinha do papai?"

"Sou eu."

Aquela língua enorme lambendo minhas partes íntimas, entrando no meu ânus, o pênis na minha boca para fi car lubrifi cado, relaxando o esfíncter na entrada do meu reto, ele forçando a entrada da minha vagina com aquele pênis sedento, ejaculando o sêmen quente no meu rosto, beijando meus lábios. Quando li em um livro de Anaïs Nin que prostitutas nunca beijam os clientes, compreendi imediatamente por quê.

Queria que minha mãe ouvisse, que acreditasse em mim. Mas, acima de tudo, queria que identifi casse aquela verdade "oculta" com o instinto que toda mãe deve ter ao ouvir seu bebê chorar à noite.

Queria tirar os esqueletos do armário e, mais ainda, que minha mãe entendesse que o que lhe revelaria não era um ataque a ela, pois não a culpava.

Passei duas semanas escrevendo em um caderno tudo que era capaz de lembrar em relação ao abuso. Em um dia gélido de inverno peguei o trem para Birmingham, onde passaria um longo fi nal de semana em casa.

Cheguei atrasada. Jantamos com bandejas no colo na sala de estar. Meu estômago estava apertado como um punho cerrado, e o tique no meu pescoço estava a toda. Levei minha bandeja para a cozinha e me sentei novamente. Minha mãe sentia que havia algo no ar.

253

Hoje eu sou Alice

— Mamãe, quero lhe contar uma coisa — disse fi nalmente.

Um pequeno tremor percorreu seu corpo.

— Não tem de fazer cerimônia comigo, Alice — ela respondeu.

— Eu sei, mas quero que você ouça sem me interromper.

— E não é sempre assim?

— Vamos ouvir — Stephen disse.

Abri meu caderno. Podia ouvir meu coração palpitando. A sala estava tão silenciosa quanto a plateia de um teatro quando a peça está prestes a começar. Tinha a sensação de que minha mãe anteci-pava esse momento havia muito tempo. Contei-lhe absolutamente tudo, cada detalhe asqueroso do terror degradante que foi a minha infância: as aranhas, o castelo, o homem do Rolls-Royce, as camisinhas de várias cores, as vezes em que fi cava trancada na gaiola com uma lata de espaguete, a anorexia, o béquer com bebidas alcoólicas que levava diariamente à escola, minhas sessões com a doutora Purvis, a psiquiatra infantil, as oito semanas degradantes que passara no Saint Thomas drogada até a alma.

Ela permaneceu sentada em silêncio, o sangue sumira de seu rosto. Fechei o

caderno e comecei a chorar. Chorei e chorei, enxu-gando lágrimas amargas que vinham do bebê Alice, de Samuel, de Kato, de Shirley, de Billy, de JJ e de mim mesma. Enquanto chorava, minha mãe sentou-se ao meu lado no sofá e me envolveu em seus braços, dando-me tapinhas de consolo. Em meio a meus soluços a ouvi dizer que acreditava em mim.

Durante a longa denúncia do que meu pai fi zera, evitei denunciar o estupro de quando tinha 21 anos. Não sei por que não falei sobre isso. Acho que é assim que funciona, aos poucos. Permaneci calada, e a oportunidade passou. Minha mãe estava com os braços em volta do meu corpo. Ela acreditava em mim, e eu precisava desesperadamente ter um breve momento de consolo. Contudo, disse que queria confrontar meu pai outra vez, e pedi a Stephen que me acompanhasse.

Por que precisava confrontá-lo novamente? Sou obsessiva, me repito, não consigo evitar. Vivo sozinha na minha cabeça, tenho poucos amigos e perco os poucos que tenho. As pessoas me acham 254

Regressão

estranha — e acho que sou mesmo. Queria que meu pai visse com os próprios olhos que a garotinha que fi cava de bruços enquanto ele rasgava as paredes de seu ânus forçando-as com seu pênis ainda estava viva, lutando, enfrentando a batalha para ser normal, para ser feliz. Eu estivera encarcerada no campo de concentração do meu quarto de paredes cor-de-rosa, mas, como Esther, havia sobrevivido.

Fomos de carro até a casa dele na sexta-feira à tarde. Parada no portão, disse o que tinha para dizer. Na verdade, não tenho ideia do que falei; as palavras jorraram da minha boca como veneno. Meu pai tremia, os tremores eram visíveis em seus ombros. Ele parecia velho e louco ali de pé, sendo confrontado pelo horror da pessoa que era e pelo que havia feito. Nada, absolutamente nada jamais compensará a injustiça que meu pai cometeu comigo, mas expelir aquele veneno ao menos me deu um momento de respeito próprio.

Meu pai podia ver Stephen sentado no carro, e simplesmente fi cou parado

na porta, aceitando tudo que pude vomitar das minhas entranhas. Dessa vez, ele não pegou uma faca na cozinha nem me ameaçou. A verdade é que todos os abusadores, todos, são covardes.

Dei as costas, fi z o caminho de volta até o portão e o fechei sem pressa. Tenho certeza de que as crianças sentiram orgulho de mim.

Enquanto fazíamos a viagem de volta para casa, meu pai telefonou para minha mãe a fi m de declarar sua inocência. Ela disse que acreditava em mim, e não nele.

Agora que havia contado tudo a mamãe e confrontado meu pai, consegui regredir com mais facilidade nas sessões com Roberta. Costumava registrar meus pensamentos no papel, e uma vez escrevi: Roberta, há algumas perguntas para as quais preciso de respostas:

Por que tenho personalidades infantis? (Embora ache que saiba a resposta — seria porque nunca pude realmente ser criança?)

Como posso fazê-las desaparecer ou ao menos crescer?

Como posso fazer isso rapidamente?

Há ainda algumas coisas que preciso confi rmar:

Por favor, diga que acredita em mim.

Outras pessoas sentem-se como eu, ou estou sendo estú-

pida, enlouquecendo, não querendo enfrentar um aspecto terrível de mim mesma — há a possibilidade de eu ser uma mentirosa patológica ou algo do tipo?

Por fi m, Billy pode usar seu boné na próxima semana e ter um bolo de

aniversário mesmo apesar de ainda não ser seu aniversário? Ele pode também desenhar ou colorir alguma coisa? Sei que isso parece tolice, mas Billy adoraria. Sei que você provavelmente acha que sou estúpida, mas estou triste. Nunca fui criança e não é minha culpa que as coisas sejam da forma que são agora. Billy é um bom menino e não tem culpa de querer brincar. Você se importa que ele brinque quando for a Leeds, ou fi cará farta dele e achará que não está se esforçando? (Mesmo apesar de ele estar se esforçando, e muito.)

Quando meu aniversário chegou, entrei no consultório e deparei com sanduíches, batatas fritas, um bolo de aniversário com velas e presentes que incluíam um conjunto de animais de fazenda e um caminhão de Lego.

Billy "pulou para fora" imediatamente. Ele era fascinado por Lego. Em várias ocasiões, bastava começar a trabalhar naquele projeto de pesquisa que se desenvolvia com tanta lentidão para estremecer como se houvesse sido subitamente despertada de um sonho e me surpreender sentada no chão de pernas cruzadas montando um carrinho ou um castelo com minha coleção cada vez maior de peças de Lego, compradas ou roubadas — não sou capaz de dizer de onde vinham todas aquelas peças cada vez mais numerosas.

* *

Eu ainda passava bastante tempo no bangalô, andando pelo pântano com botas de alpinismo nos dias frios de inverno, brincando de guerra de bolas de neve com Rebecca e Zoë. O Natal chegara e passara outra vez. O dia 10 de janeiro também chegou, e fi quei um ano mais velha; parecia jovem aos 23, e agora me sentia velha aos 24, ao passo que o mundo crescia comigo.

Depois da festa de aniversário de Billy, Roberta me contou que eles haviam tido uma pequena discussão. Ela insistira que, se Billy tinha cinco anos de idade, agora completara seis. Mas não era verdade, Billy estava certo: ele sempre teria cinco anos, assim como Kato sempre será um rapazinho

espinhento de dezesseis, e JJ um garotinho gabola de dez. Não sei como podia saber disso, mas sabia, da mesma forma que sabia que o nome de Billy era Billy e que o de Shirley — por mais bizarro que pudesse parecer — era Shirley.

Evidentemente, no dia em que Billy fez cinco anos outra vez, Samuel continuava com seis. Depois da regressão na festa de aniversário e que a sessão acabou, permaneci no estado infantil. Ao fechar a porta atrás de mim, comecei a fi car sem ar e de repente fi quei paralisada. Fui tomada pela tristeza mais sufocante que já havia sentido. Meus joelhos dobraram, me encolhi no chão e comecei a chorar. Chorei até Roberta me encontrar agarrada ao corrimão no topo das escadas. Por sorte, ela já conhecia Samuel e sabia como consolá-lo com o ursinho cor-de-rosa encardido.

Ela cancelou todos os seus outros compromissos e passou a tarde com Samuel, mergulhando com ele no pior do abuso: as ocasiões em que meu pai me levava ao castelo e dividia a pequena garotinha de seis anos de idade que confi ava em seu papai com o círculo de pedófi los na simulação de um culto ao demônio. Essas memórias eram como um quebra-cabeça de 10 mil peças que ganhava forma à medida que os fragmentos na cabeça de Samuel se tornavam uma imagem sólida cada vez mais clara na minha subconsciência.

257

Hoje eu sou Alice

Ao fi m do dia, passei pela metamorfose que me transformou de volta em Alice, e Roberta me levou ao pronto-socorro, onde fui examinada por um psiquiatra — é estranho que haja psiquiatras para acidentes e emergências. Não me lembro do que disse, como escapei das garras da internação psiquiátrica, nem como no fi nal das contas voltei para casa.

O que soube, porém, naquele dia, foi que as crianças se comu-nicavam entre si mais do que eu pensava. Soube que Shirley e Kato conversavam, e fi cou claro para mim que todos estavam ligados por uma corrente telepática e conheciam os pensamentos um do outro.

Às vezes eu era incluída na turma, mas em outras a ligação se rom-pia, a transmissão era interrompida e eu fi cava sozinha outra vez.

Lembro-me de vovô ter me dito para não deixar que as coisas da vida me tornassem amarga, e sim que as usasse para me enriquecer.

Na verdade, não conseguia ver como meus problemas poderiam me enriquecer. Eu tinha um rótulo psiquiátrico, havia passado meses em uma instituição e passava grande parte do tempo em um estado psicótico. Estava feliz por vovô não estar mais vivo para presenciar meu sofrimento. Escrevi isso em meu diário: Quero apenas dormir e bloquear tudo. Isso não é justo. Hoje é outro daqueles dias em que me lembro do abuso. A verdade é dolorosa demais para suportar. Ela me atormenta mental e emocionalmente, enquanto sinto fi sicamente meu corpo ser violentado outra vez. Socorro! Socorro! Sinto-me tão isolada. Preciso do toque de alguém (um toque seguro); preciso ouvir a voz de alguém, saber que há uma pessoa que se preocupa comigo. Socorro! Socorro! Por favor, não me deixem sozinha outra vez com isso. Oh, Deus, dói tanto. E agora me lembro de que era assim que me sentia tantos anos atrás. Está tudo voltando...

SOCORRO! SOCORRO!

Quero chorar, mas me sinto como uma pedra, fria e dura. Não posso me permitir mergulhar nos meus sentimentos, então sim-258

Regressão

plesmente desligo minhas emoções. Mas agora um comentário de algum lugar da minha mente me diz que tudo é real. Aconteceu de verdade. Merda, aconteceu mesmo. E então a voz parece ainda mais intensa e repete: "Oh, Deus, por favor, me ajude, alguém me ajude". Outra vez: "Socorro! Alguém me ajude!"

E outra vez, com mais urgência. Então tudo fi ca silencioso. Caí em um torpor e me sinto outra vez como uma pedra. O único sinal de emoção é o choro na minha cabeça. O choro de uma criança que derrama lágrimas tristes e amargas, lágrimas de desespero. Quero alcançar e tocar essa

criança, mas não consigo.

Fico sentada ouvindo o choro e quero chorar também. Mas não consigo. E mesmo assim, isso não me livra da sensação de desespero. Está doendo. Que diabos está acontecendo comigo? Sinto-me como se estivesse enlouquecendo!

Naquele mês, o fi nanciamento para o tratamento psicológico concedido pelo NCH foi cortado para todos que estavam em sua lista. Samuel fi cou arrasado. Ele confi ava em Roberta, e não compreendia por que nunca mais a veria, e passou horas encolhido olhando para a parede com lágrimas rolando pela face.

Alice aparece. Ela fi ca na cama com o rosto molhado, cochilan-do, bebendo, escrevendo poemas, desenhando, lendo. Ela está, como escreveu Blake, "entre aqueles para o sofrimento nascidos".

Estava me aproximando da minha segunda crise nervosa. Ou seria a terceira? Pego a calculadora, checo o calendário, ligo para a linha de apoio, mando aquela carta para Patrick O'Hay. Eu não estava vivendo. Mal existia. Estava afundando para dentro de mim mesma como se escavasse um poço cada vez mais fundo, descendo em direção às profundezas místicas do meu ser, da minha alma.

Roberta uma vez disse:

"Algo se quebrou e tem de ser consertado".

O que tinha naquele dia era uma visão de vasos quebrados em museus aquecidos pelo sol.

259

Hoje eu sou Alice

Em outras ocasiões, entrava no que chamam estado de "fuga"

— um devaneio no qual a vida real esvai-se como a areia dentro de uma ampulheta, passando da luz à escuridão, da escuridão à luz.

As expressões dos ursinhos de pelúcia se alternavam entre sorrisos largos de felicidade e sorrisos malévolos, o buraco na parede entre meu quarto e o de Kathy abria e fechava como o olho de um peixe. Os fl ashbacks do abuso iam e vinham como pipas ao sabor do vento.

As pessoas seguem em frente com sua vida: trabalham, pagam as contas, têm amigdalite, se casam, têm fi lhos, se divorciam, fi cam tristes, trabalham, caem no abismo. Comecei a andar em círculos como um dos retardados do Saint Thomas — "tenho de continuar, me mover, ir em frente".

— Mate-se, Alice, mate-se.

As vozes. Sempre presentes. Sempre ali.

Tudo está quieto na casa. O buraco está fechado. Kathy e Jim saíram para trabalhar. Uma longa ducha. Pego minha receita. Reno-vo o estoque. É segunda-feira. Não sei que importância isso tem, mas todos perguntam: "Que dia é hoje?" E então poderei responder:

"É segunda-feira".

Saio com destino ao escritório. Ao descer a ladeira, vejo um bebê em uma cadeira de rodas em frente a uma loja chorando, um choro arrastado, sentido, cheio de soluços...

Não conseguia lembrar o que estava fazendo de pé na plataforma da estação ferroviária Manchester Piccadilly. Havia pegado o trem? Minhas roupas pareciam apertadas.

Kato colocava um Clopixol atrás do outro na boca como se fossem Smarties. Ele pegou o trem, batendo a porta o mais forte que pôde. Um velho abana a cabeça. Kato apenas o encara. Ele continua tomando os comprimidos enquanto o trem sacoleja sobre os trilhos.

Dá um soco na palma da mão, suando e furioso. Quer fazer alguma coisa, mas não sabe ao certo o quê.

260

Regressão

New Street, Birmingham. Bate a porta do vagão, abre caminho entre as pessoas, perdendo o fôlego, os membros fi cando pesados, a garganta seca, os olhos embaçados. "Apenas siga em frente."

Li em algum lugar que o horizonte fi ca a quarenta quilômetros.

Continuamos andando apenas para chegar ao horizonte, mas ele se afasta cada vez mais. Estamos fadados à decepção, pois em nossa busca pela perfeição somos constantemente lembrados de que nunca a alcançaremos. Como o horizonte, esse objetivo está além do nosso alcance. Ao longo da maratona há sempre mais um minuto a ser vencido.

Um ônibus deixa Kato na esquina da rua. Ele conta as casas, avança cambaleando ao longo do caminho, toca a campainha e desmaia quando a porta se abre.

Está morto?

Como mamãe conseguiu colocar Kato no carro ninguém jamais saberá. Mas ela conseguiu. Ela o levou para o hospital e todos aqueles antipsicóticos que ele havia tomado foram bombeados para fora.

Depois, mandaram-no de volta para casa, para sua mamãe.

E ele tornou a fazer. Duas vezes em uma única semana.

Kato não aguenta a dor. Ele pegou meu corpo emprestado quando eu tinha dezesseis anos. No papel de uma garota que deveria ter feito alguma coisa, mas não sabia como parar o que estava acontecendo porque aquilo sempre acontecera. Ele, assim como eu, observava papai desenrolar a camisinha e

permanecia deitado com as pernas abertas e seus seios pequenos para que papai fi zesse o que os papais fazem.

261

CAPÍTULO 17

Memórias Físicas

E les sempre sorriem quando injetam a seringa. É como se o movimento que fazem ao injetá-la estivesse conectado a um músculo que faz seus lábios sorrirem.

Estava de volta à casa de loucos. Não uma casa de loucos moderna como o Saint Thomas, com secadores a vapor no banheiro, mas um asilo vitoriano onde fi cava com os olhos vidrados no teto cheio de goteiras e ouvia os ratos andando dentro do reboco das paredes. Eles me colocaram no dormitório com lunáticos à minha volta gritando, soluçando, murmurando, falando sozinhos. Até o prédio gemia. Os tijolos antigos feitos de avôs mortos e ossos de dinossauro estavam esfarelando. Eu me encontrava novamente sob observação especial com uma enfermeira imóvel, que talvez fosse apenas uma escultura de cera, sentada ao lado da cama. Minha mente, por outro lado, voava.

Shirley havia encontrado um pedaço de vidro atrás de um cano no banheiro e o escondera debaixo do travesseiro. A escultura de cera cochilou. Shirley levantou da cama, pegou o pedaço de vidro e saiu correndo pelo corredor enquanto cortava meus braços e sujava as paredes de sangue.

A escultura de cera voltou à vida, chamou reforços e deu início à perseguição, gritando e acordando também os loucos drogados e estupefatos, que aderiram aos gritos e se juntaram à perseguição.

A vermelhidão jorrava de mim em grande profusão, transformando o chão do corredor em um ringue de patinação feito de carne e 262

Memórias Físicas

sangue. Fui capturada, imobilizada, injetada com tranquilizante e apaguei como um pássaro morto.

Não foi um começo auspicioso. Enfaixada e sedada, os psiquiatras do sanatório me disseram que se fi zesse aquilo outra vez seria internada involuntariamente; palavras cuja menção causa medo no coração de qualquer maluco. De acordo com o Ato da Saúde Mental, aquilo signifi cava que eles poderiam me manter fi sicamente contida enquanto recebia tratamento compulsório pelo tempo que achassem necessário. Enfermeira Ratched. Jack Nicholson. Um Estranho no Ninho. Todo conhecimento de que precisamos pode ser encontrado nos fi lmes.

Shirley encolheu-se nas sombras — típico — e prometi seguir as regras.

A psiquiatra de plantão responsabilizou-se por ignorar o diagnóstico do doutor Barne. Ela não identifi cou nenhum sinal de psicose em mim, portanto cortou os antipsicóticos da minha dieta e me deu autorização para tomar Prozac, Diazepam e Temazepam, que são comprimidos para dormir.

A doutora Adele Armstrong, a psiquiatra-analista, apareceu dois dias depois. Ela era austera, impassível, infl exível: uma professora vitoriana para um manicômio vitoriano. Problemas mentais são algo sério, nada com que se possa brincar.

Ela disse que pretendia me manter uma semana em observação no hospital, e depois eu deveria comparecer diariamente a um hospital-dia.

— Mas não posso. Tenho de voltar para Huddersfi eld.

— Você não tem nada a fazer lá.

— Mas estou na metade da minha tese de PhD — expliquei.

— Não está mais.

Às vezes eles são tão cruéis.

Retornei ao ninho; voltara a ser criança, morando com mamãe e tio Stephen para que cuidassem de mim. Pegamos minhas coisas em Huddersfi eld.

263

Hoje eu sou Alice

— Onde você arrumou tantas peças de Lego?

— Sei lá.

Despedimo-nos de Kathy e de Jim na calçada e partimos com o carro carregado de caixas. Olhei com nostalgia para a casa na montanha com cheiro de Golden Virginia e Bruce Springsteen en-tranhado em seu DNA.

Samuel fi cou com o rosto inchado de tanto chorar quando nos despedimos de Roberta Stoppa. Pudemos passar cinco minutos com Lynne Tucker, Gerald Brennan e Brian.

— Mantenha contato — disseram. — Nos veremos em breve.

Mas eu havia chegado à conclusão de que quando as pessoas dizem que nos verão em breve é porque nunca voltaremos a vê-las.

A amizade é como o fogo: se não o alimentarmos com carvão, ele se apaga. Atravessamos o pântano até o bangalô. Quando Rebecca Wallington me abraçou, senti o peito rasgar e o coração partir.

Era sábado. Não havia tempo para o chá. Assim como me levara de carro para começar meu doutorado, Stephen estava me levando de volta, completando o ciclo a fi m de que eu pudesse levantar cedo na segunda-feira e completar outro ciclo.

O hospital-dia fi cava no mesmo prédio da clínica onde na adolescência fi zera tratamento com a doutora Purvis. Oito anos haviam se passado, e meu cérebro continuava na mesma confusão.

Mamãe me deixou em frente à clínica.

— Divirta-se — gritou do carro. — Dê o melhor de si.

Era como se ela estivesse me deixando na escola e eu fosse Billy.

Ela passou a chamar o hospital de Palácio da Diversão, e de fato havia coisas com que os profi ssionais da psiquiatria deviam se divertir. Éramos cerca de quinze pacientes em vários estados de decadência mental, e para ajudar a curar nossa mente havia artesanato, quebra-cabeça e jogos de soletrar. Quando vi uma mesa de tênis, tive a confi rmação de que havia câmeras escondidas fi lmando aqueles jogos entre pacientes com acatisia para o entretenimento das conferências psiquiátricas.

Três vezes por semana — às segundas, quartas e sextas-feiras

— eu tinha uma sessão de duas horas com uma terapeuta chamada 264

Memórias Físicas

Jo Lewin, cujo estilo era diferente daquele do sistema do NCH usado por Roberta Stoppa em Leeds, com o qual me familiarizara. Jo era uma mulher esbelta, cheia de vida, com rosto redondo, olhos azuis brilhantes e uma preferência por roupas pretas que a tornava elegante mas sombria. Ela tinha estilo próprio, e seu estilo consistia no que chamava de "a cadeira".

A cadeira é introduzida quando o terapeuta acha que o paciente está pronto para confrontar seus sentimentos mais desagradáveis. Começamos por exercícios de respiração, e quando relaxa-mos o terapeuta pergunta se queremos nos sentar na cadeira.

Quando nos sentamos, por meio de perguntas cuidadosamente elaboradas, ele nos encoraja a mergulhar nos nossos sentimentos mais profundos, nas memórias mais dolorosas e reprimidas. É

preciso se livrar do passado se você quiser esses sentimentos fora do presente. Se, ou quando, isso é alcançado, ao se levantar você deixa os sentimentos e memórias ruins na cadeira, e eles nunca voltarão a ser tão

dolorosos.

Essa é a técnica, mas o problema é que eu não gostava de sentar na cadeira. Queria sentar no chão, como uma criança faria. Perguntava continuamente a Jo por que o tapete não podia atuar como a cadeira e me permitir desabafar minhas memórias. Para uma crian-

ça, a cadeira e o tapete teriam exatamente o mesmo efeito.

Eu não queria contar a Jo sobre as crianças. Mantive-as em segredo pelo máximo de tempo que pude, mas a mudança de personalidade era uma reação automática a coisas que estavam fora do meu controle. O bebê que chorava em frente à loja de Huddersfi eld havia colocado Kato na viagem de trem de volta para casa, quando a overdose nos levou para o manicômio, para o hospital e então para a súbita interrupção do meu doutorado, o que partiu meu coração.

Não sei, contudo, o que fez Samuel aparecer. Pode ter sido o cheiro do consultório, os quadros da parede, o olhar concentrado nos olhos azuis de Jo. Samuel foi tomado por uma memória súbita que se transformou em uma dor excruciante. Ele passou duas horas batendo a cabeça na mesa e chorando.

265

Hoje eu sou Alice

Jo estava ciente de que aquilo não era uma regressão ou fi ngi-mento. Ela se levantou de sua própria cadeira, sentou-se no chão comigo e permitiu que encontrasse consolo em seus braços.

Roberta Stoppa começara o processo que estimulara as crianças a sair no NCH. Primeiro, Jo Lewin conheceu Samuel, depois Billy, e então os outros. Ela sabia que havia algo que não se encaixava com os padrões convencionais que ocorria comigo. Assim, depois de mais algumas sessões, ela fez um trabalho de pesquisa e fi nalmente telefonou para a doutora Armstrong. No fi nal das contas, tudo mudou.

Como retratos de família fora de ordem, o problema de uma mente perturbada pode ser difícil de encontrar.

Graças ao telefonema e ao conhecimento de Jo Lewin, ela pôde guiar a doutora Armstrong no diagnóstico do meu problema como transtorno de personalidade múltipla (TPM), comumente conhecido como transtorno dissociativo de identidade (TDI) pela comunidade psiquiátrica. Finalmente me disseram que eu não era louca. As vozes das crianças dentro da minha cabeça eram ecos de memórias dissociadas da violência sexual e emocional que sofrera.

Ao longo da minha infância e da adolescência, eu fora examinada por inúmeros clínicos gerais, pediatras, por uma psicóloga e por uma psiquiatra analista. Cada um deles teve em mãos uma peça do quebra-cabeça. Reunidas, as peças compunham evidências substanciais de um longo sofrimento, mas antes disso ninguém tinha peças o bastante para identifi cá-lo.

A psiquiatra infantil havia me perguntado se eu sofrera abuso, mas a "dissociação" (uma palavra nova para mim) fazia com que aos quinze anos de idade eu não soubesse realmente que havia sido abusada. Como vivíamos na casa bonita, fazendo o papel de núcleo familiar perfeito, eu não podia admitir aquilo.

Depois de ter sido diagnosticada com TPM/TDI, dei início à minha própria pesquisa.

O Manual diagnóstico e estatístico de distúrbios mentais (DSM-IV-TR) defi ne o TPM/TDI como uma doença mental em que uma pessoa 266

Memórias Físicas

exibe múltiplas identidades ou personalidades, cada uma com seu próprio padrão de percepção e sua própria maneira de interagir com o ambiente. Quando eu — Alice — me torno uma das outras personalidades, ele ou ela assume completamente o controle do meu comportamento, de forma que perco a memória do tempo em que essa outra personalidade fi ca "fora". Eu

tinha consciência disso desde quando conseguia lembrar, mas nunca conseguira rotular essa condição ou compreender o que a causara. Depois que fi z minha própria pesquisa, tudo começou a fazer sentido.

No livro Multiple Personality Disorder [Transtorno de personalidade múltipla], publicado em 1989 pelo psiquiatra canadense Colin A. Ross, deparei com este parágrafo na segunda página da introdução:

O TPM não consiste em um defeito, mas em uma habilidade. O paciente usa a habilidade de se dissociar a fi m de ser capaz de lidar com um terrível trauma vivido na infância, o qual geralmente envolve tanto abuso sexual quanto físico. O TPM é uma estratégia criativa e extremamente efi ciente para a preservação da integridade do organismo em face de um trauma crônico que de outra forma seria catastrófi co.

Nas páginas 55 e 56 o doutor Ross levanta uma questão surpreendente:

O que é o TPM? O TPM é uma garotinha que imagina que o abuso está acontecendo com outra pessoa. Aí está o núcleo do distúrbio, o que dá origem a todos os outros traços. Essa fantasia é tão intensa, tão subjetivamente convincente e adaptativa, que a criança abusada tem aspectos próprios dissociados em outras pessoas. Essa é a característica principal do TPM, e também o que torna a doença tratável, pois a fantasia pode ser superada no momento em que o paciente confronta o passado e lida com ele.

O que saltou aos meus olhos foram as palavras "o TPM é uma garotinha que imagina que o abuso está acontecendo com outra pessoa". Eu sabia disso. Sempre soubera. Sempre soube e sempre me-nosprezei meu próprio conhecimento, meus sentimentos, minha intuição. Você ouve vozes e lembra-se de coisas horríveis, inacreditáveis, e não pode evitar pensar que está louca, que aquilo não pode ser real, que há algo errado com você. De fato, havia algo errado comigo

— e eu sabia o que era: eu era várias pessoas ao mesmo tempo.

Não me surpreendi ao descobrir que a maioria das vítimas de TPM/TDI são mulheres. São as garotinhas que sofrem abuso com mais frequência, geralmente em casa e de homens da família. Homens que sofrem do transtorno na maioria das vezes relutam em buscar tratamento. A maioria acaba na prisão ou em hospitais psiquiátricos.

Em seu texto, o doutor Ross acrescenta que ao longo de sua experiência observou que nos casos de TPM/TDI mais complexos, em que o paciente tem várias personalidades, os problemas de me-mória devem-se ao fato de o abuso físico, sexual e emocional sofrido na infância ter ocorrido com frequência de 100%. "Nunca conheci ou ouvi falar de um caso complexo de personalidade múltipla em que o paciente não tenha sofrido os três."

Suspirei sentindo aquilo que as pessoas chamam de alegria.

Obrigada, doutor Ross. Você salvou a minha vida. No fi nal das contas, não sou louca. Existem outras pessoas como eu, mulheres que sofreram "abuso físico, sexual e emocional contínuo". Eu sofrera todos os três. Meu pai não me batera, mas me submetera à penetração anal quando eu tinha apenas dois anos de idade, e, para mim, isso constitui tanto abuso sexual quanto físico, e todo abuso é por si só abuso emocional.

Eu sobrevivera. Continuo aqui. Com tratamento, terapia e medicamentos, poderia melhorar.

Na sessão seguinte, comecei a me sentir como um ratinho correndo em uma roda, sendo testado e analisado enquanto as 268

Memórias Físicas

doutoras Armstrong e Jo Lewin davam início ao processo que me faria melhorar.

Jo não tinha experiência no tratamento de pacientes com transtorno de personalidade múltipla, mas era uma mulher inteligente e aprendeu a lidar

com minhas mudanças de personalidade. Depois que ela conheceu Samuel, nós desenvolvemos uma relação de cum-plicidade. Assim que chegava à sessão e me sentava na cadeira, eu regredia quase imediatamente.

Não me lembro da data exata em que o diagnóstico foi dado, mas sei que foi logo depois do aniversário do meu avô. Vovô havia sido a única infl uência masculina em que confi ara na vida, e eu nunca conseguira sofrer pela sua morte da forma apropriada.

Samuel guardava minhas memórias e experiências com vovô.

Ele contou a Jo que se sentia triste por nunca ter podido se despedir.

Jo fez uma analogia apropriada para a idade de Samuel e explicou que vovô era como um carro velho e que seu corpo simplesmente parara de funcionar. Aquilo foi o bastante para Samuel, e pude ouvir seus soluços pungentes em minha mente. Fui profundamente afetada por isso. Havia bloqueado todas as minhas emoções associadas à morte de vovô, e agora tinha de aprender a lidar com sua partida.

Em um estado de regressão total, Samuel quis escrever uma carta para vovô. Jo ajudou-o soletrando algumas palavras: Querido vovô

Sinto saudade de montão. Eu não queria que seu corpo tivesse parado de funcionar, porque você é meu melhor amigo e me ensina muitas coisas. Você me ensina sobre as plantas e as folhas e me mostra os tomates na sua estufa.

Você me contou que os melhores são os que dão dinheiro.

Sinto saudade e quero que você volte, mas sei que seu corpo parou de funcionar, e só me lembro de você acenan-do e sorrindo para mim, e tento não chorar e fi car triste.

Muito amor

de Samuel xx

269

Hoje eu sou Alice

Samuel escolheu um cartão com mertensias que cresciam no bosque e copiou as palavras com sua melhor letra. Ele sabia que vovô gostaria do cartão porque tinha orgulho de seu jardim e se sentia em paz quando estava em contato com a natureza.

Ainda tenho o cartão e acho estranho que a letra de Samuel não se pareça em nada com a minha. Também tenho bilhetes de Kato em que se desculpa por ter cortado meus braços. Ele escreve com traços fortes e sem pontuação. Shirley descreve pensamentos ilustrados por imagens repulsivas na forma de poemas, que eu leria com um nó na garganta.

Fiquei grata por Samuel ter se lembrado de vovô de forma tão vívida, mas também por me fazer lembrar que vovó tinha um amor profundo por mim. Escrevi em meu diário:

Sempre o amarei, vovô. Hoje pensarei em você; faz oito anos que morreu e ainda sinto sua falta. Sempre me lembrarei do seu amor.

Algo deve ter acontecido nas 24 horas seguintes, pois isso foi o que escrevi em seguida:

Oh, Deus, o que tenho de fazer? Billy está atirando com sua arma em todas as direções, e Samuel está pensando em programas de televisão a que costumava assistir quando era criança —

*Rent-a-Ghost *e The Phoenix and the Magic Carpet **. Samuel segura o nariz como o homem de Rent-a-Ghost para também desaparecer ou simplesmente fi car fl utuando no ar sobre um tapete voador e não sentir mais nada, mas apenas observar o que acontece ao seu corpo: abuso. Essa é a forma com que Samuel lida com isso.*

Samuel estava saindo com mais frequência, o que encorajou Alice 2 a fazer o mesmo. Ela chorava sem parar, o que também me

** Alugue-um-fantasma (tradução livre). (N. da T.)*

*** A fênix e o tapete voador (tradução livre). (N. da T.) 270*

Memórias Físicas

deixava agitada. Eu estava com 24 anos de idade e tinha essas crian-

ças estúpidas dentro de mim. Quando não fi cava andando de um lado para outro disparando minha arminha e explodindo as coisas, estava roubando, bebendo, brincando com as peças de Lego ou brincando de boneca com uma garrafa.

Era como se eu estivesse com febre: teria de queimar no fogo do inferno antes que a febre começasse a baixar para então me sentir melhor. Enquanto isso, o Professor e seu bando ainda levantavam a bandeira do suicídio aos brados. Toda noite, sem exceção, eu tinha de lutar contra o impulso de dormir o sono dos mortos com uma overdose de Temazepam.

Às vezes, perdia a luta, escorregava da corda bamba e caía no abismo.

Mamãe sentia-se extremamente angustiada com isso e fez de tudo para me ajudar a atravessar esse período. Ela dormia com a porta aberta e ia várias vezes ao meu quarto para checar se estava bem. Se eu não estivesse, como aconteceu tantas e tantas vezes, ela ligava para a emergência no meio da noite. Uma ambulância me levava para o pronto-socorro e eu acordava com a visão das luzes fl uorescentes no teto e a garganta machucada depois de ter meu estômago esvaziado com uma sonda, ou com os braços enfaixados, ou as duas coisas ao mesmo tempo.

A doutora Armstrong voltava à pose de professora infl exível e limitava a dose das medicações que tomava para que não tivesse outra overdose. Jo Lewin me sentava na cadeira, e, como se fosse um ratinho correndo em uma roda, eu corria em círculos tentando descobrir que gatilho havia provocado a última recaída.

O doutor Ross deixa claro que o tratamento para o TPM é doloroso,

esgotante e suscetível a recaídas. O objetivo fi nal do tratamento é a integração das personalidades. Mas a doutora Armstrong me disse que isso levaria anos de análise e acompanhamento psicológico. Enquanto isso, ela me fazia voltar aos antipsicóticos. A primeira vez que tomei esse tipo de medicamento foi quando fui diagnosticada com esquizofrenia. O TPM/TDI é algo completamente 271

Hoje eu sou Alice

diferente, mas essas drogas tinham o objetivo de combater as alucinações auditivas — em outras palavras, as vozes do Professor e companhia.

As drogas ajudavam? Não muito. A caixa de Pandora havia sido aberta. O jack-in-the-box estava bem lubrifi cado, e as crianças estavam tão excitadas quanto as crianças podem fi car nas férias escolares; elas simplesmente não conseguiam esperar para sair.

Certa manhã Billy saiu para correr comigo. Naquele dia ele tinha imagens de tortura na mente. Queria atirar e torturar todos os homens que passavam. Era uma sensação esquisita: os pensamentos de Billy se desenvolviam de forma paralela aos meus, dois fl uxos independentes de pensamento se sobrepondo intermitentemente.

Eu podia ouvir a voz de Billy e suas memórias sendo transmitidas para a minha consciência, e o entendia. Eu entendia Billy muito bem.

Ele odeia homens, todos eles, e naquela manhã tivemos de parar de correr para que ele pudesse pular de um lado para outro com sua arminha.

Ele queria explodir o mundo inteiro, fazer as pessoas de reféns, como víamos nos jornais. Enquanto atravessávamos a rua na faixa de pedestres, ele imaginou a si mesmo colocando a arma nas costas de um homem que estava na nossa frente e levando-o para a câma-ra de tortura.

— Bangue. Bangue. Bangue.

E no outro pedestre:

— Bangue.

As ruas pegavam fogo, os prédios estavam em chamas. Estou no controle de tudo.

Sentia-me ao mesmo tempo aterrorizada e revigorada pelo poder da imaginação de Billy. Em sua fantasia, ele tinha uma me-tralhadora e liderava um exército que patrulhava as ruas em chamas.

Ele queria arrastar todos os homens para fora de seus carros. Odiava Rover, e mais ainda carros brancos. Depois de arrancar os homens dos carros, ele os amarraria e vendaria para que não soubessem o que estava acontecendo.

Mas esse pensamento também assusta Billy. Ele se lembra de ter sido amarrado com uma corda. Aquilo estava voltando à sua memória e à minha, e era uma lembrança tão dolorosa que puxamos a arma e começamos a atirar em todos os motoristas.

— Bangue. Bangue. Bangue. Bangue. Bangue.

Chegamos em casa e Billy jogou meus livros por todo o quarto.

Depois sentou-se no canto da parede e chorou como Samuel. Eu queria chorar também, ou vomitar. Queria chupar o dedo e dormir.

Chega de "bangue, bangue". Sou apenas uma criança e não sei de nada. Estou cansada. Quero minha garrafa e brincar com meus ursinhos. Quero sentar no colo de papai e assistir à televisão.

24 de maio:

Acho que Alice 2, Billy e Samuel representam três coisas que perdi: a inocência e a fragilidade do bebê; a espontaneidade, in-fantilidade e a traquinice da criança; e o lado tímido da minha natureza. Hoje me sinto

triste e estou de luto pelo fato de nunca ter podido ser simplesmente criança. Não consigo explicar. Quando só temos sexo, sexo e sexo na infância, não temos infância.

Sinto-me triste e vazia. Também estou só — isolada do mundo, pois apenas vegeto enquanto há tanta vida à minha volta.

Por que toda essa dor não pode acabar logo? Por favor, dê-me uma data em que tudo fi cará bem. Oh, Deus, estou me esforçan-do tanto, mas dói demais. Ninguém me dá nenhuma resposta.

Não sei nada, e na verdade nem quero pensar em nada. Por favor, apenas me deixe dormir, ou então enfrentar todo esse horror de uma vez por todas para que isso acabe logo, por pior que seja.

Agora que Jo e a psiquiatra estavam mergulhando no meu subconsciente, as memórias começaram a voltar como um mar de cenas tão lúcidas que eu era capaz de sentir a corrente de ar que entrava no quarto quando a porta era aberta, ver o móbile rodando sobre a cama, sentir o cheiro de Old Spice. Podia sentir as mãos do*

** Linha masculina de produtos de higiene da Procter & Gamble. (N. da T.)*

Hoje eu sou Alice

meu pai no meu corpo acariciando-o, percorrendo meus lábios com o dedo, abrindo-os e colocando o dedo na minha boca.

“Olhe só quem está aqui.”

Não era necessário que ninguém me dissesse o que fazer. Eu era como uma boneca Sindy. Ficava de joelhos, abria a boca e seu pênis entrava pelos meus lábios. Chupava o mais forte que podia, pois era melhor quando aquela coisa grudenta saía toda na minha boca, ou ele a espalharia pelo meu rosto ou colocaria o pênis na minha vagina ou no meu ânus, o que doía muito.

Essas são as memórias de uma criança de cinco anos de idade.

Aos cinco eu não era mais um bebê. Estava cheia de confusão, e de raiva também — uma sensação de não gostar mais de fazer aquilo, mas era o que papai fazia, e eu não tinha poder para impedi-lo.

Havia um pacto entre nós, um segredo, uma inevitabilidade. Era aquilo que acontecia no meu quarto à noite, na escuridão. Era o que sempre acontecera. Era normal. Eu amava meu papai e observava do tapete voador ou do canto do quarto enquanto aquela garota engolia a coisa branca e papai lhe dava um beijo de boa-noite. Não era eu.

Era Billy. Sou Billy, e me lembro disso como se tivesse acontecido comigo. Mas não aconteceu comigo. Aconteceu com ela — Alice.

Eu saía da sessão de regressão vazia e exausta, uma sombra de mim mesma.

Uma tarde mamãe me apanhou no hospital, me levou para casa e depois saiu para fazer compras. Ouvi o barulho da maçaneta sendo fechada e o som metálico despertou a memória de uma briga dela com papai e depois de ele me trancando na gaiola.

Era minha a culpa por terem brigado. Sou uma menina má e mereço ser punida. Lágrimas rolaram pelo meu rosto. As sensações psicológicas e emocionais que havia experimentado quando criança se apoderavam de mim como garras de aço vinte anos mais tarde com o que passei a chamar de memórias físicas. Sinto-me enjoada e fraca. Sou outra vez tomada pela dor insuportável que sofria no meu corpo infantil quando era penetrada por meu pai. Ela me golpeia como um eco.

À medida que a terapia progredia, as memórias jorravam como um pus negro. Observava a caneta de Jo percorrer furiosamente a folha. Às vezes, vomitava no tapete. Era tudo confuso, surreal, um fi lme de terror, uma fuga:

saio do carro em frente ao castelo, seguro a mão de papai enquanto descemos as escadas, a luz tremeluzente das velas...

Meu nome é Lucy. Tenho quatro anos e sou muito corajosa.

Gosto da enfermeira Nancy da minha revista em quadrinhos, e também vou ser enfermeira quando crescer. A enfermeira Nancy me dá injeção no hospital infantil, e não choro quando entro na máquina enorme onde olham dentro de mim para ver meus rins e meu sangue. Tenho cistite, e quando era menor passei duas semanas sem conseguir fazer cocô, e duas enfermeiras tiveram de me segurar para olhar dentro do meu bumbum. Não gosto que as pessoas olhem. Meu bumbum dói porque tem uma fi ssura nele.

Não gosto da masmorra.

Lucy! Lucy? Quem diabos é Lucy? Ela apareceu em uma das sessões de psicanálise, e a caneta de Jô quase pegou fogo quando Lucy foi sucedida por Billy e Billy por Eliza.

Confuso?

Para mim também, e levaria meses de terapia para que Jo Lewin e eu, Alice, entendêssemos tudo.

Lucy, de quatro anos, Billy, de cinco, e Samuel, de seis, têm lembranças de ir com papai de carro ao castelo. Eles seguram a mão de papai e descem as escadas até a masmorra.

Eliza surgiu na minha mente como a Filha do Demônio, um nome que lhe foi dado pelas "pessoas de preto". Ela se lembra do ritual de abuso em cenas de adoração ao demônio, e deixou claro, gritando o mais alto que podia, que não é a Filha do Demônio. Seu nome é Eliza, e ela tem sete anos, mas ocupa um corpo — meu corpo — que tinha dez anos na época de suas memórias mais vívidas.

Hoje eu sou Alice

O que para Lucy, Billy e Samuel era um castelo, para Eliza é uma fábrica abandonada em um complexo industrial que fi ca a uma curta distância de casa. Ela foi levada lá várias vezes. Havia outras crianças também. Crianças más que, como ela, tinham que ter a maldade exorcizada em cerimônias secretas sobre as quais ninguém podia saber.

O porão é decorado como uma igreja luxuosa, com tapeçarias, um altar e um grande pentagrama invertido atrás dele. A luz das velas produz grandes sombras assustadoras. As crianças estão todas com os olhos arregalados. Mostram-se assustadas, mas obedientes.

Os adultos usam túnicas escuras com capuz, e sabem como lidar com os demônios que habitam o corpo das crianças más.

Uma campainha soa. As pessoas começam a cantar. Eliza não consegue entender o que estão dizendo. Alguém importante pega a Bíblia Sagrada, arranca as páginas e a queima em uma bandeja de metal no altar. Outra pessoa lhe dá algumas folhas impressas, como fazem com os hinos na igreja, mas com símbolos que ela não consegue compreender.

Eliza se lembra que uma vez um dos homens de túnica lhe disse que tirasse a cruz que usava em uma corrente. Ele jogou a cruz no chão e pisou em cima. Fizeram-na tirar a roupa e deitar-se como uma estrela-do-mar no que era chamado mesa de tortura, o verdadeiro altar, e assim como as outras crianças ela foi lambida, chupada e penetrada. Homens ejacularam seu sêmen sobre seu corpinho, enquanto mulheres enfi avam coisas nela — o cabo de uma escova de cabelos, um garfo. Doía muito.

Ela se lembra de achar que aquilo devia ser como quando ma-mãe usava Tampax, e de pensar que não queria crescer.

Os adultos brincavam com as crianças e às vezes faziam-nas brincar uma com a outra. Eliza se lembra de Lucy aos quatro anos brincando com a boneca Sindy e o Action Man de Clive e manipulando-os como se estivessem fazendo sexo. Isso aconteceu depois de ela ter ido à masmorra pela primeira

vez — aos quatro anos.

276

Memórias Físicas

Em transe profundo, Eliza também se lembra de Shirley aos catorze anos no porão iluminado por velas usando uma máscara para assustar as crianças menores. Ela se recorda da ocasião em que colocaram um caixão no altar e uma mulher nua saiu dele como se voltasse dos mortos. Seu rosto estava coberto com o que parecia lama ou poeira, mas o corpo branco cintilava como porcelana, e seus seios eram grandes, com mamilos rosados enrijecidos. As pessoas estavam cantando de túnica e máscara, e as crianças tinham de se conter para não se contorcer ou chorar, pois senão a colocariam no caixão e fechariam a tampa. Isso aconteceu uma vez com Eliza, e ela pensou que a enterrariam viva.

Abuso satânico? Abuso ritualístico? Invocação do demônio?

Não, não, não.

Com base nas memórias que recuperei e das anotações de Jo fi cou claro que ao longo da infância e da adolescência meu pai permitiu que eu fosse abusada por um círculo de pedófi los — adultos que sentiam prazer em machucar e assustar crianças. Toda a coisa de adoração ao demônio era um disfarce, uma simulação que parecia real para as crianças. Mas é sempre fácil enganar crianças. Por meio da minha capacidade de dissociação, eu também me enganava, e pelas personalidades alternativas de Billy, Lucy, Samuel, Eliza, Shirley e Kato conseguia desligar "Alice", deixando que as outras crianças sofressem toda a dor e o abuso no meu lugar. Essa é a essência do transtorno de personalidade múltipla — as personalidades alternativas nascem como mecanismos de defesa e lentamente desenvolvem caráter, preferências e sonhos próprios.

Foi Shirley quem depois das sessões no hospital psiquiátrico descreveu no diário a memória da época em que seu pai a levava à fábrica. O porão estava completamente escuro. Ela foi levada a uma sala menor onde nunca

estivera. A sala era iluminada por uma vela, e ao virar a cabeça ela deparou com o homem do Rolls-Royce e fi cou aterrorizada.

Ele a arrastou até o centro da sala onde fi cava o falso altar. Sobre ele havia uma cabra. O homem lhe deu uma grande faca e, guiando 277

Hoje eu sou Alice

sua mão, a fez abrir o estômago da cabra. Eles continuaram cortando o animal, o sangue espirrando em seu rosto. Quando alcançaram o coração da cabra, o tiraram. O homem também tirou os outros órgãos, que foram colocados em um prato de prata. Todos os que estavam presentes comeram da cabra sacrifi cada.

Shirley escreveu no diário:

Não fi quei surpresa com isso. Cortei a cabra como se não fosse nada demais.

Mais tarde Kato escreveu:

Aquilo é o inferno. Ficamos sempre de cabeça baixa à espera da próxima atrocidade. Depois de algum tempo, não sobra nada dentro de você, nem mesmo o medo e a ânsia de vômito que sentiu a princípio. É como se estivesse morto, sem sequer se preocupar com o que acontecerá em seguida.

Os depoimentos a cada sessão tornavam-se mais detalhados, mais intensos, e no fi nal Jo Lewin estava tão pálida e exausta quanto eu. O abuso havia começado quando eu tinha seis meses de idade. Tudo que pode ser feito a uma criança e a uma mulher fora feito comigo.

Minhas memórias são mesmo reais? Posso confi ar nelas?

São as crianças que se lembram dessas coisas, e cada memória é verdadeira para uma parte de mim — para aquele fragmento, aquela personalidade alternativa, aquele ramo que guarda a memó-

ria. Não tenho motivos para duvidar de que essas atrocidades de fato aconteceram. Se a linguagem parece infantil, fantasiosa ou complexa, é porque as memórias provêm de crianças. Elas vêm de mim mesma, mas como uma criança dissociada.

As memórias reprimidas foram trazidas à luz em incansáveis sessões de terapia, como a doutora Armstrong disse que aconteceria.

Elas não são fruto de hipnose nem de pensamentos plantados por terapeutas. Elas vieram de mim.

278

Memórias Físicas

Poderia ainda escrever centenas de páginas sobre o abuso, uma ladainha pornográfi ca que me deixaria com ânsia de vômito ao trazer as lembranças à tona e pôr as palavras no papel. Deixarei essas memórias para trás com um poema aterrador chamado "Nunca esquecerei e nunca perdoarei".

Não fui eu quem escreveu esse poema. Foi Shirley. Encontrei-o em um caderno e fi quei chocada, aterrorizada.

PARTE 1

Quando tinha apenas catorze anos

Um homem

me engravidou.

Semanas depois,

Ele abortou o embrião,

Me fez comê-lo...

Me tornou uma assassina.

As palavras me fogem...

Como posso transformar isso em poesia?

Nem sei se deveria narrá-lo.

PARTE 2

Senti-me fadada à morte,

Mas, de repente,

Antes de poder reduzir meus pensamentos

A uma emoção,

Senti uma massa deixar meu corpo:

Partindo de mim,

E depois minha mente tornou-se anônima

Como se torna toda noite.

279

Hoje eu sou Alice

Sobraram apenas pensamentos pela metade,

e um asco profundo dentro de mim,

Surgido quando fui forçada a engoli-lo,

Algo que tentei enterrar nas profundezas

da minha psique até hoje.

PARTE 3

Neste exato momento

A voz que me guia

Silenciou.

Há apenas uma avenida de espelhos

Refl etindo um medo infi nito

Coisas se multiplicam na minha mente

Não importa para onde olhe

Até mesmo quando meus olhos estão fechados

Memórias tecidas

Daquele bebê

Que comi.

A vida que fui forçada a aceitar

A voz ainda está em silêncio

Apenas sentindo

E agora vomitei

Vomitei por causa dessa memória tão antiga

E fi nalmente a voz dentro de mim diz

“Nunca esquecerei e nunca perdoarei

Posto que: serei livre?”

280

CAPÍTULO 18

Casos Complexos

A palavra é dissociar. As pessoas costumam dizer "desassociar"

— o que, se você sofre de transtorno dissociativo de identidade/

transtorno de personalidade múltipla, pode ser irritante. Elas então querem saber quantas personalidades tenho, e a resposta é: não sei.

O primeiro livro sobre o transtorno de personalidade múltipla a produzir algum impacto foi Sibila, de Flora Rheta Schreiber, publicado em 1973 com o subtítulo: A Verdadeira e Extraordinária História de uma Mulher Possuída de Dezesseis Personalidades Diferentes; Corbett H. Thigpen e Hervey M. Cleckley já haviam publicado em 1957 o controverso As Três Faces de Eva; e Pete Townshend, do The Who, escreveu a música "Four Faces". As pessoas parecem se sentir mais seguras quando há números envolvidos.*

A verdade é mais complexa. As crianças desenvolveram-se com o tempo. No início, Billy, o ruidoso menino de cinco anos de idade, era o dominante. Contudo, ele gradualmente abriu caminho para JJ, o confi ante garoto de dez anos de idade que aparece quando Alice está sob estresse e lida melhor com situações complicadas, como viajar no metrô e conhecer pessoas novas. A primeira entidade a me visitar foi a voz externa do Professor. Contudo, ele tinha um coro de cúmplices sem nomes.

Assim, quantas personalidades alternativas existem? Arrisco dizer que são mais de quinze e menos de trinta, uma combinação

** Quatro faces. (N. da T.)*

de defensores, perseguidores e amigos — minha própria árvore genealógica.

Algumas personalidades são o que o doutor Ross descreve no livro Multiple Person ality Disorder como "fragmentos", os quais são

"estados psíquicos relativamente limitados que expressam apenas um sentimento, guardam uma memória ou têm papel restrito na vida da pessoa. Um fragmento pode ser uma criança assustada que guarda a memória de um incidente em particular do abuso".

Em casos de TPM complexos — o doutor Ross prossegue —, as

"personalidades são estados relativamente completos capazes de sentir uma série de emoções e de apresentar uma série de comportamentos". As personalidades alternativas terão o "controle executi-vo da vida da pessoa em períodos substanciais de tempo". Ele res-salta, e repito sua ênfase, que "casos complexos de TPM, com mais de quinze personalidades alternativas e barreiras de amnésia complicadas, estão associados a uma frequência de 100% na prática do abuso físico, sexual e emocional sofrido na infância".

Teria eu imaginado o castelo, a masmorra, as orgias ritualísticas e as violências sexuais? Teriam Lucy, Billy, Samuel, Eliza, Shirley e Kato inventado tudo?

Voltei ao complexo industrial e encontrei o castelo. Era uma fábrica antiga que havia pegado fogo, mas as ruínas chamuscadas do porão haviam resistido. Fechei os olhos e pude ver as velas pretas, as sombras dançantes, o pentagrama invertido, as pessoas cantando encapuzadas. Pude me ver entre as crianças que eram abusadas de formas que desafi am a imaginação. Não tenho mais dúvida de que o culto dos adoradores do demônio não era nada além de um círculo de pedófi los em que a parafernália satânica era apenas um adereço para a sua verdadeira perversão: o desejo pelos corpos inocentes de criancinhas.

É difícil levar círculos de pedófi los à justiça. Felizmente, entretanto, isso acontece. Talvez o caso recente mais chocante tenha sido o que foi levado ao Supremo Tribunal de Edimburgo em junho de 2007 que envolvia uma mãe que observava enquanto a fi lha de nove 282

anos era estuprada em casa ao mesmo tempo por vários membros de um círculo de pedofi lia de Granton, norte de Edimburgo. A mãe, Caroline Dunsmore, permitira que as duas fi lhas fossem usadas dessa forma desde os cinco anos.

Tendo sentenciado Dunsmore a doze anos de prisão, o juiz, lorde Malcolm, disse que levaria em conta a revolta pública diante dos crimes hediondos cometidos contra as duas meninas. Ele disse à mulher, de 43 anos de idade:

— É difícil imaginar quebra de confi ança de um fi lho por uma mãe mais séria que essa.

Morris Petch e John O'Flaherty também foram presos por terem participado do estupro das crianças.

O abuso infantil quase sempre ocorre em casa, e geralmente há membros da família envolvidos.

A doutora Armstrong continuou sendo minha psiquiatra. Tendo identifi cado o distúrbio, seu tratamento consistia principalmente em prescrição de drogas. Experimentei-as em diversas combina-

ções — um banquete de antipsicóticos e antidepressivos que algumas vezes me fazia sentir maravilhosa e outras me deixava paranoica e suicida. Quando estava sob muito estresse, Shirley pegava uma garrafa, Kato inchava dentro das minhas roupas e eu me entregava ao álcool e à automutilação. No todo, já tive cerca de cem overdoses e precisei de quinhentos pontos nos braços: chamamos essas marcas de cicatrizes de batalhas. Sobrevivi a essas batalhas, o que uma pessoa religiosa provavelmente chamaria de milagre.

Por que corto meus braços? Por que bebo até entrar em coma alcoólico? Por que tomo frascos de comprimidos e acabo no pronto-socorro para ter o estômago esvaziado por sonda? Estou apenas querendo chamar a atenção? Querendo aparecer? A dor dos cortes alivia a dor emocional das memórias,

mas a dor do processo de cura dura semanas. A cada episódio de automutilação e overdose, corro o risco de ser internada compulsoriamente e retornar a uma instituição psiquiátrica — uma perspectiva assustadora que não recomendo a ninguém.

283

Hoje eu sou Alice

Então, por que faço isso?

A verdade é que não faço.

Se tivesse poder sobre as outras personalidades, eu as impedi-ria. Não tenho esse poder. Quando elas saem, assumem o controle.

Tenho brancos, e o tempo passa sem que veja, e não é só o tempo que perco, mas a consciência e a dignidade também. Se eu, Alice Jamieson, quisesse atenção, teria concluído meu PhD e começado a subir os degraus da minha carreira acadêmica. Poder gabar-se do título de "doutora" me renderia mais atenção do que fi car deitada sem esperanças no hospital com ataduras nos braços e na boca o gosto de carvão vegetal, que absorve as substâncias químicas no meu estômago.

Na maior parte das coisas que fazemos, esperamos alguma recompensa ou pagamento. Estudamos por status e para conseguir empregos melhores; trabalhamos por dinheiro; nossos fi lhos são pequenos espelhos da nossa classe social; a doação para a caridade e a visita à Oxfam nos faz sentir bem. Cada atitude de gentileza contém o potencial de uma retribuição: colhemos o que plantamos.*

Não há vantagem em me machucar; não tenho motivo para inventar memórias fantasiadas de incesto e abuso coletivo. Não há nada que possa ganhar no pronto-socorro.

É necessário deixar isso claro diante da teoria "iatrogênica" de que as memórias reprimidas reveladas por pacientes de TPM, paranoicos e

esquizofrênicos podem ser criadas na análise: uma fabrica-

ção do relacionamento médico-paciente. De acordo com o doutor Ross, essa teoria — um tipo de pingue-pongue psiquiátrico — "nunca foi apresentada no papel de forma completa e claramente argu-mentada".

Meu caso endossa as afi rmações do doutor Ross. Já começava a recuperar minhas memórias em fragmentos e fl ashbacks muito antes de ter dado início à terapia. Indícios do abuso, coletivo ou não,

** Fundação de caridade internacional que luta contra a miséria, com sede no Reino Unido. (N. da T.)*

podem ser encontrados nas minhas fi chas médicas, bem como em cadernos e poemas datados de muito antes de Adele Armstrong e Jo Lewin terem entrado na minha vida.

Nos últimos anos, a polícia indiciou vários grupos de pessoas que submetiam crianças a supostos abusos satânicos ou ritualísticos em círculos de pedófi los. Poucos casos resultam em prisão. Contudo, isso não prova que o abuso não tenha acontecido, e a polícia precisaria ter evidências muito claras para levar o caso à corte. O abuso acontece. Sei que acontece. As meninas da unidade psiquiátrica nem sempre conversam com os psiquiatras, mas precisam conversar com alguém, então conversam entre si.

Na infância, visitava constantemente o consultório do doutor Bradshaw. Foi lá que Billy descobriu as peças de Lego. Enquanto crescia, também consultava o doutor Robin — o maratonista. Agora que estava morando em casa outra vez, ele voltou a ser meu clínico geral. Quando mamãe corajosamente contou-lhe que eu estava fazendo tratamento de TPM/TDI em consequência de ter sofrido abuso sexual na infância, ele enterrou a cabeça entre as mãos e chorou.

O abuso infantil sempre ressurge, não importa quantos anos passem. Lemos sobre casos de pessoas que depois de trinta ou quarenta anos revelam ter sofrido abuso por inspetores de creches, professores, vizinhos, pais, padres. Na última década, a Igreja Ca-tólica dos Estados Unidos pagou centenas de milhões de dólares em compensação por "atos de sodomia e depravação contra crianças"

— citando um website de troca de informações. Por que essas pessoas já adultas decidem trazer o abuso a público? Será que é por que querem chamar a atenção? Não, é porque lá no fundo temos uma ferida que precisamos expor a fi m de limpá-la antes de poder curá-la.

Muitos médicos não identifi cam sinais de abuso em crianças, pois, como pessoas decentes, não querem encontrar evidências do que o doutor Ross sugere ser "uma sociedade que fi ca cada vez mais doente, tornando o abuso infantil cada dia mais bizarro". Ele continua: "Uma superstição popular da América do Norte é a de que as crianças são o bem mais valioso e de que o núcleo familiar é o melhor 285

Hoje eu sou Alice

lugar onde podem crescer. Para inúmeras delas, isso não passa de uma grande mentira. O núcleo familiar é para muitas crianças norte-americanas uma zona de guerra em que sofrem abuso físico e sexual — um Vietnã particular".

Muitas guerras já se sucederam ao Vietnã para serem usadas em analogias. O livro do doutor Ross foi publicado pela primeira vez há mais de vinte anos. Se a doença das sociedades da Europa e dos Estados Unidos estava piorando na época, no que ela terá se transformado agora, neste novo milênio, na era da World Wide Web?

Em minhas passagens por lúgubres hospitais psiquiátricos, conheci mulheres jovens que, como eu, foram sexual, emocional e fi sicamente abusadas — palavras mais leves para "estupradas, silenciadas, chutadas e estranguladas, com o corpo usado como saco de pancadas e a carne como cinzeiro". Lembro-me das mulheres espancadas e confusas do abrigo de Liverpool, e

nunca me esquecerei do grito primal que irrompeu através dos corredores do Saint Thomas quando imobilizaram Sophie para lhe dar um tranquilizante. Seu crime? Ela teve dois fi lhos do pai.

Quem está cuidando dos fi lhos de Sophie enquanto ela está na ala psiquiátrica? Seu pai/avô? Sua mãe distraída? As babás de uma creche? Estarão os fi lhos de Sophie vivendo em uma zona de guerra? Será que o doutor Ross estava correto ao dizer que nossa sociedade fi cou ainda mais doente?

É certo que ela fi cou mais sensual, como podemos ver nos fi lmes, na tevê e nas propagandas. Nas revistas femininas, a mulher perfeita é alguém que acabou de sair da infância, com seios inexplicavel-mente bem desenvolvidos, cintura fi na e olhos sem foco levemente escoriados. Suas roupas lembram fantasias feitas de bandagens, criadas mais para mostrar do que para esconder. Se você quiser um homem, prendê-lo, satisfazê-lo, há Botox, cirurgia plástica e cremes que vêm com a promessa de juventude eterna. Jovem e sexy.

No momento em que escrevo, uma companhia americana líder no mercado está vendendo sutiãs com enchimento para meninas de sete anos de idade. Garotinhas foram transformadas em consumi-286

Casos Complexos

doras. Elas não querem mais brincar — querem comprar. Permitimos que a pressão comercial de uma sociedade doente roube a infância de menininhas e crie na mente delas a ideia de que são objetos sexuais. Se meninas de sete anos de idade são encorajadas a "fi car sexy", as consequências ainda deveriam nos surpreender?

Por que há homens que se aproveitam de garotinhas? Como isso acontece?

Garotinhas e garotinhos têm pele suave, rosada, são lindos e inocentes. Papai faz cócegas no bebê e ele ri. Ele gosta. Papai roça o nariz em seu nariz e ele ri mais ainda. Ele gosta muito disso. Ele gosta de ser acariciado, tocado, provocado. Ele beija sua barriguinha e não consegue resistir ao

impulso de tocar o montinho que é sua vulva infantil com a ponta da língua. O bebê continua sorrindo, e aquele homem — seu papai, babá, assistente da creche — tem uma ereção. Ele não consegue evitar, e alguns homens vão mais longe.

“Ela gosta disso, a cadelinha quer.”

A maioria dos homens tem autocontrole, moralidade, decência.

Contudo, há um grupo que não tem. A partir do momento em que um desses homens tem poder sobre uma garotinha e experimenta usá-la como objeto sexual, ele se torna viciado nessa sensação de poder e continuará abusando da garotinha de formas cada vez mais terríveis e ao mesmo tempo sutis. O sexo com crianças representa a quebra de um tabu, e no momento em que esse tabu é quebrado a tentação é ir ainda mais longe e lançar o manto do ritual sobre o abuso. Virgens eram sacrifi cadas em religiões pagãs para satisfazer os deuses. Aparentemente, os homens têm obsessão pela virgindade, pela carne jovem e pura, e esses homens, incapazes de constituir um relacionamento normal com mulheres adultas, roubarão a pureza de uma criança para satisfazer sua obsessão doentia.

A internet permitiu que as autoridades identifi cassem pedófi los que tentam atrair crianças por meio da rede. O lado negativo disso é que esses abusadores, devoradores de criancinhas, pederastas, molestadores são habilidosos e encontram brechas. Eles se esgueiram pela rede trocando fotos pornográfi cas de crianças que perverteram, 287

Hoje eu sou Alice

e encontram uma legitimidade perversa ao saberem que há pessoas que compartilham a mesma perversão.

“E por que não? Todo mundo está fazendo.”

O doutor Ross estava correto em sua análise: nossa sociedade está fi cando cada vez mais doente.

Não queria ser o receptáculo de todo esse conhecimento desagradável. Queria ser apenas uma garota normal com amigos e uma família legal. Eu estava me aproximando do meu 25º aniversário, em terapia e viciada em drogas prescritas. Eu era agitada, nervosa, inquieta, sexualmente ignorante e perturbada — uma vítima da cultura obcecada pelo sexo. Estava morando na casa da minha mãe, incapaz de trabalhar. Cambaleava cega na beira do abismo e diariamente resistia à minha fi xação por quedas livres, escadas inclinadas, sacos de plástico, vidro quebrado e pelas lâminas afi adas da sala de artesanato do hospital psiquiátrico.

Qual é o desequilíbrio químico que provoca uma recaída? Serão apenas as nuvens negras que ocultam o céu azul? Uma palavra mal colocada de Jo Lewin? A expressão no olhar de um estranho? Os olhos de um ursinho? É verdade, 25 anos e ainda dormindo com bichinhos de pelúcia.

Ironicamente, eu estava passando por um período bom. Resga-tara a amizade com Jacob Williams — um garoto inteligente e tímido que havia sido meu colega de classe e agora frequentava o mesmo hospital psiquiátrico por estar sofrendo de distúrbio bipolar. Sempre gostáramos um do outro, mas éramos muito tímidos para dizer alguma coisa. Agora, unidos por problemas mentais, começamos a sair para tomar um café ou um drinque e a conversar sobre nossos tratamentos. Jacob sabia que eu havia sofrido abuso sexual quando crian-

ça, mas evitava me contar qual era a fonte da sua depressão.

Pensava em Jacob enquanto caminhava pelo corredor do hospital. No momento seguinte, estava no banheiro com os braços ensanguentados. Sentia-me tonta e os lábios formigavam — sintoma de uma crise de pânico. Em poucos segundos, estava imersa em meu 288

próprio sangue. Meu braço esquerdo havia sido cortado em vários lugares, e o direito tinha traços perfeitos deixados por uma lâmina da sala de artesanato. Podia vê-la brilhando para mim como um olho prateado retangular na piscina de sangue que se espalhava pelos azulejos.

Por sorte, JJ apareceu, e sua voz, em um grito de terror — como o grito de Sophie no Saint Thomas —, silenciou todo o hospital. Três enfermeiras chegaram em questão de segundos. Dessa vez eu havia perdido quase um litro de sangue. As enfermeiras tentavam estancar o sangue com grossas ataduras de algodão. A doutora Spencer, assistente da doutora Armstrong, apareceu com suas belas pernas à mostra abaixo de uma saia preta. Ela levantou meu braço direito acima da cabeça e aplicou pressão, em uma tentativa de conter o sangue que continuava jorrando através das bandagens, espirrando em sua blusa branca.

Fui levada às pressas por uma ambulância com as sirenes ligadas para o pronto-socorro, onde a artéria braquial do meu braço direito foi costurada. Tive de tomar três soluções intravenosas a fi m de não precisar de uma transfusão, e então fui levada sob a supervisão de um membro da equipe hospitalar de volta ao hospital psiquiátrico em um táxi com os braços enfaixados como se fosse uma múmia egípcia. A doutora Armstrong me esperava em seu consultório com um sorriso cansado. Ela se sentou na ponta da mesa e disse:

— Você não precisa vir até segunda-feira, Alice.

— Você quer dizer que não quer me ver amanhã? — perguntei.

— Não, é melhor não — ela respondeu. — Vamos deixar para segunda-feira, você precisa de um bom descanso. Vou receitar alguns comprimidos para dormir.

— Sério?

— Sim, Alice.

Olhamos uma para a outra em silêncio. Estávamos sempre discutindo sobre meus comprimidos para dormir, quantos podia tomar e a dosagem. Corri até a farmácia antes que fechasse e fui para casa 289

Hoje eu sou Alice

de ônibus. As vozes não paravam de falar, mas eu não estava dando ouvidos. A chuva batia na janela. Pensei na doutora Armstrong.

Mesmo apesar de ter me dado o diagnóstico de TDI, minha psiquiatra não compreendia realmente que não era eu que me cortava, mas uma personalidade alternativa que estava sofrendo uma dor terrível — algo que eu entendia e perdoava. Fora Kato quem me machucara e JJ quem me salvara. Éramos uma equipe.

Quanto aos comprimidos para dormir, como havia sempre o risco de exagerar e ter uma overdose, eu recebia minhas doses —

usando o termo dos viciados — diariamente. Costumava economizá-las para passar o fi nal de semana inteiro dormindo e não ter de enfrentar mamãe e Stephen. Eles estavam fazendo um esforço sobre-humano para terem paciência comigo e tentavam se relacionar com as personalidades alternativas quando elas apareciam, ocasionalmente no jantar.

— Não gosto disso.

— Então não precisa comer, Alice.

— Não sou Alice. Não sou Alice. Não sou Alice.

— Quem é você?

— Billy. Billy. Billy.

— Deus, é como se estivéssemos vivendo em um hospício.

— Bangue. Bangue.

Pobre mamãe. Nos dias em que conseguia pensar com clareza e ser simplesmente Alice, eu podia ver pela expressão em seus olhos que ela estava sofrendo por mim, que a única coisa que queria era o que qualquer boa mãe quer para a fi lha. Ela nunca compreendeu inteiramente o distúrbio e desistiu do tratamento oferecido à família das vítimas e de sobreviventes do abuso

infantil depois de algumas sessões.

Achava que tudo que eu precisava era recuperar minha autoconfi ança.

— Onde está aquela garota que ia se tornar uma doutora? É isso que quero saber.

— Como?

— O que aconteceu à minha Alice maratonista?

— Atualmente ela mal pode andar.

— Vamos fazer uma coisa, vou comprar um novo par de tênis para alguém que conheço.

Ela estava fazendo o melhor que podia. Foi me buscar depois do trabalho no dia seguinte e compramos um par de tênis da Nike com detalhes e cadarços cor-de-rosa — até os tênis estavam fi cando sexy.

Agora que estava de volta às ruas, reencontrei antigos amigos da escola — a maioria dos quais, ao saber que eu tinha um problema mental, se afastava como se o distúrbio fosse contagioso. É bom saber quem são realmente as pessoas, e eu estava satisfeita por ter Jacob na minha vida.

Íamos ao cinema, nos abraçávamos nervosamente, entre-laçávamos os dedos sob a mesa do bar. Havia um frisson, mas assim como fora incapaz de superar meus instintos de defesa com Patrick, nunca permiti que Jacob fosse além dos rostos colados, das carícias nos cabelos um do outro — o envolvimento de duas pessoas perturbadas.

Jo Lewin deixou de ser apenas minha terapeuta para tornar-se também uma amiga, e passávamos muito tempo juntas. No modo Shirley, eu fazia lasanha em casa e levava para a casa de Jo, onde jantava com ela e o fi lho. Também

saíamos para caminhar no Lake District. Nas sessões do hospital psiquiátrico, ela descascava camada após camada de memórias enterradas que frequentemente me afetavam emocional e fi sicamente. A memória "física" de sentir uma barra de aço penetrando seu reto cria uma dor muito real, impossí-

vel de se fabricar ou explicar.

Era um alívio o fato de ser conhecida entre os médicos como uma vítima e sobrevivente de um "dos abusos mais terríveis que alguém poderia sofrer", como disse um dia Jo Lewin. Contudo, isso não reduzia o tormento de me sentar no tapete do hospital psiqui-

átrico para testemunhar cenas dentro da minha cabeça daquele 291

Hoje eu sou Alice

homem enorme deitando-se sobre uma garotinha e forçando-a a um ato sexual.

As mesmas imagens que foram recuperadas pela terapia voltam atualmente à minha cabeça nos momentos menos adequados — a qualquer momento. Imagine-se vendo seu fi lho ser atropelado por um carro, sua mãe ser esfaqueada até a morte, um míssil explodindo na sua casa enquanto corre pelas ruas de Bagdá ou Jerusalém.

Essas imagens permanecem para sempre com quem teve de presenciá-las. Tentamos juntar os pedaços de nossa vida, mas as cicatrizes continuam lá.

Às vezes, deitada na cama à noite, ouço o som dos vizinhos subindo as escadas e não consigo evitar me lembrar do som do meu pai subindo as escadas até o meu quarto quando criança. A porta se abre, o móbile gira. Ele joga os ursinhos no chão e abaixa o zíper da calça, produzindo um ruído agudo que me faz ranger os dentes.

Posso me ver fi cando de joelhos, abrindo a boca, seu pênis entrando e saindo pelo que parece uma eternidade. Ele segura minha cabeça para me

fazer engolir o esperma ou deixa que escorra pelos meus lábios para poder espalhar o "creme" pela minha barriga nua. Às vezes me sodomizava e depois ejaculava na minha boca. Papai gostava disso. Lembro-me do gosto asqueroso, do meu estômago revirando-se, da sensação de estar perdida, isolada, como uma bolha fl utuando sozinha no imenso universo negro. Lembro-me agora.

Lembro-me de tudo. Não há perversão a que meu pai não tenha me submetido, sua fi lhinha.

Personalidades diferentes emergiram pela dissociação em diferentes períodos da minha vida, cada uma com memórias especí-

fi cas do abuso — uma verdadeira biblioteca de obscenidade e perversidade. Kato e Shirley demonstravam mais relutância em descrever a crueldade do meu pai do que as personalidades mais novas, que tinham menos compreensão das implicações. Eu era protegida por uma amnésia profunda possibilitada pela existência de personalidades sem nome que guardavam memórias enterradas muito profundamente para serem expressas verbalmente. Essas 292

Casos Complexos

memórias materializavam-se em pinturas "automáticas" que eu produzia no hospital. Eram cenas cruas de fi guras que vestiam tú-

nicas pretas iluminadas por tons brilhantes de escarlate. As imagens me enojavam e fascinavam ao mesmo tempo.

Como Kato e Shirley, desenvolvi uma obsessão por sangue.

Fiquei chocada ao me lembrar de que aos catorze anos — a idade de Shirley — fazia pequenos cortes preparatórios nos meus braços para ver o sangue, uma memória recuperada e confi rmada pela colega de escola Lisa Wainwright.

As memórias iam e vinham em uma maré de depravação humana que

pessoas boas nem sequer seriam capazes de imaginar.

Minha mãe me apanhava no hospital psiquiátrico ou eu ia para casa de ônibus recitando minha tese de PhD para mim mesma. As ruas pareciam a fotografi a de um sonho, tão intensamente reais que aca-bavam por parecer irreais. Mamãe havia começado a controlar meus medicamentos. Também lidava com as overdoses e os incidentes de automutilação. Mamãe sabia que o abuso havia acontecido, que as memórias eram reais. Ela tinha conhecimento da extensão do abuso e fez o melhor que pôde durante os dois anos que morei com ela para me ajudar a sobreviver ao trauma da terapia.

Dois anos haviam se passado em um piscar de olhos. Dois anos queimados como os refugos do jardim de vovô. Sei que foram dois anos porque de repente pude ir morar em um apartamento super-visionado pelo hospital. Mudei-me com a gangue de ursinhos para um pequeno quarto e sala e deixei, estou certa, um suspiro de alívio na casa de mamãe.

Foi nessa época que meu pai misteriosamente me mandou um cheque com um montante substancial de dinheiro — o bastante para comprar um carro novo. Quando o cheque chegou, coloquei-o no quadro de cortiça da cozinha e o examinei como se fosse um perga-minho do Mar Morto.

Aquela vultosa quantia de dinheiro... do meu pai... de uma hora para outra.

293

Hoje eu sou Alice

Estava óbvio que aquilo era uma tentativa de suborno. Se fora mandado para me silenciar, o cheque teve o efeito oposto. Tirei uma cópia dele e comecei a montar um dossiê com as tentativas do meu pai de entrar em contato comigo em envelopes de plástico que reuni em um fi chário que cresceria até ter 5 cm — não faço nada pela metade.

Meu primeiro instinto foi mandar o cheque de volta. Contudo, tomei uma decisão mais inteligente e coloquei o dinheiro no banco para o caso de uma necessidade — embora tenha gastado cinquenta libras com vinho, boa

comida, música e duas velas vermelhas com candelabros de vidro. Preparei um prato de peixe assado com salada e Jacob veio ao meu fl at para um jantar romântico a dois. Não comemos quase nada, bebemos um pouco de vinho, e mais um pouco, sentamos no sofá que mamãe havia me dado e pensamos em sexo. Nada aconteceu. Nenhum de nós sabia por onde começar.

Tínhamos medo dos nossos sentimentos, medo de não sentirmos nada, de machucar o outro. Éramos dois desajustados.

Jacob então me contou que também havia sofrido abuso quando era um garotinho na escola. Fiquei chocada ao saber que o per-petrador era um professor de quem me lembrava. Comecei a chorar.

Abraçamo-nos, meio que nos beijamos, mas não fi zemos sexo naquela noite — na verdade, nunca faríamos.

A frequência com que comparecia ao hospital fora reduzida a três vezes por semana, os dias em que tinha terapia. Para preencher meu tempo e estender a terapia, comecei a frequentar o centro informal para usuários dos serviços de saúde mental. Fiz amizade em particular com uma mulher formidável de olhos azuis chamada Megan Sorensen, que fazia parte da equipe. Ela tinha grande habilidade para atrair as outras personalidades, especialmente JJ, e se relacionava bem com elas. Uma vez, quando Kato saiu, ela tocou em um ponto delicado durante uma conversa, e à sua maneira bruta Kato deu um tapa no braço de Megan.

Não sei se o tapa foi forte ou não. Kato age conforme sua própria vontade e faz coisas estúpidas que não aprovo e sobre as quais não 294

Casos Complexos

tenho controle. Na verdade, eu não sabia nada sobre o tapa até que a diretora me chamou à sua sala e informou que Megan não queria mais me ver.

Comecei a chorar, pois adorava Megan.

— Mas por quê? — perguntei.

— Porque bateu no braço dela, Alice, e é claro que ela não gostou.

— Não fi z isso.

— Megan disse que você fez.

— É claro que devo ter feito, mas não fui eu.

— Olhe, não vou fi car aqui discutindo com você

Sentei-me e chorei aos soluços. Esse é outro problema do TPM/

TDI: além de discordarem sobre o tratamento, psiquiatras, terapeutas e outros profi ssionais da saúde mental às vezes "esquecem" que sofremos do transtorno. Não é possível enxergar o distúrbio como podemos fazer com um problema cardíaco ou células cancerígenas por meio de exames clínicos. Parecemos normais. Eu estava tentando ser normal, e obviamente estava me saindo bem, já que a diretora tratou o episódio do tapa como se houvesse ocorrido sob circuns-tâncias normais.

Contudo, a aparição de um garoto perturbado de dezesseis anos de idade na mente de Alice e em seu corpo feminino não é nada normal. O TPM/TDI não é tão raro quanto antes se pensava, mas vítimas de casos complexos só podem fi car "curadas" se as personalidades puderem ser integradas por um processo que requer anos de terapia, adaptações constantes a medicamentos e uma paciência e compreensão sobre-humanas.

Naquele dia no centro me senti como uma leprosa na Idade Média, uma marginal diante do badalar de um sino anunciando meu status de pária da sociedade. Fui para casa, engoli um punhado de comprimidos e passei quatro dias sem sair da cama, chorando e dormindo.

— Mate-se, Alice. Ninguém gosta de você. Drogue-se até ter uma overdose . Corte os braços.

295

Hoje eu sou Alice

O fato de estar em terapia e tomando antipsicóticos não signifi cava que as vozes houvessem sido silenciadas. Às vezes elas fi cavam confusas, mas nunca se calavam. De vez em quando ainda tomava meus banhos de três horas e esfregava a pele até esfolá-la, passava meu jeans, lavava meus tênis, começava a ler um livro na cama à noite e ainda estava lendo quando o sol nascia na manhã seguinte — as horas perdidas, as palavras esquecidas, os meses passando no calendário.

Quatro dias depois de ter deitado na cama, fi nalmente me forcei a levantar para ir a uma consulta com a psiquiatra que substitui-ria a doutora Armstrong enquanto ela estava de licença-maternida-de. A psiquiatra era uma mulher esguia, elegante e com um sotaque polido que tremeu quando ela descobriu que eu estava tomando 60

mg de Temazepam em vez da dose recomendada de 10 mg. Ela fez alguns telefonemas, sussurrou autoritariamente com sua voz educada e acabei na cama na unidade psiquiátrica Josiah Jennins para uma desintoxicação supervisionada.

Não sei como cheguei a tomar tanto Temaze pam. Tive de passar oito dias na unidade psiquiátrica para me desintoxicar. O componente químico do Temaze pam cria um efeito parecido com o transe, e com isso podemos facilmente cair e nos machucar. Passei as primeiras 24 horas na cama, e nos dias seguintes passava algumas horas na sala de recreação ou me arrastando pelos corredores enquanto me perguntava se algum dia me sentiria melhor. Recebi alta com uma prescrição de Welldorm (betaína cloral) — que não é uma benzodia-zepina e não tem o mesmo potencial para gerar dependência.

Jacob me visitou no hospital, assim como o visitaria no futuro quando viria a sofrer suas calamidades maníaco-depressivas. Ele trouxe seu walkman, uma cópia de As vinhas da ira, de John Steinbeck, e uvas — pois, como disse, estava se "sentindo bacante". Fiquei feliz por receber seus presentes

temáticos e ainda me perguntava o que ele quisera dizer com o termo "bacante" quando veio me buscar para me levar para casa no dia seguinte. Às vezes uma palavra entra no cérebro como um bicho de maçã e passamos dias mastigando-a.

296

Casos Complexos

Agora que não tinha mais meu Temazepam, comecei a beber

— a princípio vinho e depois bebidas destiladas, no ciclo costumeiro que levou a uma nova dependência, o que era irritante. Detestava acordar depois de uma noite de bebedeira com uma dor de ca-beça terrível, e menos ainda de estar recorrendo ao dinheiro do banco, minha tábua de salvação. Havia conhecido um rapaz na unidade psiquiátrica que estava fazendo desintoxicação alcoólica e decidi ir a uma reunião dos Alcoólicos Anônimos com ele. Era in-crível ouvir as pessoas sentadas em círculo admitindo para si mesmas e para o mundo que eram alcoólatras. Contudo, aquilo não era para mim, pois consumia álcool apenas para substituir as substâncias de que meu organismo estava sentindo falta.

Drogas, álcool, sono, insônia, overdose, automutilação. Na terapia, as outras personalidades eram encorajadas a colocar suas me-mórias para fora. Os narcóticos em todas as suas variantes eram o único alívio da agonia da dor de lembrar. Minha mente se encheu de lembranças do abuso e meu corpo estava devastado por causa das memórias físicas de torturas sofridas tanto pelo corpo quanto pela mente.

Seria Billy algum dia capaz de superar a experiência de ter sido sodomizado por estranhos na masmorra? Eu criara um mecanismo de dissociação, como o doutor Ross o chama, para me livrar da dor dessas violações, mas isso não signifi cava que elas não houvessem acontecido. Ainda tinha de confrontá-las se quisesse alcançar a integração e melhorar. Esse pensamento não parava de zumbir em volta da minha cabeça como uma mosca.

Um dia, estava passando pela delegacia de polícia e parei em frente ao

prédio. Olhei para as portas abertas, para os quadros de aviso e os cartazes. O tempo estava quente, o céu claro com algumas nuvens fofas, como as que vemos nas pinturas das crianças. De ca-beça erguida, os olhos focados, as vozes distantes, subi as escadas.

— Bom dia — disse ao sargento na recepção, um homem corpulento com uma expressão gentil.

297

Hoje eu sou Alice

— Meu nome é Alice Jamieson. Gostaria de registrar queixa contra meu pai por ter abusado sexualmente de mim quando era criança.

O sargento gordinho abaixou a cabeça e olhou para mim por sobre os óculos. Levantou-se e disse:

— Acompanhe-me — e abriu a porta do balcão para me deixar entrar.

Fui levada a uma sala pequena e bem iluminada, onde expliquei a uma jovem detetive que sofrera abuso sexual constante nas mãos do meu pai e de outras pessoas. Ela mostrou-se paciente e sensível, fez anotações e alguns telefonemas. Marcamos uma data para que eu fi zesse uma declaração na zona neutra do Centro Callaghan, que oferecia serviços a pessoas com problemas mentais, acompanhada pela minha então assistente social de saúde mental, como a devida adulta que era. A entrevista durou o dia inteiro e continuou na ma-nhã seguinte até o meio da tarde. Não queria me esquecer de mencionar nenhum detalhe.

A polícia investigou minhas alegações acessando minhas fi chas médicas e psiquiátricas.

Além de cópias das fi chas do meu clínico geral, o doutor Robinson, e da minha psiquiatra, a doutora Armstrong, a polícia também consultou os registros da assistência social e investigou minhas alegações, que incluíam a declaração de que meu pai havia me estuprado quando o confrontara.

Obtiveram declarações das pessoas que estavam envolvidas na minha vida na época, como Louise Lloyd-Jones, o doutor Graham Sutton e a doutora Simpson, psiquiatra, bem como de Rebecca Wallington e dos profi ssionais que trata-ram de mim quando estava em Huddersfi eld. Chegaram até mesmo a consultar as anotações da doutora Purvis, a psiquiatra infantil.

Meu pai foi preso e teve de esperar seis longas semanas antes de o Crown Prosecution Service (CPS) decidir não prosseguir com a acusação.*

** Serviço de Promotoria da Coroa. (N. da T.)*

O CPS levou os seguintes fatores em conta para tomar essa decisão:

• O tempo que se passara entre o acontecimento do abuso

"alegado" e a minha denúncia — "alegado" era um termo legal que a partir de então acompanharia a palavra "abuso"

como uma sombra.

• O fato de eu ter passado pelos cuidados de vários profi ssionais da saúde mental antes de fazer a denúncia.

• E a probabilidade de eu não suportar a investigação do advogado de defesa devido ao meu estado de saúde mental fragilizado.

A decisão me deixou arrasada, tendo como único consolo o fato de a detetive encarregada do caso ter escrito em um pedaço de papel que estava segura de que eu havia dado um relato verdadeiro do abuso a que meu pai me submetera. O fato de eu sofrer de crises de cistite frequentes desde os quatro anos adquiriu novo signifi cado.

Cistite é uma infl amação da mucosa da bexiga causada por infecção, irritação ou dano. O mal também pode acometer homens, mas é mais comum

em mulheres, principalmente durante a gravidez, na menopausa e quando são sexualmente ativas. As mulheres correm risco maior de ter cistite que os homens porque sua uretra, o canal que elimina a urina da bexiga, é mais curta e a abertura está localiza-da perto do ânus, o que signifi ca que infl ama com mais facilidade.

Não é comum crianças sofrerem de cistite. Contudo, eu passava tanto tempo na sala de espera do consultório médico por causa dessa infl amação que, antes de completar cinco anos, já aprendera a fazer um carro com peças móveis de Lego, enquanto mamãe se tornou especialista em produtos de cabelo e maquiagem com a leitura de revistas femininas. A cistite crônica pode prejudicar os rins.

Levou apenas seis semanas — as coisas são lentas no Serviço Nacional de Saúde —, mas fi nalmente fui encaminhada para o Hospital Infantil de Birmingham para exames. Mamãe passou mais de um 299

Hoje eu sou Alice

ano me levando semanalmente ao Hospital Infantil, onde médicos e estudantes de jalecos brancos faziam fi la para me ver, como se uma criança com cistite fosse um dos mistérios do universo. Até onde sei, ninguém nunca sequer supôs que a infl amação poderia ser o resultado de rupturas ou infecções na área adjacente à saída da minha uretra. No fi nal das contas, recebemos o resultado dos exames. Eu não tinha problemas nos rins — era uma aberração da natureza. Mas havia outra evidência intrigante: aos dois anos de idade fi quei tão constipada que tive de ser levada ao hospital. Quando fui examinada, descobriu-se que eu tinha uma fi ssura anal. Aquilo era uma lembrança do que havia sofrido e sobrevivido. O diagnóstico foi anexado ao meu testemunho e seria crucial quando a possibilidade de reabrir o caso contra o meu pai surgisse alguns anos depois.

Eu só teria de passar pelo inferno primeiro.

Depois do vexame do tapa em Megan, não voltei por um longo tempo ao centro informal. Quando fi nalmente apareci, a diretora me colocou em contato com Mike Haydock, um experiente psicoterapeuta. Mike tinha regras

rígidas para a terapia: eu tinha de sentar e permanecer sentada na cadeira e não podíamos ter nenhum contato fora da terapia, o que era o oposto ao meu relacionamento com Jo Lewin. A princípio, achei difícil me adaptar a esse regime, mas com o tempo comecei a perceber algumas mudanças reais positivas.

Eu tinha uma sessão por semana com Mike. Sua abordagem era mais psicanalítica. Com seu ar distante e voz persuasiva, ele conseguia, mesmo quando eu resistia, me estimular com sutileza a regredir. Começou a descobrir os elementos do subconsciente em ação na minha mente e a investigar sua interação com a minha consciência. Por exemplo, embora não se concentrasse especialmente na automutilação, ele me encorajava a pensar sobre o propósito da prática e nas forças subconscientes que me levavam a ela.

Ele também era diferente dos outros terapeutas, pois não se referia às personalidades alternativas por seu nome. Atribuía uma ênfase menor à separação entre as crianças, dando mais importância 300

Casos Complexos

à funcionalidade e à razão dessa separação. Dessa forma, o foco na integração como objetivo da terapia podia ser visto como um processo estabelecido, gradual e discreto de desenvolvimento do auto-conhecimento e de crescimento pessoal.

Pelos métodos sutis de Mike, ao longo das semanas e meses aprendi a me esforçar para conhecer as outras personalidades e os traumas que haviam sofrido e carregado para a minha vida adulta.

Ao me aproximar de Shirley e Kato, eu poderia persuadi-los a não aliviar suas angústias emocionais no ato físico de cortar meus braços.

O processo é complexo e longo e consistia no envio de pensamentos para partes diferentes do cérebro, como se fossem bolas em uma mesa de bilhar, da esquerda para a direita, do subcórtex — onde as emoções fi cam guardadas — para o neocórtex — o lado racional, que, de acordo com Mike,

não tem muita capacidade para a depressão.

Ele me ensinou uma técnica simples: ao se sentir triste, simplesmente pense em algo que possa fazê-la sorrir — no Senhor Feliz de cabe-

ça para baixo ou nos olhos cheios de bondade da minha velha amiga Esther na cozinha do Kibbutz Neve Eitan. O processo provoca uma mudança na atividade mental e a tristeza se dissipa. A ideia é esta: tenha pensamentos agradáveis, positivos, de gratidão. Eu tentei.

O alvo fi nal da terapia de TPM/TDI é a integração. Mike Haydock acreditava que a jornada para a integração era tão importante quanto a integração em si, que eu teria uma sensação de recuperação simplesmente por estar seguindo em frente, aceitando que o abuso acontecera, chorando pelo que havia perdido e sentindo as várias emoções associadas ao abuso a fi m de que a dor se tornasse menos aguda. Dessa forma a terapia resultou na integração de algumas das personalidades, mas a consequência mais importante foi o fato de eu conseguir funcionar melhor e me sentir mais confortável comigo mesma como adulta, integrada ou não.

Comecei a passar mais tempo com Jacob e a ser capaz de me concentrar nele e nas suas necessidades, em vez de usar nosso tem-301

Hoje eu sou Alice

po juntos para falar apenas de mim mesma. Ele sempre fora paciente quando uma das outras personalidades aparecia. Agora que a psicanálise estava me fortalecendo, eu tentava ajudá-lo durante suas crises, quando uma parede impenetrável surgia ao seu redor.

Jacob queria mudar tanto a visão do público quanto dos profi ssionais da área em relação a problemas mentais e envolveu-se em uma nova legislação concernente ao assunto. Isso atraiu meu interesse. Na época, o departamento local de Saúde e Proteção estava desenvolvendo uma nova estratégia relacionada à saúde mental.

Juntei-me ao comitê como usuária do serviço de saúde mental e pude dar

uma contribuição compartilhando minha própria experi-

ência. Se houvesse concluído meu curso de PhD, poderia também ter trabalhado no comitê do outro lado da mesa.

Jacob e eu continuávamos agindo como se fôssemos um casal, mas, devido aos medicamentos que estávamos tomando, qualquer tentativa de termos relações sexuais era malsucedida, o que sempre nos deixava arrasados.

No Dia dos Namorados daquele ano, recebi meu primeiro e último cartão — um bem que guardo com o mesmo carinho que dedico às Palmeiras Ondulantes das Ilhas Tropicais de vovô.

Queridíssima Alice,

Nunca tive um relacionamento que me deu tanta espe-

rança para uma união duradoura.

Amo-a tanto que esse amor eliminou quaisquer dúvidas que tenha tido no passado quanto a ser capaz de me entregar.

Saiba que quero que fi quemos juntos para sempre e que realmente espero estar sempre ao seu lado.

Todo o meu amor, Jacob xxx

Mesmo apesar de Jacob e eu termos fi rmado um compromisso e de ele ter escrito sobre ter superado suas dúvidas, Jacob evidentemente continuava se sentindo da mesma forma — e eu também.

Confi ava em Jacob mais do que jamais confi ara em qualquer outro homem, mas tinha medo e era incapaz de me entregar completamente e de estabelecer um relacionamento normal. É o medo de todas as pessoas

emocionalmente perturbadas: nos esquivamos, nos escondemos, nos protegemos. É como se houvéssemos mergulhado em um barril de piche: não importa o quanto tentemos nos limpar, quanta terapia façamos, continuamos frágeis e acabamos magoando os outros, conscientemente ou não.

Quando consegui uma colocação em um serviço voluntário de algumas horas por dia na nova equipe local de envolvimento com a saúde mental, fi quei tão absorta que não percebi que Jacob estava se tornando cada vez mais quieto e isolado. Passamos a nos ver cada vez menos sem nos dar conta. Toda manhã eu tinha uma reunião com enfermeiras, assistentes sociais e outros profi ssionais da saúde mental da comunidade a fi m de que pudéssemos tomar decisões sobre intervenções apropriadas para usuários dos serviços de saúde mental que haviam sido recomendados para tratamentos específi cos.

Aquele era o trabalho mais útil que realizava desde o meu emprego em Swansea.

Nessa época eu adquirira o meu primeiro telefone celular —

uma máquina enorme com uma antena do lado. Certa manhã, quando o celular tocou durante uma reunião, os toques eram tão insistentes que saí para o corredor a fi m de atender. Era Oliver, que durante um tempo dividira um fl at com Jacob.

— Sinto muito, Alice. É sobre Jacob.

Não sei como soube, mas soube. Fiquei parada no corredor e comecei a soluçar alto. Jacob havia se suicidado.

303

CAPÍTULO 19

Charlie

Cocaína, meu amor,

bastou uma carreira

pra me viciar

Desde então

Nunca olhei de volta para ver,

cocaína,

como você me fi sgou.

V ocê pode acabar com a sua poupança em poucos meses quando adquire um hábito de quatrocentas libras por semana. Eu amava aquela coisinha branca. Escrevia poemas para a coisinha branca.

Quando nos apaixonamos, fazemos tudo pela coisinha branca.

Qualquer coisa.

Jacob havia preenchido a minha vida e a esvaziara outra vez.

Nós estávamos escalando uma rocha unidos por uma corda, e precisávamos um do outro para alcançar as nuvens. Jacob caíra em queda livre. Compreendia isso. Compreendia melhor que a maioria das pessoas. Mas não conseguimos evitar a culpa. Se eu não tivesse tido medo do compromisso, do sexo, talvez nós pudéssemos ter vivido um sonho e melhorado juntos. A vida é assim: sonhamos e acordamos — depois só resta o vazio.

Estava pensando em Jacob quando saí de casa e fi quei chocada ao abrir a porta e deparar com um homem sem pernas sentado nos 304

Charlie

degraus do meu fl at no andar térreo. Não sei ao certo se realmente não tinha pernas, mas sei que, se tinha, elas não funcionavam. De qualquer forma, ele estava paralisado, paraplégico. O que estava fazendo ali?

Subi as escadas para contar o que vira ao meu vizinho, um idoso gentil que chamava de tio Joe e que era violinista. Passamos uma eternidade conversando, não faço ideia sobre o quê, e depois ele entrou. Permaneci um momento olhando pela janela para as nuvens, me perguntando se Jacob estava lá em cima, e foi então que vi dois paramédicos subindo as escadas às pressas e vindo em minha direção. Eram rapazes cordiais com macacões de paraquedistas, e vi que arfavam quando se aproximaram.

— Está tudo bem, tudo bem. Você fi cará bem.

— O quê? Não sou eu. Sobre o que estão falando? É ele.

Ainda podia ver o homem sem pernas encolhido no vão da porta.

— Olhem, ele está sofrendo! — gritei.

Um dos paramédicos passou o braço gentilmente em volta da minha cintura. Ele era bonito. Olhei em seus olhos e ele sorriu.

— Preste atenção, o homem precisa de ajuda — disse-lhe.

— Não tem ninguém ali.

— Tem sim, olhe, ele não consegue se mover, fi cou paraplégico.

— Vamos apenas nos concentrar em você.

— Não sou eu, é ele — repeti.

Discutimos por algum tempo. Eu insistia que havia um homem sem pernas no térreo. Consegui convencê-los, mas, depois de che-carmos dentro do meu fl at, nos armários e na geladeira quebrada à procura dele, fi nalmente saímos, trancando a porta da frente. O

homem bonito segurou meu braço enquanto descíamos as escadas para o estacionamento, onde entrei em uma ambulância.

— Você tem de achar aquele homem, ele realmente precisa de ajuda — eu

disse.

— Garanto que o acharemos, não se preocupe.

305

Hoje eu sou Alice

Confi ei nele. Por alguma razão, parece mais fácil confi ar em pessoas bonitas. Sentei-me atrás na ambulância e ouvi a porta ser fechada. De onde o homem sem pernas viera? Para onde fora?

Quando voltei a mim, estava deitada em uma cama observando as teias de aranha no teto da ala psiquiátrica do Josiah Jennins. Haviam espetado uma agulha no meu bumbum. Sempre fazem isso.

Eu havia sofrido um "breve episódio psicótico", e fui enjaulada outra vez por cinco semanas. Meu vizinho do andar de cima deve ter visto o estado em que me encontrava e chamou a ambulância.

Eles haviam chegado na velocidade da luz.

No hospital prescreveram um novo antipsicótico para mim chamado olanzapina (Zyprexa) — dois comprimidos brancos de 10

mg diariamente — com o Prozac e o Valium de costume. Não me lembro de ter comido a ração cinza com amido que jogavam no nosso prato a cada refeição no hospital, mas acho que provavelmente comi, pois ganhei cerca de 20 kg e fui do tamanho de 36/38 para 40/42. Sentia-me como se Kato estivesse crescendo dentro das minhas roupas. Parecia uma baleia, um elefante, um dirigível. Nunca parecera eu mesma, e agora não parecia ninguém.

Havia uma garota hippie na mesma ala que eu chamada Sam que não comia. Ela estava coberta por piercings e tinha olhos vazios como os de Buda. Começamos a conversar um dia na sala de tevê sobre como as supermodelos estavam sempre magras, e ela disse que todas cheiravam cocaína.

— Acho que poderia experimentar — disse-lhe.

— Sem problemas — ela respondeu.

Não tomava uma droga ilícita desde a época em que fumara maconha no Sinai e tomara alguns Ecstasy para ser sociável. Naquela noite, o namorado de Sam, Andy, apareceu. Ele me deu o número de seu celular e telefonei quando tive alta — gorda como uma porca — dez dias depois.

Encontramo-nos no pub Wylde Green, Birmingham Road. Sam também estava lá, havia saído uma semana antes de mim. Não 306

Charlie

achava que ela tivesse algum grande problema, era apenas uma hippie magrinha que gostava de se drogar. Tomamos alguns drinques e assistimos ao futebol na televisão. Quando saímos do pub, caía um temporal, e Andy me levou para casa. Em frente ao meu fl at, com a chuva golpeando as janelas como fl echas, Andy pegou uma caixa de CDs no porta-luvas, um cartão de crédito na carteira e uma bolsinha de plástico como aquelas que vêm com botões sobressa-lentes quando compramos uma jaqueta nova. Ele colocou uma pequena pilha de pó branco sobre a caixa e usou a extremidade do cartão de crédito para deixá-lo fi no como poeira de fada. O ritual era hipnotizante.

— Quer cheirar uma?

Eu já vira pessoas cheirando cocaína em programas de tevê, como Miami Vice, então sabia como era. Andy dividiu o pó branco em três carreiras fi nas de aproximadamente 3 cm de comprimento e enrolou uma nota de dez libras, formando um pequeno tubo. In-clinando-se em direção à caixa de CDs, ele pressionou o dedo contra a narina esquerda e cheirou a carreira com a direita, sugando o pó através do tubo e inalando-o profundamente para aproveitar o má-

ximo da carreira.

Ele deu a caixa de CDs a Sam, que fez o mesmo. Restou uma carreira: a chave para a aceitação, para novos amigos, uma nova vida, um senso de propósito. Senti-me "descolada".

Quando cheirei a cocaína, no início minha narina formigou como se houvesse inalado pimenta em pó. Depois senti um frisson, uma clareza, como se estivesse completamente desperta pela primeira vez na vida. As vozes desapareceram, levando consigo meus problemas. Era a experiência mais revigorante que já tivera, e eu amei. E quis mais. Transtorno de personalidade múltipla, incesto, namorados mortos — nada importa quando se tem Charlie.

Andy me deu o restante da cocaína como amostra e no dia seguinte eu estava ao telefone encomendando 1 g, que me custou cinquenta libras. Tinha mais de 10 mil libras no banco, estava rica.

A olanzapina me fazia sentir inchada e deprimida, enquanto a 307

Hoje eu sou Alice

cocaína me fazia sentir viva, não apenas vegetando como um rato preso na porta vaivém do sistema de saúde mental.

Fixei estrelas no teto do meu quarto que piscavam à noite, e durante o dia passeava com Andy, Sam e Matt, um amigo de Jacob que eu conhecia da escola. Andy era inteligente, vestia-se bem, um adepto da cocaína que era fã do Manchester United e passara um tempo na prisão por tráfi co de drogas. Passávamos horas em pubs analisando jogos de futebol e mais horas em fl ats cheirando carreiras, ouvindo música com Sam seminua enquanto as cobras tatuadas em seus braços ganhavam vida e se enroscavam em sua pele branca. Eu olhava para as cobras dançantes e me lembrava de um dia ter existido outra garota chamada Alice que estivera em Petra e vira um encantador de cobras, mulheres usando véus, carroças puxadas por burros cansados e que adoecera com a comida de rua de sabor api-mentado. Matt tocava guitarra. Ele era um rapaz dócil e perdido, um lindo solitário com pele cor de azeitona, olhos e cabelos castanhos que iam até os ombros. Eu gostava de Matt, mas ele não sabia.

As receitas do doutor Robinson enchiam uma sacola de supermercado, mas drogas nunca são demais. Eu tomava diariamente 60

mg de Prozac, a dose máxima, três comprimidos de 5 mg de Valium, Zopiclona para dormir, 2 mg do antipsicótico olanzapina e algina para azia.

Gostava de misturar esses medicamentos e de os combinar com drogas ilícitas. O Ecstasy faz você dançar, mesmo quando está só. O

speed a deixa alerta e paranoica, o que é uma dicotomia agradável, como participar de um ménage à trois — ou ao menos foi o que passou pela minha cabeça quando vi aquela garota da escola no pub. Ela estava usando sapatos de salto 15 e um vestido que mais parecia um lenço. Pensei: "que situação". Ainda assim, pudemos conversar.

As anfetaminas fazem você fi car acordada por dias. Desperdi-

çamos nosso tempo e perdemos a inibição, passando a falar sem parar até com estranhos. Quando o barato do speed passa, nos deixa vazios, então bebemos um trago ou fumamos um baseado — é assim que se lida com o vazio. Experimentei heroína — quer dizer, você 308

Charlie

tem de experimentar. Coloca uma pitada de cristais marrons em um pedaço de papel-alumínio, aquece-o com um isqueiro e o cristal se transforma em um vapor nebuloso. Seguimos a cauda do dragão e a inalamos. Experimente e voe. Experimente e morra. A H mata a dor. A H silenciava as vozes. A H aterrorizava as crianças. A H aterrorizava Alice. Era como voltar para o útero, onde era seguro e quente. Nunca parecera eu mesma, nunca me sentira eu mesma, mas com a heroína também não me sentia ninguém. Você apenas meio que voa, como se estivesse em um tapete mágico.

É para isso que usamos drogas: queremos sair de nós mesmos, do nosso corpo. Queremos fugir de quem somos, e se há vinte pes-soinhas e um coro de alienígenas agressivos na sua cabeça, quanto mais longe puder ir,

melhor. Não importa que droga lhe ofereçam

— se ela puder mudar a sua percepção da realidade, você vai querer enfi á-la na boca, no nariz ou na sua corrente sanguínea, viver a viagem e falar sobre ela. As drogas nos fazem falar muito. É estranho, mas podemos molhar a garganta com quanto álcool quisermos sem fi car bêbados. O álcool mantém o frisson como se fosse um fogo baixo sob uma panela de água fervente. E o melhor de tudo: você tem amigos.

Uma noite, Matt apareceu com um pouco de cetamina, que dividiu em três fi nas carreiras brancas brilhantes. Cetamina é um tranquilizante para cavalo que come as membranas das narinas. A maioria dos dependentes de drogas cheira cetamina. Depois da cetamina, não importa o quão desidratados possamos estar, há sempre algo pingando de nossas narinas. Você aspira a carreira e fecha os olhos. Uma lança abre um corte na barreira da realidade em nossos ouvidos, e somos sugados para o que chamam buraco negro da cetamina. É uma experiência semelhante à morte, onde sentimos nossa essência deixar o corpo e fl utuar acima dele, o que para algumas pessoas é uma viagem espiritual, e para mim foi um insight da dissociação.

Tentei atravessar a sala depois daquela grossa carreira de cetamina, mas o chão havia se tornado uma esponja que sugava minhas pernas. Pensei que Matt ia tocar guitarra, mas suas mãos haviam 309

Hoje eu sou Alice

congelado e seus dedos, fi cado mais longos. Senti-me completamente desprovida de peso e caí no chão. Matt estava olhando para mim, e, quando olhei de volta, comprimi os lábios em pânico: não era mais Matt, era o Professor. Lembrei-me de seu rosto na tela do meu computador em Huddersfi eld, velho, contorcido, cheio de raiva e ódio.

Um grito deixou minha garganta. Tentei me levantar, fugir, mas meu corpo sem peso não se movia. Estava molhada de suor. Não conseguia me concentrar, meus olhos pareciam ter se tornado lentes de binóculo sem foco. Quando recuperei o foco, me dei conta de que havia cometido um erro ridículo. É claro que aquele não era o Professor. Eu estava sendo paranoica.

Era vovô.

Ele sorriu. Havia tanto amor em seu rosto que de repente compreendi. Entendi tudo. Eu não estava só. Ele estava sempre ali, em algum lugar. Pude relaxar naquele momento. Vi a mim mesma fl utuando pela sala. Eu parecia feliz. Senti-me contente por fl utuar perto do teto, longe das garras da realidade.

Matt era bonito e gentil como vovô. Poderia ter superado minha paranoia em relação ao sexo com Matt, mas as drogas expulsam o sexo de nossa mente, e tudo em que conseguimos pensar é nos drogar. Saíamos juntos, estávamos sempre juntos, grudados pelo desejo constante pela automedicação, por nossa paranoia permanente para sair da realidade.

Uma noite resolvemos fazer uma visita a Kevin — um amigo gay de Matt que trabalhava como comissário de bordo no Aeroporto de Birmingham e precisava de apoio porque havia sido deixado pelo namorado. Kevin tinha uma garagem onde nosso trafi cante, Andy, mantinha sua mercadoria no porta-malas de um carro sem rodas. Cheiramos algumas carreiras e fomos até a garagem pegar algumas amostras dos produtos de Andy: cocaína, maconha, Ecstasy, GHB etc. O porta-malas daquele carro velho era uma verdadeira farmácia para viciados, e quando ninguém estava olhando um saquinho de 5 g de Charlie — o que valia duzentas libras — escorregou para dentro do meu bolso.

310

Charlie

A descarga de adrenalina resultante do roubo produziu um barato tão grande que uma semana depois, quando Kevin estava trabalhando e Andy estava em Londres comprando mercadorias novas, sugeri a Matt que voltássemos à garagem com algumas ferramentas e a arrombássemos. Não pensamos nas consequências dos nossos atos quando estamos drogados, e o crime acabou sendo surpreendentemente fácil. Andy não fazia ideia de que sabíamos que ele guardava sua mercadoria na garagem. Kevin não diria que

havia nos mostrado o lugar, e de qualquer forma sempre arrombavam garagens naquela área. Escapamos com o equivalente a mil libras em drogas e fi zemos uma verdadeira festa que durou duas semanas.

Aquele seria o meu último banquete de drogas.

Minha terapia estava indo pelo ralo. Eu raramente conseguia reunir forças para ir às sessões com Mike Haydock e quase não tinha mais contato com mamãe e Stephen. Não precisava mais de ninguém, pois tinha uma amante.

Cocaína —

um jogo para os ricos.

Uma única carreira

te dá um barato inacreditável.

Agora és meu vício.

Kato não gostava de drogas. Ele não se importava quando Shirley bebia, mas não gostava que Alice se drogasse. Não gostava da sensação de que tudo estava fi cando fora de controle e lutava da única forma que conhecia: com giletes e facas, cortando artérias e tecidos musculares. Eu acordava no pronto-socorro com uma bolsa de soro acima da cabeça e aquelas almofadas magnéticas grudentas ligadas por fi os ao eletrocardiograma por todo o corpo.

Bipe, bipe, bipe.

Andy e Sam me apanhavam com um saquinho esperando por mim e me levavam ao banco. É ótimo ser rica. Não nos preocupamos com coisas vulgares como o dinheiro.

311

Hoje eu sou Alice

E então ele acaba.

O pior de tudo é que eu devia dinheiro a Andy — o que não é algo inteligente quando seu trafi cante já esteve preso. Os amigos nos deixam cheirar umas carreiras a primeira vez, a segunda, mas o grande amor deles é a cocaína — e não você. Você é apenas alguém com quem cheiram, que lhes empresta cocaína e dinheiro. Sem nenhum dos dois, você não é ninguém.

Sam se virava para conseguir cocaína. Uma garota que não tem nada a perder pode sempre recorrer a algum cara que lhe dará uma carreira por uma transa. Coloquei um batom vermelho e dei uma olhada no espelho. Que piada. Nem sequer conseguira fazer nada com Matt. Lembrei-me da primeira carreira de cocaína que cheirara no carro, com os pingos pesados de chuva batendo como balas de revólver nas janelas, a sensação de euforia. Foi sempre bom depois da primeira vez, mas nunca tão bom. Essa é a armadilha de Charlie.

Ele a captura, a envolve em seus braços, e então começa a apertar cada vez mais forte.

Eu tinha todas essas personalidades alternativas se revirando dentro de mim, a cabeça girando, uma dor terrível no corpo, as paredes começando a me apertar, o Professor me observando pela janela da cozinha, o cara sem pernas de volta ao vão da porta e um enjoo provocado pelo olanzapina.

“Vamos tentar outro.”

E outro, e outro, e outro...

E então lá estava um asiático magro e alto com olhos escuros brilhantes olhando para mim. “Ah, sim, é o doutor Thandma.” Já o vira na ala psiquiátrica do Josiah Jennins. A primeira coisa que passou pela minha mente foi: “O que deu na sua cabeça para estar usando um terno listrado em vez do avental descartável mais apropriado para um lugar coberto por sangue humano?”

Ele estava esperando que eu falasse alguma coisa, mas permaneci em

silêncio.

— Então acha mesmo que foi o demônio que cortou seus braços?

312

Charlie

Eu não fazia ideia do que ele estava falando.

— Não — respondi. — É mais provável que tenha sido um dos outros.

— Quem é você agora?

— O quê?

— E quem são esses outros?

— Sou Alice Jamieson. Tenho TDI. Os outros são as outras personalidades, ou aquilo que vocês médicos chamam de personalidades alternativas — respondi.

— Uma das enfermeiras me disse que você é trazida para cá com frequência depois de cortar os braços. Então o que a fez se cortar dessa vez?

Ele estava analisando um ato deliberado de automutilação —

o que, por experiência própria, sei que é geralmente mal compreen-dido pelos médicos e constantemente usado para estigmatizar e rotular os pacientes. Ficou também claro que ele sabia pouco ou nada sobre TDI.

Suspirei. O efeito da lidocaína injetada nos meus cortes para anestesiar a dor enquanto me costuravam estava passando. Meus braços e minha cabeça doíam muito e eu realmente não estava no clima para soletrar meu diagnóstico para um psiquiatra.

O doutor Thandma prosseguiu com uma pergunta que eu já esperava.

— Você está se sentindo suicida?

— Nem um pouco.

— Então por que cortou seus braços outra vez?

— Sugiro que leia a minha fi cha — respondi.

— Já li um resumo. Acho que, tendo em vista o fato de a doutora Armstrong estar de licença, deveria fi car no hospital por algum tempo para que possamos fi car de olho em você.

“De volta à prisão? Sem chance.”

Respirei fundo, me acalmei.

No dia anterior, haviam tirado os pontos e as bandagens que cobriam os cortes feitos por Kato havia menos de duas semanas.

Tentei sorrir.

313

Hoje eu sou Alice

— Não acho que isso será necessário, doutor. Realmente, não acho.

Ele fi cou parado por um momento, com os dedos no queixo enquanto pensava.

— Contanto que me dê sua palavra de que não tentará se cortar outra vez, você está livre para sair — fi nalmente disse.

— Obrigada, doutor.

Telefonei para Matt e ele veio me apanhar com Andy. Passei alguns dias sozinha no meu fl at, e era como se alguém houvesse atrasado o relógio — não em horas ou dias, mas em anos. Havia sido diagnosticada com

transtorno de personalidade múltipla em 1993.

Mais de dez anos haviam passado — queimados, desperdiçados, drogados.

Economizara a maior parte do dinheiro, enviado misteriosamente pelo meu pai, durante anos, poupando, fazendo compras em brechós da Oxfam e viagens de férias apenas na minha cabeça.

Quando Jacob morreu, transferi todo o amor que havia em meu coração para a coisinha branca, o pó mágico, a cocaína. Agora o dinheiro acabara — completamente, cada centavo. Teria de parar de vez. Eu podia. Sou tão forte quanto posso ser fraca. Tinha de tirar a cocaína do meu corpo, mas logo percebi que mesmo quando conseguimos ela nunca deixa nossa mente. Há sempre a memória de nos sentirmos livres, de entrar no McDonalds para afanar alguns canu-dos, de arrombar uma garagem para roubar a mercadoria de um trafi cante, de viver a um passo do precipício com os fora da lei.

Lembro de a música soar melhor, de dançar como o vento, de sentar no banco traseiro do carro de Andy com a janela aberta e o ar da noite no meu rosto.

Como é parar assim, de uma só vez, "na marra"?

É como ser um peru saído da geladeira diretamente para o forno — sem penas, sem cabeça, incapaz de voar. Suamos, congelamos, trememos, choramos. As vozes voltaram.

— Você não é nada. Nunca será nada. Você é um fracasso. Devia se matar, Alice. Faça um favor ao mundo. Mate-se hoje.

314

Charlie

Sem chance, não com as dívidas que tinha agora. Todas as minhas contas estavam atrasadas: o aluguel, os impostos, água, luz, o cartão de crédito, o

trafi cante. A televisão estava queimada, minha bicicleta desaparecera. Eu recebia um benefício de 95 libras por incapacidade e 315 libras de ajuda por ser defi ciente — o bastante para alimentação e antipsicóticos.

Pode parecer uma contradição, mas, mesmo depois de parar, mesmo depois que desistimos das drogas, não nos livramos delas.

As coisas não são assim.

Estava de volta ao hospital, dessa vez com um psicólogo do qual haviam me alertado para não me aproximar muito. Visitava mamãe e Stephen de vez em quando para poder falar de mim, mas nunca mencionei o uso de drogas ilícitas nem as dívidas.

Anos de vício em drogas, automutilação, semanas esquisitas e meses na casa de loucos. Ao longo da minha vida, estudei a arquitetura interna de vários hospitais psiquiátricos diferentes — fossem arquiteturas high-tech pós-modernas, fossem vitorianas decadentes.

Poderia escrever um guia turístico chamado Vamos para o hospício.

Basta uma olhada em mim e nas minhas fi chas médicas e você pensará: o que há de errado com essa garota? O que há de errado é que desde bebê até a adolescência eu fui constantemente estuprada, sodomizada e abusada. Não se supera isso, simplesmente não conseguimos. Não era algo que eu havia feito; era algo que meu pai havia feito comigo.

315

CAPÍTULO 20

O Outro Lado

A s drogas são como um banho quente, uma boa noite de sono, um dia ensolarado, um sorriso. Drogas são divertidas. As pessoas não usam drogas por serem viciadas; o vício é apenas um efeito colateral. As pessoas usam drogas porque querem sair de sua mente. As drogas mudam a realidade, e se

a sua realidade é uma droga, não importa quantas vezes você decida parar de se drogar, a tenta-

ção está sempre lá, chamando-a como as sereias que encantam os marujos e os fazem mudar a direção do leme e levar seus navios em direção ao desastre.

Depois da abstinência e de me livrar da coisinha branca, para a minha grande vergonha segui as sereias e comecei outra vez. Adquiri mais dívidas, e para esticar meus magros recursos mudei da cocaína para a "bomba" — obtida quando enrolamos uma pitada de anfetamina em papel de cigarro e a engolimos com água. A bomba nos deixa com a garganta infl amada, o nariz escorrendo e uma sensação de termos corrido uma maratona em três horas. Na verdade, para mim seria difícil correr duzentos metros.

Não levou muito tempo para que a minha psiquiatra voltasse a me internar no Josiah Jennins para uma desintoxicação que durou duas semanas. Enquanto estava internada, os psiquiatras decidiram mudar meus antipsicóticos outra vez. A nova droga tinha cor azul pálido e verde e era como a plumagem do pássaro do amor. Fiquei ali deitada, vazia, sob observação especial enquanto Jacob fl utuava 316

O Outro Lado

acima da minha cabeça como um fantasma. Sentia-me culpada por ele estar lá em cima, e não ali comigo debaixo dos lençóis.

Poderia ter sido diferente?

Cada um de nós é o mestre de seu próprio navio, e Jacob Williams foi quem decidiu virar o leme. Quando o vi pela última vez, ele estava muito quieto — mais quieto que de costume. Ele parecia ter uma quietitude interna, uma paz, um vazio talvez. Ele já tomara a decisão. Quando deixei seu fl at naquela noite, ele me deu um abraço apertado que queria dizer "adeus".

Matt veio me apanhar no Josiah Jennins e nos sentamos no andar de cima do ônibus cheirando speed e falando coisas sem sentido. Pelo menos o novo

antipsicótico não me fazia engordar. Voltara a caber nas minhas roupas antigas, era eu mesma outra vez — a versão de mim que saía para se divertir e não lia, a versão de mim que perdia as sessões de terapia e fi cava deitada no chão ouvindo The Dark Side of the Moon, do Pink Floyd, uma vez atrás da outra.

Eu era a lunática que havia se perdido no meio do caminho. O

tempo estava escorrendo pelas minhas mãos — e não meses, mas anos. Não era mais uma garota. De repente, tinha 36 anos de idade.

Meu aniversário passou correndo em 1 g de cocaína — bem, foi meu aniversário — seguido por uma noite insone. Andava pelas ruas de manhã observando as crianças indo para a escola, as garotas usando casaco azul bordado com o emblema de Saint Mildred dentro de um círculo de luz. Sentia-me estranha por estar grande e não pequena usando o mesmo uniforme escolar.

O tempo vira poeira, e a poeira é levada pelo vento. Uma rajada, e já foi. Aos 36, estava conectada aos 29 — todos aqueles anos de esperança e otimismo desde a infância. Aos 36, meu futuro estava selado, eu era o que era, e não sabia ao certo quem era quando me vi sentada com tiques e tremores na Igreja de Saint Mildred enquanto a luz que entrava pelas janelas estreitas lançava um brilho sobre o velho chão de granito.

Olhei à minha volta. Tudo parecia curiosamente estranho, mas ainda assim familiar, como em um déjà vu. A última vez em que 317

Hoje eu sou Alice

estivera em uma igreja fora em Florença, durante minha visita à Itália. Não fazia ideia do que estava fazendo em Saint Mildred ou como havia chegado lá. Estava segurando um tubo de Smarties e podia ver a arminha de Billy saindo da minha bolsa. Olhei para o relógio e então me lembrei de que não tinha mais relógio.

Jesus me encarava da cruz com um olhar de tristeza, e olhei para o sangue

que pingava sob a coroa de espinhos. Havia sido batizada naquela igreja antiga que precisava de uma restauração, as datas das lápides desaparecendo como se para nos lembrar de que o tempo é eterno. O cheiro doce do incenso me lembrou as cerimônias de Christingle da minha infância, quando pensava ser a garota de sorte que morava em uma casa grande com bons pais.

O Christingle é uma laranja enrolada por uma fi ta e espetada com palitos de dentes que seguram cravos-da-índia, uvas-passas e uvas sultana para representar a terra e seus frutos, e uma pequena vela no centro que, quando acesa, simboliza Cristo como a luz do mundo.

Depois da minha festa de aniversário regada a cocaína com Matt, comecei a me sentir perceptiva e paranoica, os sentidos agra-davelmente entorpecidos, as memórias surgindo como imagens. As vozes sussurravam sob a cúpula da igreja:

— Você é lixo. Não é nada. Nunca será nada. As pessoas a odeiam.

Uma mulher idosa com uma cabeleira de cachos brancos revoltos e olhos esquisitos comprimidos como limões apareceu ao meu lado.

— Você está bem, querida? — perguntou.

— Está falando comigo? Não há nada errado comigo! — retorqui e atirei os Smarties em sua direção.

A senhora partiu com uma expressão furiosa. Observei seu casaco de lã e saia longa se afastarem sobre sapatos de boa qualidade e descerem por uma passagem que havia ao lado do órgão. Ela voltou com um homem que vestia um colete azul-marinho de gola alta por sobre uma camisa branca e calças cinza com um vinco perfeito que me lembrou instantaneamente vovô.

— Posso ajudá-la? — ele perguntou.

— Claro — respondi. — Você pode me dar um copo de água.

Ele sorriu para mim e depois para a mulher, como se quisesse mostrar que tudo podia ser resolvido com calma.

— Volto em dois segundos — ele disse e desapareceu pela mesma porta ao lado do órgão.

Quando voltou com a água, bebi de um gole só.

— Você está desidratada — observou.

— Não sei por quê — respondi, mas é claro que sabia: estava drogada.

Ele sentou-se no banco em frente ao meu e virou-se a fi m de olhar para mim enquanto falava. Contou a história da igreja, que me lembrava vagamente de ter ouvido na escola e que aumentou minha sensação de que a poeira do tempo estava voltando com o vento. Havia tomado uma bomba para me ajudar com a abstinência da cocaína. Andei pela construção antiga um pouco tonta quando ele ofereceu-se para me mostrar o lugar. Segui-o descendo alguns degraus estreitos até a capela e depois à sacristia cheia de ornamen-tos de prata e imagens de cenas de desespero e dor.

— Por que não pintam algo mais... alegre? — eu disse, e o homem deu de ombros e virou-se para mim com um sorriso.

— Sabe que sempre me perguntei isso? — respondeu.

Demos uma última olhada nas imagens, olhamos por um momento um para o outro... não havia mais nada a dizer. A luz que entrava pelos vitrais das janelas começara a diminuir quando vol-tamos pela passagem até as portas principais.

— Venha me visitar — ele disse quando nos despedimos. —

Estou sempre aqui às segundas e terças.

Não planejei voltar a vê-lo, mas na semana seguinte o tempo parecia fora de controle, perdi o rumo e me surpreendi fugindo de uma tempestade através da porta aberta de Saint Mildred. Ele estava de pé na porta ao lado do órgão, como se esperasse por mim, as costas eretas, os olhos azuis que pareciam pedacinhos do céu e o 319

Hoje eu sou Alice

cabelo loiro partido de lado. Estufou o peito como se estivesse feliz por me ver. Vestindo um terno de tweed e um colete verde, ele me lembrava um periquito-australiano.

Presumi que ele fosse um daqueles clérigos que não se impor-tam de não usar vestes clericais, mas no fi nal das contas ele era o zelador da igreja e se chamava Alec Menzies. Alec tinha um leve sotaque irlandês.

— Edimburgo — disse.

Ele sabia falar e ouvir, embora eu não seja capaz de dizer o que tínhamos em comum ou sobre o que conversamos naquela semana, na semana seguinte e depois. Às vezes Alec usava óculos de armações douradas como os de Gerald Brennan, meu supervisor de estudos em Huddersfi eld. Ele tinha mãos bonitas — sempre presto atenção nas mãos, e quando nos sentávamos para conversar ele colocava minhas mãos na palma das dele como se eu fosse um passarinho e suas mãos fossem um ninho.

Cerca de um mês depois, pedi trinta libras emprestadas a Alec e dividi um pacote de speed com Matt. Depois, pedi vinte libras, que Shirley gastou em um litro de gim. Peguei mais duzentas libras emprestadas para pagar minha dívida com Andy, o trafi cante. As somas que pedia a Alec eram pequenas, mas não sei ao todo quantas vezes ele me emprestou dinheiro.

— Alec, você pode me emprestar vinte libras?

— Para que desta vez?

— Eu pago depois — respondia, mas nunca pagava.

Viciados nunca pagam.

Deve ter sido dois ou três meses depois que uma viagem ruim com speed levou Kato a um surto de paranoia e violência. Ele foi tomado pelas memórias de uma menina de dezesseis anos enlaçada por seu pai — meu pai — descendo e subindo entre as pernas —

minhas pernas —, o cheiro enjoativo de Brylcreem e o corpo de papai logo estremecendo com o clímax. Minha personalidade dissociada via os traços da menina se transformarem no rosto de Kato, que se contorcia em desespero e desprezo por si mesmo.

320

O Outro Lado

Kato tinha visões em que levava uma faca para a cama, a escondia sob o travesseiro e esfaqueava aquele homem, meu pai, enquanto ele ejaculava sua semente maligna dentro da camisinha. Kato imaginava-se erguendo a faca e descendo a mão uma vez, e outra, e outra, o sangue jorrando, molhando sua pele pálida, a cama, as paredes. Kato se odiava por nunca ter tido coragem de pegar a faca no suporte magnético e pôr sua imaginação em prática. Ele simplesmente fi cava deitado como uma menina enquanto papai o fodia.

Kato queria que Deus entendesse sua dor. Ele entrou em um rompante na igreja de Saint Mildred em uma manhã de terça-feira, pulou sobre o altar, agarrou o crucifi xo de um metro de altura e começou a ameaçar qualquer um que se aproximasse. Uma pequena multidão juntou-se um pouco fora do seu alcance, no meio dela algumas senhoras com pérolas que haviam ido à igreja para a missa, guias e turistas.

— Afastem-se, desgraçados, ou vou matar todos.

Alec Menzies apareceu e fi cou perto o bastante para que Kato pudesse pulverizá-lo se quisesse.

— Desça, Alice — ele disse.

— Não sou Alice. Sou eu. Eu. Vou matá-lo.

— Não, não vai. Desça e vamos conversar.

— Seu desgraçado, odeio você. Vou matá-lo.

Kato investiu com o crucifi xo contra Alec, que o agarrou e o segurou. As pessoas soltaram um suspiro de alívio e comecei a chorar.

Kato partira. Sentia-me fraca, cansada, tonta, esgotada e aliviada no lado esquerdo do meu cérebro por não ter machucado ninguém nem a mim mesma. Alec me ajudou a descer do altar e me levou até a sacristia, onde me sentei e chorei. Ele me acalmou, como fi zera antes

— e como voltaria a fazer outras vezes, muitas vezes. Sem planejar ou saber o que estava fazendo, eu estava testando Alec Menzies como os heróis são testados na mitologia grega e na Bíblia.

Ele também estava sendo testado pela Igreja. O padre havia tomado conhecimento da amizade entre a garota — mulher, ou o que quer que eu fosse — louca de 36 anos e o zelador da igreja, um 321

Hoje eu sou Alice

homem casado, com três fi lhos adultos. Alguns membros da con-gregação pensavam que, longe de precisar de ajuda, eu era o taber-náculo do demônio que precisava ser exorcizada, banida da igreja, queimada em uma estaca. Eu era a viajante na estrada de Jerusalém a Jericó que foi roubada, e Alec Menzies era o bom samaritano que parou para me ajudar.

Alec não era analista, mas tinha paciência e percepção para fazer as perguntas certas. No dia em que Kato subiu no altar, comecei a lhe contar sobre o abuso, a perda do meu PhD, o TPM/TDI, meu vício por drogas ilícitas e drogas receitadas.

— Por que você usa tantas drogas? — ele perguntou.

— Para esquecer.

— O abuso?

“E as dívidas” — pensei, mas não falei.

Estava em dívida com o banco, minha geladeira estava quebrada, e ainda gastava cem libras com speed por semana para substituir as quatrocentas libras que estaria gastando com cocaína.

— Muitas coisas — respondi. — A dor, o passado, as memórias.

Sempre há coisas para esquecer.

— Você precisa de novas memórias para substituir as antigas

— ele disse, e fechou as palmas das mãos para apertar as minhas.

As pessoas raramente estão interessadas nos detalhes da vida dos outros, em seus pesadelos, seus dramas, suas dívidas. Alec mostrou interesse por mim — por mim, Alice, mas também por JJ, Kato, Shirley, qualquer personalidade que aparecesse para testá-lo com um novo desafi o, uma nova exigência. Ele me levou para casa, e no estacionamento do meu fl at, onde Andy me dera a primeira carreira de cocaína, me inclinei e dei um beijo no rosto de Alec pela janela do carro.

Certa noite, não muito depois desse último episódio, reuni coragem e chamei Alec para ir à minha casa. Sua esposa estava no sul da França, onde tinham um bangalô. Encontramo-nos em uma pizzaria do centro da cidade. Dividimos uma garrafa de vinho, e pela 322

O Outro Lado

primeira vez ouvi Alec falar de si, de como havia entrado para o exército aos dezoito anos e fora gradualmente promovido, tendo sido reformado como major aos 53 anos.

Bati continência e ele sorriu.

Estava pensando em abrir seu próprio negócio como consultor de segurança e trabalhar voluntariamente como zelador da igreja.

Sua esposa falava francês fl uentemente, e, com os fi lhos crescidos, sempre que podia ia para o bangalô de Provença, que Alec havia construído com as próprias mãos. Ele pareceu sugerir que o casamento estava passando por problemas, mas depois mudou de assunto.

— Parece estúpido — ele disse —, mas quando você apareceu na igreja naquele dia me senti como se a conhecesse desde sempre.

Alec fez uma pausa. Eu não queria ouvir aquilo. Minha cabeça era uma confusão, e eu não queria mais problemas.

Ele sorriu.

— Você parecia uma ovelha perdida — acrescentou —, e de repente me senti um pastor.

Ao contrário de Alec, não fui abençoada pelo dom da fé. Mer-gulhei em muitos livros de psicologia para ser capaz disso. Contudo, percebi naquela noite, enquanto bebíamos vinho tinto à luz de velas, que tinha um sentimento dentro de mim que jamais experimentara.

Eu era pequena, frágil, um passarinho, e tive a impressão de que Alec realmente me amava. E havia algo mais, algo aterrorizador e chocante: seu sentimento era correspondido. Aquilo me assustou.

Subitamente, me senti cansada. Estava com medo de ter esperanças.

Não via chance para uma felicidade duradoura — não parecia haver como renegociar meu destino.

Naquela noite, fi quei deitada na cama observando a lua e as estrelas coladas no teto enquanto dizia a mim mesma o quanto era estúpida. Alec não

me amava — ao menos não no sentido em que pensara que me amasse, pois isso era impossível. Ele estava fazendo simplesmente o que os cristãos são obrigados a fazer: amar o próxi-323

Hoje eu sou Alice

mo como a si mesmos. Alec Menzies me decepcionaria — todos os homens me decepcionavam: vovô morrera, Jacob se suicidara, Matt era um viciado, meu pai me estuprara.

Havia prometido ligar para Alec no dia seguinte para lhe dizer como estava. Não telefonei e não atendi às suas ligações nem respondi suas mensagens. Não fui mais à igreja. Passei a evitar Matt.

Estava determinada de uma vez por todas a me livrar das drogas, da dependência — de todos, de tudo. Não tinha mais nenhum potencial: desistira da terapia com Mike Haydock e desperdiçara a oportunidade de integrar mais minhas personalidades e encontrar a paz interior. O TPM é uma casa dos espelhos: para onde quer que olhemos vemos apenas nosso próprio refl exo distorcido. Somente ao me trabalhar eu seria capaz de ter amizades normais sem fazer exigências impraticáveis do tipo que fi zera a Jo Lewin e agora estava fazendo a Alec Menzies.

Tinha de mudar minha atitude. Ler era a minha droga por escolha. Gostava de comprar livros, fazer anotações, receber livros como presentes. Não tinha mais dinheiro para isso, então me sentava na biblioteca e mergulhava em romances de Ian McEwan, Martin Amis, Bret Easton Ellis e outros. Li Psicopata americano em uma úni-ca visita à biblioteca sabendo desde a primeira página que o escritor havia estudado a dissociação antes de criar o antagonista Patrick Bateman. O livro me fez ver que havia pessoas muito mais loucas que eu. Quando conseguimos nos agarrar a esse pensamento, não encontramos exatamente o caminho para a recuperação, mas fi nalmente avistamos esse caminho.

Para resistir à tentação das drogas, tinha de preencher cada segundo do meu tempo. Desencavei meus CDs antigos e, quando não estava lendo, fi cava deitada no sofá ouvindo música — os mesmos álbuns, as mesmas faixas,

seguindo meu velho amigo TOC, que nunca me deixa. Devo ter ouvido Eric Clapton falando sobre a maldita cocaína 1 milhão de vezes. Está certo, Eric, a cocaína é uma porcaria.

Queria fi car limpa.

324

O Outro Lado

Tomava Prozac e os antipsicóticos, e quase, quase, parei de usar drogas ilícitas. Derramava gim no ralo da pia quando achava o lugar onde Shirley o escondera — geralmente no armário ou atrás do Senhor Feliz no canto do quarto. Os ursinhos estavam todos na prateleira, e as vozes não paravam de resmungar. Tirei a poeira do meu laptop. Quando fazia a pesquisa sobre TDI, havia descoberto a psiquiatra Joan Coleman, que administra o RAINS — Ritual Abuse Information Network and Support — uma contraorganização criada em resposta à British False Memory Society**, que foi fundada em 1993. Essa organização, citando seu próprio texto, "Serve a pessoas e profi ssionais envolvidos em alegações de abuso contestadas". Ela defende a confi abilidade de memórias recuperadas e reprimidas e levantou a bandeira contra o que é descrito como*

"falsas memórias".

A doutora Coleman me telefonou depois que deixei uma men-sagem em sua secretária eletrônica. Ela me assegurou de que é comum pedófi los criarem cenários satânicos como um disfarce para suas verdadeiras intenções. As crianças são tanto confundidas quanto convencidas pelo ritual, pela sensação de terem sido escolhidas para essas cerimônias de adultos. Eu não estava louca. Não havia inventado aquilo tudo: meu histórico médico mostrava isso. Tantos anos depois de meu pai ter me estuprado e ejaculado no meu rosto, eu ainda pensava: "Por que eu? Não é justo. Como algo assim pode ter acontecido? Não pode ter acontecido".

Não conseguimos pôr um fi m nesses pensamentos. Não conseguimos parar de tocar o disco em nossa cabeça.

Finalizamos a conversa falando sobre Alec Menzies. A doutora Coleman não me aconselhou a procurá-lo. Aquele não era o seu papel. Contudo, ela disse que não era uma atitude sábia me afastar de qualquer um que, como colocou, "estendesse a mão da amizade".

** Rede de Informações e Apoio a Vítimas de Abuso Ritualístico. (N. da T.)*

*** Sociedade Britânica da Memória Falsa. (N. da T.) 325*

Hoje eu sou Alice

* * *

Depois da conversa com Joan, permaneci afastada de Matt.

Deixei as drogas e comecei um curso para trabalhar como prepara-dora física de pessoas com problemas mentais: a louca liderando os loucos — eu sei, mas estava tentando.

Acima de tudo, mantive distância de Saint Mildred. Fiquei longe por cerca de um ano, e então, certo dia, sentindo-me pueril e vestindo um jogging de cor amarelo berrante, me surpreendi andando pela cidade. A torre da igreja parecia me atrair magneticamente como a agulha de um compasso em direção às portas abertas. Apressei o passo como se fosse dar início a uma corrida e esbarrei de frente com Alec Menzies, que estava organizando os guias e livros que eram mantidos em prateleiras ao lado da entrada.

— Alice...

— Por que você não me procurou? — indaguei.

— Estava esperando que você me procurasse.

— E se eu não tivesse procurado? O que aconteceria então?

Ele franziu as sobrancelhas como se pensasse em que responder.

— Sabia que viria quando estivesse pronta — respondeu.

— É mentira.

— É verdade. Até rezei.

Seus olhos brilhavam sob a luz difusa, e percebi que a parte branca dos glóbulos era muito branca. Ele sorriu, e aquela sensação única e rara percorreu meu corpo como uma corrente elétrica: de repente, me senti feliz — feliz por estar sob a luz dourada que atravessava os vitrais; feliz, ouso dizer, por estar viva.

Voltamos à mesma pizzaria e brindamos ao futuro com uma garrafa de vinho — um prazer agora raro para mim. Alec me levou de volta para casa, e no dia seguinte uma van apareceu no meu fl at com uma televisão nova. Alec comprou também uma geladeira nova e uma máquina de lavar para mim. Ele fazia caminhões incríveis com peças de Lego quando Billy aparecia e conversava com JJ como se ele fosse um adulto — algo que JJ apreciava muito. JJ era um 326

O Outro Lado

menino confi ante e cheio de vida. Ele não precisava de álcool nem de drogas para ser feliz; precisava apenas de alguém com quem conversar.

Houve recaídas — muitas. Houve noites regadas a cocaína com Matt e de bebedeira com Shirley. O pobre Kato ainda cortava meus braços com a lâmina de barbear, e a zelosa equipe do pronto-socorro me costurava mais uma vez. Mesmo que os psiquiatras nem sempre se lembrassem da minha doença, a equipe do hospital sabia que eu não estava me ferindo para chamar a atenção. Eles chamavam o zelador da igreja e ele vinha para me levar para casa, enchia a geladeira de comida e voltava na manhã seguinte para checar se eu estava bem.

Quando a esposa de Alec ia descansar na França, ele passava a noite no meu fl at e nos tornamos amantes. Tornamo-nos amantes na mesma medida em que passamos a nos amar. Eu sabia que era amor porque, para a minha surpresa, vi a palavra "nós" começar a sair da minha boca tanto quanto a palavra "eu". O sexo nunca seria fácil, mas eu gostava de ser tocada.

Gostava do toque das mãos de Alec nos meus braços, nas minhas costas, seu braço forte em volta da minha cintura fi na. Sabia que Alec nunca me decepcionaria: eu o testara e ele esperara, fi cara ao meu lado. Ele era mais velho, o bastante para ser meu pai — eu estava consciente das complexidades, da psicologia edipiana, da fofoca. Contudo, o amor não é uma cole-

ção de células que podem ser estudadas ao microscópio. O amor é.

Acontece ou não. Pela primeira vez na vida, sentia-me normal, oti-mista, contente.

Alec me aconselhava; aos poucos, passou a conhecer bem minhas várias personalidades. Ele me viu nos meus piores estados, e eu tentava ser o melhor que podia para ele. Cada vez que Alec descobria uma daquelas cartas cheias de ameaças da companhia de energia ou de água, do banco, da receita, ele pagava minhas dívidas.

Entretanto, o problema das dívidas é que, assim que você paga uma, outras aparecem na sua caixa de correio. Alec pagava todas. Ele não acreditava em guardar dinheiro apenas para fazer mais dinheiro.

327

Hoje eu sou Alice

O dinheiro — ele dizia — era um presente que devia ser usado e dividido.

— É dando que se recebe — ele falava. — É como num círculo, as coisas vão e voltam.

Nossa amizade, nosso quase caso, durou um longo tempo; pareciam anos, como se sempre houvéssemos nos conhecido. Pouco a pouco, à medida que Alec passava cada vez mais tempo comigo e menos em casa, eu ia lidando com meus problemas, melhorando, e ajudava outras pessoas com problemas mentais a enfrentar também seus problemas por meio de rotinas de exercícios físicos. Sentia-me como a metade de uma união, e ao mesmo

tempo me sentia inteira.

Sentia-me livre também. Alec gradualmente havia pagado todas as minhas dívidas.

Saíamos para caminhar. Eu ria enquanto Alec marchava sobre as Malvern Hills como um soldado. Ficávamos hospedados em pequenos e agradáveis hotéis que sempre me lembravam a pensão nos arredores de Liverpool onde havia fi cado com Patrick O'Hay naquela noite perdida de amor não satisfeito. Alec me ensinou a dirigir, e quando passei no teste de direção — com Shirley guiando, evidentemente — fomos ao melhor restaurante de Birmingham e gastamos mais de cem libras em uma refeição.

Foi então que a bomba explodiu e as paredes desabaram.

Alec não me dissera que o dinheiro que vinha gastando tão generosamente comigo havia consumido a herança do pai falecido de sua esposa, e agora estava levando sua pensão do exército. Em setembro de 2007, a esposa de Alec descobriu o que estava acontecendo, fez as malas e mudou-se para o bangalô de Provença. Ela queria o divórcio.

Alec decidiu fi car ao meu lado. Foi muito difícil, e ele tentou.

Alec ainda ia me ver, ainda passava a noite comigo em meu pequeno fl at no topo de um íngreme lance de escadas. Ainda íamos à pizzaria, e Alec montava brinquedos de Lego com Billy quando ele aparecia. As coisas eram as mesmas, mas não exatamente. Havia 328

O Outro Lado

uma sutil, quase imperceptível, atmosfera de mudança, como na transição entre o outono e o inverno.

O Natal estava chegando. Compramos uma árvore e eu decorei o fl at com correntes de papel feitas pelas crianças. Alec comprou um peru enorme — ele nunca fazia nada pela metade, o major do exército e a garota maluca eram parecidos em certos aspectos. Pela minha experiência, são os polos

iguais que se atraem, e não o contrário.

Uma tarde passei três horas no shopping center procurando o presente perfeito para Alec e comprei um suéter amarelo com gola em V

de caxemira que pensei que combinaria com seu terno de tweed. Alec nunca usava casaco, não importava o frio que fi zesse.

— É o sangue escocês, garota, usei kilt até os doze anos.

Voltei para casa com a minha surpresa embalada com papel de presente. Alec estava sentado no sofá com uma expressão sombria.

Soube imediatamente o que ele diria — personalidades múltiplas nos dão múltiplas intuições.

Ele estava voltando para a esposa. Era Natal, seus fi lhos estavam no sul da França, era a coisa certa a ser feita, claro que era. Era a coisa certa para aquela pequena família... mas me fez sentir traída, desprezada, perdida e só com a árvore de Natal decorada com ursinhos em miniatura e o teto cheio de correntes de papel feitas em casa. Alec guardou os óculos em sua caixa gasta e pude ver lágrimas em seu rosto quando fechou a porta.

Como em um eco, tornei-me instantaneamente o bebê Alice.

Abracei o Senhor Feliz e passei 48 horas chorando. Parei de chorar quando não havia mais lágrimas. Estava seca, vazia, e as vozes que recentemente estavam intermitentes e distantes voltaram com toda força e com seu veneno mais amargo.

— Ninguém gosta de você. Todos a odeiam. Você não é nada. Faça logo um favor ao mundo e mate-se.

— Deixem-me em paz!

Arranquei os enfeites das paredes e arrastei a árvore de Natal para a lata de lixo nos fundos do fl at. Vi a época de amor e fraterni-dade passar através do

fundo de uma garrafa de gim e me consolei 329

Hoje eu sou Alice

com um sentimento patético de orgulho por não ter telefonado para Andy e pedido alguns gramas de cocaína — voltara a ter crédito agora que minhas dívidas haviam sido todas pagas.

Todos os dias eu acordava depois de uma noite de sono à base de comprimidos para dormir com aquela coisa negra da infância crescendo outra vez dentro de mim. Eu sobrevivera ao estupro, à sodomia e ao abuso; sobrevivera a uma insegurança e depressão profundas, à aparente negligência dos psiquiatras e a alas psiquiá-

tricas monstruosas.

Agora era hora de enfrentar mais uma.

— Mate-se, Alice. Mate-se. É a única saída.

— Pelo amor de Deus, deixem-me em paz.

— Mate-se, mate-se.

Sempre as malditas vozes.

No dia 10 de janeiro, recebi uma carta de Alec informando sua mudança de endereço. Ele e a esposa haviam vendido a casa e estavam se mudando para um fl at mais modesto, e Alec dizia que não queria perder contato.

Kato fi cou furioso com a carta. Ele socou as paredes, chutou o sofá, quebrou a garrafa vazia de gim. O ódio cresceu dentro dele ao longo dos dias seguintes, e no dia 25 de janeiro ele surtou completamente. Deitou-se na banheira e levou um pedaço pontudo de vidro ao meu braço.

— Mate-se, mate-se.

— Fodam-se!

— Olhe para o sangue. Você fi nalmente fez a coisa certa.

— Fodam-se! Deixem-me em paz.

O sangue escorria pelos meus braços, pingava dos meus dedos e na banheira, os pingos formavam uma piscina.

— Você conseguiu, fi nalmente conseguiu.

Sacudi a cabeça em uma tentativa de espantar as vozes, e quando olhei para a poça de sangue vermelho na porcelana branca vi o rosto de Kato transformar-se no meu próprio rosto e me dei conta do que havia acontecido. Agarrei uma toalha para amarrar os 330

O Outro Lado

ferimentos, mas o sangue saía aos jorros. Não sabia o que fazer.

Sentia-me mais fraca a cada segundo. Finalmente, consegui sair do fl at e subir os degraus de concreto até o apartamento de tio Joe. Ele estava tocando violino. Podia ouvi-lo através das paredes fi nas. Bati na porta e caí em seus braços quando ela fi nalmente a abriu.

Conhecia tio Joe havia anos, mas só agora, enquanto ele chamava a ambulância e tentava estancar o sangue, olhava para ele de perto. Só agora eu o via: velho, cansado, carinhoso, um refugiado da Europa Oriental. Nem sequer sabia de onde ele era exatamente.

Outro ser humano que fi cou ao meu lado quando precisei de alguém, tal como deveríamos todos tentar ajudar os outros quando precisam de nós. Alguém disse que não podemos mudar o mundo, mas apenas a nós mesmos.

Os ferimentos eram profundos, e o sangue não parava de sair, ensopando as ataduras e pingando no linóleo da pequena cozinha.

— Por que você faz isso, Alice?

— Não sei. Sinto muito.

A ambulância chegou. Fui carregada pelas escadas em uma maca, enquanto ouvia as sirenes, imaginando o tráfego parando e abrindo caminho à medida que corríamos pelas ruas com destino ao pronto-socorro. Fui imediatamente colocada na ambulância, mas as enfermeiras não conseguiam estancar o sangue.

Não sei ao certo o que aconteceu em seguida.

Do que me lembro, vividamente, é de ter fi cado face a face com vovô. Não podia acreditar. Ele sorriu. Sorri também. Sua aparência era exatamente a mesma daquele último verão em que chupamos bala de caramelo juntos na estufa. Além da sua presença visual, senti também o abraço de vovô, delicado e cheio de amor. Senti seu abraço e o ouvir dizer:

— Ainda não. Sua hora não chegou. VOLTE!

Fui ressuscitada e recobrei a consciência com aquelas palavras ecoando na mente. Havia seis pessoas reunidas em volta da cama da UTI: médicos, enfermeiras e um homem vestido com um terno 331

Hoje eu sou Alice

de tweed e um casaco verde, apertando um saco de soro e massage-ando meus pés. Alec havia voltado.

Disseram-me que eu havia perdido quase 50% do sangue e entrado em choque hipovolêmico.

— Perdemos você por um momento — disse a jovem enfermeira que me levou ao toalete quando já estava estável.

Por vários momentos, eu fi quei sem bombeamento sanguíneo, o que signifi ca que meu coração parou. Se não fosse por alguma atividade cerebral, eu teria tido morte clínica. Uma parte de mim havia querido se agarrar a vovô, a amada alma gêmea da minha infância, e atravessar para o outro lado, mas lembro-me de ter sentido Alec apertando meu pé e de sua expressão de alívio

quando recobrei a consciência.

Quando meu coração parou de bater, parecia que eu estava passando através de uma nuvem branca para outro lugar. Quando deparei com vovô, não queria perdê-lo outra vez. Eu realmente poderia ter morrido. Na verdade, morri. Contudo, confi ei em vovô quando ele gritou para que eu voltasse, e soube o que ele quis dizer

— minha hora não havia chegado.

Alec me levou para casa. Ele me abraçou com força e soluçou.

— Fiquei com tanto medo de ter perdido você.

Ele ainda tinha as chaves do meu fl at. Chegara pouco depois que a ambulância havia partido, e quando viu o sangue e a garrafa quebrada na banheira, saiu correndo para o pronto-socorro. Ele fora dizer, como me dizia agora, que havia tentado salvar seu casamento, mas que estava vivendo uma mentira.

— Eu nunca a decepcionarei outra vez. Nunca, nunca, nunca

— ele disse.

O fi m quase foi realmente o fi m, mas a verdade é que aquele dia de janeiro foi um recomeço para nós dois. Alec veio morar comigo, deixou o fl at novo e a casa na França para a esposa.

Não demorou muito para que a primavera chegasse, e eu estava feliz: era amada, estava limpa, sobrevivera.

Estava melhor? Um dia fi caria melhor? O objetivo fi nal da terapia de TDI/TPM é a integração das personalidades alternativas. Já consegui alcançá-lo até certo ponto, mas não inteiramente. Alguns dias são bons,

outros são ruins. Não uso mais drogas ilícitas, e os medicamentos me mantêm mais ou menos equilibrada — mais ou menos. Ainda tenho fl ashbacks e pesadelos, mas tenho o amor de Alec e um pequeno círculo de grandes amigos que me aceitam da forma que sou, mesmo apesar de nem sempre ser a mesma pessoa.

Foi necessária uma longa jornada para que eu chegasse aonde estou. As outras personalidades sofreram a dor de terem sido abusadas ao longo da minha infância, e perdoei as personalidades que me infl igiram dor depois que cheguei à vida adulta — é claro que perdoei, essas personalidades são meus amigos. Eles ainda aparecem em momentos nos quais não deveriam, mas estão começando a ter um pouco mais de consideração, e decidi, por livre e espontânea vontade, não os integrar completamente. Alec me apoiou nessa decisão, e sente-se feliz ajudando Billy a construir caminhões de Lego. Shirley ainda gosta de seu gim com tônica, e compartilho esse gosto com ela, mas não em excesso.

Às vezes, quando acordo de um pesadelo na escuridão da noite, ouço a voz do pequeno JJ dizendo que tudo vai dar certo. Coloco minha fé nele — uma criança de dez anos que, como diria vovô, tem

"uma sabedoria que vai além da idade". JJ, assim como os outros, me ajudou a chegar aonde estou; então, como ele canta Vai dar tudo certo, eu acredito que qualquer coisa vai dar certo. Seguramente, não estou mais tão vulnerável quanto já estive, mesmo apesar de às vezes ainda me tornar o bebê Alice — ocasiões em que Alec canta canções de ninar para ela dormir. Outras vezes posso ser Samuel, ou Billy, ou Kato, ou Shirley; mas hoje não tenho dúvida, sou Alice.

Epílogo

E m setembro de 2006 entrei em contato com o Departamento de Investigação Criminal para pedir um atestado policial validando o bilhete escrito à mão que recebera da detetive que cuidara da minha queixa contra meu pai em 1999.

Falei com um inspetor que entendeu que meu caso precisava de um desfecho. Ele prometeu ligar de volta. O abuso, o sequestro e o assassinato de crianças estavam sendo mais discutidos na arena pública, e a polícia tinha departamentos investigando e cuidando desses casos.

Fiquei surpresa ao descobrir que meu caso não havia sido esquecido. Cumprindo sua palavra, o inspetor me telefonou na tarde do mesmo dia.

— Parece que seu caso foi bem feio — ele observou.

— Sim, foi, e ainda é — respondi.

Houve uma pausa.

— Você já pensou em reabrir o caso? — o inspetor perguntou.

— Bem, não, mas se há alguma possibilidade, fi caria muito feliz.

Ele marcou uma entrevista comigo no meu fl at. Chegou com uma policial da minha idade que se mostrou séria, atenciosa e que claramente havia sido treinada para lidar com casos de abuso. Depois de passarmos um bom tempo conversando, o inspetor enfatizou que havia a possibilidade de meu pai não ser levado a julgamento. Mesmo assim, o DIC deu início a uma investigação que duraria mais de três meses.

O inspetor me fez outra visita em dezembro e deu a notícia de que o CPS [Ministério Público] havia chegado à conclusão de que, 334

Epílogo

dada a inexistência de novas evidências, o caso não seria levado a julgamento. Aquela era a segunda vez que me davam a mesma notícia, e por um momento fi quei muito desapontada.

Lembrei o inspetor de que havia pedido uma carta ofi cial da polícia afi rmando que a equipe de investigação tinha certeza de que eu havia dito a verdade. Usá-la-ia como uma confi rmação da realidade sempre que me

sentisse frustrada por não ter conseguido levar meu pai à justiça; a carta provava que pessoas de autoridade acreditavam em mim.

Antes de partir, o inspetor perguntou:

— Você já considerou a ideia de levar seu pai à corte civil?

— Não, não pensei nisso — respondi.

— É uma opção, senhorita Jamieson. Você pode dar queixa por meio do Órgão de Danos Criminais e Compensação — ele acrescentou.

Como prometido, a carta chegou em papel ofi cial carimbado pela polícia. Guardei-a enquanto decidia o que fazer em seguida.

Tinha Alec ao meu lado agora. Ele havia se juntado à minha equipe e estávamos dando entrada para um novo fl at.

Nós — nós — consideramos dar entrada em uma ação civil contra meu pai, mas Alec não queria me ver sofrer indo de tribunal a tribunal, tampouco a polícia queria um processo se arrastando na corte, e me ocorreu que a justiça estava muito mal servida.

Como a polícia sugerira, contudo, registrei uma queixa por meio do Órgão de Danos Criminais e Compensação — um órgão do governo estabelecido para conceder indenização a vítimas de crimes violentos, incluindo abuso sexual.

Depois de dois anos e meio investigando os danos que sofri em consequência do abuso, revirando minhas fi chas médicas e psiquiá-

tricas, bem como documentos arquivados pela polícia, e por fi m cal-culando os ganhos que poderia ter tido e teria no futuro se houvesse concluído meu PhD, o Órgão de Danos Criminais e Compensação fi -

nalmente me concedeu um montante considerável em indenização

— mais uma confi rmação de que eu, Alice Jamieson, dei "um relato

verdadeiro e honesto”, conforme a polícia prontamente registrou.

335